

SABEDORIA DO EVANGELHO



2º Volume

CARLOS TORRES PASTORINO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.

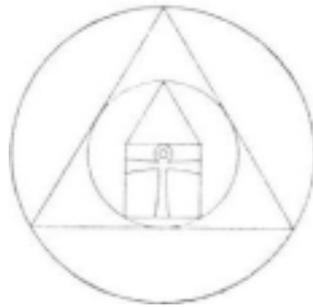


www.ebookespírita.org

CARLOS TORRES PASTORINO

Diplomado em Filosofia e Teologia pelo Colégio Internacional S. A. M. Zacarias, em Roma – Professor
Catedrático no Colégio Militar do Rio de Janeiro e Docente no Colégio Pedro II do R. de Janeiro

SABEDORIA DO EVANGELHO



2.º Volume

Publicação da revista mensal

SABEDORIA

RIO DE JANEIRO, 1964

A CONVERSA COM NICODEMOS

João. 3:1-15

1. **Havia um homem dentre os fariseus, chamado Nicodemos, chefe dos judeus.**
2. **Este veio ter com Jesus, de noite, e disse-lhe: "Rabbi. sabemos que és mestre vindo da parte de Deus, pois ninguém pode fazer essas demonstrações que fazes se Deus não estiver com ele'.**
3. **Jesus respondeu-lhe: "Em verdade, em verdade te digo. que se alguém não nascer de novo (do alto) não pode ver o Reino dos céus".**
4. **Perguntou-lhe Nicodemos: "Como pode um homem nascer sendo velho? Pode porventura entrar pela segunda vez no ventre de sua mãe e nascer"?**
5. **Respondeu Jesus: "Em verdade, em verdade te digo, que se alguém não nascer de água e de espírito não pode entrar no Reino de Deus;**
6. **o que nasceu da carne é carne, o que nasceu do espírito é espírito.**
7. **Não te maravilhes de eu te dizer: é-vos necessário nascer de novo (do alto):**
8. **o espírito age onde quer, e ouves sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai: assim é todo aquele que nasceu do espírito".**
9. **"Como pode ser isto"? , perguntou-lhe Nicodemos.**
10. **Respondeu-lhe Jesus: "Tu és o mestre de Israel e não entendes estas coisas?**
11. **Em verdade, em verdade te digo, que falamos o que sabemos e testificamos o que vimos, e não recebemos nosso testemunho?**
12. **Se vos falei de coisas terrenas e não me credes, como creereis se vos falar de coisas celestiais?**
13. **Ninguém subiu ao céu senão aquele que desceu do céu, a saber, o Filho do Homem**
14. **Como Moisés levantou a serpente no deserto, assim importa que o Filho do Homem seja levantado,**
15. **para que todo aquele que nele crê, tenha a vida futura".**

Um dos episódios mais instrutivos, em qualquer plano que se consiga compreendê-lo: no literal, no alegórico, no simbólico ou no espiritual. Vamos inicialmente fazer os comentários exegéticos, passando depois aos hermenêuticos.

Passa-se o fato com um fariseu de nome grego, Nicodemos ("vencedor do povo"). Seu nome aparece mais duas vezes apenas, sempre em João (7-5 e 19:39). Era Doutor da Lei e chefe dos judeus, o que indica pertencer ao Sinédrio. Procura Jesus à noite, hora mais propícia para uma conversa particular, acrescentando a circunstância da prudência de não ser visto.

Nicodemos dá a Jesus o título de Rabbi, tratando-o como igual. e explica as razões por que o considera também Doutor da Lei: as demonstrações de obras e palavras, Jesus fala em nascer "de novo" ou "do alto". A palavra grega *ανωθεν* pode ter os dois sentidos. João o emprega geralmente no segundo sentido (em 3:31, em 19:11 e em 19:23). Os 'Pais" da igreja grega (Orígenes, João Crisóstomo, Cirilo de Alexandria, etc.) e alguns modernos (Calmes, Lagrange, Loisy, Bernard, Joüon, Pirot, Tillmann e o nosso José de Oiticica) preferem "do alto". Os "Pais" da igreja latina (Agostinho, Jerônimo, Ambrósio, etc.) e outros modernos (d'Alês, Durand, Knabenbauer, Plummer, Zahn, etc.) opinam por 'de novo". Um e outro sentido cabem perfeitamente no contexto.

Jesus inicia a conversa afirmando que ninguém pode VER (*ιδειν*) no sentido de *conhecer*, ver com a Mente, identificar-se, e portanto *viver*) o Reino dos céus (mais abaixo é usado "Reino de Deus" como sinônimo perfeito) se não nascer de novo, ou do alto. Nicodemos indaga “como pode nascer pela segunda vez um homem velho se poderá voltar para o ventre materno”. Esta pergunta revela que o mestre de Israel entendeu "de novo" sem a menor dúvida.

O Rabbi não retira o que disse: ao contrário, confirma-o, especificando que o nascimento deverá ser "de água e de espírito" (em grego sem artigo); e dizendo mais: "que o que é carne nasce da carne e o que é espírito provém do espírito" (em grego com artigo). E repete: e necessário nascer de novo (ou do alto).

Depois acrescenta: "o espírito age onde quer". As traduções vulgares trazem “o vento sopra onde quer”. Ora, a palavra *πνευμα* (pneuma) é repetida no original cinco vezes nos quatro versículos (5, 6, 7 e 8). Por que traduzir quatro vezes por "espírito" e uma vez por “vento”? Estranho ... Mas há razões para isso. Veremos.

Jesus muda de tom, torna-se mais solene, eleva os conceitos e penetra assuntos mais profundos. Admira-se que Nicodemos não o entenda. Salienta que entre os dois há uma diferença: Nicodemos é "o doutor de Israel", enquanto ele, Jesus, não havia feito os cursos oficiais (daí aparecer em grego o artigo diante da palavra "doutor"). Salienta, então, que até aqui falou de coisas terrenas, e não foi entendido. Que sucederá se falar das celestiais (espirituais) ?

Depois cita a serpente de bronze, que foi elevada por Moisés (Núm.21:4-9), dizendo que o mesmo deverá acontecer ao Filho do Homem. No livro da Sabedoria de Salomão (16:6-7) essa serpente é citada como "símbolo de salvação".

Passemos, agora, à hermenêutica.

1.^a Interpretação: LITERAL

É a adotada pela igreja Católico-Romana. Jesus diz a Nicodemos que a criatura só pode obter o Reino de Deus (salvar-se) se renascer pela água (que é mesmo a água física do batismo) e pelo espírito (que é a infusão do Espírito Santo). Daí ser traduzido o versículo 8 por "o vento sopra onde quer", como um simples exemplo da liberdade do Espírito. O batismo é um rito de iniciação que se tornou um "sacramento". A palavra latina *sacramentum* é a tradução do grego *μυστηριον*, e corresponde aos mistérios gregos que se aplicavam aos catecúmenos (profanos que haviam recebido a instrução oral e estavam prontos para ser "iniciados" nos mistérios). Nesse sentido era usada a palavra sacramento. No século 4.º, Ambrósio introduziu no latim a palavra grega *mysterium*, com o sentido de "coisa oculta", segredo não revelável a estranhos. O sacramento do batismo é a junção da água e das palavras que dão o Espírito, e se define: "sinal sensível que exprime e produz a graça santificante, permanentemente instituído por Jesus Cristo" (Tanquerey, *Theologia Dogmatica*, vol. III, n. 248). E Agostinho (Tratado 80, in *Johanne* n.3) confirma: “No batismo há palavra e água.. Tira a palavra, que fica? água pura. Se a palavra é unida ao elemento, temos o sacramento. Que força teria a água de lavar o coração, se não fossem as palavras”? (Patrol. Lat., vol. 35, col. 1810).

Essa é a única interpretação lícita, segundo o Concílio de Trento (sessão 7, cânon 2):

<p>"Si quis dixerit aquam veram et naturalem non esse de necessitate baptismi, atque ideo verba illa Domini nostri Jesu Christi: “nisi quis renatus fuerit ex aqua et Spiritu Sancto” ad metaphoram aliquam detorserit, anathema sit”.</p>	<p>"Se alguém disser que não há necessidade de água verdadeira e natural para o batismo, e igualmente que devem ser interpretadas como metáfora as palavras de nosso Senhor Jesus Cristo: "se alguém não renascer da água e do Espírito Santo", seja anátema".</p>
--	--

Há, pois, uma interpretação fixada como dogma.

2.^a Interpretação: ALEGÓRICA

Foi justamente a condenada pelo Concílio de Trento, cujo artigo se dirigia contra Calvino e Grotius. Essa interpretação ainda é seguida pela maioria dos evangélicos (protestantes).

A explicação da "água" corresponde ao rito do batismo. Mas o "espírito" tem novo significado: é o renascimento moral, a vida nova ou o novo teor de vida no caminho de Cristo. O sentido do renascimento espiritual, com a morte do "homem velho" e o nascimento do "homem novo" é muitas vezes ensinado nas Escrituras, desde o Antigo Testamento: "Lançai de vós todas as vossas transgressões, com que errastes, e fazei-vos um coração novo e um espírito novo" (Ez.18:31); "Também vos darei um coração novo e dentro de vós porei um espírito novo" (Ez.36:26); "Se alguém está em Cristo, é uma nova criação: passou o que era velho, eis que se fez novo" (2 Cor.5:17); "Não mintais uns aos outros, tendo-vos despido do homem velho com seus feitos e tendo-vos revestido do homem novo" (Col.3:9); e ainda 2 Cor.2:11-13 ou Ef. 4:20-24 e Rom.6:3-11.

A tradução adotada no versículo 8 é também "vento", defendendo-se a tradução com a frase do Eclesiastes (11:5): "Tu não sabes o caminho do vento". Entretanto, aí a palavra usada não é *πνευμα*, mas *ανεμος*. Quanto ao verbo *pnei*, se é usado com sentido de "soprar" com referência ao vento, também pode significar "agir, exteriorizar-se, manifestar-se" em relação ao espírito. O latim traduz *πνευμα* por "*spiritus*" e *πνει* por *spirare*, dentro do sentido grego. Mas também em português usamos o mesmo radical, quer se trate do espírito (inspiração) quer se trate do vento (respiração), que se divide em inspiração e expiração; e quando o espírito se retira, dizemos que a pessoa "expirou".

3.^a Interpretação: FISIO-REALISTA

Aceita pelos espiritistas, como ensino da realidade fisiológica do que ocorre com as criaturas. A tradução de "*ανθεν*" é "de novo", tal como a entendeu Nicodemos, que pergunta como pode "o homem, depois de velho, entrar pela segunda vez (*δευτερον*) no ventre materno".

A essa indagação, longe de protestar que não era isso o que queria dizer, Jesus insiste e confirma suas palavras: "é o que te disse: indispensável se torna que o homem nasça de *água* (isto é, materialmente, com o corpo denso, dado que o nascimento físico é feito através da bolsa d'água do líquido amniótico) e de espírito (ou seja, que adquira nova personalidade no mundo terreno, em cada nova existência, a fim de progredir). Se Nicodemos entendeu à letra as palavras de Jesus, o Mestre as confirma à letra e reforça seu ensino. Com efeito, o espírito, ao reentrar na vida física, pode ser considerado novo espírito que reinicia suas experiências esquecido de todo o passado.

Em grego não há artigo diante das palavras "água" e "espírito". Não é portanto nascer *da* água do batismo, nem *do* espírito, mas *de água* (por meio da água) e *de espírito* (pela reencarnação do espírito).

Daí a explicação que se segue: "o que nasce da carne (com artigo em grego) é carne", isto é, é o corpo físico, com toda a hereditariedade física herdada do corpo dos pais; e o que nasce do espírito é espírito" ou seja, o espírito que reencarna provém do espírito da última encarnação, com toda a hereditariedade pessoal que traz do passado". E Jesus prossegue: "por isso não te admires de eu te dizer: é-vos necessário nascer de novo". Observe-se a diferença de tratamento: "dizer-TE" no singular, e "é-VOS" no plural, porque o renascimento é *para todos*, não apenas para Nicodemos. E mais: "o espírito *sopra* (isto é, age, reencarna, se manifesta) onde quer, e não sabes donde veio (ou seja, sua última encarnação), nem para onde vai (qual será a próxima).

As palavras de Jesus foram de molde a embarçar Nicodemos, que indaga: "como pode ser isso"? E Jesus: "Tu que (entre nós dois) és o Mestre de Israel, te perturbas com estas coisas terrenas? Que te não acontecerá, então, se te falar das coisas celestiais (espirituais)"?

Logicamente Jesus não podia esperar que Nicodemos entendesse as outras interpretações mais profundas desse ensinamento (como dificilmente poderia ter querido ensinar o rito do batismo, que não havia ainda sido instituído nem ordenado por ele, a essa época, quando só havia o "batismo" de João).

Depois exemplifica: "como Moisés ergueu a serpente no deserto, assim o Filho do Homem será erguido da Terra".

Paulo interpreta assim esse ensinamento de Jesus: "Mas quando apareceu a bondade de Deus, nosso Salvador, e o seu amor para com os homens, não por obras de justiça que tivéssemos feito, mas segundo sua misericórdia nos salvou pelo *lavatório da reencarnação*, e pelo *renascimento de um espírito santo*" (Tit.3:4-5). As palavras utilizadas são bastante claras e insofismáveis: lavatório (lavar com água; *λουτρον* da reencarnação: *παλιγγενεσια* que é o termo técnico da reencarnação entre os gregos; pelo renascimento (anaxinóseos) isto é, um novo nascimento). Paulo, pois, diz que Deus nos salvou não porque o tivéssemos merecido, mas por Sua misericórdia, servindo-se da palingenésia (isto é, da reencarnação) a qual é um "lavatório" (de água) e um "renascimento" do espírito.

Que o renascimento é feito através da água, já o diz o Genesis (cfr.1:1-2; 1:6-7 e 2:4-7).

4.ª Interpretação: SIMBÓLICA

Para compreendê-la, estudemos algumas palavras:

NICODEMOS - significa "vencedor" do povo" e exprime alguém que já venceu a inércia da massa popular por seus conhecimentos das Escrituras, já se destacou do "vulgo profano" superando sua natureza inferior.

DE NOITE - talvez signifique que Nicodemos procurou o Mestre em corpo astral (ou mental) durante o sono físico. Nessa condição ser-Ihe-ia possível manter conversações mais íntimas. E João poderia ter assistido a ela, pois algumas cenas dos Evangelhos foram assistidas nessa condição (por exemplo, a "transfiguração": "Pedro e seus companheiros (Tiago e João) estavam oprimidos de sono, mas conservavam-se acordados", Luc.9:32).

Nesta interpretação, descobrimos um sentido diferente do diálogo literal entre os dois, o Rabbi e o Doutor da Lei, o Mestre Espiritual e o Mestre Intelectual. Antes de qualquer pergunta, Jesus dá a frase chave do novo ensinamento que vai ministrar: "é necessário nascer de novo para ver o Reino dos céus" - Nicodemos entende que Jesus lhe fala da reencarnação, fato já conhecido por ele, pois, sendo fariseu, aceitava normalmente a reencarnação, e não podia de modo algum estranhar o fato nem ignorar sua realidade.

Para confirmar esta assertiva, leia-se apenas esse trecho de Flávio Josefo: "Ensinam os fariseus que as almas são imortais e que as almas dos justos passam, depois desta vida, a OUTROS CORPOS" ... (Bell.Jud.2, 5, 11).

Como, pois, Nicodemos podia ignorar esta doutrina, a ponto de admirar-se tanto e fazer uma objeção pueril? Compreendamos sua frase, quando pergunta a Jesus: "Como poderá (bastar) um homem renascer depois de velho? Acaso poderá (bastar) que ele entre pela segunda vez no ventre materno, para (só com isso) ver o reino dos céus"?

Jesus então reafirma sua tese, mas ampliando-a, elevando-a de nível tornando-a universal: Não é do nascimento físico na matéria que ele fala. Não é do microcosmo: é do macrocosmo, de que falara em Mateus (19:28): "Em verdade vos digo que vós, que me seguistes, quando na reencarnação (palingenésia) o Filho do Homem se assentar no trono de sua glória, sentar-vos-eis também em doze tronos, para julgardes as doze tribos de Israel". Trata-se, aqui, da reencarnação ou renascimento do planeta.

Explica então: o que nasce da carne é carne, é matéria corruptível, mas a que nasce do "espírito" é o Espírito eterno, que não necessitará mais da carne para progredir. Só nasce na carne o que está sujeito às leis do Carma (individual, grupal, coletivo ou planetário): esse ainda é carne, ainda terá que nascer da água, porque está preso à baixa densidade. Mas o que nasce do espírito se liberta, ascende a outros planos. O ensinamento foi desenvolvido por Paulo na Epístola 1 aos Coríntios, capítulo 15,

versículos 35 a 54, quando compara o homem terreno (psíquico) simbolizado em Adão, coma alma vivente (que vive), ao passo que o segundo Adão (Cristo) e portanto o Espírito, o Filho do Homem, é o espírito vivificante (que dá vida). Passou, então, do estado humano ao espiritual, deixou de ser "nascido de carne" para tornar-se "nascido de espírito"; e Paulo prossegue: "o primeiro é da Terra (nascido de carne) o segundo é do céu (nascido do espírito)". E isto porque, prossegue ele, "a carne e o sangue não podem herdar o Reino dos Céus". Jesus falara das "coisas terrenas" e Nicodemos não o percebia bem. Como adiantar-se mais? Como explicar-lhe que o Espírito prossegue na evolução, até chegar a ser "o resultado" do Homem, "o produto" da Humanidade, ou Filho do Homem (como já era o caso de Jesus)? Ele fala do que "viu", porque estava no céu (no reino espiritual) e de lá "desceu".

Os "apocalipses" ou "revelações" dos judeus narram histórias de santos varões que haviam subido a mundos "mentais" conscientemente: esses homens eram denominados "serpentes". Nesse sentido é que Moisés "elevou a serpente" no deserto. De fato, a serpente simboliza a inteligência racional ou o intelecto (veja episódio de Adão, quando conquistou o intelecto por meio da serpente), mas quando a serpente é "elevada" verticalmente, significa a Mente Espiritual. Sua elevação se dá na "cruz da matéria" (horizontal sobre vertical), e só depois de elevada na cruz, pode essa serpente conquistar o Reino dos Céus. Todos os que acreditaram nele (que cumprirem seus ensinamentos) conseguirão a "vida futura", isto é, a vida Espiritual Superior.

Então, para "vermos" ou vivermos o Reino dos Céus, o Reino Divino, temos que "nascer de novo" como Filhos de Deus ("Tu és meu Filho, eu HOJE te gerei", Salmo 2:7).

5.^a Interpretação: MÍSTICA

Jesus, a individualidade, ensina ao homem "que venceu o povo" comum, isto é, à personalidade já evoluída acima do normal, que para conseguir o Encontro Místico é mister "nascer do alto", no Espírito. A personalidade é pura carne, é matéria, mas a individualidade é celeste, é espiritual.

Se renunciarmos ao nosso pequeno "eu", renascermos "do alto" "viveremos no Reino Divino, não mais no Reino Humano: seremos Filhos do Homem e, além disso, Filhos de Deus.

Nesse ponto, estaremos (embora crucificados na carne) unidos à Divindade, num Esponsalício místico, perdidos em Deus, "como a gota no Oceano" (Bahá'u'lláh): seremos UM com o Todo, porque "eu e o Pai somos um" (Jo. 10:30).

Para consegui-lo, é preciso ter sido "suspenso" na cruz, como a serpente de Moisés: é indispensável passar por todas as crucificações da Terra, por todas as iniciações duras e difíceis, dando testemunho da Fé em Cristo, ao VIVER seus ensinamentos.

COMENTÁRIO DO EVANGELISTA

João,3:16-21

16. Deus teve, pois, tanta predileção pelo mundo, que deu seu Filho, o Unigênito, para que todo o que nele crê, ao invés de perder-se, tenha a vida imanente.
17. Pois Deus não enviou seu Filho ao mundo para julgar o mundo, mas para que o mundo seja preservado por meio dele.
18. Quem nele crê não é julgado; o que não crê, já está julgado, porque não crê no nome do unigênito Filho de Deus.
19. O julgamento é este: que a luz veio ao mundo, e os homens amaram mais as trevas do que a luz, pois eram más suas obras,
20. porque todo o que faz coisas inferiores aborrece a luz, e não vem para a luz, para que suas obras não sejam inculpadas;
21. mas aquele que faz a verdade, chega-se para a luz, para que sejam manifestadas suas obras, porque foram feitas em Deus.

Neste ponto, o evangelista toma a palavra para comentar os ensinamentos de Jesus a Nicodemos. Os verbos são empregados agora no passado, e suas primeiras palavras *οὕτως γὰρ* são as que geralmente iniciam seus comentários pessoais (cfr. 2:25; 4:8; 5:13, 20; 6:6, 33; 13:11).

Convida-nos João a buscar a razão íntima dos ensinamentos: o amor de Deus, que é universal, e não apenas restrito aos elementos de uma determinada religião: Deus ama O MUNDO *τον κοσμον*.

Interessante observar o verbo utilizado no início do versículo. Em grego há três verbos que exprimem "amar": *φιλεῖν*, que é "amar de amizade, querer bem"; *εραῶν*, que significa "amar de amor, apaixonar-se"; e *αγαπεῖν* que quer dizer "amar com preferência, ter predileção por". Neste trecho, é empregado esse último: "ter predileção ou carinho especial pelo mundo".

Tanto assim, que (oração consecutiva) deu seu Filho, aquele Filho Unigênito que é a própria manifestação divina nos universos ilimitados, o Cristo Cósmico, para que "todo aquele que nele crê", e que viva a sua vida, não se perca. mas obtenha uma vida divina IMANENTE na perfeita união.

VIDA "ETERNA" = VIDA IMANENTE

A tradução corrente das palavras gregas *ζωη αιωνιος* é "VIDA ETERNA".

No entanto, essa interpretação não nos parece correta. Senão vejamos.

1.º - Se esse fora o sentido: "quem crer nele terá a vida eterna, isto significaria que, quem não cresse *não teria a vida eterna*, e portanto deveria ter seu "espírito" destruído, aniquilado (morte do espírito). Mesmo se admitíssemos o "castigo eterno" (absurdo inconcebível), mesmo assim o espírito *teria a vida eterna*, embora não crendo em Jesus. Então, que "promessa" seria essa, que vantagem traria o fato de crer em Cristo?

2.º - Poderia admitir-se que Jesus aceitava, com isso, a doutrina dos fariseus, tão bem esplanada por Josefo (Ant.Jud. 18, 1, 3): "Os fariseus acreditam que possuem um vigor imortal e os virtuosos terão o poder de ressuscitar e viver de novo"; e mais (Bell.Jud.2, 5, 11): "Ensinam os fariseus que as almas são imortais; que as almas dos justos passam, depois desta vida, *para outros corpos*, e as dos maus sofrem tormentos eternamente". Quando fala do suicídio, repete essa mesma teoria (Bell.Jud.2, 5, 14): "Os corpos de todos os homens são, sem dúvida, mortais e feitos de matéria corruptível; mas a alma é sempre imortal e é uma partícula de Deus, que habita em nossos corpos ... Recordam (os fariseus) que todos os espíritos puros, quando partem desta vida, obtêm um lugar mais santo no céu, donde, no transcurso dos tempos, *são novamente enviados em corpos puros*; ao passo que as almas dos que cometeram sua auto-destruição, são condenadas à região tenebrosa do hades".

Realmente, em linhas gerais, os livros do Novo Testamento confirmam e reproduzem as crenças dos fariseus. Mas não é só isso que está na promessa, pois isso seria obtido mesmo sem crer em Jesus, por qualquer fariseu sincero.

A solenidade da repetição dessa promessa, feita 45 vezes em o Novo Testamento, sobretudo por João (25 vezes) , por Paulo (9 vezes), por Lucas Ev. e At. (5 vezes), por Mateus (3 vezes), por Marcos (2 vezes) e por Judas (1 vez), parece exprimir algo mais profundo e de grande importância.

Tentemos compreender, pesquisando o sentido do adjetivo empregado, assim como do substantivo do qual se originou.

O substantivo que exprime ETERNO, em grego, é *αἰδιος* assim definido por Platão (Definições, 411a): *τό κατὰ πάντα Χρόνον καί πρότερον ὄν καί νῦν μή ἐφθαρμένον*, ou seja, "o que é anterior, e através de todo o tempo e agora, não podendo ser destruído".

Em outras palavras: "o que não tem princípio nem fim".

O advérbio *ἀεί* (sempre) também é colocado com a idéia de eternidade: *ὁ ἀεί Χρόνος* = o tempo eterno (Platão, Fedon, 103e).

Outro substantivo *αἰών* - que é correntemente traduzido como "eterno" - aparece assim definido por Aristóteles: *το τέλος τό περιέχον τόν τῆς ἐνιάστου ζωῆς Χρόνον ... αἰών ἐνιάστου κείλεται* (Arist., Do Céu, 1,9,15), isto é: "o período que abarca o tempo da vida de cada um, chama-se o "aiôn" dele (a permanência na Terra).

Realmente, "aiôn" tem seu paralelo em latim *aiuom* (aevum) , que deu, em português, a palavra "evo".

Desse substantivo originou-se o adjetivo *αἰώνιος* , *ος* , *ογ* a que o "Greek-English Lexicon" (Oxford) dá os seguintes sentidos (jamais aparecendo "eterno", que realmente não tinha):

"I - **uma vida, a vida de alguém** (sentido mais comum nos poetas) cfr. Homero, Odisséia, 5:160; Ilíada, 5:685 e 24:725; Herodoto, 1, 32; Ésquilo, Prometeu, 862; Eumênides, 315; Sófocles, Ajax, 645.

2. **uma época, uma geração**, cfr. Ésquilo, Tebas, 744; Demócrito, 295, 2 ; Platão, Axíolos, 370 c.

3. **uma parte da vida**, cfr. Eurípedes, Andrômaca, 1215.

II - 1. **longo espaço de tempo, uma idade** (lat. aevum) cfr. Menandro, Incert 7; usado especialmente com preposições "pelas idades, pelas gerações" ; cfr. Hesíodo, Teogonia, 609; Ésquilo, Suplicantes, 582 e 574; Agamemnon, 554; Platão, Timeu 37 d; Aristóteles, do Céu, 1.19.14; Licurgo, 155, 42; Filon, 2.608.

2. **um espaço de tempo** claramente definido e destacado, uma era, uma idade. período, o "mundo presente" em oposição ao "mundo futuro"; cfr. Mateus, 13:22; Luc. 16:8. Nesse sentido também usado no plural cfr. Romanos, 1:25; Filipenses, 4:20; Efésios, 3:9; 1 Coríntios 2:7 e 10:11. etc."

Ora, "eterno" é filosoficamente, outra coisa; é o QUE ESTA FORA do tempo, como diz Aristóteles (Física, 4.12, 221 b) : *ὥστε φανερόν ὅτι τὰ ἀεί ὄντα, ἢ ἀεί ὄντα, οὐκ ἔστιν ἐν Χρόνω: οὐ γάρ περιέχεται*

ὑπὸ Χρόνου, οὐδε μετρεῖται τὸ εἶ-ναι αὐτῶν ὑπὸ τοῦ Χρόνου: σημεῖον δὲ τούτου ὅτι οὐδε πᾶσΧει οὐδεν ὑπὸ τοῦ Χρόνου ὡς οὐκ ὄντα ἐνΧρόνω - que significa: "Vê-se, portanto, que os seres eternos, enquanto seres eternos, não estão no tempo, porque o tempo não os envolve, nem mede a existência deles; a prova é que o tempo não tem efeito sobre eles, porque eles não estão no tempo".

Quando se fala de "eterno" em grego, são as palavras que aparecem.

Mas há um trecho importante de Platão (Timeu, 37 e 38) em que sentimos bem a diferença entre *αιδιος* e *αιωνιος*. Vamos citá-lo na íntegra e no original, para bem compreender-se o sentido, e para que os conhecedores controlem a veracidade do que afirmamos.

Ὡς δὲ κινήθην αὐτὸ καὶ ζῶν ἐνόησεν τῶν αἰδίων θεῶν γεγο-νός ἀγαλμα ὁ γεννήσας πατήρ, ἠγάσθη τε καὶ εὐφρανθεὶς ἐτι δὴ μᾶλλον ὁμοῖον πρὸς τὸ παράδειγμα ἐπενόησεν ἀπεργάσασθαι. Κα-θάπερ οὖν αὐτὸ τυγχάνει ζῶον αἰδίων ὄν,καὶ τότε τὸ πᾶν οὕτως εἰς δύναμιν ἐπεχείρησε τοιοῦτον ἀποτελεῖν. Ἡ μὲν οὖν τοῦ ζῶ-ου φύσις ἐτύγχανεν οὐσα αἰώνιος, καὶ τοῦτο μὲν δὴ τῷ γεννητῷ παντελῶς προσαπτειν οὐκ ἢ δυνατόν· εἰδὴ δ' ἐπενόει κινήτῳ τί να αἰῶνος ποιήσαι, καὶ διανοσμών ἅμα οὐρανόν ποιεῖ μένοντος αἰῶνος ἐν ἐνὶ κατ' διανοσμών ἅμα οὐρανόν ποιεῖ μένοντος αἰῶνος ἐν ἐνὶ κατ' ἀριθμὸν ἰούσαν αἰώνιον εἰκόνα, τοῦτον ὄν δὴ χρόνον ὀνομάσασμεν. Ἡμέρας γάρ καὶ καὶ νύκτας καὶ μῆνας καὶ ἐνιαυτούς, οὐκ ὄντας πρὶν οὐρανὸν γενέσθαι, τότε ἅμα ἐκείνῳ συνισταμένῳ τὴν γένεσιν αὐτῶν μηχανάται-ταῦτα δὲ πάντα μέ-ρη χρόνου, καὶ τὸ τ' ἦν τὸ τ' ἔσται χρόνου γεγονότα εἶδη, & δὴ φέροντες λαυθάνομεν ἐπὶ τὴν αἰδίων ἀσίαν οὐκ ὀρθῶς. Λέγομεν γάρ δὴ ὡς ἦν ἔστιν τε καὶ ἔσται, τὴ δὲ τὸ ἔστιν μόνον κατὰ τὸν ἀγῆθὴ λόγον προσήμει, τὸ δὲ ἢ τὸ τ' ἔσται περὶ τὴν ἐν χρόνῳ γένεσιν ἰούσαν πρέπει λέγεσθαι-κινήσεις γάρ ἔστων, τὸ δὲ ἀεὶ κατὰ ταῦτα ἔχον ἀκινήτως οὐτε πρεσβύτερον οὐτε νεώτε-ρον προσήμει γίνεσθαι διὰ χρόνου οὐδε γενέσθαι ποτέ οὐδέ γε γονένας νῦν οὐδ' εἰς αὐτὴν ἔσεσθαι, τὸ παράπαν τε οὐδὲν ὅσα γε-νεσις τοῖς ἐν αἰσθήσει φερομένοις προσήμειν ἀλλὰ χρόνου ταῦτα αἰῶνα μιμουμένου καὶ κατ' ἀριθμὸν κινουμένου γέγονεν εἶδη-καὶ πρὸς τοῦτοις ἐτι τὰ τοιάδε, τὸ τε γεγονός εἶναι γεγονός καὶ τὸ γινόμενον εἶναι γινόμενον, ἐτι τε τὸ γενεσομενον εἶ-ναι γενεσομενον καὶ τὸ μὴ ὄν μὴ ὄν εἶναι, ὡν οὐδὲν ἀκινῆδες λέγομεν ... χρόνος δ' οὖν μετ' οὐρανοῦ γέγονεν, ἅμα ἵνα γεννη-θέντες ἅμα καὶ λυθῶσιν, ἂν ποτε λύσις τις αὐτῶν γίγηται, καὶ κατὰ τὸ παράδειγμα τῆς διαωνίας φύσεως, ἵν' ὡς ὁμοιότατος, αὐτὸ κατὰ δύναμιν ἢ τὸ μὲν γάρ δὴ παράδειγμα πάντα αἰῶνά ἐσ-τιν ὄν, ὁ δ' αὐτὸς διὰ τέλους τὸν ἅπαντα χρόνον γεγονώς τε καὶ ὄν καὶ ἔσομενος.

Eis a tradução literal, em que traduzimos *αιωνιος* por "permanente", para compreendermos bem as diferenças. Platão explica, pela boca de Timeu, qual a diferença entre *eternidade* e *tempo*, e fala na criação do tempo juntamente com o "céu", isto é, com a abóbada celeste. Esclarece que a eternidade é estável, imóvel, permanente em realidade, ao passo que o tempo *imita* essa permanência. com uma "permanência" *relativa*. Eis o texto:

“Quando então o Pai Genitor percebeu que este (mundo), que foi a jóia dos deuses *eternos*, se movia e vivia, ficou admirado e, alegrando-se, concebeu elaborá-lo ainda mais semelhante ao modelo. E como ele é um Vivente *Eterno*, e este é O TODO, empreendeu aperfeiçoá-lo dentro do possível. Sendo porém *permanente* a natureza do Vivente, não seria possível em vista disso igualar totalmente a ela o que teve princípio. Doutra lado, tinha feito uma *imagem móvel do permanente* e, organizando juntamente o céu, faz uma imagem *permanente* ritmada segundo o número, de acordo com a *permanência* imutável do UM, e isto é o que chamamos *tempo*.

Com efeito, não existindo os dias, as noites, os meses e os anos antes de ter sido produzido o céu, ele os produziu então juntamente com a constituição do mesmo. Todas essas coisas, porém, são parte do tempo, e o passado e o futuro são aspectos do tempo que evolui, e não percebemos que (falamos) impropriamente quando os aplicamos à essência eterna. Com efeito, dizemos que (ela) "era", "é" e "será"; mas uma única palavra verdadeiramente lhe convém: "é"; "era" e "será" só devem ser ditos a respeito da evolução que se processa no tempo, porque são movimentos; o *eterno*, porém, sendo imutável, não

cabe (ser) mais velho, nem mais moço, nem evoluir através do tempo, nem ter aparecido outrora, nem ter acabado de aparecer agora, nem retroceder, nem (ter) qualquer qualidade que a evolução atribuiu às coisas que são percebidas, porque estes são aspectos pertencentes ao tempo, que *imita a permanência* e que gira segundo o número.

Além disso, estas outras expressões “o evoluído é (como se fora) mesmo evoluído”, “o que evoluirá, evoluirá mesmo”, “o não-ser é mesmo não-ser”, são expressões inexatas ... Então, o tempo evolui com o céu, para que, tendo nascido juntos, juntos também sejam dissolvidos – caso um dia se dê a dissolução dos mesmos - e (o tempo foi feito) segundo o modelo da natureza permanente, para que seja o mais semelhante possível a ela. Com efeito, o modelo é todo permanente, mas este (o tempo) é para sempre um tempo inteiro de passado, presente e futuro”.

Agora vejamos o emprego dessas palavras em o Novo Testamento.

I - O substantivo *αιδιος* só aparece duas vezes:

- 1) na Epístola de Paulo aos Romanos (1:20) "o Poder e a Divindade dele são eternos".
- 2) na Epístola de Judas (6-7), numa frase que é iniciada dizendo que Jesus salvou do Egito os israelitas (logo, sentido simbólico), e prossegue: "prende os anjos nos cárceres eternos sob a treva; Sodoma e Gomorra suportando a justiça do fogo permanente".

II - O substantivo *αιων* aparece 120 vezes, empregado com os sentidos:

a) os séculos, isto é, uma época, um lapso de tempo (92 vezes);

Mat. 6:13; 21:19; **Marc.** 3:29; 11:14; **Lc.** 1:33. 55, 70; **Jo.** 4:14; 8:35 (2x), 51; 52; 10:28; 11:26; 12:34; 13:8; 14:6; **At.** 3:21; 15:18; **Rom.** 1:25; 9:5; 11:36; 16:27; **1 Cor.** 2:7; 8:13; 10:11; **2 Cor.** 9:9; 11:31; **Gál.** 1:5; **Ef.** 2:7; 3:9, 11:21 (2x); **Fil.** 4:20 (2x); **Col.** 1:26; **1 Tim.** 1:17 (3x); **2 Tim.** 4:18 (2x); **Heb.** 1:2, 8 (2x); 5:6; 6:20; 7:17, 21, 24, 28; 11:13; 13:8, 21 (2x); **1 Pe.** 1:25; 4:11 (2x); 5:11 (2x); **1 Jo.** 2:17; **2 Jo.** 2; **Jud.** 13, 25 (2x); **Apoc.** 1:6 (2x), 18 (2x); 4:9 (2x); 10 (2x); 5:13 (2x); 7:12 (2x); 10:6 (2x); 11:15 (2x); 14:11 (2x); 15:3, 7 (2x); 19:3 (2x); 20:10 (2x); 22:5 (2x).

b) o século, com o significado de “o mundo material” (em oposição ao mundo espiritual), ou com o sentido de “uma geração” – 28 vezes:

Mat. 12:32; 13:22,39,40,49; 24:3; 21:20; **Marc.** 4:19; 10:30; **Lc.** 16:8; 18:30; 20:34,35; **Rom.** 12:2; **1 Cor.** 1:20; 2:6 (2x), 8; 3:18; **2 Cor.** 4:4; **Ef.** 1:21; 2:2; **1 Tim.** 6:17; **2 Tim.**- 4:20; **Tit.** 2:12; **Heb.** 6:5; 9:26; **1 Pe.** 3:18.

III - o adjetivo *αιωνιος* é empregado, ao lado de vários substantivos, qualificando-os, em 72 lugares:

Uma única vez aparece com o sentido que pode ser interpretado como "eterno", usado por Paulo, em Romanos (16:26) ao lado do substantivo "Deus" : *Κατ'επιταγην του αιωνιου θεου* (segundo o preceito do Deus *sempiterno*), em oposição ao que escreve na 2.^a Coríntios (4:4) : *ο θεος του αιωνιος τουτου* "o deus deste século", isto é, deste mundo.

Eis os sentidos :

a) futuro, ou seja, no século ou na época vindoura, na vida seguinte, 19 vezes:

Mat. 18:8; 25:41; 25:46; **Marc.** 3:29; **Luc.** 16:9; **Rom.** 16:25; **2 Th.** 1:9; 2:16; **2 Tim.** 2:10; **Heb.** 5:9; 6:2; 9:12, 14, 15; 13:20; **1 Pe.** 5:10; **2 Pe.** 1:11; **Jud.** 7; **Ap.** 14:16.

b) permanente ou perene, no sentido de durar muito tempo, quase um século, 5 vezes:

2 Cor. 4:17, 18; 5:1; **1 Tim.** 6:16; **Film.** 15.

c) os tempos atuais, ou seja, este século, 2 vezes:

2 Tim. 1:9; **Tit.** 1:2.

d) com o substantivo VIDA (cujo sentido estudaremos agora), 45 vezes:

Mat. 19:16,29; 25:46; **Marc.** 10:17,30; **Lc.** 10:25; 18:18,30; **At.** 13:46 48; **Jo.** 3:15, 16, 36; 4:14,36; 5:24,39; 6:27, 40,47, 51, 54, 58, 68; 10:28; 12:25, 50; 17:2, 3; **Rom.** 2:7; 5:21; 6:22, 23; **Gál.** 6:8; **1 Tim.** 1:16; 6:12; **Tit.** 1:2; 3:7; **1 Jo.** 1:2; 2:25; 3:15; 5:11, 13, 20; **Jud.** 21.

O sentido de *ζωή αἰώνιος* é dado pelo próprio Jesus, no evangelho de João, que é o que emprega mais vezes a expressão (25 vezes, contra 20 em todos os demais livros do novo Testamento). Lemos aí: *αὕτη δὲ ἐστὶν ἡ αἰώνιος ζωὴ , ἵνα γινώσκωσιν σέ , τὸν μόνον ἀληθινὸν θεόν , καὶ ὃν ἀπέστειλας Ἰησοῦν χριστόν* ou seja, "a vida IMANENTE é esta: 1) que conheçam a ti, o único Deus verdadeiro, e 2) a quem enviaste, Jesus Cristo".

Por aí verificamos que a *ζωή αἰώνιος* NÃO É uma vida QUE DURA ETERNAMENTE (todas as vidas têm essa qualidade); não se refere à DURAÇÃO da vida, mas a uma QUALIDADE ESPECÍFICA, que reside no CONHECIMENTO DA VERDADE TEOLÓGICA. E, ao conhecer essa verdade, haverá então a unificação total com o Cristo (cfr. Jo. 17:11,21,22), que dá a IMANÊNCIA perfeita, que resultará na liberdade (cfr. Jo. 8:32) dos filhos de Deus (cfr. Rom. 8:21), que existe onde está o Espírito do Cristo (cfr. 1 Cor. 10:29).

Paulo também explica qual a origem dessa VIDA IMANENTE, quando esclarece aos Romanos (6:23): *τά γάρ ὄψωνα τῆς ἁμαρ-τίας θάνατος , τό δὲ χάρισμα τοῦ θεοῦ ζωὴ αἰώνιος , ἐν χριστῷ Ἰησοῦ τό κυρίῳ ἡμῶν* isto é, "o salário do erro é a morte, a recompensa de Deus é a VIDA PERMANENTE em Cristo Jesus, o Senhor nosso".

Depois de tudo isso, podemos perceber a profundidade do sentido de "zoé aiónios".

É a VIDA PERMANENTE ou IMANENTE EM CRISTO. Em outros termos, é a união total do "eu" pequeno com o EU profundo, do "espírito" personalístico, com o Espírito ou Individualidade. A crença em Cristo, baseada no CONHECIMENTO e na CONVICÇÃO (fê), produzirá seus efeitos com a "negação da personalidade" (cfr. Mat. 16:24), que fica *absorvida* pela individualidade, pelo Cristo, que passa a "viver em nós" (cfr. Gál. 2:20 e 2 Cor. 13:5). É o MERGULHO na Divindade, na qual nos dissolvemos, e isso se realiza através do Cristo.

Pelo oposição dos termos, salienta-se o significado: o erro nos trouxe a condição de encarnados, sujeitos à morte, e por isso o "salário do erro é o a morte". Mas a recompensa de Deus é o tirar-nos, quando nós o quisermos (por nosso esforço) , desse cativo, dando-nos a VIDA IMANENTE de unificação com o Cristo, não mais sujeita a reencarnações e à morte.

Concluindo, pois, temos que "zoé aiónios":

- a) não pode ser vida "eterna" (como duração), de que todos participam;
- b) não pode ser vida "futura" (como reencarnação) porque todos os espíritos a vivem;
- c) não pode ser a vida "espiritual" (do "espírito") porque todos a têm, na alegria ou na dor .

Então, resta que é uma vida *diferente* dessas todas.

Por isso, compreendemos que só pode ser a vida NO REINO DE DEUS ou no REINO DOS CÉUS, que é a VIDA IMANENTE em Cristo.

Portanto, o melhor adjetivo para traduzir "aiónios", quando ao lado do substantivo VIDA, é *IMANENTE*, embora essa tradução não se encontre nos dicionários de grego.

No entanto, o sentido cabe perfeitamente. O latim *manere* significa "ficar". Com o preverbo PER, dá idéia de tempo ou duração; com o preverbo IN, exprime penetração, interiorização, união interna e íntima, "dentro de". Os dois são, pois, um mesmo verbo: MANERE, formando dois compostos: PERmanere e INmanere; e os sentidos também correspondem: a PERmanência é "ficar durante algum tempo" e a Imanência é "ficar dentro de", ou "penetrar em algo e lá permanecer".

Passemos ao versículo 17. Afirma o evangelista que Deus enviou seu Filho NÃO para julgar o mundo, mas para encaminhá-lo na direção certa.

Parece, à primeira vista, haver contradição entre essa frase e o que se diz logo adiante (5:22): "o Pai a ninguém julga, mas entregou todo julgamento ao Filho", acrescentando-se (5:27) : "Ele Lhe deu o poder de julgar, porque é Filho do Homem". Também em Mateus se descreve o Filho a julgar (25:31-46). Entretanto, a contradição é mais aparente que real. Uma coisa é dizer que "o Filho julgará", ou "que o julgamento Lhe foi entregue", e outra, totalmente diferente, é dizer que foi essa a CAUSA da descida do Filho. Neste passo que comentamos, afirma-se que a RAZÃO de Sua vinda NÃO FOI o julgamento da humanidade (embora isto Lhe tenha sido colocado nas mãos), mas a missão de tirar a humanidade do caminho errado (*αφεσις αμαρτιων*) para orientá-la pelo caminho certo (*σω-ζειν*), isto é, para "preservá-la" ou "salvá-la".

O sentido dos versículos seguintes (18-21) é bastante claro na sua interpretação literal, não carecendo de comentários.

Nesse trecho verificamos que mais clara se torna a linguagem mística de João.

O mundo - expresso pela palavra "cosmo (que significa "ordem" ou "harmonia do universo") - é a manifestação visível do Cristo Cósmico, ou seja, do "Filho Unigênito". Portanto, a própria exteriorização do Cosmo é, já de per si, uma doação que o Pai faz de seu "FILHO UNIGÊNITO".

Recordemos. Já falamos que Deus é O ESPÍRITO (João, 4:24), isto é, O AMOR, o qual, ao expandir-se e manifestar-se, assume a atitude de PAI, ou VERBO (Logos, Palavra) isto é, O AMANTE, e que o resultado de sua manifestação ou exteriorização é O FILHO, que é o Universo em sua totalidade absoluta, e que, portanto, é realmente UNIGÊNITO, ou seja, o AMADO.

Por tudo isso, vemos que o CRISTO (CÓSMICO) é o FILHO UNIGÊNITO que está dentro de todos (sendo então chamado CRISTO INTERNO ou mônada divina).

Ora, todos aqueles espíritos que, por sua evolução, chegam a compreender, a buscar e a conseguir a Consciência Cósmica (ou consciência do Cristo Cósmico) também denominada União com o Cristo Interno - porque acreditaram nas palavras do Manifestante divino esses conseguirão a VIDA IMANENTE, a vida UNA com a Divindade que está em todos e em tudo, vida que flui internamente de dentro deles como fonte de água viva (cfr. João, 4:14). Esses não mais "se perderão" na ilusão da matéria "satânica" ou opositora, a ela regressando constantemente vida após vida, mas empreenderão o caminho libertador da evolução sem fim.

E Jesus, o maior Manifestante da Divindade entre as criaturas terrenas - a quem Bahá'u'lláh denomina "Sua Santidade o Espírito" não veio para julgar os homens: apontou o caminho com Suas palavras

e, muito mais, com Seus exemplos. Mas deixou as criaturas livres para escolher a estrada longa ou curta, larga ou estreita. A finalidade de Sua encarnação foi, apenas, conservar ou preservar o mundo, dando-lhe Seus exemplos, ensinando-lhe Sua doutrina, e derramando sobre o globo terrestre o Seu sangue vivificador.

No entanto, aqueles que não crêem e se apegam à matéria (ao opositor ou satanás) já se julgam a si mesmos por sua própria atitude; ao renegar o Espírito ("mas aquele que se rebelar contra o Espírito, o Santo, não será libertado nem neste século (aiōni) nem no futuro", Mat.12:33, cfr.Mr.3:29 e Luc.12:10) renunciam espontaneamente à evolução e, nem nesta encarnação nem na próxima, poderão ser libertados do carma. Com efeito, a base ou o barema do julgamento é que a Luz Cristônica baixou até o mundo na Manifestação de Jesus; mas os homens preferiram as trevas à Luz. E justifica-se a preferência: suas obras (de separatismo, sectarismo, divisão, concorrência, egoísmo, ambição material, ódios, etc.) são más, ou seja, não sintonizam com o Amor que é Deus. Já aqueles que agem e vivem a Verdade, se aproximam vibracionalmente da Luz e deixam que suas obras se manifestem, porque, sendo realizadas em união total com o Amor (com Deus), são obras boas.

Mas, por que diz "crer NO NOME do Unigênito Filho de Deus" (vers.18) ? O nome é a identificação da essência que se manifesta. Trata-se, portanto, de crer na manifestação do Filho de Deus, que é a Força Crística exteriorizada nos Universos (cfr. "seja santificado o Teu Nome", Mat.6:9) a ela unindo-se a criatura através da "infinetização" própria, realizando a "consciência cósmica". O "nome" exprime, pois, a realidade mesma do Cristo divino que está em nós.

JESUS MERGULHA

João, 3:22-24

- 22. Depois disto, foi Jesus com seus discípulos para a terra da Judéia, e ali se demorava com eles e mergulhava.**
- 23. João também estava mergulhando em Enon, perto de Salim, porque ali havia muitas águas, e (o povo) ia e era mergulhado,**
- 24. pois João não tinha sido ainda lançado ao cárcere.**

Ao sair de Jerusalém, após as festas da Páscoa, Jesus permanece nas cercanias com seus discípulos, exercendo o mesmo ministério que João, que se havia retirado para Enon, perto de Salim, oito milhas ao sul de Citópolis, na Samaria. Nesse local, havia várias fontes, e João não tinha sido encarcerado.

Parece que esta observação é feita no intuito de salientar que o ministério público de Jesus começou antes da prisão do Batista, já que, pelos sinópticos, que silenciam sobre esse período, pareceria que Jesus só operara publicamente depois desse fato (cfr. Mat.4:12 e Mr.1:14).

Por enquanto, o texto não esclarece. Mas no cap. 4, vers. 2, está dito que Jesus não mergulhava "pessoalmente", mas apenas os discípulos o faziam.

Depois da manifestação na Cidade da Paz, permanece a individualidade no "Louvor a Deus", aproveitando-se das circunstâncias para exercitar seus discípulos (as personalidades ainda incompletas), no ministério material de ritos, que as ajudassem a desvencilhar-se dos defeitos inerentes à separatividade. Tinham assim oportunidade de entrar em contato com a massa e, de tanto repetir a necessidade da reforma mental e da purificação, essas palavras, proferidas para os outros, iriam penetrando por endosmose no próprio subconsciente, preparando-os, na mentalização positiva, para a libertação dos defeitos seculares. Em sua evolução, o "espírito" necessita passar pelos diversos degraus da exercitação, porque "a natureza não dá saltos". Daí ser indispensável, até hoje, que haja diversas agremiações religiosas, para que sejam atendidas todas as criaturas, nos mais diversos graus de evolução.

ÚLTIMO TESTEMUNHO DE JOÃO

João.3:25-36

25. Ora, levantou-se uma discussão entre os discípulos de João e um judeu, acerca da purificação.
26. E foram ter com João e disseram-lhe: "Rabbi, aquele que estava contigo além do Jordão, de quem deste testemunho, eis que ali está a mergulhar, e todos vão a ele".
27. Respondeu João: "O homem não pode receber coisa alguma, se do céu não lhe for dada.
28. Vós mesmos me sois testemunhas de que eu disse: Eu não sou o Cristo, mas sou enviado diante dele.
29. O que tem a esposa é o esposo; mas o amigo do esposo, que está presente e o ouve, muito se regozija por causa da voz do esposo. Pois este meu gozo está completo:
30. é necessário que ele cresça e que eu diminua".
31. O que vem de cima, está sobre todos; o que vem da Terra, é da Terra; o que vem do céu, está sobre todos.
32. O que ele viu e ouviu, disso dá testemunho, e ninguém recebe seu testemunho.
33. O que recebeu seu testemunho, esse confirmou que Deus é verdadeiro.
34. Porque aquele que Deus enviou, fala as palavras de Deus, já que Deus não dá o Espírito sob medida.
35. O Pai ama o Filho e tudo pôs em sua mão.
36. O que crê no Filho tem a vida imanente; o que porém desobedece ao Filho, não verá a vida, mas sobre ele permanece o acicate de Deus.

Dessa atuação de Jesus, nasce uma disputa de ciúmes entre os discípulos de João e "um judeu". O assunto era a purificação, rito que os fariseus tanto prezavam, e de que salientavam a parte material, ao passo que Jesus sublinhava o lado espiritual. Os discípulos de João repararam na ascendência cada vez maior de Jesus sobre o povo, em prejuízo de João. E vão "fazer queixa" a seu rabbi. Embora reconhecessem que "Jesus estivera com João além do Jordão" (1:28) e que o Batista "dera testemunho em favor dele" (1:32), no entanto a causa do ciúme se manifesta contra toda a lógica: "ele está a mergulhar e todo o mundo vai a ele" ... A expectativa era de suscitar um protesto enraivecido de João, pela "concorrência desleal" ...

Como é HUMANA essa cena, em todas as épocas! ...

A resposta do Batista é magnífica de humildade e consciência de seu papel na História, e encerra em si preciosa lição de espiritualidade: "nada pode receber o homem, se do céu não lhe vier". Nada. Seja "bem" ou "mal", julgue-se "pobreza" ou "riqueza", atribua-lhe o nome de "poder" ou "escravidão", tudo vem do céu, embora possa parecer "justo" ou "injusto". Quem é capaz de JULGAR? Não podemos fazê-lo. O que nos parece *bom* pode ser *mau* e vice-versa. Nem julgar os outros, nem julgar-nos a nós mesmos. Incompetência total, por falta de dados: não penetramos o *íntimo* de ninguém, nem mesmo o nosso. Então, aprendamos a receber tudo com humildade.

Depois o Batista evoca o testemunho de seus discípulos, de que ele já antes declarara *não ser* o Cristo, mas apenas um enviado diante dele. Quem tenha consciência da Espiritualidade Superior, jamais se

fará passar por quem não é. Embora pululem hoje, como sempre pulularam, os "missionários" divinos e os "mestres", todos se apresentam em seu próprio nome, assumindo, de modo geral, uma atitude muito superior à realidade, ou até mesmo forjando situações para engrandecer sua vaidade. O Batista ensinou com o exemplo, como agir certo: nada de arrogar-se prerrogativas imaginárias, frutos de sonhos vaidosos.

Apresenta, depois, uma alegoria bastante elucidativa: num casamento, é o noivo que possuirá a esposa. No entanto, o amigo do noivo alegra-se ao sentir-lhe a alegria, de que ele participa integralmente. João é o amigo, que está radiante com a vitória de Jesus; e não o concorrente que se entristece por ficar "para trás". Essa alegria atinge o grau máximo, pois é mesmo necessário que Ele (Jesus) cresça aos olhos do povo, e que ele (o Batista) se vá afastando aos poucos; tal como a Estrela d'Alva, que anuncia o Sol e que depois empalidece e morre, para deixar que o Astro-Rei envolva e fecunde a Terra com seu esplendor.

---x---x---x---

O evangelista assume, então, a palavra e tece novos comentários, comparando Jesus com o Precursor: o que vem de cima (Filho do Homem) com o que vem da Terra (Filho da Mulher); o Homem Liberto das encarnações (*samsara*, na Índia, e *ghilgul*, na Palestina), com o que ainda está preso à roda fatídica do mergulho intermitente no ventre da mulher. O que não exclui que este último possa encontrar-se já no último degrau, pronto a passar para o outro nível, como era o caso de João Batista ("entre os Filhos de Mulher, ninguém é maior que João Batista", Mat.11:11 e Luc.7:28).

E em sendo assim evoluído, sabe perfeitamente o que se passa no mundo superior, onde permanece nos intervalos de suas descidas à Terra, porque se conserva desperto e consciente, provavelmente já no Plano Mental. E com isso consegue, ao reencarnar, recordar-se perfeitamente de tudo (prova-o, no caso do Batista, a alegria que teve ainda prisioneiro no ventre de Isabel, ao reencontrar Jesus, cfr.Luc.1:41 e 44). Por isso, pode o evangelista dizer com segurança: "dá testemunho DO QUE VIU E OUVIU". O Batista viu e ouviu, e veio trazer seu testemunho de que Jesus vem "de cima" ou seja "do céu", das regiões mais elevadas do Espírito; mas, diz ainda, "ninguém recebe o testemunho de João", que afirma ser Jesus o Manifestante Divino do Filho Unigênito de Deus.

Mas, aqueles que recebem o testemunho, confirmam que Deus é verdadeiro (o adjetivo *αληθης* é a forma negativa do substantivo *ληθης* que significa "esquecimento", donde "não oculto", ou seja "sincero").

Passa a falar de Jesus: o Enviado (ou Manifestante), cujas palavras são as próprias palavras do Deus Interno, que Ele exterioriza através dos puríssimos canais de Sua humildade e de Seu amor. Isto porque, quando o Espírito está UNO com Deus, não há medida de restrição: "não dá o Espírito sob medida". O Pai (o AMANTE) ama o Filho (o AMADO) e tudo colocou em Suas mãos. É aí que se declara a razão do livre-arbítrio que foi outorgado aos Filhos de Deus, e que tanto é respeitado pela Divindade que em nós reside: cada um conseguirá sua evolução na proporção de sua livre e espontânea vontade, com a duração maior ou menor, segundo seu alvêdrio.

E é por isso que aquele que crê, que se unifica ao Filho (ao Cristo Interno) possui a VIDA IMANENTE; mas quem lhe desobedece, preferindo a matéria, esse não participará da vida espiritual, mas sentirá sempre sobre si o acicate de Deus.

Acicate é o aguilhão que faz os bois morosos caminharem mais rápido. Acicate, pois, moralmente, é a insatisfação que vem de nosso íntimo onde reside Deus, e que nos impele a evoluir bom ou mau grado: se o quisermos, tudo bem; se o não quisermos, o embate contra a Lei causar-nos-á dores e sofrimentos atroz, que acabarão por fazer-nos encontrar o caminho certo.

A palavra *ορηνη* nas traduções comuns é interpretada absurdamente como "ira de Deus", atribuindo à Divindade um dos mais tristes vícios do homem atrasado. Ora, esse substantivo grego exprime literalmente "uma agitação interior que expande a alma". Daí se originou o termo "orgasmo". É exatamente a *insatisfação* que nos serve de *acicate* para a conquista das coisas que nos satisfaçam. Essa agitação provém do âmago do coração, ou seja, do Cristo Interno que lá reside, e que nos não deixa parar no

marasmo da inação, mas impele-nos a buscar satisfações. O homem, enganado pelas aparências, procura-as nas riquezas, na fama, na glória, no intelectualismo, nos ritos religiosos, ou seja, em tudo o que pertence à personalidade. Por toda a parte o vazio, e, portanto, a dor. Até que, cansado de sofrer, desiludido das aparências, o homem crê, finalmente, nas palavras do Cristo Interno, e então se aproxima da Luz e conquista, enfim, a VIDA IMANENTE.

Precioso esse testemunho de João, pelo qual, mais uma vez, vemos confirmado - como muitas vezes ainda o veremos na continuação nosso ponto de vista a respeito do sentido oculto dos Evangelhos, e sobretudo o de João: a interpretação simbólica e mística que vimos fazendo, é, realmente, o ensinamento profundo de toda a vida do Mestre Inefável, que nos veio revelar o Caminho único para a Verdade e para a Vida (cfr. João, 14:6), isto é, para o Deus Interno, que nos "chama com gemidos inenarráveis" (Rom.8:26). Nestes últimos comentários seus, o evangelista é bastante explícito, usando, evidentemente, a linguagem de sua época, mas deixando entrever a realidade. Infelizmente poucos foram os que o tinham compreendido, e esses mesmos não o revelaram senão em meias-palavras. Agora, porém, cremos que já é tempo de "dizer de cima dos telhados, tudo o que nos foi revelado aos ouvidos" (Mat.10:27 e Luc.12:3).

E todos aqueles que tiverem alcançado certos graus de evolução, perceberão por si mesmos - pela ressonância que estes comentários despertarem em seus corações - que sem sombra de dúvida há um ensinamento mais profundo ("em Espírito de Verdade", Jo.4:23-24), oculto sob o véu da letra e sob as aparências dos fatos e dos nomes, e que será percebido por "aqueles que tem olhos de ver, ouvidos de ouvir e coração para entender" (cfr. Mr.7:17-18, João, 12:40, e Isaías, 6:10).

PRISÃO DE JOÃO

Mat. 14:3-5

Mr. 6:17-20

Luc. 3:19-20

3. Herodes, pois, prendera João, o algemara e pusera no cárcere, por causa de Herodíades, mulher de seu irmão Filipe.
4. Porque João lhe havia dito: "Não te é lícito tê-la".
5. E embora Herodes quisesse matá-lo, temia o povo, porque este o tinha como profeta.
17. Porque o próprio Herodes mandara prender João e acorrentá-lo no cárcere, por causa de Herodíades, mulher de seu irmão Filipe (pois Herodes se casara com ela),
18. porque João lhe dizia: "Não te é lícito ter a mulher de teu irmão".
19. E Herodíades o odiava e queria matá-lo, mas não podia,
20. porque Herodes temia João, sabendo que era homem justo e santo, e o protegia; e, ao ouvi-lo, ficava muito admirado e o escutava com satisfação.
19. Mas Herodes, o tetrarca, sendo repreendido por ele por causa de Herodíades, a mulher de seu irmão, e por todas as maldades que Herodes fazia.
20. acrescentou ainda sobre todas a de fazer encerrar a João no cárcere.

Os três evangelistas relatam-nos a causa principal da prisão do Batista. Revivamos abreviadamente a história, para melhor compreensão.

Herodes o grande, por sua morte, dera a Judéia a Arquelau, com o título de etnarca; e legara com o título de tetrarca a Galiléia a Herodes Antipas e a Traconítide a Filipe. Mas o velho Herodes tivera, da segunda esposa de nome Mariana, um filho, Herodes-Filipe, a quem nada coubera. No entanto, a este é que inicialmente Herodes destinara sua sucessão no trono; e para que o governo ficasse em família, o velho Herodes dera sua própria neta Herodíades (então com 3 ou 4 anos), como esposa a Herodes-Filipe, tio dela, pois Herodíades era filha do irmão dele, Aristóbulo, que Herodes o grande tivera com a primeira esposa de nome Mariana. Mais tarde, porém, mandou matar esta primeira esposa e seu filho Aristóbulo. Firmemos, então, que Filipe, marido de Herodíades, nada tinha que ver com Filipe tetrarca de Traconítide.

Herodes Antipas, bom político, para garantir-se o apoio de Aretas IV, rei árabe dos Nabateus, desposou a filha deste.

Bem mais tarde, Herodes Antipas fez uma viagem a Roma, durante a qual visitou seu irmão Herodes-Filipe, o deserdado, que vivia como simples cidadão fora da Palestina. Aí conheceu sua cunhada Herodíades, já então com cerca de 35 anos, e surgiu violenta paixão entre ambos. Ficou estabelecido que, ao regressar de Roma, após reassumir o governo da Galiléia, Herodíades iria a seu encontro, para viverem juntos, ocasião em que Antipas repudiaria sua mulher, a filha de Aretas. Esta, porém, veio a saber do que se tramava e, para evitar a humilhação do repúdio, escapou para Maquérus e daí para a casa do

pai. Aretas jurou vingar a honra da filha e, após algumas escaramuças, fez guerra aberta contra Antipas.

Por seu lado, sua união com Herodíades, sua sobrinha e cunhada, causou escândalo entre os judeus, por constituir adultério (Êx.20:14 e Lev.18:20 e 20:10) além de incesto (Lev.18:15). Ao chegar, Herodíades levava consigo sua filha que se chamava Salomé (Josefo, Ant. Jud.18.5.2). Tudo acabou com a fragorosa derrota de Antipas, diante do exército de Aretas, no ano 36.

Esclarecidos os fatos, voltemos ao texto. Herodes Antipas, aborrecido com a advertência do Batista a respeito do escândalo que vinha de cima, prendeu-o e encarcerou-o algemado.

Josefo (loco citato) atribui a prisão de João a motivo político: a pregação do Batista podia levantar uma sedição dos israelitas, para derrubá-lo do trono. As razões alegadas por Josefo confirmam o que dizem os evangelistas, e completam as razões da violência do tratamento aplicado a João.

Para livrar-se de quem o preocupava, o mais fácil seria fazê-lo morrer. Entretanto, essa violência poderia piorar a situação, pois o povo admirava o Batista como profeta no melhor sentido da palavra, porque este nada temia e invetivara o soberano (pelo que refere Marcos) pessoalmente, "de cara". Não se sabe se, por acaso, Herodes foi imprudentemente a ele, ou se João se colocou no caminho por onde passaria o tetrarca.

Marcos acrescenta ainda que Herodíades o odiava: não ficara, pois, satisfeita com a simples prisão do Batista: queria sua morte. E esse tipo de mulheres não perdoa: tudo faz para conseguir seus desejos insaciáveis. Todavia, Herodes queria Evitar a morte de João e procurava protegê-lo, levando-o prisioneiro para onde quer que fosse, como preciosa carga sempre sob suas vistas. Aproveitando-se da proximidade, ouvia-o "com satisfação, ficando impressionado" com as palavras do precursor.



FIGURA “Prisão de João”

O original, na maioria dos manuscritos, traz a palavra "epoiei", isto é, *fazia muitas coisas* (A, C, D, N, delta, sigma, pi, phi e as versões: vulgata, siríaca, armênia, etc). Mas os principais tem "eporei", ou seja, ficava impressionado, o que condiz com a sequência da narrativa.

Lucas anota que essa, de prender o Batista, foi mais uma maldade que Herodes acrescentou às numerosas outras anteriores.

A animalidade ainda vigente nas criaturas não mede as conseqüências de seus atos: para satisfação de seus apetites, tudo sacrifica. E, embora admirando o intelecto iluminado pelas verdades que lhe chegam, prefere aprisioná-lo para poder agir livremente. Conhecem o caminho, mas escolhem atalhos excusos, "isolando" sua própria compreensão, prontos a destruí-lo para que o não atrapalhe. Ainda hoje é assim: a criatura vai à igreja, ao templo, ao centro, ouve as verdades, faz profissão de fé, toma resolução de aprimorar-se, mas. . . ao chegar a ocasião que lhe atija os sentidos, "esmaga" o que aprendeu e dá largas aos instintos.

JESUS SAÍDA JUDÉIA

Mat. 4:12

Mart.1:14

João, 4:1-3

- 12. Jesus, ao ouvir que João fora preso, partiu para a Galiléia.**
- 14. Depois de João ser preso, Jesus foi para a Galiléia.**
- 1. Quando, pois, o Senhor soube que os fariseus tinham ouvido dizer que ele, Jesus, fazia e mergulhava m a i s discípulos que João,**
 - 2. (embora Jesus mesmo não batizasse, mas sim seus discípulos),**
 - 3. deixou a Judéia e foi de novo para a Galiléia.**

Os dois sinópticos assinalam a partida de Jesus da Judéia dando, como motivo (Mateus) ou como referência de tempo (Marcos) a prisão do Batista.

João é mais minucioso. Dá-nos também outras razões. Jesus veio a saber que os fariseus começavam a impressionar-se com o fato de que ia mais gente a Jesus, do que fora a João, para ser mergulhada. O evangelista frisa que, pessoalmente, Jesus não mergulhava, mas apenas seus discípulos. Tendo conhecimento do inquérito que os fariseus haviam realizado contra João, quis evitar o mesmo aborrecimento e resolveu abandonar a Judéia, refugiando-se na Galiléia onde não corria perigo, por estar longe das autoridades.

À primeira vista parece estranha a atitude de Jesus, que, ao saber da prisão de seu amigo e primo João, ao invés de ir confortá-lo, solidarizando-se com sua desgraça, se limitou a escapar do teatro da luta. Atitude que jamais se esperaria de um Mestre! Mas, penetrando o sentido simbólico, compreendemos a lição: quando, no terreno das exterioridades religiosas (Judéia), "prendem" a personalidade (João Batista), a individualidade se retira para o Jardim fechado (Galiléia), onde poderá agir à vontade, sem nenhuma pressão externa: não há autoridade civil, nem militar, nem religiosa, que possa penetrar no coração e no pensamento. Mesmo na expressão de João, é útil a nós, quando começam a falar muito de nós ou de nossos trabalhos, uma pequena reclusão, para nos não deixarmos envolver pelo "mundo".

Anotemos, porém, o esclarecimento de João: não era Jesus que mergulhava pessoalmente, pois a individualidade jamais se imiscui nos problemas da exterioridade. Muita coisa temos que deixar para os que ainda estão envolvidos pelas características da personalidade. E não devemos combatê-los: Jesus deixou que seus discípulos mergulhassem o povo. Cada nível com suas necessidades e sua atuação, de acordo com sua sintonia vibratória.

A SAMARITANA

João, 4:4-26

4. Jesus precisava atravessar a samaria.
5. Chegou, pois, a uma cidade da samaria, chamada sícar, perto das terras que Jacó dera a seu filho José.
6. Era ali a fonte de Jacó. Cansado da viagem, estava Jesus assim sentado ao pé da fonte; era cerca da hora sexta.
7. Uma mulher da Samaria veio tirar água. Disse-lhe Jesus: "dá-me de beber".
8. Pois seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos.
9. Disse-lhe então a mulher samaritana: "Como, sendo tu judeu, pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana"? (porque os judeus não se comunicam com os samaritanos).
10. Respondeu-lhe Jesus: "Se souberas o dom de Deus e quem é Aquele que te diz "dá-me de beber", tu lhe terias pedido, e ele te daria a água viva".
11. Disse-lhe a mulher: "Senhor, não tens com que a tirar, e o poço é fundo; donde, pois, tens essa água viva?"
12. És tu, porventura, maior que nosso pai Jacó, que nos deu este poço, do qual bebeu ele, seus filhos e seu gado"?
13. Replicou-lhe Jesus: "Todo o que bebe desta água, tornará a ter sede.
14. Mas quem beber da água que eu lhe der, não terá mais sede no futuro; mas a água que eu lhe der, se tornará nele uma fonte de água que mana para a vida imanente".
15. Disse-lhe a mulher: "Senhor, dá-me dessa água, para que eu não tenha mais sede, nem venha aqui tirá-la".
16. Disse-lhe ele: "Vai, chama teu marido e vem cá".
17. Respondeu a mulher: "Não tenho marido". Replicou-lhe Jesus: "Disseste bem que não tens marido.
18. Porque tiveste cinco maridos, e o que agora tens não é teu marido: isso disseste com verdade".
19. Disse-lhe a mulher: "Senhor, vejo que és profeta.
20. Nossos pais adoraram neste monte, e vós dizeis que em Jerusalém é o lugar onde se deve adorar".
21. Disse-lhe Jesus: "Mulher, acredita-me, vem a hora em que nem neste monte, nem em Jerusalém adorareis o Pai.
22. Vós adorais o que não sabeis, nós adoramos o que sabemos, pois a salvação é dos judeus.
23. Mas vem a hora - e é agora - em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em verdadeiro espírito; porque são esses que o Pai procura para seus adoradores.
24. Deus é o Espírito; e os que o adoram, precisam adorá-lo em verdadeiro espírito".
25. Respondeu a mulher: "Eu sei que vem o Messias (que se chama o Cristo); quando ele vier, anunciar-nos-á todas as coisas".

26. Disse-lhe Jesus: "Sou eu: o que fala contigo".



FIGURA "A Samaritana"

O itinerário de Jesus, ao regressar da Judéia para a Galiléia, foi diferente da estrada comum. Estaria coinscientemente escapando a algum cerco?

Vindo do vale do Jordão, para chegar a Samaria, teve que penetrar nos "ouadis" *Aqrabeth* ou *Beit-Dedjan*, caminho muito mais árduo, porque O obrigava a penosa subida por senda pedregosa (e de pedras pontudas), até atingir a planície de *Mahné*, onde se situava Sicar (que não deve confundir-se

com Siquém, tantas vezes visitada pelos patriarcas, cfr. Gên.12:6; 33:18 etc.). Realmente o encontro não se deu em Siquém, cidade abundante de água, mas em Sicar (hoje *el-Akar*). Já o "Peregrino de Bordeaux", no ano 333, distinguia as duas localidades (cfr. A. Neubauer, "Geographie du Talmud", Paris, 1868, pág.169-171).

O poço de Jacó ficava a menos de cinco minutos ao sul da cidadezinha, ainda habitada na época de Jesus. Esse poço captava uma fonte subterrânea; daí empregar o evangelista, indiferentemente, ora "*phéar*" (poço), "*pégé*" (fonte).

Quando Jesus chegou ao pé da fonte, estava cansado (*kekopiakôs*) da íngreme ladeira que galgara, e sentou-se (literalmente "deixou-se cair" (*ekathedzeto*) com toda sencerimônia, sobre a borda do poço ou ao lado dele.

João não deixa de anotar (sempre os números!) a hora: era a hora "sexta", ou seja, cerca do meio-dia. Bom lugar para um repouso, a essa hora escaldante. Enquanto o Mestre repousava, seus discípulos vão pouco além, à cidade, para buscar alimentos.

Nesse interim, aproxima-se uma mulher da região da Samaria, hoje denominada *Sebastieh*, "samaritana". Não vinha da cidade de que ficava a 12 kms de Sicar.

Comum era o hábito de buscar água em ânforas, nos poços. O poço de Jacob mede 39 metros de profundidade, e só quem possua uma corda bastante longa poderá haurir água. Ora, os viajantes não costumam carregar tais apetrechos, pois ninguém recusa uma pouca d'água a um peregrino sedento.

Jesus solicita esse obséquio da samaritana. Acontece que, entre samaritanos e judeus havia animosidade de longa data, recrudescida após o cativoiro, quando os companheiros de Zorobabel recusaram que os samaritanos colaborassem na restauração do templo (Esdras.4:1-5). Mais tarde, o sacerdote Manassés, expulso de Jerusalém, estabeleceu um templo no monte Garizim, servido por clero regular, rivalizando com Jerusalém (Ant.Jud.11.7,2) o que fez mais tensas as relações. Os judeus equiparavam os samaritanos aos "filisteus", a tal ponto que o Eclesiástico (50:27-28) diz: "há duas nações que minha alma detesta, e a terceira nem é uma nação: os que moram na montanha de Seir, os filisteus e o povo insensato que habita Siquém". Os samaritanos de seu lado não poupavam os judeus (Josefo, Ant. Jud.8.2, 2 e 20, 6, 1).

Tudo justifica, pois, a surpresa da samaritana, ao ouvir que Jesus falava com ela. Que era um galileu, manifestava-o seu sotaque (cfr. Mat.26:73) e as borlas de seu manto (cfr.9:20 e Mr. 6:56). Embora sem recusar a água, faz-lhe sentir sua estranheza.

Jesus, que nela viu um espírito de escol, capaz de penetrar os "mistérios do Reino", aproveita a circunstância para esclarecê-la; e de tal modo a impressiona, que sua evolução daí por diante se fez quase vertical, pois quinze séculos após ela se chamaria Teresa de Ávila, a única mulher que recebeu, da igreja católica, o título de "doutora da igreja", a "doutora seráfica", uma das maiores místicas que honraram e dignificaram a raça humana no ocidente.

Começa o Rabbi dizendo "se souberas (*ει ηδεις*, condição não realizada no presente) o *dom* de Deus, tu Lhe pedirias de beber, e Ele te daria a água viva". Evidente tratar-se de um simbolismo, notável sobretudo numa região pobre de água. A samaritana, porém, não percebe o simbolismo (tal como ocorreria com Nicodemos) e interpreta ao pé da letra, embora lhe tenha dado, agora, o título de Senhor, reconhecendo-Lhe a superioridade incontestável.

Ao verificar que não era compreendido, Jesus volta à prática pedindo que ela chame seu marido, ao que ela confessa não tê-lo. Jesus confirma-o, declarando que já tivera cinco, e que o atual lhe não pertencia. Admirada, confessa a samaritana ver nele um "Profeta" (médium), com capacidade de conhecer a vida íntima das criaturas.

Tendo entrado no terreno religioso, a samaritana aproveita para pedir que Jesus dirima a questão, declarando quem está certo: os judeus, que celebram seu culto em Jerusalém, ou os samaritanos, que o fazem no monte Garizim, no local do templo construído por Manassés em 400 A.C., mas destruído em 129 A.C. por João Hircan.

Ainda hoje os samaritanos celebram sua páscoa nesse monte. A cena passa-se no sopé do Garizim e do Hebal onde está o poço de Jacó.

A samaritana opõe “vós” (os judeus modernos, de sua época), a “nossos pais”, que representavam a tradição milenar do tronco comum das duas facções; porque tanto Abraão quanto Jacó erigiram altares em Siquém (cfr. Gên.12:7 e 33:20) e Josué' o fez no monte Hebal (Deut.27:4); mas nesse local, no Pentateuco samaritano, aparece o nome do monte Garizim. Entretanto, os judeus fundamentavam-se em David e Salomão para defender o templo de Jerusalém.

Esse desvio “teológico” deve ter aliviado a tensão da samaritana, temerosa de maiores verificações em sua vida particular. Jesus pede-lhe que “acredite nele”, como profeta que ela mesma reconhece, e passa a fazer-lhe revelações.

Em primeiro lugar, declara taxativamente que não tem importância o LUGAR físico e geográfico do culto ao Pai. Em segundo lugar, afirma que os samaritanos adoram o verdadeiro Deus, sem dúvida, mas não conhecem; ao passo que “nós” (os judeus) - e Jesus viveu a religião judaica do nascimento à morte, confessando-se abertamente filiado a essa religião: nós os judeus - sabemos o que adoramos. E, categórico: “a salvação É DOS JUDEUS”.

Mas, prossegue o Mestre, virá a hora - e é AGORA - em que os verdadeiros adoradores O cultuarão em espírito, pois esta é a Vontade divina. Mais uma vez nos afastamos totalmente das traduções vulgares tradicionais que trazem: “em espírito E verdade”. Preferimos “em espírito verdadeiro” ou “em verdadeiro espírito”, pois trata-se, sem sombra de dúvida, de uma hendiades (veja vol. 1, pág. XII), como, por exemplo, em Sófocles (Ajax.145): *βοτα και λειαν* isto é, “o gado e a pilhagem”, significando “o gado pilhado”. Espírito VERDADEIRO, no sentido de Espírito MESMO, sem mistura de matéria, nem intelecto, nem emoções, nem sensações.

De qualquer forma, Jesus prega abertamente o universalismo: o Pai comum de TODOS OS HOMENS será adorado em qualquer lugar físico, pois o verdadeiro templo de Deus é nosso próprio espírito e nosso corpo (cfr. Rom.8:9,11; 1 Cor.3:16,17 e 6:19; 2 Cor. 6:16; 2 Tim.1:14 e Tiago 4:5). Não há mais necessidade de templos e igrejas, sinagogas nem “centros” mesquitas nem pagodes; nada mais de liturgias, fórmulas sacramentais e sacramentos, pompas e solenidades: os verdadeiros adoradores rejeitam tudo isso, e adoram em ESPÍRITO VERDADEIRO. Adorar a Deus em verdadeiro espírito, é adorá-lo verdadeiramente. Ao passo que os ritos, liturgias e gestos mágicos trazem o terrível perigo de materializar, e portanto mecanizar, o culto. E contra essa mecanização, sempre protestaram os mestres (cfr. Oseas. 6:6; Amós, 5:20-26; Isaías, 1:11-17; Salmo 50:7-23), e o próprio Jesus (Mat.15:8 e Marc.7:6).

Nem se trata, apenas, de que “agradam” a Deus esses adoradores: não Diz que o pai os PROCURA (*dzetei*), porque, sendo o ESPÍRITO, só o Espírito pode com Ele sintonizar. Como pode Deus, o Pensamento Universal, “procurar”? Pela impulsão interna, levando as criaturas a uma evolução constante, até atingir o ápice supremo da perfeição espiritual.

A expressão de Jesus é clara: Deus é O ESPÍRITO (*πνευμα ο θεος*). A colocação do predicativo antes do verbo, sem artigo, equivale simplesmente pela posição, a um elemento *determinado*. Portanto, não é UM espírito, mas O espírito, que é O amor. Quando em atividade, torna-se O amante que produz (Pai ou Verbo), e o resultado é O amado (Filho). Daí o tríplice aspecto (trindade) de Deus, que foi invertido pelos que não conheciam a doutrina profunda de Jesus, e que, no entanto, está tão clara nos Evangelhos.

Nessa amplitude de visão universalista, a querela entre judeus e samaritanos toma a proporção de minúscula discordância de personalidades vaidosas, sem importância alguma.

Diante do exposto, a samaritana indaga a respeito do Messias aguardado por eles (com a palavra TAHEB, que significa “O que volta”) como pelo judeus. A tradução para o grego é uma explicação do evangelista.

Nesse ponto, Jesus declara sem reboços: “sou Eu, quem fala contigo” Foi feita a revelação.

No início (vers 11) a samaritana o julga um grande homem (Senhor) mais tarde (vers.19), chega à conclusão de que se trata de um inspirado (Profeta); e finalmente (vers.26) nele reconhece o ungido (Messias ou Cristo). Deu-lhe, pois, a explicação de Suas primeiras palavras: "Se souberas QUEM fala contigo!!" ...

Todo o episódio narrado no cap. 4.º de João, referente à samaritana, está repleto de lições maravilhosas.

Não quer isto dizer que se não tenha realizado o fato relatado pelo evangelista. Absolutamente, o fato realizou-se na esfera terrena. Realmente os pormenores se verificaram, como em todas as outras cenas apontadas pelos evangelistas. Pretendem alguns que TUDO seja simbolismo. Não aceitamos. Acreditamos firmemente que todas as cenas narradas nos Evangelhos são REAIS, foram vividas no plano terreno, material. Mas Jesus era tão adiantado que saiba aproveitar todas as ocasiões para dar lições. Encaminhava os acontecimentos de forma a que deles, quem no pudesse, extrairia lições para a individualidade; e quem no não alcançasse, tiraria lições para a personalidade. Daí ter falado sempre em parábolas, enquanto outros ensinamentos eram vividos. Também os evangelistas, mais tarde, souberam ESCOLHER aquilo que deviam revelar, pois nem tudo disseram do que fez Jesus em Sua passagem pela Terra, pois "se o fizessem, o planeta não comportaria os livros necessários para narrá-los" (João, 21:25).

Uma vista geral e rápida ao significado das palavras. Samaria, em hebraico (shomron) significa "vigilância". Sicar quer dizer "bebida inebriante", ou "inebriado". Reconhecemos nessa raiz a mesma do árabe que deu origem ao nosso "açúcar". Saindo, então, Jesus do "louvor a Deus" (Judéia), dirige-se para o "Jardim fechado" (Galiléia). Mas quis atravessar o monte da "vigilância" (Samaria). E nessa vigilância chega a ficar "inebriado" (Sicar) de amor, já na região da "fonte" ou "Poço" que "O vencedor" (Jacó) dera a seu filho, isto é, "a quem Deus aumenta", (José).

Vamos à interpretação.

Jesus é a individualidade, o CRISTO INTERNO. Quando a alma está "vigilante" (samaritana) e chega a "hora sexta" (antes do Grande Encontro da hora sétima), essa Alma Vigilante vai ao "poço" (ao coração), porque está sedenta de amor divino. E aí ela encontra "sentado" ao pé do poço, (habitando no coração) aguardando-a, o Cristo Interno, o Eu profundo, também SEDENTO. E a individualidade, esse Eu profundo, pede-lhe de beber, pede à Alma Vigilante que Lhe entregue seu amor, para que Sua sede seja saciada.

Todo o episódio retrata, pois, uma lição sobre o Mergulho na Consciência Cósmica, o Encontro com o Eu profundo, no poço do coração, obtido pelo espírito VIGILANTE.

Primeiramente há um equívoco natural: a Alma Vigilante estranha o chamamento de alguém que ela ainda não encontrara, um Desconhecido. Ela acostumara-se a percorrer as áreas do amor profano nos leitos conjugais; do amor desinteressado, nos filhos que gerara; do amor sublimado nas devoções ritualísticas sonoras de solenes notas de órgão; do amor divino nos claustros segregados do bulício do mundo. E agora eis que faceta nova à sua frente se apresenta. Um "Estranho"! ...

Mas esse Estranho é belo e é suave como a tarde a descambar ... é puro como a aurora que silenciosamente arranca os véus da noite, desnudando os céus para o esponsalício com o Sol ... E esse Estranho diz-lhe que lhe poderá dar "água viva" ... Realmente, todas as águas que anteriormente com sofreguidão bebera para saciar seu amor, jamais a deixaram satisfeita: queria sempre mais; e depois de ter mais, vinha o tédio ... E o Estranho promete que se ela O "conhecer" profundamente, Ele saciará sua sede para sempre!

Ingênua, retruca-lhe que o "poço é fundo": realmente o coração do homem é abismo insondável, é infinito, e só com o infinito pode ser saciado definitivamente.

Será o Desconhecido maior que o "vencedor" que deu à humanidade liturgias, ritos e pompas religiosas? O Cristo Interno demonstra que todos os que bebem da água das exterioridades transitórias da

personalidade continuam tendo sede; apenas aqueles que se unem a Ele, que O "conhecem", imergindo ou mergulhando na Consciência Cósmica, só esses é que jamais terão sede, porque nessa mesma Alma Vigilante surgirá uma fonte perene de água viva, que virá do fundo do "poço" de seu coração e manará sem intermitências para a Vida Imanente, para a vida interna, para a vida do Espírito.

Nesse diálogo sublime e inenarrável, a Alma Vigilante sente os pormenores de beleza inefável (só quem no experimenta pode avaliá-lo !) pede ansiosamente, qual "mendigo do espírito", que lhe seja dada essa água, para que ela jamais sinta a solidão, jamais volte a ficar sedenta de amor.

Então o Cristo Interno lhe pergunta pelo "marido", ou seja, por aquele a quem ela ama. E a Alma diz que, no momento, não no possui. "Com verdade respondes", fala o Cristo Interno: "pois CINCO tiveste, e o atual não é teu" ! Realmente, na peregrinação longa pelos caminhos da Terra, a Alma vai desposando numerosas crenças (lembremo-nos de que "adúltero", na Bíblia, é o povo que trai YHWH para unir-se a outras "deuses"). Afirma o Cristo Interno, que acompanha a Alma desde o início, que ela tivera CINCO crenças, e que a SEXTA (sempre a numerologia !), que era a dos samaritanos, não era a legítima: a verdadeira, o marido real e legítimo, seria justamente o SÉTIMO, o amante perfeito, ele mesmo, o Cristo Interno, representado pelo judeu que com ela se entretinha em colóquio amoroso, tentando conquistá-la.

Essa mesma passagem, todavia, pode ser interpretada melhor, com mais verdade compreendendo-se que o Cristo Interno queria dizer que "os cinco maridos" que tivera, referiam-se às suas ilusões, quando pensara que era: 1) seu próprio corpo; 2) suas sensações; 3) suas emoções; 4) seu intelecto; 5) seu "espírito"; todos eles eram "falsos", no sentido de transitórios e ilusórios. O próprio "sexto" marido atual, a mente, (que a levava a mergulhar no coração - poço - na busca da Cristo), esse mesmo não era legítimo, pois só a Centelha Divina, o Eu profundo, é que pode dizer-se o VERDADEIRO EU, o verdadeiro Espírito.

O que seria ilógico e incompreensível, se não fossem esses sentidos ocultos de uma lição maior, seria Jesus pular de um assunto (água viva) a outro: "chama teu marido", sem nenhum nexos, sem qualquer sequência. No meio dessas lições maravilhosas, que tinha que ver o "marido"? Essas aparentes ilogicalidades é que nos convencem de que a lição é muito mais profunda do que o que vemos na letra fria do texto.

A alma, iludida ainda pelas aparências, indaga a respeito da verdadeira crença, e o Cristo Interno esclarece que a salvação (o Caminho) é DOS JUDEUS, através do máximo Enviado, do maior dos Manifestantes divinos na Terra, Jesus de Nazaré. Mas, logo a seguir esclarece que nenhuma crença, nenhuma religião poderá salvar quem quer que seja: o Pai PROCURA com ânsia amorosa aqueles que O amam em verdadeiro Espírito, sem nenhuma interferência material, nem sensitiva, nem emocional, nem intelectual, nem mesmo espiritual-religiosa: é o Espírito Verdadeiro o único que poderá unificar-se ao Cristo Interno, à Consciência Cósmica.

A alma reconhece, finalmente, na Voz interna do coração o verdadeiro Cristo Cósmico, manifestado DENTRO DE NÓS; e para ela abre-se a Luz sublime da compreensão: é ESSE Cristo que é o verdadeiro "Caminho da Verdade e da Vida" (João, 14:6); Ele ensinar-nos-á todas as coisas (João, 14:26). E o Cristo Interno confirma a sensação íntima da alma vigilante e amorosa: "sou Eu ... que falo contigo, sou o CRISTO DE DEUS" !

O amor que se expande do coração da Alma Vigilante não tem medida: atingiu o ápice da felicidade que pode uma alma humana suportar., encontrou o Caminho definitivo, a alma gêmea da sua alma, e a União é total e absoluta, por todos os séculos, liberta já de toda sede espúria: tem tudo; a alegria, a felicidade, o AMOR (que é DEUS) permeando-lhe, já agora conscientemente, todas as células. Já era então a hora sétima, a perfeição total e absoluta !

E desse encontro a Alma Vigilante se recordaria e reviveria ainda, quinze séculos após, expandindo seu amor com estas palavras:

"Alma, tens que procurar-te em Mim, e a Mim, hás de procurar-me em ti".

(Teresa de Avila, "Búscate en mí", Obras, vol. 2.º, pág. 957).

ESPANTO DOS DISCÍPULOS

João, 4:27-38

27. Nisto chegaram seus discípulos, e admiraram-se de que estivesse falando com uma mulher; ninguém, todavia lhe perguntou: "que procuras ou que falas com ela"?
28. A mulher deixou o cântaro, foi à cidade e disse aos homens:
29. "Vinde ver um homem que contou tudo o que fiz: será este, porventura, o Cristo"?
30. Saíram da cidade e vieram ter com ele.
31. Entretanto os discípulos lhe rogavam dizendo: "Rabi, come"!
32. Mas ele lhes respondeu: "Eu tenho para comer um manjar que vós não sabeis".
33. Os discípulos, pois, diziam uns aos outros: "Será que alguém lhe trouxe de comer"?
34. Disse-lhes Jesus: "Meu alimento é fazer eu a vontade daquele que me enviou, e completar sua obra.
35. Não dizeis vós: "ainda quatro meses e chegará a ceifa"? Pois eu vos digo: "Erguei vossos olhos e contemplai estes campos, que já estão brancos para a ceifa".
36. O ceifador recebe salário e ajunta fruto para a vida imanente, a fim de que ambos, ele o semeador, juntamente se regozijem.
37. Porque nisto é verdadeiro o ditado: "Um é o que semeia, e outro o que ceifa".
38. Eu vos envie a colher aquilo em que não tendes trabalhado; outros trabalharam, e vós entrastes em seu trabalho".

Recordemos que, com Jesus, havia apenas cinco discípulos: os irmãos Pedro e André, João, Natanael e Filipe. Não era o "colégio apostólico", que não fora constituído. Acompanhavam a Jesus sem compromisso formal, tanta que voltaram a seus afazeres na barca. Pouco mais tarde é que Jesus os convoca oficialmente, para o serviço ativo do "reino".

A samaritana, impressionada com as palavras de Jesus, corre a dizê-lo à população, sempre com aquele típico exagero feminino: "contou-me TUDO o que fiz" ...

Mas, depois que saíra esbaforida, deixando até a ânfora ao pé do poço, pois podia-lhe estorvar a caminhada, vêm as explicações de Jesus aos discípulos, espantados de vê-Lo a entreter-se interessadamente com uma mulher e, ainda por cima, "samaritana" ... Esse reparo não deve fazer-nos supor que Jesus fosse um misógino, isto é, que tivesse aversão ou horror às mulheres. Nada disso: por onde ia, acompanhava-o um grupo de mulheres para servi-Lo, talvez até contando-se entre as que O acompanhavam suas irmãs (Joana, Maria e Salomé?) A admiração provém do fato de Jesus, um Rabbi, entreter-se publicamente com uma mulher do povo e desconhecida. Também não se refere, como dizem alguns comentadores, à "má vida" da samaritana, que deles não era conhecida; mesmo porque, embora tivesse mudado "de marido", não era absolutamente o que pudesse chamar-se mulher "pública". Bem longe disso.

Mas os discípulos respeitaram a atitude do Mestre, e nenhum deles ousou, como anota o evangelista, "interrogá-Lo" e, muito menos, criticá-Lo (como é tão comum hoje em todos os círculos espiritualistas: se um elemento aborrece ou tem raiva de alguém, todos acham muito natural; mas se *gosta* de al-

guém, chovem as críticas e todos se afastam; e no entanto, ele cumpre a lei do amor! A humanidade está muito atrasada, realmente).

Embora houvesse pedido água, por estar com sede, Jesus recusa comer: não sente mais o vazio do apetite material, pois a satisfação de seu espírito se estendera a todos os veículos, até mesmo no físico. O Amor também alimenta! O desejo, não: até aumenta o apetite. Mas o Amor é saciedade e, por ser tal, satisfaz totalmente.

Os discípulos não compreenderam a causa. Alguém, talvez a própria mulher, Lhe teria trazido de comer? Jesus explica: o alimento principal do Espírito é fazer a vontade Daquele que O enviou. Mais tarde ensinaria "procurai em primeiro lugar o reino de Deus e Sua justiça e tudo o mais vos será dado por acréscimo" (Mt.6:33).

Depois vem uma lição de profundidade, otimamente colhida no panorama que se estendia a seus pés no vale, talvez provocada pela observação de um dos discípulos: "ainda quatro meses e chegará a ceifa". A planície, contemplada do alto, devia aparecer pejada de espigas nos trigais, que começavam a amadurecer aos mais ardorosos sóis da primavera, que já se preparava para o verão, num exuberante junho palestinese. Note-se que, nessa região, ao invés de amarelecer como na Europa, o trigo assume uma tonalidade branquiça.

"Olhem, pois, e vejam que já está esbranquiçando o trigo, que está quase maduro". E daí à lição do ceifador, que se empregava por tarefa para a colheita. Na realidade, o provérbio "um semeia e outro colhe" provinha justamente do fato de que, para as colheitas, eram contratados trabalhadores de fora, afim de que fosse ela completada dentro do prazo oportuno, sem correr o risco de estragar-se no pé.

O ceifador colhe, mediante salário, o que o semeador plantou, e ajunta no celeiro para o futuro. Assim na vida espiritual, a colheita é feita para a Vida Imanente, no Reino dos Céus.

E Jesus termina: "eu vos envie a colher num campo em que não trabalhastes: vós entrastes no trabalho dos outros". Referia-se à longa e penosa plantação que durante séculos e milênios vinha sendo feita na Terra pelos Manifestantes divinos, pelos Profetas, Mestres e Filósofos por todos os homens de Deus que aqui chegavam para preparar a humanidade para o grande passo.

Na época de Jesus, o Governador do Planeta escolhera alguns dos Espíritos mais aptos ao lançamento e à propagação de Sua doutrina e, a não ser João Evangelista, cujo espírito havia vivificado a personalidade de Samuel o profeta, parece que os outros não pertenciam realmente àquela estirpe de mestres espiritualizados. Com efeito, além de João, somente Pedro, do colégio dos doze, deixou marca indelével na propagação do cristianismo. De Levi conhecemos apenas o Evangelho; de André, Bartolomeu (Natanael), Judas Tadeu, Simão Zelotes, Tomé nada praticamente sabemos que tenham feito, para garantir-lhes posição de destaque; de Filipe, um aceno em Atos; de Tiago sabemos que um deles foi decapitado logo após a morte de Jesus e do outro que foi inspetor em Jerusalém durante alguns anos. Homens comuns, corajosos e trabalhadores, mas que ficavam a uma distância incalculável de um místico profundo como João, de um teólogo intelectualizado como Paulo, e de um administrador entusiasta como Pedro.

Argumentam alguns que a assertiva de Jesus é ponderoso argumento contra a reencarnação: os apóstolos (dizem) DEVIAM TER SIDO (caso houvesse reencarnação) os mesmos espíritos que animaram os profetas e enviados anteriores. Então, eles mesmos teriam plantado, e eles mesmos teriam vindo colher. Mas Jesus afirma categoricamente "VÓS colheis o que OUTROS plantaram".

Respondemos:

- I. em primeiro lugar, se sabemos que o espírito de João viveu como Samuel, nada sabemos dos outros, e o que realizaram não deu a entender que tivessem provindo dessa estirpe (embora nada impeça que o tenham sido);
- II. além disso as pessoas dos discípulos (que colhiam) nada tinha que ver com as pessoas dos profetas (que haviam plantado). E durante a encarnação, salvo raras exceções, a consciência indi-

vidual só está desperta na personalidade (consciência atual). Realmente, novas personalidades colhiam o que outras personalidades haviam plantado;

- III. aprofundando mais, e levando para o terreno das individualidades eternas, que seriam realmente as mesmas (caso eles tivessem sido os profetas) não foi o plantio feito propriamente pelos profetas - simples médiuns ou intermediários - mas pelos mestres e pelos sumos sacerdotes de antanho: Abraão, Isaac, Jacó, Moisés, Aarão, etc., cujos ensinamentos (plantio) era comentado pelos profetas;
- IV. e mais: os "semeadores" somavam várias centenas: os "ceifadores" seriam apenas doze; de qualquer forma, mesmo que também eles tivessem participado da sementeira, não tinham sido os únicos semeadores.

Então, de qualquer forma, eles "entravam" no trabalho dos outros.

Depois de toda expansão interna, a Alma Vigilante abandona tudo o que é material: larga o cântaro, e sai a correr, para fazer a todos partícipes de sua felicidade. E declara aos que encontra, que descobriu o Cristo (Interno), aquele que sabe e lhe disse tudo o que fez; aquele que conhecia sua vida mais do que ela mesma. E os que podiam interessar-se acorreram a ela, para que ela, que já descobrira os segredos do Caminho, os levasse ao Cristo. Foi o que ela fez.

Enquanto isso, os discípulos vão oferecer-Lhe outros manjares, que Ele recusa: estava alimentado de Amor, saciado de felicidade, pois desposara mais uma de suas criaturas.

A anotação do evangelista é bem típica: os "discípulos" se admiram de vê-Lo a falar com uma mulher. Vimos o que representavam os discípulos, na lição profundamente simbólica (veja pág.155 do volume 1.º): justamente aqueles que ainda estão apegados à personalidade, preparando-se para o Mergulho Profundo. Os que estão nesse ponto evolutivo, (que já saíram da "animalidade", mas ainda não penetraram a "individualidade"), esses com facilidade se admiram e "escandalizam" diante do Amor, embora sabendo que a LEI é AMAR ... Se encontram dois seres no caminho da espiritualidade que "e antipatizam, que se criticam, que se odeiam, acham natural e normal: é humano! Mas se encontrarem dois que SE AMAM, o escândalo é imenso, e todos fogem apavorados porque ... eles cumprem a Lei do Amor de Cristo! Bem típica a anotação do evangelista!

Jesus aproveita a circunstância para dar lições maravilhosas.

Como apaixonado pela numerologia, mais uma vez encontramos um ensinamento de João baseado nessa ciência, apresentando uma oposição: "VÓS DIZEIS, ainda quatro meses para a colheita". O arcano quatro exprime a lei da causalidade, ou seja, a ação da cadeia dos fenômenos ligados entre si; no plano divino, é o Sagrado Tetragrama YHWH que produziu, como causalidade, o mundo; no plano humano é a expressão do resultado das ações, simbolizado no quaternário inferior (personalidade), representado pela cruz do corpo do homem físico, com a "prisão" do material denso (forma), do etérico (sensações), do astral (emoções) e do mental concreto (intelecto). A doutrina dos discípulos era de que a raça humana ainda não estava apta à união com o divino, precisando de muito trabalho externo (ritos, liturgias, etc.), para "queimar primeiro o carma das ações pretéritas; por isso afirmam que "ainda faltam quatro meses para a colheita". Realmente, apesar de todos os ensinamentos e exemplos de Jesus, seus discípulos enveredaram por essa trilha, dando à humanidade (salvo raríssimas exceções), apenas os meios de resgatarem carmas mediante ações externas.

Mas Jesus opõe-se a eles com Sua doutrina: "pois EU VOS DIGO: erguei os olhos e contemplai os campos (das almas): vede que já estão brancos para a ceifa", estando muitos purificados (brancos), sem mancha. Já é hora, pois, de colher, de levá-las ao Cristo Interno para o Encontro Sublime.

O ceifador, isto é, aquele que colhe os frutos de sua sementeira, recebe o prêmio (salário) das obras praticadas e ajunta frutos para a Vida Imanente, ampliando o celeiro de seu coração, para nele recolher o Amor e expandi-lo de tal forma, que ele, o ceifador (o Espírito) e o semeador (o "espírito" ou personalidade), ambos juntamente se regozijem.

E o Mestre confirma o ditado: "um é o que semeia, outro o que colhe". Com efeito, a personalidade semeia na Terra suas ações boas e más, entretanto é a individualidade que colhe os frutos doces ou amargos. A personalidade esforça-se, estuda, aprende, semeando em si mesma a cultura, mas a individualidade é que colhe os resultados do conhecimento armazenado durante séculos. A personalidade semeia as experiências de suas numerosas e multifárias especializações, mas a individualidade recolhe e aproveita o aprendizado e a evolução.

Daí ter o Cristo Interno enviado seus discípulos, no papel de individualidades em desenvolvimento, para entrar no trabalho das personalidades anteriores, aproveitando o que elas executaram e aprenderam no decurso de suas vidas múltiplas e sucessivas.

JESUS COM OS SAMARITANOS

João, 4:39-42

- 39. Muitos samaritanos daquela cidade creram nele por causa das palavras da mulher, que atestara: 'Disse-me ele tudo o que fiz'.**
- 40. Quando, pois esses samaritanos vieram ter com Jesus, pediram-lhe que ficasse com eles. E passou ali dois dias.**
- 41. E muitos mais acreditaram, por causa das palavras de Jesus, e diziam à mulher:**
- 42. "Não é mais pelas tuas palavras que nós cremos, mas porque nós mesmos ouvimos e sabemos que este é verdadeiramente o salvador do mundo".**

A propaganda da samaritana excitou a curiosidade dos compatriotas, que acorreram pressurosos a ouvir o jovem profeta. Ficaram encantados e pediram que permanecesse com eles. Jesus acedeu, ficando dois dias (os números em João !).

Convencidos, testemunharam que "não era mais por informações", mas por verificação pessoal que passavam a crer. E brindam-No com o título de SALVADOR DO MUNDO, não apenas restrito a Israel, mas destinado a todos.

Não foi só a Alma Vigilante que aproveitou do contato com o Cristo Interno, no Sagrado Esponsalício: muitas outras criaturas, que estavam mais ou menos "vigilantes", aderiram ao anúncio da Boa-Nova que ela lhes dera, e foram ter com a individualidade. E, ao encontrar-se, pediram-Lhe que permanecesse com eles. Como o amadurecimento não era completo, só conseguiram a união por DOIS dias. O número DOIS, nos arcanos, representa o princípio feminino, isto é, a esfera da receptividade, o passivo, que, ao receber o princípio (o Um), produz o resultado (o Filho), perfazendo o ternário, que exprime um ciclo completo da obra. Como a permanência foi de DOIS dias, isto significa que o resultado (o Encontro) não foi obtido totalmente.

No entanto, mesmo esses dois dias de contato com o Cristo, fazem que essas almas "vigilantes", que tinham chegado ao contato por meio da palavra da primeira, confessem: o contato pessoal fez-nos sentir que realmente o Cristo Interno é o Salvador da Humanidade, é o "Caminho da Verdade e da Vida".

VISITA A NAZARÉ

(maio/junho de 29 AD)

João, 4:43

43. Depois desses dois dias, partiu dali para a Galiléia.

Luc. 4:16-22a

- 16. E foi a Nazaré, onde se tinha criado; no sábado, entrou na sinagoga, segundo seu costume, e levantou-se para ler.**
- 17. Foi-lhe entregue o livro do profeta Isaías e, tendo-o desenrolado, achou o lugar em que estava escrito:**
- 18. "Um espírito do Senhor está sobre mim: por cujo motivo me ungiu par anunciar boas notícias aos mendigos; enviou-me para proclamar libertação dos cativos, restauração da vista aos cegos e para por em liberdade os oprimidos,**
- 19. e proclamar o ano aceitável ao Senhor".**
- 20. Tendo enrolado o pergaminho, entregou-o ao assistente e sentou-se; e todos, na sinagoga, tinham os olhares fixos nele.**

João, 4:45

- 45. Assim, quando chegou à Galiléia, os galileus o receberam bem, porque tinham visto tudo o que ele fizera em Jerusalém na ocasião da festa, pois eles também tinham ido à festa.**

Da Samaria, segue Jesus para a Galiléia, parando em Nazaré, onde, diz o evangelista, passou a primeira infância (literalmente, "onde foi alimentado", no sentido de "onde foi criado").

Nota o autor, que Jesus foi à sinagoga no sábado, "como era seu costume". Como israelita cem por cento, jamais deixou de cumprir rigorosamente - do nascimento até a morte - todos os preceitos da lei mosaica. Se sempre foi, confessou e praticou a religião israelita, como afirmar que fundou nova religião? Jamais o fez. Confirmou o mosaísmo e declarou ter vindo para completar a lei. Apenas, dentro da religião mosaica, ampliou a visão, ensinando preceitos novos e revelando mais alguns "segredos do Reino". Numa palavra, deu um "código científico de vida". Bem sabia o Mestre que não é a religião que salva ou que faz evoluir: é a ação pessoal de cada um, servindo a religião apenas de "trilho" para facilitar a caminhada da personalidade. Daí, qualquer religião ser aceitável a Deus, pois Deus é um só e não faz acepção de pessoas. Não é o rótulo que importa: é o conteúdo do frasco.

Tendo agora regressado de Jerusalém, onde tivera atuação rápida porém marcante, seus compatriotas já o olhavam com admiração. Assim, após a leitura da Torah, quando chegou a vez de ser dada a palavra aos assistentes que desejassem dizer alguma coisa, foi entregue a Jesus o rolo de Isaías. Jesus desenrolou-o e foi até o capítulo 61, onde começou a leitura.

Há algumas observações a fazer.

1.^a - O texto lido jamais foi considerado uma *hapharah* oficial, isto é, um trecho cuja leitura fosse estabelecida pela tradição, segundo a ordem de Esdras.

2.^a - Ao invés do texto hebraico de Isaías, a citação é feita pelo grego dos LXX. Na realidade, era mais comum o grego que o hebraico, na Galiléia. Mas, nas recentes descobertas nas grutas de "Qumr'am" (Mar Morto), foi encontrado um texto hebraico de Isaías que é mais conforme ao grego dos LXX do que ao original massorético supondo-se, então, que esse texto recém-encontrado tenha sido o original, do qual foi feita a tradução.

3.^a - O texto não é citado na íntegra. Não aparece a frase "curar os corações espesinhados" (vers.1) nem "o dia da retribuição" (vers.2); mas, entre um e outro, há a frase "para proclamar a libertação dos oprimidos", que pertence ao cap. 58 vers.6, do mesmo Isaías. Essas modificações do original teriam sido ocasionadas por traição da memória do evangelista que, não sendo judeu não o tinha bem de cor, nem possuía o texto para confrontar? Aliás, não estava fazendo trabalho de crítica hermenêutica, mas apenas de instrução espiritual.

Todos esses trechos de Isaías referem-se ao "Servo de YHWH", na era messiânica.

Note-se a frase de Isaías, confessando-se "médium", quando diz "um espírito do Senhor está sobre mim", ou seja, "estou recebendo um espírito enviado do alto". Portanto, simples intermediário.

Terminada a leitura, Jesus entrega o livro ao *hazzan* (assistente) e senta-se para explicar. Os compatriotas ficam alertas, os olhos presos ao jovem que haviam visto menino a brincar nas ruas. E Yahsua Ben- Yosef começa: "Hoje cumpriu-se esta profecia a vossos ouvidos".

Logicamente, muito mais deve ter dito. Lucas apresenta-nos um resumo. De qualquer forma, as palavras impressionaram favoravelmente o auditório atento e amigo, despertando a satisfação e o orgulho de ver um "dos seus" que falava tão belas palavras de amor. As traduções comuns trazem "palavras cheias de graça", o que pode dar a falsa idéia de que Jesus tivesse feito humorismo. Ora, o texto original diz bem claramente *lógois tês cháritos*, ou seja, "palavras de amor".

Além de tudo, a fama que chegara de Jerusalém, trazida pelos galileus que lá haviam estado, narrando os acontecimentos com os naturais exageros, predisponha-os à admiração.

Jesus, porém, não se demora lá: após essa visita à sua cidade, à sua mãe e a seus irmãos e irmãs, partem para Cafarnaum à beira do lago, passando antes, todavia, pela simpática cidadezinha da Caná.

Depois da festa iniciática no Monte da Vigilância (Samaria), Jesus recolhe-se novamente ao "Jardim Fechado" (Galiléia) e fala aos "consagrados a Deus" (nazireus), entre os quais se havia criado, comentando o profeta Isaías.

A reunião ("sinagoga" é palavra grega que significa "reunião" ou, por extensão, "lugar de reunião"), é feita no dia do "repouso" ("sábado" exprime exatamente "repouso"), repouso das ocupações materiais. O estabelecimento de um dia de repouso para a personalidade (trabalhos externos) mostra-nos a necessidade que temos de parar intermitentemente as atividades personalísticas, para dedicar-nos tão só às do Eu Profundo, na leitura e sobretudo na meditação sobre textos de Mestres. Nada de transformar esse descanso da personalidade em outras atividades personalísticas de culto externo e ritualístico: temos que alimentar o Espírito. E por isso os judeus nas sinagogas (e Jesus o exemplifica) limitavam-se a ler e comentar os livros revelados (mediúnicos).

O texto de Isaías foi escolhido: suas palavras revelam a doutrina de Jesus, já preconizada por Isaías, um dos maiores profetas (médiuns) que apareceu na Terra.

Começa esclarecendo que "um espírito (em grego sem artigo) do Senhor está sobre ele", ou seja, declarando aberta e taxativamente que se encontrava mediunizado, recebendo um "espírito", que é bom e elevado ("do Senhor"). Esse "espírito o ungiu", ou seja, o cristificou, para que ele pudesse realizar sua missão. Observemos que o médium (profeta) não age por si: é intermediário. Não alcançou por si mesmo a cristificação (pois nesse caso seria "mestre", e não mediano). Daí a necessidade de que venha "sobre ele", envolvendo-o, um "espírito do Senhor", para ungi-lo, com a finalidade de sustentá-lo para boa execução dos trabalhos espirituais. Na falta de mestres encarnados na Terra, os "espíritos

do Senhor" servem-se de instrumentos aptos a substituí-los. E a prova é que, por vezes, quando o "espírito do Senhor" se retira, os intermediários fraquejam.

E a tarefa era anunciar "as boas notícias" ou "evangelho" aos mendigos.

Não aos mendigos materiais, de moedas ou de pão, mas aos "mendigos do espírito", àqueles que sentem fome e sede de espírito e o mendigam ao Pai. Nesse mesmo sentido Jesus proferiu a bem aventurança: "felizes os mendigos do espírito (ptôchoi tõi pneúmati) ou seja, os que mendigam com lágrimas o dom do espírito. A esses sequiosos de espiritualizar-se, serão dadas as "boas notícias".

Então o profeta anuncia que vem proclamar a "libertação dos que estão cativos" na matéria, a restauração da vista espiritual aos que estão cegos, sem ver a verdade; mais ainda, para por em liberdade os oprimidos pela carne, pois doravante terão a faculdade de, mergulhando na Consciência Cósmica, não mais sentirem o peso da matéria que lhes oprime a mente e o espírito, conforme dizia "o sábio" no Livro da Sabedoria (9:15) "o corpo que se corrompe (que se coagula na matéria) pesa sobre a alma, e esta habitação terrestre abate o espírito que pensa muitas coisas".

Além disso, vem proclamar o ano (isto é, a época) aceitável ao Senhor, pois Ele só espera a preparação do homem para aceitá-lo e nele manifestar-se.

Jesus, a seguir, revela que chegou o momento de cumprir-se a Escritura. A individualidade é que sabe e pode declarar ao homem que chegou o momento de realizar o Encontro Sublime.

O evangelista, sem reproduzir as palavras proferidas por Jesus, declara que todos ficaram encantados com as palavras de amor que procediam de Sua boca, tal como o ficam todos aqueles que tem a felicidade de ouvir as misteriosas palavras silenciosas e consoladoras que o Cristo Interno profere no mais recôndito do coração humano, e que chegam em ondas benéficas ao cérebro inebriando de gozo o intelecto da personalidade.

CURA DO FILHO DO OFICIAL DE HERODES

João, 4:46-54

46. Voltou, então, a Caná da Galiléia, onde fizera da água vinho. Ora, ali se achava um oficial do rei, cujo filho estava doente em Cafarnaum.
47. Esse homem, ao saber que Jesus tinha regressado da Judéia para a Galiléia, foi ter com ele e rogou-lhe que descesse para curar seu filho, porque estava à morte.
48. Disse-lhe Jesus: "Se não virdes demonstrações e prodígios, de modo algum acreditais".
49. Rogou-lhe o oficial: "Desce, Senhor, antes que meu filho morra".
50. Disse-lhe Jesus: "Vai. Teu filho vive". O homem acreditou na palavra que Jesus lhe dissera e retirou-se.
51. Já descia ele, quando seus servos lhe vieram ao encontro, dizendo que seu filho vivia.
52. Perguntou-lhes, então, a que hora se sentira ele melhor. E eles responderam: 'Ontem, à sétima hora, a febre o deixou".
53. Reconheceu, então, o pai ser aquela a mesma hora em que Jesus dissera: 'Teu filho vive". E acreditou ele e toda a sua casa.
54. Vindo de novo da Judéia para a Galiléia, esta foi a segunda demonstração que fez Jesus.

Chegando a Caná (o evangelista não nos dá a razão dessa visita), só um fato é salientado: uma cura a distância. Examinemos os pormenores.

Oficial do rei (em grego *basilikós*) exprime o que hoje chamamos um "palaciano", alguém que estava a serviço do tetrarca Herodes, denominado "rei" por adulação.

Os exegetas discutem quem teria sido, e as opiniões, embora sem provas, tendem para identificá-lo com Cusa (*Hôzay*), intendente de Herodes, cuja esposa Joana, juntamente com outras mulheres (cfr. Luc.8:3 e Mr.15:40) acompanhavam Jesus, ajudando o grupo de seus discípulos, quer financeiramente quer sobretudo em serviços próprios ao sexo, como cuidar da alimentação e da roupa.

Habitando em Cafarnaum, e sabendo que Jesus passara para Caná, Cusa sobe até lá (são 33 quilômetros de subida íngreme) até que descobre o Mestre. E, sem reбуços, solicita o favor em benefício do filho à morte.

A resposta de Jesus transparece imbuída de tristeza: não viera para as personalidades, mas para ensinar à individualidade o caminho da libertação, e no entanto todos só se preocupam com seus corpos ... Se não vissem demonstrações de poder, não criam ... Mas o oficial estava aflito, e não quer saber de conversa: "vem logo, Mestre, antes que meu filho morra" ! ...

É o grito angustiante de um pai que colocou em Jesus a última esperança, mas julga que só com Sua presença física Lhe seria possível realizar a cura. Calmo e cômico de Sua Força Cósmica, Jesus lhe assegura que o filho está salvo.

Aqui entra a fé do oficial. Acreditou e aceitou. E imediatamente regressa, descendo de Caná. Ao chegar à beira do planalto, quando começou a descer (a diferença de altitude entre Caná e Cafarnaum é de 700 metros), depara os servos que subiam a seu encontro.

Examinemos uma contradição aparente no horário. Segundo informações, a cura foi realizada "à sétima hora" (13 horas). Logo após o palaciano se retira, empreendendo a viagem de regresso. Essa viagem, na descida a pé, é feita geralmente em sete ou oito horas, quando se anda a bom passo, sendo três horas e meia no plano, através do planalto da Galiléia e outro tanto na descida propriamente dita. Saindo, pois, por volta das 13 horas (talvez com ligeira parada para refeição e repouso) o palaciano deveria chegar a casa pelas 21 horas. Ora, os servos devem ter saído bem depois das 13 horas: a admiração, a alegria, a verificação da cura, os raciocínios e ponderações e, finalmente, a resolução de mandar os servos a Caná, para avisar o oficial.

Sendo a descida mais rápida que a subida, o encontro deve ter-se dado, realmente, como diz João, quando "já descia ele", ou seja, a dois terços ou mais da caminhada, o que nos leva às 19 ou 20 horas. Se assim foi, os servos tiveram razão de dizer: ONTEM, porque às 18 horas havia começado o "dia seguinte". Sabemos, com efeito, que na Palestina os dias eram computados (como ainda hoje os sábados entre os israelitas) das 18 às 18 horas.

O fato comprovado solidificou a crença de Cusa e trouxe a adesão de "toda a casa", ou seja, dos parentes e da criadagem. Daí por diante, sua esposa Joana, sobretudo, jamais se afastaria de Jesus e de seus discípulos.

E (simples hipótese, à qual voltaremos mais tarde), não seria essa Joana outra das "irmãs" de Jesus? Isso explicaria a intimidade de Cusa, o conhecimento dos passos de Jesus, sua localização em Caná, e a certeza de que Ele, que não era ainda conhecido como "curador", poderia fazer voltar a saúde a seu filho .

E João anota que Jesus veio de novo da Judéia para a Galiléia e, então, novamente em Caná, fez a segunda demonstração de Sua doutrina e de Sua Força Crística.

Nos mínimos fatos há ensinamentos de alto valor.

Jesus recolhe-se novamente em prece (Caná), elevando para o Alto suas vibrações, qual um caniço erecto. Mas a personalidade sujeita às aflições e à morte, vai em Sua busca reclamando alívio às angústias.

O homem, um "oficial do rei" (ou seja, alguém cujo ofício se prendia às coisas, à matéria) vê seu filho (a personalidade) a morrer, e requer a presença da individualidade.

Jesus ensina que os prodígios e as demonstrações requeridas pelo intelecto de nada valem. Mas a personalidade não se conforma. Dá-se então o inesperado, a revelação de que "o filho vive". Jesus não promete a cura, mas "vida. Não é tanto a cura do corpo físico (coisa secundária para o Espírito), mas a vida do "espírito". E mais uma vez dá-se uma União, revelada pelo evangelista com o número cabalístico: à sétima hora. Quando chega a hora sétima, a febre das paixões e dos equívocos ilusórios abandona as criaturas e elas passam a VIVER.

Através desse fato, que revela o amor paternal a agir, compreendemos também a lição mais profunda: quando aflitos, a "mendigar o espírito", verificamos que nosso quaternário inferior está ainda totalmente envolvido pela FEBRE das paixões, e que se encontra prestes a sucumbir, é então que o Espírito (o PAI da nossa personalidade) se aflige realmente, e sai correndo em busca de auxílio, recorrendo pela prece ao Cristo Interno, nosso Eu Profundo. Mas quase sempre esperamos "milagres" que nos libertem dos atrativos inferiores. Em contato com a Individualidade, vemos que todas as ilusões físicas, sensoriais, emocionais e intelectuais nos abandonam, porque tomamos contato com a realidade absoluta e eterna. Mergulhamos na Consciência Cósmica, no Cristo Interno, e todas as ilusões se mostram tais quais são: ilusões. E novamente a Vida nos vivifica.

Os servos (os sentidos) revelam ao Espírito (pai) que não mais sentem "febre" alguma, e ele reconhece que foi "no momento exato" do contato que a vida nele penetrou. E ele (o espírito) passa a acreditar por experiência própria, e com ele "toda sua casa", isto é, todos os seus corpos (habitação do es-

pírito). E todo inteiro passa ele a dedicar-se ao serviço do Mestre Incomparável que o conquistou para o resto dos séculos sem fim.

JESUS SE FIXA EM CAFARNAUM

Mat. 4:13-16

- 13. E (deixando Nazaré), foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nas fronteiras de Zabulon e Neftali,**
- 14. para que se cumprisse o que foi dito através do profeta Isaías:**
- 15. "Terra de Zabulon e Terra de Neftali, caminho do mar além do Jordão, Galiléia dos gentios!**
- 16. o povo que jazia nas trevas, viu uma grande luz; e os que estavam sentados na região sombria da morte, para estes raiou a luz".**

Três pequenas cidades podem orgulhar-se de haver hospedado Jesus por ocasião de Sua estada no corpo físico: Belém, Nazaré e Cafarnaum. Está última (tal como Nazaré) jamais aparece citada no Antigo Testamento. Mas temos a satisfação de vê-la em Flávio Josefo (Bell.Jud.3.10, 8) uma vez; embora em sua "Biografia" (§ 72) ele fale de uma vila "Kepharnomé". Aparece também no Talmud (*Midrash Koheleth*, 7,20). No Evangelho, é chamada até, quando se fala de Jesus "sua própria cidade" (*hê idía pólis*, Mat.9:1). Também Ptolomeu (Geografia, 4, 16, 4) a cita. Tudo isso corrobora a historicidade dos Evangelhos. Dela hoje restam as ruínas de *Tell Houm*, a noroeste do Lago de Tiberíades.

Situava-se no território atribuído à tribo de Neftali, mas era limítrofe do da tribo de Zábulon. Mateus aproveita-se disso para aplicar a Jesus o trecho de Isaías (8:23 a 9: 1). Diz o original: "No passado, o Senhor humilhou a terra de Zabulon e a terra de Neftali; no futuro glorificará o caminho do mar, a outra margem do Jordão e a Galiléia dos gentios: o povo que caminhava nas trevas viu grande luz; sobre os habitantes da terra das sombras uma luz brilhou".

O "caminho do mar" ia de Damasco ao Carmelo, através do Jordão (também chamada "Peréia", do grego péran, que significa "além", e que hoje é denominada "Transjordânia").

A Galiléia dos gentios, em hebraico *Ghelil hagguim*. *Ghelil* que deu Galiléia, significa "jardim", "região", "distrito". A cidade cosmopolita de Cafarnaum, com grande mistura de judeus e gregos, constituía forte entreposto comercial, com ligações por terra e mar com os distritos circunvizinhos e que demandavam Horã, Tiro, Sidon, Síria e Egito" Daí serem tidos os cafarnaítas, pelos ortodoxos da Judéia, como "livres-pensadores" e como "heréticos sincretistas". Mas, justamente por isso, o terreno era feraz para a pregação de Jesus, com almas sinceras, sem hipocrisia, podendo manifestar livremente suas crenças.

A fixação da residência de Jesus em Cafarnaum (cidade do Consolador), na Galiléia (jardim fechado), dá-nos a chave da atuação da individualidade enquanto encarnada num corpo físico: manter-se em permanente recolhimento interno, mas fazer tudo o que lhe seja possível para socorrer os demais espíritos em suas aflições, no papel de consolador; embora não tirando as dores cármicas, dá a todos a força necessária para suportá-las, aproveitando-lhes todo o fruto de amadurecimento que lhes trazem ao espírito, não só purificando-o, como também fortalecendo-o e elevando-o a novos planos.

CONVOCAÇÃO DOS DISCÍPULOS

Mat. 4:18-22

Marc.1:16-21

Luc. 4:31a

- | | | |
|--|---|---|
| <p>18. E passeando ao longo do mar da Galiléia, viu dois irmãos, Simão, também chamado Pedro, e André seu irmão, lançando a rede ao mar, pois eram pescadores.</p> <p>19. E disse-lhes: 'Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens'.</p> <p>20. Imediatamente deixaram eles as redes e o seguiram.</p> <p>21. Jesus, seguindo adiante viu outros dois irmãos, Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão, que estavam na barca com seu pai Zebedeu, consertando as redes, chamou.</p> <p>22. Deixando imediatamente a barca e seu pai, eles o seguiram.</p> | <p>16. E passeando ao longo do mar da Galiléia, viu a Simão e a André, irmão de Simão, lançando a rede ao mar, pois eram pescadores.</p> <p>17. Disse-lhes Jesus: "Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens".</p> <p>18. E imediatamente deixando as redes, o seguiram.</p> <p>19. Passando um pouco adiante viu a Tiago, filho de Zebedeu, e João seu irmão, que estavam na barca consertando as redes.</p> <p>20. No mesmo instante os chamou. Tendo deixado na barca Zebedeu, seu pai, com os empregados, eles foram após Jesus.</p> <p>21. E entraram em Cafarnaum. (...)</p> | <p>31. Então, desceu a Cafarnaum, cidade da Galiléia. (...)</p> |
|--|---|---|

Jesus tranquilamente passeava (*peritatôn*) pelas margens risonhas do Lago de Tiberíades. Lago pequeno, que mede nos pontos extremos 21 km de comprimento por 12 km de largura. Aparece ora como "lago" ora como "mar", recebendo a denominação de Genesaré (étimo desconhecido) ou de Tiberíades, depois que em sua margem Herodes Antipas construiu a cidade desse nome em homenagem ao Imperador Tibério.

Bastante rico em peixe, essa indústria prosperava, escoando-se com facilidade e remunerando bem os que a ela se dedicavam. O lucro devia favorecer a companhia, chefiada por Pedro (que não era pobre, pois possuía bens, que alegou ter abandonado para seguir a Jesus, cfr. Mat. 19:27).

A companhia de pesca era constituída de vários sócios: Pedro, seu irmão André, e Zebedeu, que agregara como sócios também seus dois filhos Tiago e João, além de outros empregados, que prosseguiram no trabalho depois que os quatro sócios se retiraram, para garantir-lhes o rendimento financeiro.

Ao transitar em seu passeio, Jesus surpreende os pescadores em sua faina a "lançar as redes", expressão técnica (*amphibállontas*) do ramo da pesca.

Os dois irmãos Pedro e André, assim como João, já eram conhecidos por Jesus, que os recebera ao saírem eles do grupo do Batista, que O acompanharam na viagem a Jerusalém e no regresso à Galiléia, passando por Samaria.

Tiago é nomeado pela primeira vez, como irmão de João, ambos filhos de Zebedeu (*Zabdai*) e de Salomé (Marc.15-40). Seria Salomé uma das "irmãs" de Jesus? Nesse caso, João e Tiago seriam seus sobrinhos, e isso talvez explique a maior intimidade deles com o Mestre, acompanhando-O de perto nas ocasiões mais importantes de Sua vida terrena.

Tiago irmão de João é conhecido com o cognome de "o maior", isto é, o mais velho, para distingui-lo do outro Tiago, "irmão" de Jesus, denominado "o menor", ou seja, o mais moço.

A cena do chamamento é de grande simplicidade. Os dois primeiros estavam a pescar, "lançando as redes", enquanto os segundos estavam "na outra barca, a consertar as redes".

Jesus aproveita o fato de estarem a pescar, para demonstrar-lhes, numa frase, o apostolado a que Ele os destinava: "pescadores de homens". Todas os quatro largam imediatamente (*Kai euthús*) seus afazeres e acompanham o Mestre. Não tinham realmente necessidade de seu trabalho manual para seu sustento, já que os empregados continuariam a tarefa, sob a direção de Zebedeu, provendo-lhes ao ganha-pão. Anota Marcos, de fato, que Zebedeu ali permaneceu com os empregados, tendo compreendido o alcance da tarefa espiritual que lhes estava reservada.

Por isso também vimos Pedro, André e João, sem maiores preocupações financeiras, permanecerem algum tempo na Judéia, como discípulos do Batista; e depois viajarem acompanhando Jesus, como gente que sabe ter seu sustento garantido e não precisa regressar em dia marcado, para não perder o emprego.

Neste episódio consideramos não mais um discipulado, ou seja, a aceitação, por parte da personalidade, das doutrinas da individualidade; mas sim a renúncia à própria personalidade, para ir em busca da individualidade. E isso é feito com a renúncia total de tudo: pais, haveres e profissão.

A um simples chamado, já preparados, eles obedecem imediatamente, sem nada perguntar, sem qualquer preocupação: é a adesão integral.

Daí por diante atrairão a si não mais peixes (corpos materiais) capturados com redes, aprisionados à violência e dominados com despotismo tirânico; mas antes criaturas humanas, atraídas por amor de modo a se chegarem espontaneamente e a permanecerem com a liberdade individual.

Aprendemos, ainda, que nem todos são chamados: Zebedeu continuou em seu labor material, porque sua evolução lhe não permitia aderir à individualidade. Permaneceu, pois, com "os empregados" (veículos inferiores) a cuidar das coisas físicas.

O grupo de cinco partiu das margens do lago e penetrou a "cidade do Consolador" (Cafarnaum), prontos todos a iniciar a tarefa de levar conforto aos que sofriam, de enxugar as lágrimas dos que choravam, de reavivar a luz dos que estavam nas trevas, de abrir os ouvidos dos que nada percebiam espiritualmente, de servir de muletas aos que coxeavam no caminho do progresso, de limpar os densos fluidos dos leprosos morais: ministério de Consolação e magistério de espírito, calor para os corações e luz para as mentes.

CURA DE UM OBSIDIADO

MARC. 1:21-28

Luc 4:31-37

21. ... E imediatamente nos sábados, indo à sinagoga, ensinava.
22. E admiravam-se muito de seu ensino, porque ele ensinava como quem tinha autoridade, e não como os escribas.
23. Ora, estava na sinagoga deles um homem, com um espírito atrasado, que gritou:
24. "Que (importa) a nós e a ti, Jesus Nazareno? Vieste a perder-nos? Bem sei quem és: o santo, de Deus".
25. Mas, repreendendo-o, disse Jesus: "Cala-te e sai dele".
26. Então, agitando-o violentamente e bradando em alta voz, o espírito atrasado saiu dele.
27. E todos ficaram tão admirados que uns perguntavam aos outros: "Que é isto? que novo ensinamento é esse? Porque com autoridade ele manda também aos espíritos atrasados e eles lhe obedecem"!
28. Divulgou-se logo sua fama por toda a circunvizinhança da Galiléia.
31. ... E ensinava a eles nos sábados,
32. e admiravam-se muito de seu ensinamento, porque sua palavra fora com autoridade.
33. Estava na sinagoga um homem que tinha um espírito de um desencarnado atrasado, e bradou em alta voz:
34. "Ora, que (importa) a nós e a ti, Jesus Nazareno? Vieste a perder-nos? Eu sei quem és: o santo de Deus".
35. Jesus repreendeu-o dizendo: "Cala-te e sai dele". E, tendo-o lançado por terra no meio (de todos), o desencarnado saiu dele sem tê-lo magoado.
36. Todos ficaram admirados, e perguntavam uns aos outros: "Que palavra é essa, pois com autoridade e poder ordena aos espíritos atrasados e eles saem"?
37. E por todos os lugares da circunvizinhança divulgava-se sua fama.

Como era de seu hábito, num sábado Jesus entra na sinagoga. Não se fala de seus discípulos, mas parece evidente que Pedro, André, Tiago e João que moravam em Cafarnaum deviam lá achar-se, como bons judeus. Era costume serem convidados os visitantes e assistentes a falar, e isso muito favoreceu a Jesus, e mais tarde aos apóstolos, a divulgação da nova doutrina diante dos que se interessavam por assuntos religiosos.

Marcos assinala a admiração dos circunstantes pela *autoridade* com que Jesus falava, "não como os escribas" que, de modo geral, levavam os comentários decorados: tanto que o maior elogio que se lhes podia fazer era de "não dizerem uma só palavra se a não tivessem ouvido de seu mestre". O povo habituara-se, pois, a ouvir sentenças pré-fabricadas e recitadas, e não interpretações vivas e palpitantes, objetivas e, acima de tudo, *cheias de amor* (Lc,4:22).

Encontrava-se na sinagoga um homem obsidiado por um "espírito" atrasado (*ἀιάθαρτος* = não purificado, não evoluído); aparece essa expressão 23 vezes em o Novo Testamento referindo-se não a uma pureza legal, mas moral.

Lucas esclarece bem que se trata de "um espírito de um desencarnado" (*πνεῦμα δαιμονίου*) o qual era ainda não purificado ou atrasado (*ἀιάθαρτου*) em genitivo, concordando com "desencarnado".

Como desencarnado, embora atrasado, estava apto a ver a aura magnificamente luminosa de Jesus e a pressentir que seu domínio sobre o obsidiado, que ele subjugava, teria que terminar. Lança então a exclamação: "que (importa) a nós e a ti, Jesus Nazareno" o que este sofre? A expressão τί ἡμῖν καί σοί (que analisamos à pág. 158/9 do vol, 1.º) não é um hebraísmo (como afirma Pirot, vol. 9, pág. 415), já que era empregada também por autores gregos que nenhum contato tinham com os israelitas, embora se encontrasse também no hebraico מִהֲבֵנוּךְ , tendo sido usada no Antigo Testamento.

O "santo de Deus", קדוש exprime "o consagrado" ao serviço divino, que em grego, ἅγιος tem precisamente o sentido de "consagrado à divindade, santo, puro", quando se refere a pessoas.

Jesus não conversa nem discute: impõe-lhe silêncio e o desliga do obsidiado. O ato do desligamento fluídico das duas auras (a do desencarnado que domina e a do encarnado subjugado) provoca "violenta agitação"; e a angústia da separação faz que o obsidiado grite: todos esses fatos são corriqueiros nas sessões espíritas, quando se realiza o mesmo ato do desligamento de obsessores violentos. Mas a libertação é feita.

Dá-nos Lucas o pormenor de que o obsidiado foi "lançado por terra", como se houvera perdido repentinamente o ponto de apoio que o sustentava. Também essa modalidade não é rara em nossos dias.

Assinala-se a admiração dos assistentes. Todos conheciam os métodos "religiosos" do exorcismo, que dificilmente surtiam efeito, por falta de "autoridade moral" dos exorcistas e pelo desconhecimento da técnica obsessória. E o que os impressiona é o poder psíquico de dominar os desencarnados atrasados que, quase sempre, são renitentes, teimosos e irreverentes, não obedecendo jamais a quem não possua real força moral para impor-lhes o afastamento.

Logicamente a fama se espalhou pelas redondezas, apressando-se cada qual a contar as novidades (neste caso as "Boas-Novas") de que aquele Jesus de Nazaré era senhor de forças notáveis, acima do comum dos homens.

Jesus, que representa a individualidade, ensina-nos com seu exemplo que mesmo aqueles que já não necessitam dos "trilhos" de uma religião, nada perdem em sujeitar-se às tradições de seu povo; antes, devem aproveitar as situações que se apresentam para elucidar a todos as grandes verdades profundas do Espírito. Deve, portanto, frequentar o círculo religioso a que se acha ligado, seja ele qual for.

Mostra-nos que, nesses ambientes, deve o iluminado agir com força e autoridade, mas sobretudo com amor, atendendo aos necessitados, servindo a sua necessidade de evolução. Não obstante, deve evitar que qualquer indiscrição queira revelá-lo como superior aos outros; então, imporá silêncio, todas as vezes que um desencarnado tente revelar quem ele é. Nenhuma dúvida, porém, quanto à ação que lhe seja possível, em benefício de qualquer necessitado espiritual.

Outra interpretação do texto revela-nos que nossa individualidade deve agir com autoridade cada vez que descobre que nossa personalidade está dominada por "espíritos atrasados" de nossos vícios milenares: egoísmo, ambição, ódios, etc. Quando nossa iluminação perceber que nosso "espírito pessoalístico" é dominado por qualquer vício, deve imediatamente ordenar seu aniquilamento, embora nosso "espírito atrasado" se contorça, grite e nos lance por terra, sofrendo ao destacar-se do vício. Sem essa força moral do Espírito, jamais poderia o "espírito" progredir: permaneceria séculos (como tem permanecido) preso às ilusões demolidoras de nossa ascensão espiritual, aos apegos desordenados às coisas e prazeres materiais transitórios. Lição oportuna e necessária para nossa evolução.

CURA DA SOGRA DE PEDRO

Mat. 8:14-15

Marc. 1:29-31

Luc. 4:38-39

- 14.** Tendo entrado Jesus na casa de Pedro, viu que a sogra deste estava de cama e com febre;
- 15.** e tocando-lhe a mão, a febre a deixou; então ela se levantou e os servia.
- 29.** Em seguida, tendo saído da sinagoga, foram com Tiago e João à casa de Simão e André.
- 30.** A sogra de Simão estava de cama com febre, e logo lhe falaram a respeito dela.
- 31.** Então, aproximando-se da enferma, e tomando-a pela mão, levantou-a; a febre a deixou e ela começou a servi-los.
- 38.** Tendo-se levantado e saído da sinagoga, entrou na casa de Simão. E a sogra deste estava deprimida por violenta febre; e pediram-lhe a favor dela.
- 39.** Ele, inclinando-se para ela, repreendeu a febre e esta a deixou; e logo se levantou e os servia.

Ao terminar o culto na sinagoga, dirige-se Jesus à casa de Pedro e de André (o que confirma a presença dos dois que, naturalmente, saíram junto com Jesus); nessa casa, segundo a tradição, achava-se Jesus hospedado durante sua vida pública. Embora natural de Betsaida (João, 1:44) Pedro habitava em Cafarnaum, seja por motivo de seu casamento (residia com a sogra), seja por causa de sua "Sociedade de Pesca".

Regressando a casa, encontraram a sogra de Pedro (cujo nome ignoramos) atacada de febre. Comuns eram essas febres na Palestina, mormente nos locais vizinhos a lagos, onde grassava o impaludismo provocado pelos mosquitos muito numerosos, sem que se pusessem em prática regras de higiene. Lucas diz-nos tratar-se de "violento acesso de febre". Mateus assinala que Jesus "viu"; Marcos que "lhe falaram" a respeito dela, como que desculpando-se de lhe não poder ser dada assistência; Lucas esclarece que "pediram" a favor dela.

Jesus inclina-se sobre a doente, toca-a com a mão e a levanta. A febre desaparece instantaneamente, e bem assim a fraqueza superveniente a esses acessos de impaludismo. A enferma sente-se bem forte para servir a todos com solícitude.

Nada se fala da esposa de Pedro: é a sogra que parece governar a casa.

Pensam alguns que a criatura que atingiu a vida permanente na individualidade não deve mais atender ao círculo familiar, mas apenas aos estranhos. Jesus ensina-nos que isso constitui um erro. Os familiares merecem tanto nossa atenção quanto os estranhos, porque nos são mais achegados; e essa aproximação mostra-nos que eles precisam de nós ainda mais que os outros. Portanto, os parentes não devem ser menosprezados, mas atendidos com solícitude. Se bem que devemos ter desapego da família, jamais devemos abandoná-la. O mesmo comportamento deve ser mantido com os familiares de amigos e discípulos.

OUTRAS CURAS

Mat. 8:16-17

Marc. 1 :32-34

Luc. 4:40-41

16. Ao chegar a tarde, trouxeram-lhe muitos obsidiados; e ele expeliu os espíritos com a palavra e curou todos os doentes,
17. para cumprir-se o que foi dito através do profeta Isaías: "Ele mesmo tomou as nossas fraquezas, e removeu nossas enfermidades".
32. Ao chegar a tarde, estando sol já posto, traziam-lhe todos os doentes e obsidiados:
33. e toda a cidade estava reunida diante da porta.
34. Então curou muitos que se achavam doentes de diversas moléstias e expulsou muitos desencarnados e não permitiu que os desencarnados falassem, porque sabiam (quem ele era).
40. Ao por do sol, todos os que tinham enfermos de várias moléstias lhos trouxeram; e ele, impondo as mãos sobre cada um deles, os curou.
41. Também de muitos saíram os espíritos desencarnados, gritando: "Tu és o Filho de Deus". Ele, repreendendo-os, não lhes permitia que falassem, porque sabiam que ele era o Cristo.

A libertação do obsidiado, na sinagoga, espalhou-se por toda Cafarnaum, muito favorecendo a divulgação o fato de, aos sábados, não podendo trabalhar nem perambular, ficarem os israelitas à frente de suas casas, em longas conversas, cujo teor corria de rua em rua.

O resultado é que, logo após terminar o descanso ritualístico, às 18 horas ("logo após o por do sol", como bem esclarece Marcos), todos se movimentaram para levar seus enfermos e obsedados à residência de Jesus, na casa de Pedro.

As expressões "muitos" e "todos" são equivalentes. Mateus cita Isaías (53:4) pelo texto hebraico-massorético; aí, porém, se afirma que "o Messias deverá tomar sobre si (fisicamente) as enfermidades", o que não é o caso.

Lucas mostra Jesus a proibir que os "espíritos" desencarnados falem a seu respeito, "porque sabiam que ele era o Cristo". A todos Jesus atendia carinhosamente, livrando os obsidiados e curando os enfermos.

Mais uma lição de SERVIÇO, que jamais deve ser negado pela individualidade: é através da libertação das personalidades ainda presas ao resgate das dívidas do passado, que as criaturas poderão um dia compreender o caminho que se lhes abre diante. Só uma pessoa, que pode superar seus problemas, consegue atingir a visão da estrada a percorrer.

Ensina-nos, também, que mesmo o Espírito liberto, e a viver na individualidade, deve cuidar de seus veículos físicos, procurando curar-se de suas doenças, libertando-os de seus apegos e obsessões pelas coisas materiais. Pelo fato de haveremos passado a um degrau superior, nem por isso devemos descuidar, e muito menos maltratar, os veículos inferiores que nos ajudam na caminhada: o motorista deve cuidar bem do seu automóvel, senão poderá este deixá-lo no meio da estrada.

Evitemos, porém, intransigentemente que nos teçam elogios, ainda que esses elogios digam a verdade. Não basta gabar-se: nem mesmo que os outros o façam deve ser permitido por nós. Por mais elevados que estejamos, seremos os primeiros a reconhecer que muito nos falta a percorrer: a humildade REAL

é, como definiu uma grande amiga nossa, "o conhecimento de nossa participação na Vida", portanto a simplicidade da aceitação daquilo que se nos apresenta, e não as palavras e impressões que possam provir de outros a nosso respeito.

ORAÇÃO

Marc. 1:35-38

Luc.4;42.43

35. Levantando-se antes da madrugada, noite ainda, saiu e foi a um lugar deserto, e aí orava
36. Simão e seus companheiros foram procurá-lo,
37. e, tendo-o encontrado, disseram: "todos te buscam".
38. Disse-lhes Jesus: "Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu também aí pregue, porque para isso vim".
42. Sendo já dia, saiu e foi a um lugar deserto; e as multidões o Procuravam e, tendo-o encontrado, queriam detê-lo para que não as deixasse.
43. Mas ele lhes disse; "Também às outras cidades eu preciso dar as boas notícias do Reino de Deus, pois para isso fui enviado".

Após o trabalho intenso da noite do sábado, Jesus sai da casa de Pedro "antes da madrugada, noite ainda" (Marcos) ou "logo que surge o dia" (Lucas), pormenores que não trazem preocupação ao espírito. Dirige-se a um "lugar deserto". Marcos, cujas narrativas são sempre mais pitorescas e cheias de vivacidade, esclarece que "foi orar", coisa não assinalada aqui por Lucas que, no entanto, é o evangelista que mais cita essa particularidade.

Simão e seus companheiros vão procurá-lo, para informar-Lhe que há muita gente que O busca. Mas Jesus diz que precisa ir a outras cidades para anunciar a Boa-Nova, pois "para isso VIM" (Marcos) ou "FUI ENVIADO" (Lucas). Outra vez a confirmação da preexistência do espírito ao nascimento: só vem ou é enviado quem já existe: se o espírito fora criado no momento de nascer, só caberia a expressão: "fui criado" para isso.

Demonstra-nos Jesus, com seu exemplo, que por mais elevado que seja ou esteja o Espírito, não pode prescindir da união com Deus em isolamento, numa prece que o fortaleça. Muitos acreditam que o trabalho, sobretudo espiritual, é uma oração. Sem dúvida que é. Mas não basta. É indispensável oração isolada, do Espírito que se une a Deus em seu coração. E para isso, é indispensável a solidão, o afastamento do bulício do mundo, nem que seja, por alguns minutos ao dia, ou à noite.

Todas as criaturas são enviadas à Terra para uma tarefa. e seu progresso consistirá em cumpri-lo à risca. Não é portanto justo que, para atender a quem nos chama, por mais sofrimento que seja, tenhamos que desviar o rumo de nossa rota: antes de tudo e acima de tudo, o cumprimento de Vontade divina a nosso respeito. Quando podemos, atendemos com todo interesse aos que necessitam de nós. Mas quando isso nos desviasse do caminho, sigamos nosso roteiro, porque é mais importante do que uma "caridade" mal interpretada. Não temos direito de falsear nossos deveres espirituais, e o primordial dever é obedecer à tarefa que nos foi imposta. Jamais esqueçamos que a LEI não comete injustiças: se alguém sofre, é resultado de seus próprios atos no passado e se, no momento, não podemos atender porque nossa tarefa nos desvia do caminho deles, isso significa que a hora de eles serem aliviados eu libertados ainda não soou.

Também nos ensina este trecho, que jamais deve o Espírito deixar de fazer sua oração de união com Deus, embora os necessitados (nossos veículos inferiores) nos chamem para distrair-nos dessa neces-

idade vital. O caminho para Deus, por si só, os ajudará. Precisamos erguer-nos a outros planos: saibamos não dar ouvidos aos apelos, sobretudo aos desordenados, de nossos veículos (corpo, sensações, emoções, intelecto). Só assim progrediremos para nossa união com Deus.

NO BARCO DE PEDRO

Luc. 5:1.3

1. Apertado pela multidão que ouvia a palavra de Deus, estava Jesus em pé junto ao lago de Genesaré,
2. e viu dois barcos junto à terra; mas os pescadores haviam desembarcado e lavavam as redes.
3. Entrando em um dos barcos, que era de Simão, pediu-lhe que o afastasse um pouco da terra; e sentando-se no barco, dali ensinava à multidão.

Após tê-Lo ouvido várias vezes nas sinagogas, aos sábados, a multidão se habituara à Sua palavra "cheia de amor". E onde quer que O visse, cercava-O para avidamente beber seus ensinamentos.

Assim ocorreu que, ao caminhar pela praia do Lago de Genesaré, foi descoberto pelo povo, que imediatamente O envolveu, comprimindo-O. Jesus observou dois barcos que haviam chegado à praia, cujos pescadores lavavam as redes. Pediu a Simão que O recebesse em seu barco e o afastasse um pouco da terra, e assim falou ao povo.

Lição preciosa. Quando uma criatura começa a "ter fama", geralmente é muito procurada, porque todos querem "ouvir", embora ainda não pratiquem o que ouvem. Quando, pois, acossados pela "multidão", devem eles saber manter a distância, não deixando de ensinar, mas também não permitindo que um contato demasiado estreito se estabeleça.

Jesus sai da terra (do físico) passando à barca de Pedro (intelecto), sobre as águas (interpretação pelo espírito e não pela letra). Foge assim às sensações e emoções. ensinando segundo o raciocínio e a razão, falando à mente e ao espírito.

Todas as vezes que a multidão de sensações (curiosidade) e de emoções (admiração e pasmo) nos quiserem apertar para buscarmos o conhecimento espiritual, sensitivo ou emotivo, devemos saber subir à barca de Pedro e afastar-nos da terra, para estudar apenas com o intuito de compreender, e não de satisfazer à nossa parte inferior. Nada de admitir a curiosidade e a emoção em nosso aprendizado: compreender, sim, para PRATICAR; e não apenas ouvir para satisfação de nossa vaidade.

PESCARIA INESPERADA

Luc. 5:4-11

4. Quando acabou de falar, disse a Simão: "Faze-te ao largo e lançai vossas redes para a pesca".
5. E respondendo, disse Simão: "Mestre, tendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; porém sobre tua palavra lançarei as redes".
6. Feito isto, apanharam grande quantidade de peixes, e as redes rompiam-se.
7. Acenaram aos companheiros que estavam no outro barco, para virem ajudá-los; eles vieram e encheram ambos os barcos a ponto de ameaçarem afundar.
8. Vendo isso, Simão Pedro lançou-se aos pés de Jesus, dizendo: "Retira-te de mim, Senhor, porque sou um homem errado"!
9. A admiração à vista da grande pescaria que haviam feito o invadiu e a todos os que estavam com ele,
10. como igualmente a Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram sócios de Simão. Disse Jesus a Simão: "Não temas, de ora em diante serás pescador de homens".
11. E levados os barcos para terra, deixando tudo, seguiram-no.

Depois de ter falado ao povo, Jesus diz a Pedro que se afaste da margem e lance a rede. O velho pescador experimentado nas lides no mar argumenta que, nada tendo apanhado a noite toda, de dia menos probabilidade havia mas, acrescentou, "creio em tua palavra". E a pescaria foi extraordinária, tanto que tiveram que pedir auxílio aos companheiros da outra barca da sociedade, dirigida por Zebedeu.

Pedro dá-lhe o título de *epistata*, que traduzimos por "mestre", embora não seja bem esse o sentido. A palavra *epistátês* só é usada em o Novo Testamento por Lucas, neste e em mais quatro passos (8:24; 9:33; 9:49 e 17:13), e significa literalmente "o que está acima", então: chefe, comandante, patrão, supervisor, diretor; a palavra que traduz fielmente o termo grego, é o inglês *master*. Após a pescaria, Pedro o denomina "senhor", mais respeitosamente. Aqui é a primeira vez que Lucas acrescenta ao nome de Simão o cognome Pedro, mas só no capítulo 6.º explicará que foi Jesus que lho impôs.

Neste ponto é que Lucas afirma que eles abandonaram "tudo" para seguir Jesus, depois da promessa feita a Pedro de torná-lo "pescador de homens".

Pedro, temperamental como sempre, exclama patético: "retira-te de mim, porque sou um homem errado"; é o exagero típico do temperamento inflamado, que vai às últimas consequências.

Várias lições aprendemos neste trecho.

Em primeiro lugar, a necessidade de "fazer-nos ao largo", buscando a amplidão oceânica do Pai Infinito que nos envolve e permeia. A ordem que a individualidade (Jesus) dá ao intelecto (Pedro), para que mergulhe mar adentro de si mesmo, lançando as redes para aprender as grandes verdades eternas que vivem e nadam no pélagos divino, ao alcance dos que sabem e podem captá-las esclarece-nos qual o caminho a seguir.

Depois, o sempre crítico intelecto analista, com a pretensão de saber deduzir consequências e tirar ilações: "já buscamos essas verdades durante toda a noite e nada encontramos": não viu que confessava ter buscado à noite, nas trevas, durante muito tempo, e confia mais em si, em sua experiência, do

que no poder do Espírito. Todavia, apesar de convencido da inutilidade dessa tentativa, resolve buscar: arrisca-se a um fracasso, para ele certo, mas, em última análise, decide confiar em alguém que está "acima dele" (epistata).

E sua pesquisa obtém resultado surpreendente. Os peixes (símbolos da pisces que então se iniciava, escolhido para representar, entre os primeiros cristãos, o próprio Jesus) exprimem bem o porvir próximo da humanidade de então.

O intelecto confunde-se com o encontro inesperado de tanta sabedoria, que ele nem desconfiava existisse no fundo daquele oceano. Mas diante da Luz, à luz do dia, vem-lhe à rede uma quantidade tão grande de verdades, que o intelecto se perturba, tonteia, e aflito pede que o Espírito dele se afaste, porque, na realidade, conheceu nesse instante o imenso erro de sua personalidade falha: "sou um homem errado"! Que posso eu saber? Como poderei viver diante de Ti, Sabedoria Incrriada" que me iluminas? Como suportarei sem naufragar a imensidade dessas verdades?

E é pedido socorro aos companheiros (aos demais veículos da personalidade: emoções sensações e até corpo físico), para que a força vigorosa e arrasadora das Verdades que conquistou no mar alto da meditação, no encontro mudo com o Cristo Interno, com a Consciência Cósmica, não faça soçobrar o pequeno homem viciado no cotidiano mórbido, ilusório e incolor.

Quando o intelecto, acabrunhado, se confessa derrotado totalmente pelo Espírito, diz-lhe este que não tema: esse mesmo intelecto, já iluminado pelas verdades eternas já conquistadas, terá doravante outra tarefa: esclarecer as criaturas humanas, iluminando-lhes os caminhos," constituir-se em luz para atrair para o Cristo os homens, através do ensino das Verdades profundas, que experimentou pessoalmente.

Compreendendo a profundidade e importância da nova tarefa proposta, os discípulos todos (os veículos: intelecto, emoções, sensações, etc) decidem entregar-se total e definitivamente à individualidade, ao Espírito, ao Cristo interno, e segui-lo incondicionalmente.

As coisas da terra (o barco) são deixadas na terra, e o "espírito" segue o novo rumo brilhante, que o conduzirá à felicidade imperecível".

JESUS PERCORRE A GALILÉIA

Mat. 4:17 e 23

Marc. 1:14-15 e 39

Luc. 5:15 e 44

- | | | |
|--|--|--|
| <p>18. Desde esse tempo começou Jesus a pregar e a dizer: "Reformai vossa mente, porque se aproximou o reino dos céus."
.....</p> <p>23. Perambulava Jesus por toda a Galiléia, ensinando nas sinagogas deles, ensinando a Boa-Nova do reino e curando todas as enfermidades e doenças entre o povo.</p> | <p>14. (Depois que João foi aprisionado, Jesus foi para a Galiléia)</p> <p>15. anunciando a Boa-Nova e dizendo: "O tempo completou-se e o reino de Deus aproximou-se: reformai Vossa mente e confiai na Boa-Nova".
.....</p> <p>39. E foi por toda a Galiléia pregando nas sinagogas deles e expelindo os desencarnados (obsessores).</p> | <p>15. E ele ensinava nas sinagogas deles, sendo elogiado por todos.
.....</p> <p>44. E pregava nas sinagogas da Judéia.</p> |
|--|--|--|

Encontramos neste ponto um resumo das atividades de Jesus com o cerne de sua pregação.

Em Marcos, afirma o Mestre que "o tempo se completou", como se dissesse "esgotou-se o prazo" ou então "chegou a época" (*Kairós*).

A seguir esclarece que o "reino dos céus (Mat.) ou de Deus (Marc.) se aproximou", palavras que já haviam sido ditas pelo Batista. Devemos entender REINO no mesmo sentido que usamos reino mineral, vegetal, animal, hominal e, prosseguindo na escala, *reino celestial* ou *reino divino*.

A terceira proposição pede a reforma mental, a modificação do modo de pensar, a elevação da mente (transmentação) acima das coisas materiais, ilusórias e passageiras.

A quarta assertiva é uma ordem, também no imperativo como a anterior: "confiai na Boa-Nova". O verbo grego *pisteuô* seguido da preposição "en", exprime rigorosamente repousar a mente em (algo ou alguém), isto é, CONFIAR. Neste ponto Jesus pede que os homens confiem na Boa Notícia que lhes traz. Mais tarde (João, 14:1) pedirá que confiem em Sua pessoa. Com esta quarta parte, Jesus dá um passo além da pregação do Batista, que não falou na Boa-Nova.

Essa é a síntese do que Jesus dizia aos sábados nas sinagogas de toda a Galiléia. Uma das características do desempenho de Sua missão, como seria mais tarde a dos apóstolos, foi a pregação nas sinagogas. O termo grego *sunagôgê* significa propriamente "reunião" (em hebraico *keneseth*) que foi aplicado, ainda, ao local onde elas se realizavam.

Há uma variante nos manuscritos de Lucas, A, D, X, e outros, que trazem "da Galiléia", enquanto "aleph", B, C, L, Q, R, apresentam "da Judéia". Muitos comentadores julgam que a palavra "Galiléia" é uma correção, admitindo como o certo, aqui, o termo "Judéia", usado por Lucas neste local para designar genericamente a Palestina, e não a província da Judéia. Realmente, em outros locais (1:5; 7:17; 23:5) Lucas usa Judéia para designar a Terra de Israel. Pelo contexto, verificamos que, de fato, se trata realmente da Judéia.

Seguindo Mateus verificamos que Jesus estabeleceu como centro de fixação a cidade de Cafarnaum, irradiando de lá pelas zonas circunstantes, por onde, literalmente circulava (*periêgen*). Mateus e Marcos assinalam, ainda, que curava todas as enfermidades e expulsava os obsessores.

A obrigação da individualidade para com as outras criaturas são bem claras: esclarecer a humanidade, sem forçá-la, anunciando-lhe o reino celestial, isto é, a possibilidade de a criatura humana atingir, ainda nesta Terra, sua máxima expressão espiritual, que já está a seu alcance.

Proveniente dos reinos inferiores da natureza, o "espírito" que atingiu o reino hominal ainda tem em si muito do reino animal. Mas chegou a um ponto evolutivo, chegou a época, em que ele já se acha capacitado a sair do animalismo-intelectualizado (hominal) para alcançar o estado de homem-espiritual (reino celeste), penetrando com seu "espírito" no reino superior ao atual, o reino divino ou espiritual.

Não é absolutamente fora da matéria, após a desencarnação, em estado de "espírito desencarnado" ou no astral, que isso poderá ser conseguido. Só enquanto mergulhado na carne ou sepultado no corpo denso, é que terá essa possibilidade ("se o grão de trigo não cair na terra (encarnar) e morrer, não produzirá frutos", João, 12:24). O reino celestial é conseguido enquanto encarnado o "espírito", não podendo sê-lo fora da matéria, onde apenas o "espírito" fixa no subconsciente aquilo que conseguiu aprender como encarnado. Deverá, pois, aguardar novo nascimento para progredir mais um passo. Houvera a possibilidade de evoluir fora da matéria, e seria dispensável, inútil e até prejudicial o mergulho na carne, que nos embota a mente e causa tantos atrasos e erros. Constituiria uma excrescência da Natureza (de Deus) forçar a criatura a fazer esse estágio desnecessário, quando lhe seria possível evoluir muito mais rápida e facilmente enquanto consciente no mundo espiritual. Ora, se todos passam e são obrigados a passar pela encarnação, isto significa que a encarnação é uma porta indispensável à evolução do "espírito", porque a Natureza não dá passos inúteis.

Aprendemos, pois, que o reino celestial já se aproxima da humanidade, no sentido de que a humanidade já se aproximou, em sua lenta evolução, do reino celestial. Já atingiu o ponto, já cumpriu seu tempo, já está na hora de pensar seriamente em sua espiritualização. Esse foi o grande aviso, a inenarrável Boa-Nova que Jesus veio trazer a todos nós, e que todos temos obrigação de dizer a todas as criaturas.

CURA DO LEPROSO

Mat. 8:2-4

Marc. 1:40-45

Luc. 5:12-16

- | | | |
|---|--|---|
| <p>2. E aproximando-se um leproso prostrou-se diante dele dizendo: "Senhor, se quiseres podes limpar-me"</p> <p>3. E estendendo a mão Jesus tocou-o dizendo: "Quero, fica limpo". No mesmo instante ficou limpa sua lepra.</p> <p>4. Disse-lhe Jesus: "Olha, a ninguém o digas, mas vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho".</p> | <p>40. Chegou a ele um leproso e, pedindo de joelhos, disse: "Se quiseres, podes limpar-me".</p> <p>41. Compadecendo-se Jesus, estendeu a mão e tocou-o, dizendo: "Quero, fica limpo".</p> <p>42. No mesmo instante desapareceu-lhe a lepra e ficou limpo.</p> <p>43. Advertindo-o energicamente, logo o despediu, dizendo: "Olha, não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece-lhe pela tua limpeza o que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho".</p> <p>44. dizendo: "Olha, não digas nada a ninguém, mas vai mostrar-te ao sacerdote e oferece-lhe pela tua limpeza o que Moisés ordenou, para lhes servir de testemunho".</p> <p>45. Mas ele, ao sair dali, começou a anunciar muitas coisas e a divulgar o Palavra, de modo que (Jesus) já não podia entrar abertamente numa cidade, mas ficava fora, em lugares desertos; e de todos os lados iam ter com ele.</p> | <p>12. E aconteceu, então, estar ele em uma das cidades, e eis um homem cheio de lepra, vendo Jesus, caiu de rastros e rogou-lhe: "Senhor, se quiseres, podes limpar-me".</p> <p>13. Estendendo a mão, Jesus tocou-o dizendo: "Quero, fica limpo". E no mesmo instante desapareceu-lhe a lepra.</p> <p>14. Ordenou-lhe Jesus a ninguém falasse, mas: "vai mostrar-te ao sacerdote e fazer a oferta pela tua limpeza, conforme ordenou Moisés, para lhes servir de testemunho".</p> <p>15. Porém a palavra (fama) a respeito dele cada vez mais se divulgava e grandes multidões afluíam para ouvi-lo e serem curados de suas enfermidades;</p> <p>16. mas ele retirou-se para os desertos a orar.</p> |
|---|--|---|

Um dos fatos mais impressionantes da narrativa evangélica é a purificação desse leproso, que se entrega totalmente ao arbítrio de Jesus, demonstrando a confiança mais ilimitada, e deixando toda a ação ao critério do Mestre: "se queres"... Nada pede: apresenta o fato e confessa sua convicção íntima de que sua limpeza depende exclusivamente da vontade de Jesus. No dizer de Marcos, Jesus se comove com essa expressão de simplicidade e confiança, e responde também laconicamente, mas unindo a ação às palavras: "quero". Sem temer as prescrições legais que o proibem, toca o leproso com sua mão, e ao invés de tornar-se impuro legalmente, purifica-o da lepra: "fica limpo".

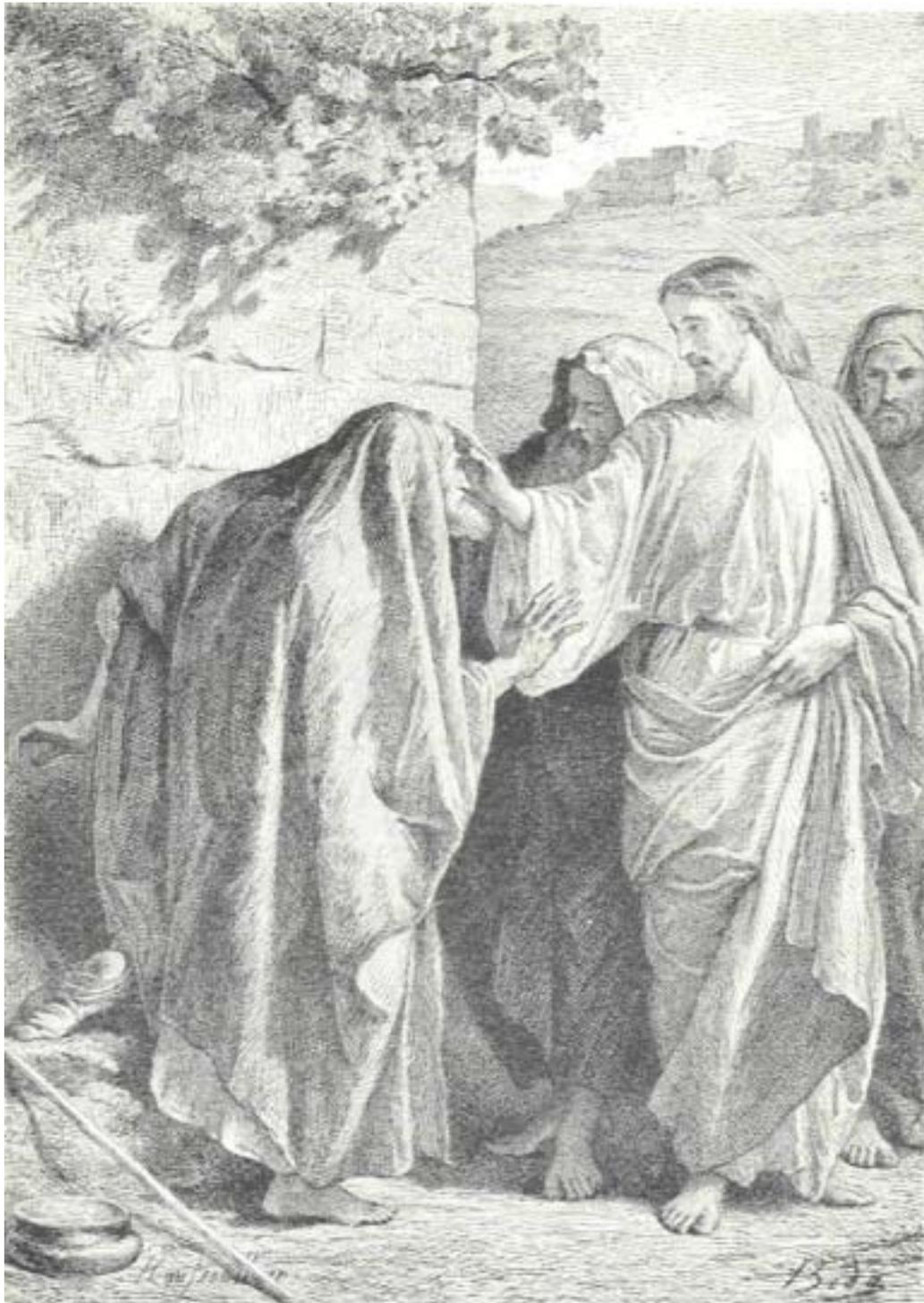


FIGURA “A Cura do Leproso”

A lepra era um dos grandes flagelos da Palestina a essa época, sobretudo a que eles chamavam "lepra branca", por causa das manchas brancas que se focalizavam na pele, transformando-se posteriormente em inchações, acabando por caírem os membros aos pedaços. Hoje é mais conhecida como "leonina", em vista das deformações faciais .

O leproso era afastado do convívio dos centros habitados, sendo expulsos para lugares desertos. Era obrigado a gritar, à aproximação de gente: “*tamê, tamê*” (impuro, impuro). Realmente, a lepra era considerada mais uma impureza que uma doença (cfr. Lev. cap.13 e 14), tanto que o leproso pede que Jesus o purifique, e não que o cure.

Embora considerada incurável, Moisés estabelece um ritual para esse caso (Lev.14:2 a 32): ao ficar purificado, deveria oferecer em sacrifício, se fosse rico, uma ovelha e dois cordeiros e, se pobre, um cordeiro e duas rolinhas. Verificada a purificação pelos sacerdotes, o ex-leproso retomava sua posição na sociedade.

Não podendo entrar na cidade, o leproso aguarda Jesus na estrada e, ao vê-lo passar, lança seu apelo sincero e patético, humildemente prostrado com o rosto em terra.

Logo após a cura, Jesus adverte-o "severamente" que nada conte a ninguém do que ocorreu, e manda-o fazer a oferta ritual e apresentar-se aos sacerdotes para verificação da cura. Afirmam os exegetas que esses constantes apelos de Jesus de nada dizem os beneficiados, prende-se ao "segredo messiânico"; no entanto, vemos nisso apenas a natural modéstia dos Espíritos Superiores, que não proclamam, nem gostam que os outros o façam, sua superioridade sobre as demais criaturas.

Lucas mais uma vez anota que Jesus se retirou para orar.

Essas curas, narradas com pormenores pelos evangelistas, parece terem sido escolhidas com intuito de esclarecer ensinamentos preciosos, relativos ao modo de agir com aqueles que se encontram nos diversos graus evolutivos, resgatando erros do passado ou fixados nos vícios do presente.

De cada um falaremos em seu lugar.

Mas de qualquer forma anotemos que as curas assim salientadas referem-se a: cegueira, surdez, atrofia, corcunda, hidropisia, hemorragia, paralisia e lepra. Algumas correspondem a males do duplo etérico (nervos) como a corcunda (desvio dos ossos), a atrofia (ressecamento dos músculos) e a paralisia (afrouxamento dos nervos).

Outras dizem respeito ao corpo astral, quais a hidropisia (excesso de água), a hemorragia (perda de sangue) e a lepra (apodrecimento dos tecidos).

E duas referem-se ao intelecto: a surdez (incapacidade de receber, causada pelo orgulho que incha e nada recebe de fora) e a cegueira (incapacidade compreender, causada pela vaidade que obumbra o raciocínio).

Todas elas se refletem no corpo físico, o veículo mais externo e mais denso da personalidade, moldado pela mente de cada um, segundo sua própria capacidade modeladora.

Neste caso particular, encontramos uma personalidade que, diante do sofrimento agudo e prolongado, conquistou a humildade e reconheceu-se "imundo". Verificou que se achava carregado de fluídos pesados que se exteriorizavam no corpo físico, e então volta-se para a individualidade, para o Espírito, e confessa que, se ele, o Espírito, o quiser, poderá limpá-lo.

A técnica da purificação do corpo astral obedece à mesma técnica da purificação do corpo físico denso. Pela alimentação agregamos a nós fluídos alimentícios. Destes, o que é aproveitável, é assimilado ao corpo, como músculos, ossos, sangue, etc. Mas todos os detritos são expelidos através dos órgãos excretores. Assim, quando o corpo astral se "alimentou" de pensamentos (palavras ou ações), tudo o que neles houver de bom é assimilado como experiência e aprendizado; mas todos os fluídos mentais pesados e nocivos são expelidos pelo órgão excretor do astral, que é exatamente sua condensação na matéria, o corpo físico. Então, os fluídos pesados são evacuados através de chagas, pústulas, furúnculos, úlceras, canceres, lepra, etc. Verificamos, pois, que qualquer dessas modalidades que, no dizer do povo, "purificam o sangue", também, na realidade, purificam o corpo astral (que anima o corpo justamente através da circulação sanguínea: daí serem chamados "animais" aqueles que já possuem o corpo astral desenvolvido, e, portanto, já utilizam um sistema circulatório eficiente e tanto mais completo, quanto mais desenvolvida for sua alma (ou corpo astral). A evacuação dos fluídos pesados é feita através do corpo denso e sobretudo através dos tecidos epiteliais, externos ou internos. Então compreendemos que essas "doenças" são necessárias para nossa limpeza, e indispensáveis ao nosso progresso, sendo, por conseguinte, de suma utilidade para nossa evolução. Quando a limpeza está terminada, a

doença cessa. Mas, por vezes, a quantidade de matéria fecal astral é tão grande, que mais de uma existência terrena é consumida em sua evacuação. Daí o grave engano dos que pedem a cura, quando deviam pedir a purificação, por mais dolorosa que fosse, tal como nos ensina a lição evangélica do leproso de Cafarnaum.

Quando, pois, a personalidade atinge esse grau de compreensão e recorre ao Cristo Interno, este toma a iniciativa de limpar a personalidade do resultado cármico dos vícios do passado delituoso. No entanto, não é "de graça": há mister trabalhar em setores estabelecidos para cada um, de acordo com seus casos particulares.

No caso deste leproso (desta personalidade que havia esgotado o resgate cármico) a ordem é apresentar-se ao sacerdote e cumprir o ritual, ou seja, seguir ainda a trilha de uma religião ritualística, indispensável por enquanto a ele para evolução do próprio "espírito". Não lhe seria possível passar do estado em que se encontrava, para um ascetismo avançado, porque a evolução não dá saltos.

CURA DO PARALÍTICO

Mat.9:1-8

Marc. 2: 1-12

Luc. 5: 17-26

1. Jesus entrou numa barca, atravessou para o outro lado e foi para sua cidade.
2. E trouxeram-lhe um paralítico em maca. Vendo Jesus a confiança deles, disse ao paralítico: "Tem ânimo, filho; teus erros foram resgatados".
3. Ora, alguns escribas disseram consigo: "Esse homem blasfema".
4. Mas Jesus, conhecendo-lhes os pensamentos, disse: "Por que pensais coisas más em vossos corações?"
5. Pois que é mais fácil? dizer: foram resgatados teus erros, ou dizer: levanta-te e caminha?
6. Ora, para que saibais que o filho do homem tem, sobre a Terra, poder para resgatar os erros" - disse ao paralítico - "levanta-te, toma tua maca e vai para tua casa".
7. E ele levantou-se e foi para sua casa.
8. Vendo isso, as multidões temeram e glorificaram a Deus, que dera tal poder aos homens.
31. Alguns dias depois, foi de novo Jesus a Cafarnaum, e soube-se que ele estava em casa.
32. Muitos afluíram ali, a ponto de já não haver lugar nem junto à porta; e ele lhes falava a Palavra.
33. E trouxeram-lhe um paralítico carregado por quatro homens .
34. E não podendo chegar a ele através da multidão, des- telharam o teto no lugar em que ele estava e, feita uma abertura, arriaram o estrado em que jazia o paralítico.
35. Vendo Jesus a confiança deles, disse ao paralítico: "Filho, teus erros foram resgatados".
36. Estavam, porém, sentados ali alguns escribas que raciocinavam em seus Corações:
37. "Por quê este profere blasfêmias? quem pode resgatar erros senão só um (que é) Deus"?
38. Mas Jesus, percebendo logo em seu Espírito que eles assim raciocinavam dentro de si, perguntou-lhes: "Por quê raciocinais sobre estas coisas em vossos corações?"
39. Que é mais fácil? dizer ao paralítico: foram resgatados teus erros? ou dizer: levanta-te, toma teu estrado
17. E ocorreu num daqueles dias em que ele estava ensinando, e achavam-se sentados perto nele fariseus e doutores da lei vindos de todas as aldeias da Galiléia, da Judéia e de Jerusalém; e a força do Senhor estava nele para curá-los.
18. Vieram uns homens, trazendo na maca um hemiplégico e procuravam introduzi-lo e pô-lo diante de Jesus.
19. Não achando por onde introduzi-lo através da multidão, subiram ao terraço e, por entre os tijolos, o desceram na maca para o meio de todos, diante de Jesus.
20. E vendo este a confiança deles, disse: "Homem, teus erros foram resgatados".
21. Começaram os escribas e os fariseus a raciocinar, dizendo: "Quem é este que profere blasfêmias? Quem pode resgatar erros senão só um (que é) Deus"?
22. Mas Jesus, percebendo-lhes os raciocínios, disse-lhes: "Que raciocinais vossos corações?"
23. Que é mais fácil? dizer: teus erros foram resgatados? ou dizer: levanta-te e caminha?
24. Ora, para que saibais que o filho do homem tem sobre a Terra poder para resgatar

e caminha?

40. Ora, para que saibais que o filho do homem tem, sobre a Terra, o poder de resgatar erros" - disse ao parálitico -

41. "A ti te digo: levanta-te, toma teu estrado e vai para tua casa".

12. Então no mesmo instante levantou-se ele, e tomando seu estrado retirou-se à vista de todos; de modo que todos ficaram atônitos e glorificavam a Deus, dizendo: "Nunca vimos coisa semelhante"!

erros" - disse ao hemipléxico - "A ti te digo, levanta-te, toma tua maca e vai para tua casa".

25. Imediatamente levantou-se, diante deles, tomou a maca em que jazia e partiu para sua casa, glorificando a Deus.

26. Todos ficaram atônitos, glorificaram a Deus e encheram-se de temor, dizendo: "Hoje vimos coisas extraordinárias"!

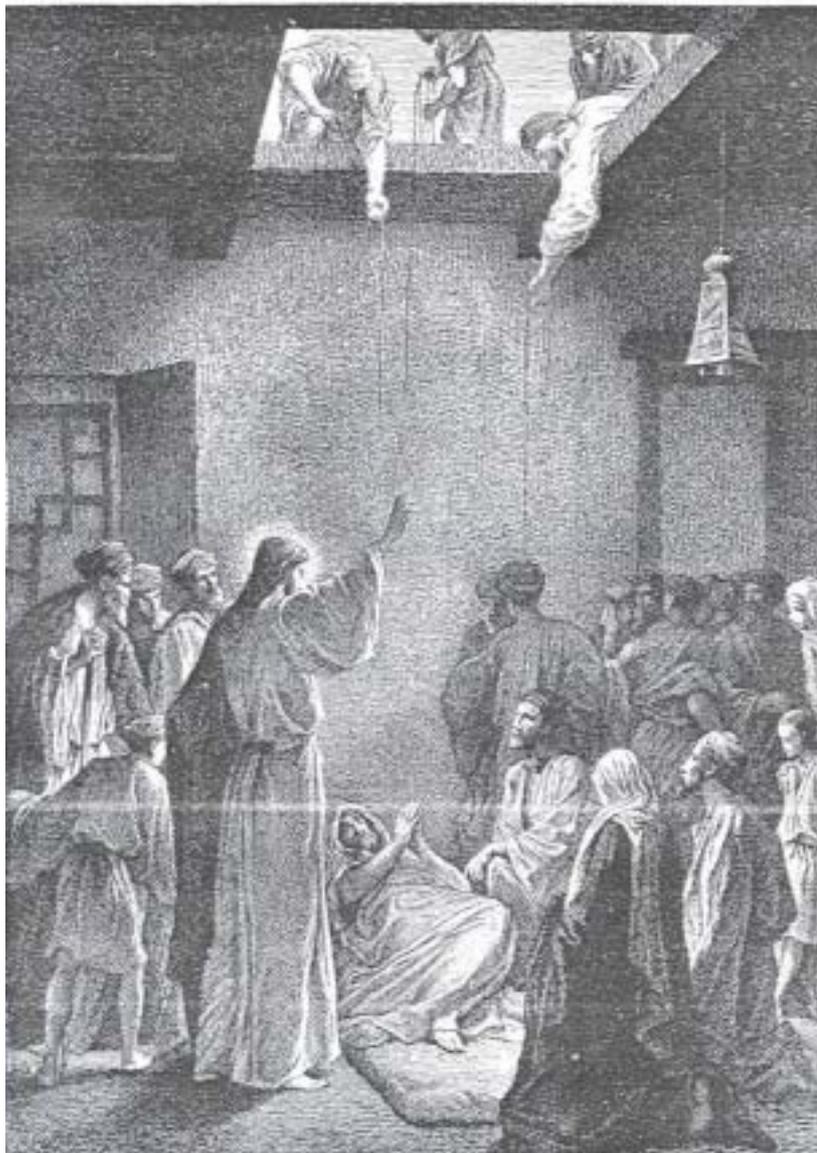


Figura “ A CURA DO LEPROSO”

Mateus coloca essa cura depois da viagem a Gadara (Marcos antes dela) e depois do Sermão do Monte (Lucas antes dele). Sabemos, porém, que não havia preocupação da cronologia dos fatos, pois os evangelistas procuravam apenas transmitir às gerações porvindouras os ensinamentos profundos de Jesus, intencionalmente ocultos no véu da letra, exatamente para que cada um deles bebesse somente aquilo que sua capacidade pudesse suportar.

Em Mateus aparece a anotação de que JESUS foi à "sua cidade". Embora nessa época ainda não estivesse residindo há um ano, o que lhe daria direito de ser "filho da cidade", contudo deve ter ficado no ouvido do autor a expressão, já que o Evangelho foi escrito muito tempo depois.

O ambiente da cena é mais minucioso em Marcos e Lucas: a casa cheia de gente, que extravasava da sala para o alrendre, amontoando-se mais na porta. Jesus a falar, sentindo em si, como está dito pelo médico, "a força do Senhor para curar". A expressão é sintomática, sobretudo quando expressa por um médico. Essa "força do Senhor" talvez manifeste o excesso de fluídos magnéticos prontos a exteriorizar-se (coisa que ocorre até independente da vontade ou do conhecimento da criatura, tal como sucedeu com a "hemorroíssa". Mr. 5:30, Lc- 8:45).

Ao chegarem os quatro amigos a carregar um paralítico (Lucas não emprega o termo popular "paralítico", mas o técnico, no participio, correspondente a "hemiplégico"), encontraram a entrada totalmente bloqueada, com as atenções dos circunstantes voltadas para dentro, a fim de não perderem uma palavra. A resolução é instantânea: enveredam pela escada lateral externa, que conduz ao terraço, como em quase todas as casas da Palestina. Terraço plano, construído com traves de madeira, cruzadas largamente, e sobre elas quadrados chatos de terra cozida ("telhas") - Estas são afastadas e, pelo espaço assim conseguido, o leito foi descido com cordas até diante de Jesus.

Este dirige-se ao enfermo, animando-o e usando, para chamá-lo, o termo de carinho que os pais usavam com os filhos: τέινον .

Vem então o reconhecimento oficial de que o carma havia sido esgotado ἀφέωνται , no perfeito dórico-jônico, e não no presente, nos três evangelistas e em todos os manuscritos, o que afasta a hipótese de não obstante, as traduções o reproduzem sempre pelo presente ... Assim, a expressão ἀφέωνται σοί αἱ ἁμαρτίαι σου exprime exatamente: "*foram resgatados teus erros*", ou, na linguagem moderna: "está liquidado teu carma".

Dissemos, na pág. 51 do vol. 1, que a frase ἐν ἀφέσει ἁμαρτιῶν αὐτῶν significava "na rejeição ou expulsão dos próprios erros". Continuando nossas meditações, chegamos hoje à conclusão de que essa rejeição dos erros" se refere ao *resgate do carma*. Não basta rejeitá-los pela vontade, nem tampouco deixar de *praticá-los* de agora em diante. O indispensável é RESGATÁ-LOS, de acordo com a Lei de Causa e Efeito (Lei do Carma) plenamente válida no trecho que comentamos, quando Jesus declara que o sofrimento da paralisia já resgatou os erros do paciente, já o libertou do carma.

A Lei de Causa e Efeito (Lei do Carma), "cada um receberá de acordo com suas obras", está repetida à saciedade no Antigo e Novo Testamento, em pelo menos 30 passos, vejam-se os passos:

Deut. 7:9-10; 24:16; **2.º Reis**, 14-6; **2.º Crôn.** 25:4; **Job**, 34:11; **Salmo**, 28:4; 62:12; **Prov.** 12:14; 24:12; 24:29; **Isaias**, 3:11; **Jer.** 31:29-30; **Lament.** 3:64, **Ezeq.** 18:1-32; 35:20; **Ecles** 15:15; **Mat.** 3:10; 7:19; 16:27; 18:8-9; **Rom** 2:6; **1 Cor.** 3:14; **2 Cor.** 5:10; 9:6; 11:15; **Mat.** 3:10; 7:19; 16:27; 18:8-9; **Rom.** 2:6; **1 Cor.** 3:14; **2 Cor.** 5:10; 9:6; 11:15; **Gal.** 6:4; **Ef.** 6:8; **Col.** 3:25; **2 Tim.** 4:14; **1 Pe.** 1:17; **Tiago**, 2:24; **Apoc.** 2:23; 20:12 e 22:12.

Não é, pois, a Lei do Carma uma "invenção" moderna, mas uma verdade revelada em todo o decorrer das Escrituras.

Quanto à convicção de que as enfermidades de uma existência são o resultado de erros cometidos na mesma ou em existência anterior, também as Escrituras nos dão frequentes ensinamentos, bastando citar: "eu era um menino de boa índole, coube-me em sorte uma alma boa, *ou melhor, sendo bom, entrei num corpo sem defeitos*" (Sab.15:19-20); e ainda: "pensais que esses galileus (que foram sacrificados

dos por Pilatos) eram os maiores transgressores da Galiléia e por isso sofreram essas coisas? Eu vos digo: NÃO. Mas enquanto não vos reformeis, todos sereis castigados dessa maneira" (Luc.13:2-3); e mais, em João 9:2, quando por ocasião do cego de *nascença* "foi ele que pecou (e só poderia tê-lo feito em existência anterior) ou seus pais"?; e outra vez: "se tua mão ou teu pé ... ou teu olho te são pedra de tropeço, corta-os e lança-os de ti: melhor te é entrares NA VIDA, manco, aleijado e cego" ... (Mat. 18:8-9); ora, ninguém suporá que na vida espiritual haverá aleijões: é evidente que se trata de entrar na VIDA TERRENA aleijado e cego, o que explica esses defeitos nos recém-nascidos.

Fora das Escrituras: SIPHRA, ao comentar Lev. 14:15 diz que a lepra e o castigo da má língua, à qual, porém, SABBATH (33b) atribui como efeito a difteria. O Talmud (em *Tianith*, 16a) diz claramente: "só o arrependimento não basta, se não houver mudança de vida". E no *Sanhedrim* (90a): "Todos os julgamentos do Santo Único (bendito seja!) tem por base: tal ato, tal retribuição".

Era, portanto, generalizada (e correta) a crença de que a doença constituía o resultado cármico de erro, praticados na mesma vida ou em vida anterior, tanto que Rabbi Alexandrai escreveu: "o doente não se ergue de sua enfermidade, senão quando Deus lhe haja perdoado seus pecados, pois está escrito: 'é Ele que perdoa todos os pecados e cura todas as doenças' (Salmo 103:3)". Estão certos Strack e Billerbeck quando escrevem em seu "Comentário sobre o Novo Testamento segundo o Talmud" (tomo 1, pág. 495): "têm razão os anotadores do Talmud quando concluem: perdão primeiro, cura depois".

Os escribas (e Lucas acrescenta os "doutores" da Galiléia, da Judéia e Jerusalém) acreditavam nesse "perdão", nessa declaração autorizada de "carma liquidado" ou "resgate concluído", mas julgavam só Deus pudesse fazê-lo. Daí o pensamento que se projetou de seus cérebros em formas mentais: "esse (homem) blasfema"! O pensamento, confirma-o Jesus mais uma vez, proveio *do coração*. Não o diz simplesmente porque os israelitas "acreditavam que a sede da mente estivesse no coração (cfr. Dhor-me, *L'emploi métaphorique des noms de parties du corps*, pág. 122), mas porque, na realidade, é DO CORAÇÃO que provém os pensamentos, já que o coração é sede da mente (origem dos pensamentos) ao passo que o cérebro é a sede do intelecto (que analisa e raciocina). Jamais podemos acreditar que Jesus pudesse ter ensinado errado, só para conformar-se ou não contrariar uma "ignorância" da época: o Mestre só podia ensinar CERTO, porque sabia o que dizia. Podia conformar-se com o vocabulário de sua época, mas não com erros.

Jesus, entretanto, em Quem, mais do que em qualquer outro, brilhava conscientemente a Centelha Divina, que agia em todo o Seu esplendor e potencialidade, demonstra-lhes outro poder, ainda não desenvolvido nos homens comuns: o de LER os pensamentos. E declara abertamente que o faz, numa demonstração de poder: "por que pensais coisas más em vossos corações"? E a seguir, coloca-os num dilema, difícil de solucionar: "que é mais fácil"? A cena é descrita pelos três evangelistas com a mesma vivacidade, contendo um anacoluto violento, natural na linguagem falada, mas forçado na linguagem escrita. Todavia, o testemunho tríplice prova a absoluta fidelidade à cena.

"Levanta-te". O levantar-se atesta a cura de alguém que viera carregado por 4 homens. Não satisfeito, Jesus leva a demonstração (*sêmeion*) de Seu poder ao máximo. Levantar-se, apenas, poderia parecer um passe de sugestão. Mas, quase com ironia, vem a segunda parte: "carrega tua maca, e regressa a casa". Tudo isso, sem sequer tocá-lo; simples ordens verbais. Daí o grupo de pessoas que assistia à cena ter ficado estupefato e, após o espanto, ter louvado a Deus pelo Poder que conferia a um homem.

Ainda uma vez, como já o fizera com Nicodemos em particular, Jesus aplica a si, agora publicamente, o título de "Filho do Homem" (em hebraico *bar'enascha* e em aramaico *bar nasha*), que já foi explicado (vol. 1, pág 154/155).

A expressão "coisas extraordinárias" (*parádoxa*) é termo próprio de Lucas. O adjetivo "atônito" corresponde a *échstasis*, literalmente 'extáticos', ou seja, "fora de si".

Mas há ensinamentos mais profundos.

Muitas criaturas (personalidades) tornam-se paralíticas ou hemiplégicas na estrada evolutiva, por estarem presas ao passado de erros. Embora os sofrimentos lhes estejam resgatando, ou já hajam

resgatado, o carma, calculam que muito lhes falta. Param, então, aguardando uma palavra superior a fim de prosseguir. Típico o exemplo desse paralítico que, ao tomar contato com o Cristo, é por ele tratado carinhosamente, com a declaração de que deve readquirir o entusiasmo da jornada, pois seu carma havia terminado.

Observemos a lição em alguns pormenores. O paralítico está estacionado na evolução por desânimo, sem saber nem poder mover-se. Quatro amigos o conduzem, na qualidade de "guias". Não podem penetrar pela porta normal, das sensações e emoções, a trilha palmilhada pela multidão de ritualistas e religiosos comuns, porque aí a massa se acotovela e impede a passagem. Todos aí querem buscar o Cristo para conseguir "milagres". Então os "guias" sobem mais um pouco pela "escada externa" (fora das religiões dogmáticas) e encontram o caminho certo: abrem um vão "no teto" (no cérebro, pela compreensão dos ensinamentos verdadeiros) e o fazem mergulhar no coração, onde ele ficará diante do Cristo Interno, na Consciência Cósmica.

Os companheiros de jornada percebem o caminho novo e diferente, e rebelam-se intimamente, porque, no nível evolutivo em que se acham, não lhes é possível entender um caminho diferente do seu. E lançam "excomunhão" sobre o próprio Cristo que age com o paralítico. O Mestre não se perturba e demonstra, por fatos concretos e irrecusáveis, que esse é o caminho (os fatos psíquicos enchem milhares de páginas de livros em todos os idiomas, mas os "escribas" e os "doutores" das diversas confissões religiosas e científicas continuam a querer ignorá-los, a excomungar o Cristo, chamando-o "diabo", porque age sem ser por intermédio deles; e procuram destruir, unidos aos profanos - "herodianos" - essa força crística que opera sábia e livremente).

Ao paralítico cabe uma só providência daí por diante: erguer-se reanimado, tomar seu leito (seu corpo) e regressar para sua casa (para o ambiente espiritual que lhe é próprio), sem dar ouvidos aos murmúrios dos despeitados e ignorantes dessas coisas. É o que ele faz. E essa subida espiritual é realizada COMO PROVA de que o Cristo Interno tem razão. Mas, apesar disso, os "doutores" e os "sacerdotes" não aceitam essa sabedoria nem essa santidade, porque não floresceram segundo os "modelos" que eles estabeleceram, e porque não proliferaram no "jardim fechado" que eles mantêm, controlam e dominam.

Mas, que importa isso ao "paralítico"? Ele segue seu caminho "glorificando a Deus", juntamente com todos os que são sinceros discípulos do Cristo.

MATEUS É CHAMADO

Mat. 9:9

Marc. 2: 13-14

Luc. 5: 27-28

9. Partindo Jesus dali, viu um homem chamado Mateus, sentado na coletoria, e disse-lhe: "Segue-me". E, levantando-se, ele o seguiu.
13. Saiu outra vez para beiramar, e toda a multidão vinha a ele e ele lhes ensinava.
14. E quando ia passando, viu Levi, o (filho) de Alfeu, sentado na coletoria, e disse-lhe: "Segue-me". E levantando-se ele o seguiu.
27. Depois disso, saiu e olhou atentamente um cobrador de impostos (publicano), sentado na coletoria, e disse-lhe: "Segue-me".
28. E deixando tudo, ele levantou-se e seguiu-o.



Figura "O CHAMADO DE LEVI"

Ao sai de casa, caminhando pela rua, passa Jesus diante de uma coletoria de impostos, com seu chefe sentado à mesa.

Ao coletor de impostos os romanos denominavam *publicanos*, ou seja, “agentes do tesouro público”; e os gregos *telônes*, palavra composta de *télos* (imposto) e *ônéomai* (comprar). Consistia sua função em comprar do governo o direito de cobrar os impostos, pagando antecipadamente, de seu bolso, a importância orçada pelo Tesouro, e ficando a seu risco ser reembolsado pelos particulares. Paga a soma total ao governo, o coletor distribuía seus agentes para cobrar taxas de pedágios, de trânsito de mercadorias, de caravanas, do comércio, de alfândegas, etc., de todo o distrito que lhe estava afeto. O que conseguisse cobrar era seu, inclusive se havia (e havia sempre) *superavit*. Alguns, mais afortunados, compravam os impostos de uma província inteira, sendo então "chefe de publicanos", como era o caso de Zaqueu (cfr. Luc. 19: 3). Como o povo era oprimido por eles, que buscavam reaver seu dinheiro com lucro, o povo os odiava, inclusive porque o empréstimo antecipado lhes valia uma autorização oficial de "cobradores da dívida pública". E toda a classe era desprezada e comparada aos "pecadores".

E eram mal vistos porque, em geral, cobravam mais do que deviam, para aumentar seus rendimentos (cfr. Luc. 3:12-13). No mundo profano havia o mesmo pensamento e Cícero (*De Officiis*, 1:42) os chama "os mais vis dos homens". Os judeus consideravam "traidores e apóstatas", tanto que o Talmud os proibia de servir de juízes ou de testemunhas nos processos: e a mais consideravam-nos "legalmente impuros", por seu contato constante com os não-judeus.

Ao narrar o fato, Mateus dá-se apenas esse nome, acrescentando "o publicano", enquanto os outros dois dão seu primeiro nome, Levi, esclarecendo Marcos, ainda, que era "filho de Alfeu".

Cafarnaum, situada nas fronteiras do domínio de Herodes Antipas com o de Filipe, tinha um posto aduaneiro que era importante, porque ficava no entroncamento das estradas que ligavam Damasco ao Mediterrâneo e ao Egito.

Jesus afronta fariseus e escribas, ao escolher um desses homens como discípulo, após olhá-lo atentamente (*ethéasato*) à sua mesa de trabalho.

E Levi abandona *ex abrupto* sua mesa e segue-o, com total desprendimento, deixando seu escritório entregue aos auxiliares.

Muitos de nós ainda agimos na personalidade, como se fora ela nosso EU,. preocupamo-nos, então, com os haveres e "compramos" bens que nos aumentem os alforjes durante a romagem terrena.

Nada há de errado nisso, enquanto não chega o momento de a tudo renunciar, para dedicar-nos integralmente à vida espiritual.

Mateus ("dom de Deus"), exemplifica o caso do homem de negócios que se preocupa com os bens da Terra. Mas, ao ouvir a voz de chamamento do Cristo Interno, resolve abandonar tudo e seguir o caminho da perfeição.

O momento do chamado é uma oportunidade que não deve ser perdida por nós. Mas é indispensável saber ouvir a voz que nos convoca, reconhecê-la, quando vem de dentro do coração, e não confundi-la com chamados externos, intelectuais ou emocionais, de 'guias', sejam encarnados ou desencarnados, que prometem o que não podem dar, que se denominam a si mesmos "mestres" ou "gurus", coisa que jamais o próprio Jesus fez, pois nos esclareceu que "um só é nosso Mestre: o CRISTO" (Mat.23:10).

Cada um de nós deve permanecer atento à própria personalidade, para que não "viva" a preocupar-se com lucros materiais. A individualidade deve reclamar de nossa personalidade, quando esta só cogita de "juntar tesouros que a ferrugem consome e a traça corrói e os ladrões roubam" (Mat. 6:19).

Temos que ensinar à nossa personalidade a confiar no PAI.

O BANQUETE DE LEVI

Mat. 9:10-13

Marc. 2:15-17

Luc. 5:29-32

10. E aconteceu que estando reclinado à mesa em casa, vieram muitos cobradores de impostos e "pecadores" e reclinaram-se com Jesus e com seus discípulos.
11. Vendo isto, os fariseus perguntavam aos discípulos: "por que vosso Mestre come com os cobradores de impostos e "pecadores"?"
12. Mas ouvindo-o, Jesus disse: "os sãos não precisam de médico, mas sim os enfermos.
13. Porém ide aprender o que significa: misericórdia quero, e não sacrifícios', pois não vim chamar os justos, mas os pecadores" .
15. E vai (Jesus) reclinar-se à mesa na casa dele (Levi) e reclinaram-se também com ele e com seus discípulos muitos cobradores de impostos e "pecadores", pois havia muitos que o seguiam.
16. E vendo os escribas dos fariseus que ele comia com os "pecadores" e cobradores de impostos, diziam aos discípulos dele: "por que é que ele come com os cobradores de impostos e 'pecadores'?"
17. Ouvindo isto, Jesus respondeu-lhes: "os sãos não precisam de médico, mas sim os enfermos; não vim chamar os justos, mas os pecadores".
29. Levi deu-lhe um grande banquete em sua casa; e era grande o número de cobradores de impostos e de outras pessoas que estavam com eles à mesa.
30. Os fariseus e se seus escribas murmuravam contra os discípulos de Jesus, dizendo: "por que comeis e bebeis com os cobradores de impostos e 'pecadores'?"
31. Respondendo, lhes Jesus: "os sãos não precisam de médico, mas sim os enfermos.
32. Não vim chamar os justos, mas os pecadores para a reforma mental".

Mateus levanta-se da coletoria para seguir Jesus, mas antes leva-o a sua casa, e aí oferece-lhe um "grande banquete", no qual se despede de seus amigos e colegas de profissão: realmente os agentes fiscais eram numerosos em Cafarnaum.

"Reclinar-se à mesa (*katakeisthai*) porque o alimento era tomado enquanto o conviva ficava recostado, quase deitado, num leito mais baixo, com a cabeça apoiada no braço esquerdo, ficando o direito livre para servir-se nos pratos à mesa, algo mais alta. Esse o costume dos banquetes de luxo: provinha da Assíria, tendo penetrado em Israel (Amós, 6:4), na Grécia e em Roma.

Notemos que o termo "pecadores" (*hamartolós*) tem um sentido próprio em grego: os "transviados", isto é, "os que estão fora do caminho certo" .

Para os fariseus e saduceus ortodoxos, todos os não-judeus (gentios) eram "pecadores", porque não trilhavam a estrada traçada por Moisés. E também eram chamados "pecadores" todos os judeus que mantinham contato com os gentios, como os agentes fiscais. Fique bem claro, que o termo "pecadores" tem esse sentido especial: não eram criminosos, nem delinquentes, mas apenas não seguiam a rigidez legal, tida como ortodoxia. O banquete que Mateus ofereceu a Jesus era, então, verdadeiro "banquete de pecadores", como diz Jerônimo (Patr. Lat. , vol. 26, col. 56).

Participar de uma refeição na casa de alguém era fazer-lhe grande honra, mormente para esses homens ricos, mas desprezados; ver Jesus entre eles deve ter constituído imensa alegria, sinal inequívoco de

estima e amizade. Mas os judeus, que eram obrigados a recitar as "bênçãos", jamais admitiam ladear-se com os gentios nesse ato quase religioso. Vinte anos após a morte de Jesus, os cristãos que provinham do judaísmo recusavam alimentar-se ao lado dos cristãos provenientes do paganismo (Gál. 2:11-14).

Ao ver, pois, essa promiscuidade, os fariseus escandalizam-se, mas não ousam investigar o Mestre: vão aos discípulos para investigar a razão dessa manifestação de desrespeito aos preceitos mosaicos. Jesus intervém pessoalmente, para tirar os discípulos de embaraço e fá-lo com fina ironia, concedendo aos fariseus o título de "justos" e de "sadios" de espírito (santos).

A expressão "ide aprender o que significa" é fórmula rabínica usada nas controvérsias. Cita então Oseias (6:6), dizendo que a misericórdia vale muito mais que qualquer sacrifício religioso, e depois cita um aforisma corrente (cfr. Diog. Laércio, *Antisth.* 6.1.6. e Plutarco, *Apophthegmas*, 230 F): "não são os sadios que precisam de médico". E confirma: 'não vim chamar, (no sentido de convidar) os justos, mas os "pecadores". Mais tarde dirá novamente que os "pecadores" e as meretrizes conseguirão o "reino de Deus" antes que os "justos" fariseus e os sacerdotes convencidos (Mat. 21:31).

A esses era muito mais fácil pregar a Boa-Nova, que aos que se julgavam "virtuosos" e "conhecedores", quase que "donos da verdade" ...

A individualidade sabe perfeitamente que as personalidades são coisas passageiras, perecíveis, e vivem numa situação de irrealidade que lhes parece realidade. Daí dar importância muito secundária aos atos da personalidade. Que importa se a criatura, temporariamente mergulhada na carne, exerce uma profissão desprezada pelo mundo oficial? Que importa o transvio do que é exterior, se o íntimo está aproveitando aquela experiência, por vezes dolorosa, para o aprendizado maior?

Então, se a personalidade ainda precisa de certas exterioridades (como o banquete de Mateus), a individualidade não se recusa a ela: comparece com todos os discípulos (veículos que a envolvem), e participa da alegria daquela criatura, que ainda dá valor ao temporário e irreal, por julgá-los coisas duradouras e reais. Nada de "fitas" e de hipocrisias, de cenobitismo eremita, de sacrifícios irracionais: se estamos na Terra na condição de seres humanos, como tais devemos viver. 'Não mais somos animalizados - então nada de animalismo - mas ainda não somos anjos, portanto, não vivamos como anjos desprezando a matéria", são palavras de Emmanuel. Por que então fugir à nossa condição de homens que ainda somos?

A lição de Jesus neste fato é importante e visa a todos os que se envaidecem de suas virtudes, fugindo ao contato com os enfermos morais: exatamente estes são os mais necessitados.

A misericórdia é superior a qualquer ato religioso, e a nós (a individualidade) não interessam a admiração e os elogios dos bons, dos justos, dos santos: esses têm sua trilha traçada e a seguem sem tropeço. O que a individualidade tem que fazer é exatamente convidar as personalidades ainda viciadas e animalizadas, para que "modifiquem sua mente", seu modo de pensar e de encarar a vida.

Não temamos ombrear com os "pecadores" e transviados; não fujamos de sua companhia; não recusemos banquetear-nos à sua mesa; pois daí poderão advir grandes vantagens para eles e para nós. Por que, afinal, em que somos nós melhores que eles? Só o pensamento de que somos melhores, já é uma prova de que o não somos: pelo menos ele são humildes, pois sabem que são pecadores, e com isso sintonizam com Deus; e nós, que nos julgamos "melhores", manifestamos nossa vaidade tola, e com isso, dissintonizamos com Deus, que é a Humildade Perfeita.

A QUESTÃO DO JEJUM

Mat. 9:14-17

Marc. 2: 18-22

Luc. 5: 33-39

14. Depois foram a ele os discípulos de João, dizendo: "por que é que nós e os fariseus jejuamos, mas teus discípulos não jejuam"?
15. Respondeu-lhes Jesus: "Podem acaso estar tristes os convidados do casamento, enquanto o esposo está com eles? mas dias virão em que lhes será tirado o esposo, e nesses dias jejuarão."
16. Ninguém põe remendo de pano novo em manto velho, porque o remendo, repuxa parte do manto e fica maior o rasgão.
17. Nem se põe vinho novo em odres velhos; senão arrebetam os odres, e derrama-se o vinho e estragam-se os odres; mas vinho novo é posto em odres novos, e ambos se conservam'.
18. Ora, os discípulos João e os fariseus estavam jejuando. E eles vieram perguntar-lhe: "por que jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam"?
19. Respondeu-lhes Jesus: "Podem acaso jejuar os convidados do casamento, enquanto o esposo está com eles? Durante o tempo em que têm consigo o esposo, não podem jejuar."
20. Dias virão, porém, em que lhes será tirado o esposo, e então nesses dias jejuarão.
21. Ninguém cose remendo de pano novo em manto velho: senão o remendo novo repuxa parte do velho, e torna-se maior o rasgão.
22. E ninguém põe vinho novo em odres velhos; senão o vinho fará arrebetar os odres e derramar-se-á o vinho e também perder-se-ão os odres; ao invés, vinho novo é posto em odres novos".
33. Disseram-lhe eles: "os discípulos de João jejuam frequentemente e fazem orações, assim como os dos fariseus; mas os teus comem e bebem".
34. Mas Jesus disse-lhes: "Podéis fazer jejuar os convidados do casamento, enquanto o esposo está com eles?"
35. Dias, porém, virão em que lhes será tirado o esposo, então nesses dias jejuarão".
36. Propôs-lhes também uma parábola: "Ninguém tira remendo de manto novo e o põe em manto velho; senão rasgará o novo, e o remendo do novo não combinará com o velho."
37. E ninguém põe vinho novo em odres velhos; senão o vinho novo arrebetará os odres, e ele se derramará, e estragar-se-ão os odres:
38. Ao invés, vinho novo deve ser posto em odres novos.
39. Ninguém que já bebeu o vinho velho, ao ver o novo, pois diz: "o velho é melhor".

Ainda durante o banquete é apresentada a Jesus outra objeção, desta feita ritualística. Os joanitas (discípulos de João Batista) observam que, num dia de jejum (conforme noticia Marcos), Jesus se banquetearia com seus discípulos. A anotação de Marcos de que os fariseus e joanitas "estavam jejuando" (êsan nesteúontes) assinala o contraste entre a alegria do banquete e a tristeza "formal" dos que jejuavam. Não é crível, todavia, que Jesus estivesse afrontando, logo no início de seu ministério, um jejum prescrito por lei (como, por exemplo, o "da expiação", a 10 de *tishri*). Mas havia outras datas, já cita-

das por Zacarias (8:19) e que, segundo esse profeta deveriam ser abolidas; não obstante, continuavam a ser rigorosamente observadas pelos ortodoxos rigoristas.

Jesus responde com uma comparação: os "filhos da câmara nupcial" (*hoi huioi tou numphônos*, tradução do hebraico *benê hupâh*) expressam os "convidados", que não podem manifestar luto e tristeza na presença do esposo. Essa comparação é dirigida especialmente aos joanitas, que deviam bem lembrar-se das palavras do Batista, quando comparou Jesus ao "esposo" e ele mesmo ao "amigo do esposo" (João, 3:29). E, ainda mais, vem ligar Jesus ao Antigo Testamento, onde se afirma que o esposo por excelência do povo judaico era YHWH (Jer. 2:2; Os. 1:3), confirmando o que escrevemos na pág. 4 do 1º vol., ou seja, de que Jesus é a encarnação de YHWH. No entanto, breve chegará o tempo em que o esposo "será arrebatado (*aparthê*), conforme também escreveu Isaías (53:8), ou seja, *aparthê aíretais apó tês gês hê zóe autou* (será arrebatada da Terra a vida dela).

Vem depois uma frase sentenciosa, em forma de aforismo: "ninguém sobrepõe remendo (epíblêma) de pano novo (ágna phos), literalmente "não molhado", que portanto encolherá muito ao ser lavado, em roupa velha, pois a peça (*plérôma*) repuxará, e o rasgão (*schisma*) ficará maior. A comparação é nova e bela. Lucas, porém, a apresenta de forma algo diferente: "ninguém arranca um pedaço da roupa nova para remendar outra velha", pois as duas ficariam inutilizadas.

Segue-se outra comparação do mesmo teor, a respeito do vinho. O odre (ainda hoje usado no oriente) consiste numa pele de, animal, sobretudo bode, devidamente macerada, cosida nas extremidades e fechada na boca com uma fivela de osso, conservando mais ou menos a forma do animal. Nesses odres eram transportados líquidos (água, leite, vinho, óleo ou *leben*, isto é, leite coalhado). Ora, o vinho novo, ao fermentar, arrebentaria a pele já velha e desgastada de ser carregada às costas de um lado para outro, e tanto o vinho se derramaria, como a pele se perderia.

Aqui Lucas acrescenta, também, um versículo novo: quem bebe o vinho velho, não quer saber do novo, pois o velho é melhor (*chréstóteros*, ou, em outros manuscritos, "é bom", *chréstos*, sem o comparativo).

Os exegetas interpretam essas comparações, como a impossibilidade de adaptar-se a "Boa-Nova" às velhas doutrinas israelitas, e portanto, como afirmação de que a nova doutrina deverá arrebanhar homens libertos de preconceitos e dogmas. No entanto, pela última frase de Lucas, quem já experimentou o vinho (a doutrina israelita) nem quererá saber da nova (o Evangelho), porque julgará sempre que o antigo é o melhor.

Daí concluem que o candidato à nova doutrina de Jesus deverá abandonar totalmente, delas fazendo *tábula rasa*, todas as suas crenças antigas, sem o que jamais poderá compreender todo o alcance do que Jesus ensinou.

Outras lições mais vamos aprendendo, aprofundando assim o conhecimento do ensino de Jesus.

Se os fariseus caracterizam, os tipos hipócritas (atores) que representam uma cena sem que os sentimentos expressados correspondam ao que lhes vai no íntimo, os joanitas já são exemplo de outra categoria: os rigoristas sinceros, que julgam residir a perfeição no rígido cumprimento dos preceitos morais: é intelectualismo, ainda, já um pouco esclarecido, embora não bem equilibrado.

Preocupam-se, então, com o lado exterior da vida, dando importância ao jejum, isto é, à ausência da alegria. Porque o jejum, mais do que a abstenção do alimento, valia pela expressão facial de tristeza, pelo óleo que derramavam no cabelo, deixando que escorresse pela barba, pela cinza com que pulverizavam a cabeça e as roupas, velhas e sujas, a fim de dar aos outros (embora não a si mesmos) a impressão de grandes penitentes.

Ora, enquanto o "esposo" (o CRISTO INTERNO) está unido à sua criatura, esta fatalmente terá que demonstrar alegria. Todos os grandes místicos, que realizaram a unificação, ou pelo menos quando conseguem a união, sempre foram alegres, bastando-nos recordar o exemplo de Teresa de Ávila.

Entretanto, quando a união se desfaz, nos "intervalos de separação", a tristeza é grande, e a criatura chega a perder o apetite e o sono, jejuando então espontaneamente; essa fase é denominada período de secura ou de trevas, como a "noite sem estréias".

Os ensinamentos feitos sob forma de parábolas são profundos.

A interpretação dada por todos os exegetas é de que o Evangelho não pode adaptar-se às crenças judaicas; a Boa-Nova se perderia se pretendesse brotar e produzir no terreno já cultivado por outra crença. Esta é, com efeito, a interpretação personalista que joga, quase sempre, com fatos exteriores, a fim de não precisar tocar em seu próprio íntimo, "reformando sua mente", e modificando seus hábitos e sua crença.

Mas a interpretação real é mais profunda.

O "homem novo" não pode ser sobreposto ao "homem velho", senão ambos se estragam. A individualidade não pode aplicar-se sobre a personalidade, porque senão, quando a individualidade se encolhe na humildade verdadeira, para ficar de seu tamanho próprio, a personalidade, que a não pode acompanhar, se rebela e o rasgão (em grego, o "cisma") entre as duas se torna maior.

E ainda, não há possibilidade de a individualidade que cresce por dentro (fermenta) não poder adaptar-se à personalidade mesquinha: o fermento desse crescimento ao infinito arrebentaria a pequenez da pessoa, e teríamos total estrago. De fato, quando certas pessoas penetram, apenas intelectualmente, nessa compreensão, mas sem conseguir a vivência, observa-se que representam uma coisa que não são; tornam-se extremamente vaidosas, sob a capa da humildade exterior; não admitem ninguém superior a elas, porque se julgam plenos de sapiência, conhecedores únicos da "verdade"; olham a todos "de cima", como seres superiores que se sentem: perdeu-se o vinho e arrebentou o odre.

Então, a adaptação tem que ser perfeita: primeiramente é mister que a criatura se torne "homem novo", libertando-se de preconceitos e dogmatismos, com a mente livre de teorias escravizantes, para então poder receber o vinho novo, ou seja, realizar a união com o Cristo Interno.

Mas tudo isso é difícil, porque, quem experimentou o vinho velho, recusa o novo. Quem, durante séculos, plasmou sua mente em moldes preestabelecidos e a eles se adaptou plenamente, recusa abandonar TUDO (cfr. Luc. 14:16 e 33) para tornar-se novamente criança (cfr. Luc. 18: 17) e então "entrar no reino dos céus", isto é, na Consciência Cósmica, encontrando o CRISTO INTERNO".

A QUESTÃO DO SÁBADO

(GENESAR - SÁBADO, 22 DE MAIO DE 29 A.D.)

Mat. 12:1-8

Marc. 2:23-28

Luc. 6:1-5

- | | | |
|---|---|---|
| <p>1. Naquela ocasião, num sábado, passou Jesus pelas searas; e tendo fome, seus discípulos começaram a colher espigas e a comer.</p> <p>2. Vendo isto os fariseus disseram-lhe: "Teus discípulos estão fazendo o que não é lícito aos sábados".</p> <p>3. Mas ele disse-lhes: "não lestes o que fez Davi, quando ele e seus companheiros tiveram fome?</p> <p>4. como entrou na casa de Deus e comeram os pães da "proposição", que não lhe era lícito comer, nem a seus companheiros, mas somente aos sacerdotes?</p> <p>5. ou não lestes na lei que, aos sábados, os sacerdotes no templo violam o sábado e ficam sem culpa?</p> <p>6. Digo-vos, porém: aqui está o que é maior que o templo.</p> <p>7. Mas se tivésseis sabido o que significa "misericórdia quero e não um sacrifício", não teríeis condenado os inocentes,</p> <p>8. porque o Filho do Homem é senhor do sábado".</p> | <p>23. E aconteceu que caminhando Jesus pelas searas num sábado, seus discípulos ao passarem, começaram a colher espigas.</p> <p>24. E os fariseus lhe perguntaram: "olha, por que fazem eles no Sábado o que não é lícito"?</p> <p>25. Respondeu-lhes ele: "Nunca lestes o que fez Davi, quando teve necessidade e fome, ele e seus companheiros?</p> <p>26. Como entrou na casa de Deus, sendo Abiatar sumo-sacerdote, e comeu os pães "proposição", os quais só aos sacerdotes era lícito comer, e ainda os deu a seus companheiros"?</p> <p>27. E acrescentou: "o Sábado foi feito por causa não do homem, e não o homem por causa do Sábado;</p> <p>28. assim o Filho do Homem é senhor também do Sábado".</p> | <p>1. Aconteceu num sábado passar Jesus pelas searas e seus discípulos colhiam espigas e debulhando-as com as mãos, as comiam.</p> <p>2. Perguntaram alguns dos fariseus: "por que fazeis o que não é lícito nos sábados"?</p> <p>3. Respondeu-lhes Jesus: "Nem ao menos lestes o que fez Davi, quando teve fome, ele e seus companheiros?</p> <p>4. como entrou de Deus, tomou e comeu os pães da "proposição", que somente aos sacerdotes era lícito comer, e os deu também aos que com ele estavam?</p> <p>5. E acrescentou: "O Filho do Homem é senhor também do sábado".</p> |
|---|---|---|

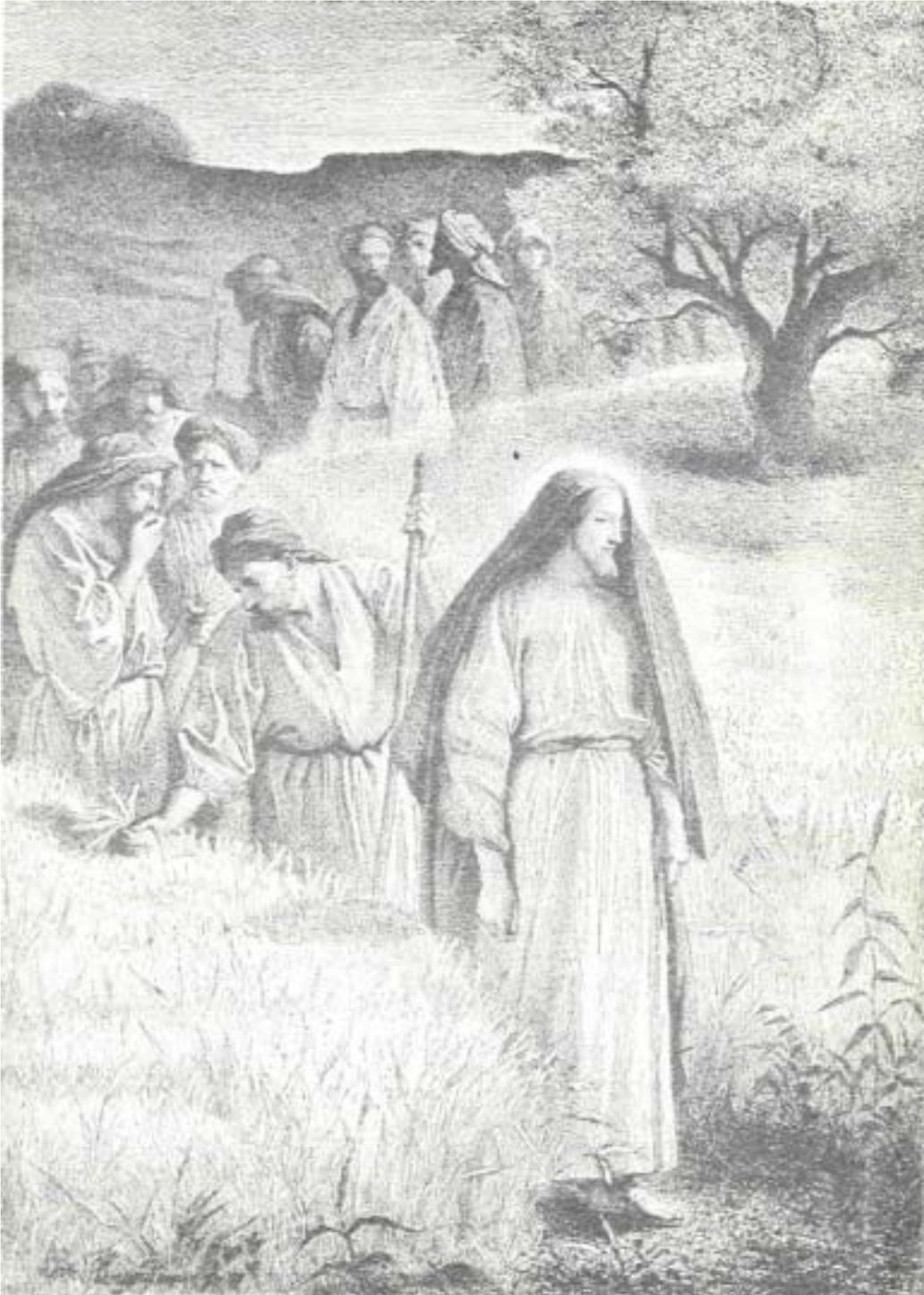


Figura “JESUS NO TRIGAL” - Desenho de Bida – Gravura de L. Flameng

O fato de poder "respigar" (colher espigas já maduras), assegura-nos que estamos no início do verão (segunda quinzena de maio; nesse ano, podia tratar-se do dia 22 de maio, que caiu num sábado). Jesus atravessava um campo de trigo com seus discípulos, e eles tinham fome.

Era permitido pela lei mosaica (Deut. 23:26) que o viandante que atravessasse um campo cultivado, e tivesse fome, pudesse colher de seus frutos para alimentar-se. Mas acontece que estávamos num sábado, e nesse dia era proibido "ceifar" (Êx. 34:21). Ora, para o rigorismo exagerado dos fariseus, "respigar" e "ceifar" não se distinguiam ...

Traz Jesus à balha o exemplo de Davi e de seus companheiros, quando fugiam da perseguição de Saul (1 Sam. 21:1-6), e chegando a Nob, onde se achava o sumo sacerdote *Achimelec*, comeram os pães da

"proposição". Assim eram chamados os 12 pães que, cada Sábado, eram colocados em duas pilhas de seis, sobre uma mesa (ou altar) de ouro (3.º Reis.7:48), e só dali eram retirados no sábado seguinte. Desses pães, após terem sido retirados "da presença de YHWH", somente os sacerdotes podiam comer (Lev. 24: 5-9).

Note-se que, em Marcos, Jesus fala do sumo-sacerdote *Abiathar*, quando na realidade não o era ainda. Os fatos passaram-se assim: fugia Davi, quando passou pela casa de Achimelech e pediu pão para si e para seus companheiros. Não os tendo em casa, Achimelech levou a todos ao santuário de YHWH, apanhou os pães da "proposição" e deu-os. Pouco após, denunciado pelo edomita Doeg, Saul mandou assassiná-lo e a toda a sua família (1 Sam. 22:6-23), por terem dado hospitalidade a Davi. Mas o filho de Achimelech, de nome Abiathar, conseguiu escapar, reunindo-se ao bando fugitivo de Davi; este, ao ser coroado rei de Israel, fê-lo sumo sacerdote, cargo que ocupou praticamente durante todo o reinado de Davi. Não se pode dizer que há erro de "copista", porque todos os manuscritos e códices são unânimes em colocar "Abiathar". Mas pode ter havido um engano da parte do evangelista, que não era "infalível".

Com isso, Jesus demonstrava que a necessidade "abolida" o Sábado.

Mas outro exemplo é trazido: os sacerdotes, no templo, não violam o sábado ao imolar as vítimas, porque o sacrifício ordenado pela *Torah* é superior à observância sabática.

Aparece então uma afirmativa solene: "aqui está algo (no neutro) que é maior que o templo". Repete, então, a frase de Oséias (6:6) já anteriormente citada: "a misericórdia é superior a um sacrifício", e termina com a assertiva: "o Filho do Homem é o senhor do Sábado", não só porque ele, Jesus, era o próprio YHWH que o havia instituído, como também porque todos os filhos dos homens são superiores e senhores de quaisquer ordenações, quando estas vêm prejudicar suas necessidades vitais. Porque "o sábado foi feito por causa do homem, e não o homem feito por causa do sábado".

A lição anterior podia escandalizar muitos discípulos sinceros, embora de mentalidade estreita, que haviam seguido rigorosa e conscientemente os preceitos, que julgavam "divinos", de suas próprias igrejas (não só os discípulos daquela época, mas os de todos os tempos, inclusive os atuais, tenham que denominação tiverem: israelitas, muçulmanos, católicos - romanos ou reformados -, espíritas, hindus, etc.)

A este é dada outra lição sublime, simbolizada na crença mais firme e arraigada naquela população: o sábado.

Jesus ensina, claramente, que todo e qualquer preceito por mais "divino" que seja tido, é dado em benefício do homem. Logo, o homem é superior aos preceitos, sejam eles quais forem, e podem resolver, quando em união com Deus, o que melhor lhes convenha.

Logicamente está claro: quando a personalidade ainda domina, os preceitos lhe são dados para controlar os abusos: são os trilhos e os fios elétricos, aos quais se prende o trem. Mas quando a individualidade assume o comando, não mais necessita disso: é o avião, que tem para locomover-se a amplitude dos céus, só sendo obrigado a sujeitar-se às regras terrenas, quando está em contato próximo com a terra, com a personalidade.

O exemplo do que fez Davi é típico. Mas a frase do ensinamento esclarece melhor: o sábado (os preceitos religiosos) foi feito para (ajudar) o homem; e não absolutamente o homem foi feito por causa do sábado (dos preceitos); então, é certo: aqui está uma coisa (um ensinamento, pois em grego aparece o neutro) que é maior que o templo: um ensinamento que é superior a todas as igrejas.

Os exegetas interpretam que o neutro foi colocado para "não chocar", e que Jesus se dizia Deus, confessando-se maior que o templo. Mas teria Jesus esse escrúpulo ao falar, quando o masculino e o neutro tem a mesma pronúncia? Cremos que o sentido é mesmo o do neutro, que o evangelista entendeu e escreveu: "aqui está um ensinamento que é maior que qualquer templo" ou igreja. Muito maior é a misericórdia, a bondade, a caridade, o amor, do qualquer sacrifício que se realiza nos templos".

E por isso, "não deveis condenar inocentes". Aqueles que, no decorrer dos séculos, condenaram ao suplício, à fogueira, à morte moral e material tantos inocentes, faziam isso em nome de Jesus, para "dar-Lhe glória", julgando-se seus únicos discípulos legítimos ... Como é difícil, às personalidades vaidosas, penetrar o sentido exato dos ensinamentos de Jesus! Os judeus condenaram verbalmente os discípulos de Jesus, e o Mestre imediatamente protestou; que terá Ele feito, quando Seus próprios discípulos (ou que "se diziam" tais), se esmeraram em condenar a sofrimentos indizíveis, durante séculos, tantos milhões de criaturas, cujo único "crime" era não pensar como eles?

O Filho do Homem (isto é, todo aquele que já vive na Individualidade, mesmo como encarnado na Terra) é o senhor do sábado. Quer dizer que, quem tenha conseguido viver na Consciência Cósmica, na perfeita união com o CRISTO INTERNO, esse é senhor de qualquer de seus atos, superior aos preceitos, por mais importantes que pareçam às pequenas personalidades temporárias e ignorantes dos mistérios profundos das riquezas da sabedoria e da ciência de Deus (cfr. Rom. 11:33).

CURA DA MÃO A TROFIADA

(CAFARNAUM, SÁBADO, 29 DE MAIO DE 29 A.D.)

Mat.12:9-14**Marc. 3:1-6****luc. 6:6-11**

- | | | |
|--|--|--|
| <p>9. Tendo Jesus partido daquele lugar, entrou na sinagoga deles.</p> <p>10. E achava-se ali um homem que tinha a mão atrofiada; e o para que o acusassem perguntaram-lhe: "é lícito curar aos sábados"?</p> <p>11. Respondeu-lhes ele: "qual é o homem dentre vós que, tendo uma ovelha, se ela ao sábado cair numa cova, não a apanha e tira?"</p> <p>12. Ora, quanto é superior um homem a uma ovelha! Logo é lícito fazer o bem aos sábados".</p> <p>13. Então disse ao homem: "Estende tua mão" Ele a estendeu, e a mão lhe foi reconstituída sã como a outra.</p> <p>14. Mas, saindo dali, os fariseus reuniram-se em conselho, para resolver como o destruiriam.</p> | <p>1. Entrou Jesus outra vez na sinagoga, e aí se achava um homem que tinha uma das mãos atrofiada.</p> <p>2. E observavam-no para ver se o curaria no Sábado, a fim de o acusarem.</p> <p>3. Disse Jesus ao homem que tinha a mão atrofiada: "Levanta-te e vem para o meio de nós".</p> <p>4. Então lhes perguntou: "É lícito, aos sábados, fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la? Mas eles ficaram silenciosos.</p> <p>5. E olhando em redor com desgosto, entristecido pela insensibilidade de seus corações, disse ao homem: "Estende tua mão". Ele a estendeu e a mão lhe foi reconstituída.</p> <p>6. Saindo dali, os fariseus entraram logo em conselho com os herodianos contra ele, para ver como o destruiriam.</p> | <p>6. Aconteceu em outro sábado entrar na sinagoga e ensinar; ora, achava-se aí um homem que tinha a mão direita atrofiada,</p> <p>7. e os escribas e fariseus observavam-no para ver se ele o curava no Sábado, a fim de acharem acusação contra ele.</p> <p>8. Mas conhecendo-lhes ele os pensamentos, disse ao homem que tinha a mão atrofiada: "Levanta-te e fica em pé no meio de nós". E ele levantou-se e ficou de pé.</p> <p>9. Disse-lhes Jesus: "Pergunto-vos: é lícito no Sábado fazer o bem ou o mal, salvar a vida ou tirá-la"?</p> <p>10. E olhando para todos os que o rodeavam, disse ao homem: "Estende tua mão". Ele a estendeu, e a mão lhe foi reconstituída.</p> <p>11. Mas eles encheram-se de raiva e discutiam uns com os outros, para ver o que fariam a Jesus.</p> |
|--|--|--|

Outra cena passa-se ainda na sinagoga "deles", também num sábado (provavelmente a 29 de maio). Aqui, os fariseus não esperam o fato para depois criticá-lo: tomam a dianteira, como que para avisá-lo de que não transgrida a lei mosaica. A pergunta que lhe dirigem é capciosa. Tinham eles a certeza do comportamento de Jesus, pois já o haviam testemunhado com frequência: à vista da enfermidade, ficava condoído e curava, não resistindo à compaixão que Lhe causava o sofrimento alheio. Todavia, eles buscavam situações em que pudessem acusá-lo.

A “mão atrofiada” (em grego *zêrê*, “sêca” - só Marcos emprega o particípio *eyêramménên*, dando a idéia de que não era congênito o mal, mas fora paralisada e ficara descarnada por acidente), era, segundo Lucas, a “mão direita”.

Jerônimo (Patr. Lat. vol. 26 col. 78) escreve: “No Evangelho usado pelos nazareus e pelos ebionitas (é apócrifo), e que *geralmente é tido como o original de Mateus*, está dito que esse homem, cuja mão se atrofiara, era pedreiro, e implorava o socorro com estas palavras: sou pedreiro e ganho a vida com o trabalho das mãos: peço-te, Jesus. dá-me saúde, para que não passe vergonha de ter que mendigar para viver”.

A resposta de Jesus obedece ao tipo de casuística rabínica, argumentando, do menos ao mais. Se pode salvar-se uma ovelha de afogar-se, num Sábado, quanto mais um homem, de muito superior. A conclusão é clara: “é lícito curar num Sábado”. E imediatamente passa à ação.

Num comportamento que demonstra uma ostentação deliberada, Jesus manda que o doente fique de pé, no meio da assembléia, para que todos o vejam e se condoam, verificando, ao mesmo tempo, a cura sensacional.

E então pergunta: “é lícito fazer o bem ou o mal”? Essa pergunta emudece os fariseus, atrapalhados em sua má-fé. Não poderiam dizer que não era lícito fazer o bem, pois seriam condenados por todos. E se dissessem que fazer o bem era lícito, apoiariam plenamente a ação de Jesus.

Diante do embaraço deles, Jesus olha em redor (*periblepsámenos*, expressão que volta em Marcos 3:34; 5:32; 9:8; 10:23 e 11: 11) com *desgosto*. Já vimos o sentido de *orgê*, na pág. 25 deste volume: insatisfação, desgosto, paixão, mas nem ira, nem raiva. E além disso, sentiu profunda tristeza e compaixão (*sullupoúmenos*) que se revelaram em Sua expressão facial. Não podia compreender a insensibilidade (o “endurecimento”: o termo grego *pórôsis* exprime o endurecimento de algo que normalmente é mole) de seus corações.

E então, sem um gesto sequer, mas com simples palavras, realiza a cura. Não violara o repouso do sábado, pois em lugar algum se dizia que era proibido falar. E eles ficaram com raiva deles mesmos, diante de sua impotência de opor-se a Jesus. Sem cogitar de “impurezas legais”, vão unir-se aos herodianos: era indispensável levar a guerra àquele homem até o extermínio, pois ele os desprestigiava e humilhava seu orgulho.

E foi tomada a decisão (*sumboullion edídoun*) de eliminá-lo .

Depois dos ensinamentos teóricos, um exemplo prático .

O homem atrofiara sua mão, e dela precisava para seu serviço. Jesus cura-o, arrostando com isso o ódio dos “donos da religião”, aliados, como sempre, ao “poder temporal”, que bajulam para não perder os favores transitórios da Terra.

Mas essa é a lição “externa”.

Internamente, vemos que a individualidade deve despreocupar-se de tudo o que possam dizer ou fazer os outros, e agir sempre no interesse do aperfeiçoamento de sua personalidade.

Se nossa personalidade está atrofiada em sua mão direita, ou seja, se não agimos com devêramos, por qualquer motivo, a individualidade deve colocar-nos, como exemplo, no meio da multidão e modificar de público nossa atuação, sem temor dos julgamentos apressados que nos condenarão à morte.

O que desgosta e entristece Jesus (a individualidade) é verificar a má-fé, a incapacidade de compreender, daqueles que, estando revestidos de autoridade, têm os corações insensíveis, as mentes obturadas, e não vêem, porque não querem ver: endureceram a mente, cadaverizaram o pensamento, enrijeceram o raciocínio em moldes imutáveis e, sem piedade, colocam os preceitos (que eles mesmos ou seus antecessores estabeleceram) acima das criaturas.

Jesus ensina e exemplifica uma coisa, mas muitos pensam "provar" que são Seus discípulos, quando fazem exatamente o contrário do que Jesus disse e praticou! Realmente, corações incapazes de compreensão, de maleabilidade, de misericórdia!

Mas Ele mesmo nos ensinará o que devemos fazer nesses casos.

JESUS RETIRA-SE

Mat. 12:15-21

Mat. 4:24-25

Marc. 3:7-12

15. Sabendo disso, Jesus retirou-se daquele lugar. E muitos o acompanharam, e ele curou todos,
16. advertindo-os de que não o dessem a conhecer,
17. para cumprir-se o que foi dito através do profeta Isaías:
18. "Eis meu servo que escolhi, meu amado, em quem minha alma se deleita; sobre ele porei meu espírito, e ele anunciará o certo às nações;
19. não discutirá nem gritará, e ninguém ouvirá sua voz nas praças.
20. Não esmagará a cana rachada, nem apagará o pavio que fumega, até que faça triunfar o certo.
21. E em seu nome esperarão as nações".
24. Sua fama correu por toda a Síria; trouxeram-lhe todos os enfermos, acometidos de várias doenças e sofrimentos, obsedados, epiléticos e paralíticos, e ele os curou.
25. Muita gente o seguiu da Galiléia, da Decápole, de Jerusalém, da Judéia e d'além Jordão.
7. Jesus retirou-se com seus discípulos para o lado do mar: e da Galiléia o seguiu grande multidão.
8. Também da Judéia, de Jerusalém, da Iduméia, d'além Jordão e das circunvizinhanças de Tiro e de Sidon, sabendo o povo quantas coisas fazia Jesus, foi ter com ele em grande número.
9. E ele recomendou a seus discípulos que tivessem um barquinho sempre à sua disposição, por causa da multidão, a fim de que não o apertasse,
10. porque curou muitos, de modo que todos os que padeciam qualquer doença, se arrojavam a ele, para que os tocasse,
11. e os espíritos atrasados, quando o viam, prostravam-se diante dele e clamavam: "Tu és o Filho de Deus".
12. E muitas vezes os advertiu que não o dessem a conhecer.

Sabendo o que se passava, Jesus resolve retirar-se, afastando-se daquele lugar. E Mateus, segundo seu hábito, aproveita o fato para citar Isaías, (42.1-4), embora algo modificado. Eis o texto do profeta na íntegra:

Eis meu servo, que eu sustento, meu escolhido, em quem minha alma se alegra. *Nele coloquei meu espírito*. Ele exporá o certo às nações. Não o ouvirão gritar nem falar alto, nem elevar a voz nas praças; não quebrará a cana rachada nem apagará o pavio que fumega. Exporá fielmente o certo, não se cansará, nem fatigará, até que tenha estabelecido o certo na Terra, e as ilhas esperarão sua doutrina".

O termo grego *krísis*, geralmente traduzido como “juízo” ou “julgamento”, tem precisamente o sentido de *triagem*, isto é, separação do certo e do errado do bem e do mal, e, por extensão, “escolha” daquilo que é direito ou certo. Realmente a escolha, numa triagem, supõe um julgamento. Mas muito melhor se compreenderá o sentido traduzindo, aqui, como “o certo” do que se o fizéssemos com a palavra “julgamento”: o Emissário Divino ensinará “O CERTO”, e não ensinará o julgamento, coisa que não faria sentido. Não se cansará até que O CERTO chegue à vitória, e não até que o julgamento chegue à vitória.

Sua fama se espalha com rapidez pela Síria (de fácil comunicação com a Palestina) e de lá também chegam doentes físicos e espirituais, e a todos Jesus cura. Com a má-vontade dos fariseus, contrasta o entusiasmo do povo que o procura e acompanha de diversas partes. A Decápole era uma confederação de dez cidades (segundo Plínio, Hist. Nat. 5,18,74, eram: Damasco, Filadélfia (Aman), Rafana, Citópolis (Beisan), Gadara, Hipos, Dion, Pela, Gelasa (Gerasa) e Canata). Todas, exceto Citópolis, ficavam além Jordão. Segundo Marcos, vinha gente de Jerusalém e da Judéia, da Iduméia (território que ia de Jerusalém até Betsur, chegando além do Hebron, e que era a terra dos Herodes). O além Jordão, segundo Josefo (Bel. Jud. 3.2.3) era a Peréia, território entre o Jabok e o Arnon, indo de Maquérus, a este do Mar Morto, até Pela. Mas também chegava gente do nordeste, da região de Tiro e de Sidon.

Realmente, as ruas estreitas de Cafarnaum não ofereciam segurança: muito melhor era pregar nos campos abertos, nas praias do lago, onde poderia falar abertamente, sem ser obrigado a discutir seus atos com os fariseus. De agora em diante, vemos que Jesus se afasta cada vez mais das sinagogas. E quanto mais o clero oficial o persegue, mais o povo o procura, e a maior satisfação de Jesus é, sem dúvida, descer aos pequeninos, abandonando os grandes e sábios que Lhe recusam ouvir os ensinamentos, cheios que estão de sua própria vaidade de “sabedores” de suas Escrituras e de “seguros” em suas tradições seculares e milenares. “Quem provou o vinho velho, não quer saber do novo”. Todos os reformadores sempre tiveram que apoiar-se no povo menor, e sempre sofreram a perseguição das “autoridades” que jamais desejam perder seu prestígio de mando e sua “cotação” de senhores da situação e de “donos de Deus”. Ainda hoje é assim.

Ao ver a impossibilidade de conseguir compreensão daqueles a quem falava e ensinava, ilustrando seu ensino com exemplos, a individualidade retira-se. É a aplicação da parábola “da vinha” (cfr. Mat. 21:33-46). Se aquelas personalidades se recusam a ouvi-Lo, Ele irá a outros mais acessíveis.

O texto de Isaías, aplicado por Mateus, diz claro que a misericórdia da Individualidade sabe aproveitar todos os menores indícios de possibilidade de aperfeiçoamento. Que, embora a cana já esteja rachada, a Individualidade não a acabará de partir. Que embora o pavio já esteja apenas fumegando, ela não o apagará de todo. Não. A individualidade, em união com o Cristo Interno, aproveita as mínimas possibilidades para “salvar”, para levar ao bom caminho.

E só estará satisfeita e feliz, quando a personalidade tiver feito sua escolha definitiva. ainda que, para isso, tenha que esperar múltiplas encarnações, durante muitos séculos.

Claro que, com esse modo de agir, a individualidade atrairá a si multidões de sofredores, de todas as partes. Mas, para não deixar-se envolver pela multidão, terá sempre à mão, à sua disposição, um “barquinho”, um meio de fuga, onde possa refugiar-se em prece, todas as vezes que se sentir “apertado”, acossado pelas arremetidas das personalidades insatisfeitas.

E, não obstante desconhecido pelos encarnados, os desencarnados, que vêem sua aura, dirão sem pejo que ali está um Filho de Deus. Mas a individualidade, pela humildade e modéstia inerentes a seu próprio adiantamento, sempre há de pedir silêncio em torno de si.

Essa a razão pela qual, os que tiveram o Encontro Real, jamais o dizem; pois os que o dizem, pensam que encontraram o Cristo Interno, mas apenas realizaram o encontro com seu próprio eu ilusório e pequenino. E os primeiros, nem mesmo permitem que o digam aqueles que o sabem. A lição também é aproveitável para as sessões mediúnicas: cuidado com os espíritos que elogiam: não são elevados, são bajuladores: façamo-los calar-se!

A ESCOLHA DOS DOZE

Mat. 10:1-4

Marc. 3:13-19

Luc. 6: 12-16

- | | | |
|---|--|---|
| <p>1. E tendo convocado (Jesus) seus doze discípulos, deu-lhes poder sobre os espíritos atrasados, para os expulsarem, e para curarem todas as doenças e enfermidades.</p> <p>2. Ora, os nomes dos doze emissários são estes: o primeiro, Simão, que também se chama Pedro, e André seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão;</p> <p>3. Filipe e Bartolomeu, Tomé e Mateus, o coletor de impostos, Tiago, filho de Alfeu e Tadeu;</p> <p>4. Simão, o Cananita, e Judas Iscariotes, que o entregou.</p> | <p>13. Depois subiu ao monte e chamou para junto de si os que ele mesmo quis, e eles aderiram a ele.</p> <p>14. Então designou doze para estarem com ele, e para enviá-los a pregar;</p> <p>15. e ter autoridade de expulsarem os espíritos desencarnados.</p> <p>16. Eis os doze que designou: Simão, a quem deu o nome de Pedro; Tiago, filho de Zebedeu e João, irmão de Tiago, a quem deu o nome de Boanerges, isto é, filhos do trovão;</p> <p>17. André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão o Cananita, e Judas Iscariotes, que o entregou.</p> | <p>12. E aconteceu que naqueles dias se retirou para o monte a orar, e passou a noite no oratório de Deus.</p> <p>13. E quando se fez dia, chamou seus discípulos e escolheu doze dentre eles, aos quais deu também o nome de emissários,</p> <p>14. a saber: Simão, a quem também chamou Pedro, e André, seu irmão; Tiago e João, Filipe e Bartolomeu;</p> <p>15. Mateus e Tomé; Tiago filho de Alfeu e Simão, chamado Zelote;</p> <p>16. Judas irmão de Tiago, e Judas Iscariotes, que se tornou traidor.</p> |
|---|--|---|

Mateus apresenta-nos o fato como consumado. Marcos assinala a escolha no momento em que foi feita. Lucas precede a escolha de outros pormenores, assim como a imposição de um título aos escolhidos.

Jesus havia rompido com os "donos" da religião (fariseus e escribas) que o haviam condenado à morte, unidos aos herodianos: a força religiosa e a força civil. Era-Lhe necessário, pois, recrutar um grupo que Lhe pudesse continuar a obra incipiente.

Como sempre fazia antes de qualquer decisão importante, retirou-se sozinho a um monte para orar. Os evangelistas dizem determinando-o com o artigo, como se fora já conhecido e bastasse citá-lo para saber-se de que monte se tratava: foi AO monte. Supuseram alguns tratar-se de *Qarn-Hattin*, mas este fica a 8 km de Cafarnaum; mais aceitável a hipótese de ter sido *Um-Barakât* ("Mãe das Bênçãos"), perto de *Ain-Tabgha*, a 3 km de Cafarnaum.

Realmente, não devia ficar muito distante, pois Lucas informa-nos que, logo após, Ele "entrou na cidade", bem como anota que passou toda a noite no "oratório de Deus" (*en tēi proseúchēi tou theou*). Esses oratórios (lugares de oração) eram geralmente paredes, sem teto, com assentos em forma de anfiteatro, usados, nas cidades em que não havia sinagogas, para as devoções e preces. Ora, Cafarnaum possuía sinagoga havia pouco tempo, pois ali ainda servia o centurião romano que a construía (cfr.

Luc. 7:5). Então o “oratório” devia achar-se meio ou de todo abandonado, sendo ideal, por seu isolamento e por suas vibrações devocionais, para o transcurso de uma noite em oração.

Ao sair de sua prece prolongada, já dia, Jesus chama a si, como diz Marcos, “aqueles que Ele quis”. E todos imediatamente aderiram a Ele. O Verbo grego *apélthon* tem o sentido exato de “vir abandonando tudo”, ou seja, de aderir incondicionalmente.

Escolhidos os doze, deu-lhes o nome de “emissários”, em grego “apóstolos”. É a primeira vez que aparece esse título. O título grego “apóstolo” (em hebraico *saluah*, em aramaico *saluha*) era dado aos emissários ou comissionados do Sumo-Sacerdote ou do Sinédrio, quando enviados à Diáspora (Atos, 28:21) ou quando alguém era encarregado de missão especial: Paulo era “apóstolo” (emissário) do Sinédrio em Damasco (At. 9:1-2). Ainda após a queda de Jerusalém, de lá envia “apóstolos” o patriarca Jabne (cfr. Justino. *Diál.* 17.108 e Eusébio, *in Isaia*, 18:1).

Desejando dar sempre o sentido verdadeiro e atual, correspondente aos termos usados na época de Jesus, traduzimos o grego “apóstolos” pelo português “emissários”. Isto porque na simples transliteração do vocábulo, este assumiria um sentido que já variou profundamente em sua semântica através dos séculos, e representaria hoje um sentido que não tinha, absolutamente, naquela época. Baste-nos citar, como exemplo típico, a palavra *episkopos*, que foi transliterada para o latim “*episcopus*”, passando em português a “bispo”. Ora, o termo “bispo” exprime hoje uma coisa totalmente diferente do que significava “episcopos” naquela época. O “episcopos” era um simples supervisor (epi = super; scopos = visor), ou melhor, INSPETOR. E não tinha, (como hoje tem os bispos), aquele pomposo vestido roxo, nem usava mitra, nem báculo, nem anel para ser beijado, nem riquezas. Então, falar de “bispos” naquela época é grosseiro anacronismo histórico, falseamento de interpretação, como qualquer pessoa de mediana inteligência pode perceber, embora essa confusão possa trazer alguma vantagem a certas pessoas. Este nosso modo de agir, traduzindo os termos para correspondentes atuais, corresponde à nossa intenção de compreender e de expor os Evangelhos em sua lídima pureza original, com o sentido exato dos termos usados pelos evangelistas.

A esses doze emissários, Jesus confere autoridade sobre os espíritos atrasados (obsessores). Essa interpretação coincide perfeitamente com a idéia original dos escritores, que traduziram por “espíritos não-purificados” a expressão hebraica *runôth hattumeah*, que era o nome dado aos desencarnados que ainda habitavam os cemitérios (cfr. Mat. 8:28), lugar considerado “impuro”. É a esses espíritos de cemitério (espíritos de mortos, **el-hametim**) e aos familiares (**ôb**) que Moisés proíbe de **evocar para consultas** (Deut. 18:11).

A seguir vem o número dos emissários: DOZE, lembrando os doze patriarcas, as doze tribos de Israel (“eles se sentarão em doze tronos para julgar as doze tribos”, Mat. 19-28), os doze signos do zodíaco, etc. Que esse número encerrava uma intenção, está claro pelo açodamento de Pedro (At.1.15-16) em substituir Judas para restabelecer o número primitivo.

São quatro as listas completas dos emissários, todas agrupando os doze em três série de quatro, quando, sendo que os cabeças de série são sempre os mesmos, embora a ordem interna varie:

Mat.	Mc.	Lc	At. 1:13
1. Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro	Simão Pedro
2. André	Tiago	André	João
3. Tiago	João	Tiago	Tiago
4. João	André	João	André
5. Filipe	Filipe	Filipe	Filipe
6. Bartolomeu	Bartolomeu	Bartolomeu	Tomé
7. Tomé	Mateus	Mateus	Bartolomeu
8. Mateus	Tomé	Tomé	Mateus
9. Tiago (de Alfeu)	Tiago (de Alfeu)	Tiago (de Alfeu)	Tiago (de Alfeu)
10. Tadeu	Tadeu	Simão Zelote	Simão Zelote
11. Simão Cananita	Simão cananita	Judas (de Tiago)	Judas (de Tiago)
12. Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes	Judas Iscariotes

Embora já tenhamos falado de alguns, recapitulemos:

1. **SIMÃO**, cognominado por Jesus "Pedro" (ver vol. I, pág 150).
2. **ANDRÉ**, irmão de Pedro (ver vol. 1, pág. 148).
3. **TIAGO (JACÓ)**, filho de Zebedeu (ver neste vol., pág. 58).
4. **JOÃO**, irmão de Tiago (ver vol. 1, pág. 148).

Anotemos que Marcos nos dá o apelido BOANERGES, aplicado por Jesus, provavelmente por causa do episódio narrado em Luc. 9:54. No entanto, a tradução que nos dá dessa palavra, "Filhos do Trovão", não corresponde a ela. Esse sentido seria em hebraico *ben rahham* e em aramaico *benereen* ou *baneraen* (no manuscrito Sangalense, do séc. 9.º, aparece essa correção à margem). Então, deve ter havido alteração dos copistas na transcrição grega do nome, já que não podemos admitir que Marcos, sobrinho de Pedro, não conhecesse pelo menos o aramaico.

5. **FILIPE** (ver vol. 1, pág. 152).
6. **BARTOLOMEU**, que todos unanimemente identificam como Natanael (vol. 1, pág. 153).
7. **MATEUS**, sobre quem falamos páginas atrás, por ocasião de sua convocação por Jesus (pág.89-90)

Novos discípulos escolhidos, pois nesta ocasião, foram apenas cinco:

8. **TOMÉ**, nome aramaico que significa "gêmeo". Para explicá-lo, João (11:16 e 20:24) acrescenta-lhe a tradução grega "Dídimo". Alguns comentadores supõe-no sócio de Mateus na coletoria. Parece que seu primeiro nome era Judas (cfr. Acta Thomae 1,1 e Lenda de Abgar, Hist. Ecles. 1,13); e onde João diz (14:22) "Judas não o Iscariotes", a versão siríaca curetoniana traz "Judas Tomé".

9. **TIAGO (JACÓ)** filho de Alfeu e de Maria (cfr. Mat. 27:56), irmão de José, de Simão e de Judas Tadeu, todos também chamados "Irmãos de Jesus" (Mat. 13:55). O nome Tiago é uma corruptela portuguesa do nome de *Jacó*, que deu *Iago*, e, com o título Santo colocado antes, se tornou SANTIAGO. Julgando ser o título apenas "são", o povo transformou-o em "são TIAGO".

Este Tiago era cognominado "o pequeno" (Mr. 15:41), e foi inspetor em Jerusalém (At. 15:13) onde Paulo o encontrou (Gál. 1:19) e a quem qualificou de uma das "colunas da comunidade" (Gal 2:9), tendo sido morto em 62. O outro Tiago, dito "o maior", filho de Zebedeu e irmão de João Evangelista, foi decapitado também em Jerusalém, no ano 44 (At. 12 :2).

Mas quanto ao parentesco há alguma confusão. Firmemos o que *é certo*: 1.º Tiago é filho de Alfeu e de Maria; 2.º é irmão de Judas (Tadeu), pois assim o classifica Lucas, e ele mesmo, em sua epístola (Jud. 1) assim se Tiago e Judas eram irmãos de Simão e de José" e "irmãos de Jesus".

Agora as confusões.

Em João (19:25) esse mesmo Tiago é dito "filho de Maria, a esposa de Clopas". Seria Clopas o mesmo nome que Alfeu, como supõem alguns? ou teria ele um nome hebraico *Halphai* e um nome grego *Klo-pas* (abreviatura de *Kleópatra* - donde a variante *Kleópas*, o que o identificaria com um dos "discípulos de Emaús", Luc. 24:18) ? Esta parece a hipótese mais razoável, pois era muito comum na época a duplicidade de nomes (João se tornava Jasão, Phaltiel se tornava Filipe, Levi era Mateus, etc.). Esse Clopas, citado em João, é dito "irmão de José" (esposo de Maria) por Hegesipo, pelos meados do 2.º século (a cerca de 100 anos dos acontecimentos) conforme testemunho de Eusébio (*Hist. Ecles.* 3, 11, in *Patrol. Graeca*, vol.20, col.248) e segundo Epifânio (*Haeres.*78, 7, in *Patrol. Graeca*, vol.42, col.708).

Pensam alguns que Maria, esposa de Clopas, era irmã de Maria mãe de Jesus. Mas como se explicaria o caso de duas irmãs com o mesmo nome? Além disso, a enumeração de João (19:25) é bem clara: "estavam ao pé da cruz de Jesus 1) a mãe dele; 2) a irmã da mãe dele; 3) Maria, esposa de Clopas; e 4) Maria Madalena". Pela construção e pelo andamento da frase grega, "Maria esposa de Clopas" não pode ser aposto de "a irmã da mãe dele": são duas pessoas distintas. **Curiosidade**: quem seria essa "tia" de Jesus, irmã de Maria? Teria sido (simples hipótese!) **Joana**, a esposa de Cusa, o oficial de Herodes, que foi buscar Jesus em Caná para curar-lhe o filho (conhecendo-o bem familiarmente,

portanto, antes mesmo de sua "vida pública")? Além disso, a intimidade constante de Joana de Cusa com Jesus e com o colégio apostólico é suficiente para dar justificativa a essa hipótese, não de todo infundada, se bem que nova.

Neste caso, os quatro (Tiago, José, Simão e Judas) seriam primos-irmãos de Jesus, parentesco que costumava ser abreviado com a simples palavra "irmão".

A afirmativa de alguns apócrifos e dos "pais" da igreja Orígenes, Epifânio, Gregório de Nissa, Hilário, Ambrósio e Eusébio, de que eles teriam sido filhos de José, num primeiro matrimônio (contra o que protestou energicamente Jerônimo), não pode ser aceita; pois não se compreenderia que José tivesse casado com Maria, enquanto sua primeira esposa estava ainda viva (tanto assim que estava ao pé da cruz de Jesus) e sobretudo seria inconcebível essa promiscuidade das duas esposas. Isso explica também que as "irmãs de Jesus (Mat 13:55-56), que segundo Teofilacto se chamavam Maria e Salomé, deviam ser filhas ou de Alfeu-Clopas, ou de Joana de Cusa (em nossa hipótese). Talvez essa Salomé, irmã (prima) de Jesus, fosse a esposa de Zebedeu (Mr. 15:40) e então Tiago Maior e João seriam seus sobrinhos e por isso estavam sempre a seu lado e o tratavam com tanta familiaridade, retribuída por Jesus que os apelidou com fina ironia "filhos do trovão".

10. **TADEU** (segundo Mateus e Marcos - alguns manuscritos têm *Lebeu*, que significa "coração") ou **JUDAS** irmão de Tiago (segundo Lucas e Atos). Com o nome de Judas, deixou-nos uma epístola, em que se diz "irmão de Tiago". O termo *Tadeu* significa "seio" (peito de moça) e esse cognome prevaleceu para evitar confusões com o outro Judas Iscariote. Tadeu, que talvez tivesse recebido esse nome por sua bondade maternal (cfr. *Lebeu*, variante de sentido), era também filho de Alfeu-Clopas e de Maria, e era chamado irmão de Jesus. Acrescentemos que, se fora irmão real de Jesus, era mais característico dizê-lo, do que apenas irmão de Tiago.

11. **SIMÃO**, o zelote. Sendo comum esse nome, era natural um apelido para distingui-lo de Simão-Pedro. Mateus e Marcos aplicam-lhe o termo aramaico *gannaí* ou *gan'an*, helenizado para *cananeu*. Não deve confundir-se com os naturais de Canaã, nem com os habitantes de Caná. Lucas interpretou bem quando traduziu a palavra pelo grego zelote. Tanto este termo, quanto o aramaico cananita, caracterizavam os filiados a um partido político-religioso, que pugnava ardentemente (*zelotes*) pela independência da Palestina, e que teve grande atuação entre 66 e 70, extinguindo-se com a destruição de Jerusalém. Mas, à época de Jesus, ainda não se achava propriamente constituído esse partido; talvez Simão fosse um pouco "jacobino" contra os romanos (nacionalista) e daí lhe adviesse o apelido. Alguns crêem que este Simão era o terceiro "irmão" de Jesus a participar do colégio apostólico. Mas não temos nenhum esclarecimento positivo a respeito, a não ser o nome e a citação seguida dos três nomes: Tiago, Judas e Simão. Acreditamos que, se o fora, os evangelistas não teriam deixado de anotá-lo, como fizeram com Tadeu.

12. **JUDAS ISCARIOTES**, cujo cognome se dividiria em *is* (homem de) *Qerioth*, que seria sua aldeia natal (essa localidade aparece citada na tribo de Judá, em Josué, 15:25). Já seu pai assim era conhecido: Simão Iscariote (cfr. João 6:71). Judas era o único "apóstolo" natural da Judéia (judeu), já que todos os outros eram, como Jesus e sua família, galileus. Os evangelistas assinalam, por antecipação, um ato que só mais tarde se realizou, mas que ficou preso a seu nome como um estigma.

O fato de serem todos galileus vem confirmar a teoria de que Jesus e seus discípulos empregavam correntemente mais a língua grega que a aramaica, pois o grego era mais divulgado na Galiléia desde umas duas gerações - 70 anos cerca de domínio romano - do que o aramaico, usado apenas no interior dos lares, mas que ficara mais arraigado na Judéia, onde maior era a resistência contra os dominadores romanos. E os judeus tanto não gostavam dessa adesão dos galileus, que passaram a denominar essa região de "Galiléia dos gentios". Outra anotação, é que os judeus eram de modo geral morenos de cabelos pretos e olhos escuros, ao passo que os galileus eram claros, de cabelos louro-bronzeados ou vermelhos e muitos tinham os olhos azuis ou verdes, o que justifica a tradição das representações gráficas de Jesus e de Maria com essas características físicas.

Neste capítulo consideramos a necessidade da oração, mesmo para aqueles que "se julgam" adiantados e que, por vezes, pensam não mais precisar desse meio. Mas sem a oração de união com Deus, não podemos acertar com segurança em nossas resoluções.

Mas vejamos o simbolismo do número doze.

No plano divino, doze é o arcano do Messias; no plano humano, exprime o holocausto de si mesmo: é o sacrifício do indivíduo em benefício da coletividade, e isso feito no plano físico, que é o mundo dos doze signos do zodíaco, ou a esfera de ação do Messias.

Portanto, com a escolha dos doze emissários, Jesus (a individualidade) deixa claro, para "quem tem olhos de ver", que iniciou oficialmente, nesse instante, o ciclo sacrificial de sua própria pessoa para benefício da humanidade.

Anotemos, a título de curiosidade, que se a SOMA do ternário superior com o quaternário inferior tem como resultado sete, a MULTIPLICAÇÃO de um pelo outro dá-nos exatamente o número doze.

Mais algumas referências escriturísticas do número doze: no Antigo Testamento, eram 12 os filhos de Jacó (Gên. 35:22) que deram origem às 12 tribos de Israel (49:28). Os altares erguidos por Moisés (Êx.24:4), por Josué (Jos. 4:20) e por Elias (1.º Reis 18:31) tinham 12 pedras. São 12 os projetas (Ecli.49:12) e os meses do ano (Dan. 4:26); 12 eram os pães da proposição (Lev. 24:5) as pedras do urim do Sumo Sacerdote (Êx. 28:17-21); os israelitas encontram 12 fontes em Elim (Êx. 15:22). Salomão nomeia 12 prefeitos para Israel (1.º Reis 4:7) e faz esculpir 12 leões no templo (1.º Reis 7:25).

Em o Novo Testamento, além dos 12 emissários, temos que a hemorroíssa sofria de seu mal há 12 anos (Mat. 9:20); a filha de Jairo ressuscitada por Jesus tinha 12 anos (Mrc. 5:42); os tronos dos julgadores de Israel serão 12 (Luc. 22:30). Na 1.ª multiplicação dos pães são recolhidos 12 cestos de restos (Mat. 14:20; Mrc. 6:43,. Luc. 9:17 e João, 6:13); 12 são as horas do dia. diz Jesus (Joço, 11:9). E no Apocalipse, a "Mulher" é coroada por 12 estrelas (Ap. 12:1), a nova Jerusalém tem 12 portas, com 12 anjos, e os nomes das 12 tribos de Israel (Ap. 21:12) e 12 pedras fundamentais com os nomes dos 12 "apóstolos" (Ap. 21:14). A árvore da vida tem 12 frutos, um para cada um dos 12 meoes (Ap. 22:2) e seus habitantes são 144.000 = 12 x 12.000 (Ap. 7:4). Citamos apenas alguns dos trechos.

Há, portanto, razões ocultas em tudo isso. Jesus SABIA o que fazia. Pudéssemos nós compreender todas as Suas lições!

A DESCIDA DO MONTE

Luc.6:17-19

- 17. E descendo com eles, parou num lugar plano, onde se achava uma multidão de seus discípulos e muito povo de toda a Judéia, de Jerusalém, e do litoral de Tiro e de Sidon, que vieram para ouvi-lo e ser curados de suas enfermidades.**
- 18. E os que eram atormentados por espíritos atrasados ficavam sãos.**
- 19. e todo o povo procurava tocá-lo, porque saía dele uma força que os curava a todos.**

Após a permanência em prece e a escolha dos doze, Jesus desce "até um lugar unido", ou seja, plano (embora isto não signifique que estava na planície do vale), onde teriam acesso mais fácil os doentes.

Todos procuravam tocá-Lo, e Lucas explica a razão: Dele promanava uma "força" (dúnamis) que a todos curava.

Já em 5:17 essa observação fora feita pelo próprio Lucas. Embora não tendo conhecido pessoalmente o Mestre, pode, pelas narrativas testemunhas que ouvira, tirar suas conclusões médicas, de que algo extraordinário havia.

Realmente, com Sua aura puríssima, com o incrível magnetismo irradiado de sua profunda bondade, de Sua infinita ternura, da compaixão ilimitada, os fluídos (*virtudes*) que Dele saíam deviam ter tido um poder curador muito acima de qualquer especulação humana comum.

Quando tivermos alcançado suficiente evolução espiritual, poderemos alcançar os "dons" de ajuda ao próximo.

Muitos dedicam-se a fazer exercícios especializados, a desenvolver faculdades personalísticas, para obtenção dessas capacidades. Conseguem alguma coisa, mas sempre permanecendo em dependência de auxiliares do mundo astral. O caminho não é esse, positivamente. O caminho (o Tao) é o progresso espiritual, a evolução íntima, o mergulho em Deus, a união com o Cristo Interno. Se conseguirmos isso, automaticamente ajudaremos o próximo com nossa simples presença, porque de nós mesmos se irradiará uma força que curará males espirituais e físicos.

Pensam alguns que a preocupação da criatura de evoluir (ao invés de dedicar-se unicamente ao serviço em benefício do próximo), constitui egoísmo. No entanto, nós somos células do todo. Se fizermos evoluir a célula, que somos nós, estaremos ipso facto fazendo evoluir o conjunto, e muito mais rapidamente do que se nos esquecêssemos; pois neste último caso, ajudaríamos as personalidades (transitórias) dos outros, mas manteríamos todo o conjunto no mesmo nível em que se acham eles e em que nos achamos nós: daríamos somente alívio, mas não trariamos evolução nem a nós nem a eles.

O caminho, pois, é EVOLUIR, para, com a nossa evolução, arrastar a todos um pouco mais para cima.

Por exemplo: numa sociedade em que todos sejam pobres, e em que se necessite de dinheiro, se ninguém tem meios de consegui-lo, mas um tem a capacidade de realizar um trabalho que lhe aumente de muito seus próprios rendimentos, isso será se maior ajuda à sociedade (porque ele lhe poderá dar do que é seu), do que se ele apenas se preocupasse em arranjar dinheiro com pedidos a um e a outro, o que jamais supriria as necessidades da sociedade.

Evolua, portanto, cada um de per si, e a Humanidade se encontrará amanhã, toda ela, um degrau acima em seu progresso.

O SERMÃO DO MONTE
AS BEM-AVENTURANÇAS

Mat. 5:1-12

Luc- 6:20-26

- | | |
|---|---|
| <p>31. Vendo Jesus a multidão, subiu ao monte; e depois de sentar-se, aproximaram-se dele seus discípulos,</p> <p>32. e, abrindo a boca, ele lhes ensinava, dizendo:</p> <p>33. felizes os mendigos do Espírito, porque deles é o reino dos céus;</p> <p>34. felizes os que choram, porque serão consolados;</p> <p>35. felizes os mansos, porque eles herdarão a Terra;</p> <p>36. felizes os famintos e sequiosos de perfeição, porque eles serão satisfeitos;</p> <p>37. felizes os misericordiosos, porque eles obterão misericórdia;</p> <p>38. felizes os limpos de coração, porque eles verão Deus;</p> <p>39. felizes os pacificadores, porque eles serão chamados Filhos de Deus.</p> <p>40. Felizes os que forem perseguidos por causa da perfeição, porque deles é o reino dos céus.</p> <p>41. Felizes sois, quando vos injuriarem, vos perseguirem e, mentindo, disserem todo o mal contra vós minha causa;</p> <p>42. alegrai-vos e exultai, porque é grande vosso prêmio nos céus, pois assim perseguiram aos profetas que existiram antes de vós.</p> | <p>20. E tendo erguido os olhos para seus discípulos, disse: felizes os pobres, porque vosso é o reino de Deus</p> <p>21. Felizes os que agora tendes fome, porque sereis fartos. Felizes os que agora chorais, porque rireis.</p> <p>22. Felizes sois, quando os homens vos odiarem e quando vos excomungarem, vos ultrajarem e rejeitarem vosso nome como indigno, por causa do Filho do Homem</p> <p>23. alegrai-vos e exultai nesse dia, pois grande é vosso prêmio no céu, porque assim seus pais fizeram aos profetas.</p> <p>24. Mas ai de vós que sois ricos, porque já recebestes vossa consolação.</p> <p>25. Ai de vós os que agora estais fartos, porque tereis fome. Ai de vós, os que agora rides, porque haveis de lamentar-vos e chorar,</p> <p>26. Ai de vós quando vos louvarem os homens, porque assim seus pais fizeram aos falsos profetas.</p> |
|---|---|

Penetramos, agora, num capítulo da Boa Nova, que todo cristão deveria ler, de joelhos, diariamente, vivendo-o intensamente. Constitui um dos mais perfeitos, elevados e completos cursos de iniciação profunda. Se todos os livros de espiritualidade do mundo se perdessem, mas restasse apenas este trecho, bastaria ele para levar as criaturas à perfeição mais extremada, ao adepto mais avançado, levando-nos - se vivido integralmente - à libertação total dos ciclos reencarnatórios.

* * *

Diz-nos Mateus que Jesus "subiu ao monte" e lá falou: é a tradição de Jerusalém. Lucas, tradição de Antióquia, afirma que Jesus "desceu da montanha a um lugar plano" e aí ensinou o Contradição apenas aparente. Lucas dá-nos os pormenores, que Mateus resume. E absolutamente não se diz, no 3.º Evangelho, que Jesus desceu à planície mas apenas a "um lugar plano", provavelmente na encosta do monte ainda, onde deparou a multidão que o esperava. Atendeu-a, e depois falou.

O sentido profundo justifica plenamente as duas escrituras. Em Mateus, onde todo o discurso é dado seguidamente, Jesus fala no monte, elevadamente, para as individualidades, ao Espírito. Em Lucas, dirige-se Jesus às personalidades, facilita Seu ensino, DESCE a "um lugar plano". Observamos que as bem-aventuranças em Lucas se referem ao plano físico: os pobres, os que choram, os que têm fome, que sentem essas angústias na carne, no corpo denso, e o Mestre se refere exatamente à pobreza de dinheiro, às lágrimas das dores, à fome de comida. E logo a seguir, condena os ricos, os que estão fartos, os que riem, tudo na parte material, coisa que não vemos em Mateus. Este dá-nos a parte espiritual, com elevação (monte) extra-terrena: cada um interpreta o ensinamento segundo seu diferente ponto de vista: Mateus, segundo o Espírito, segundo a individualidade; Lucas segundo o corpo, a personalidade. Daí ter escrito que Jesus DESCEU a um lugar plano.

Bastaria essa observação atenta, para convencer-nos, mesmo se não houvesse outras provas, que a linguagem dos Evangelhos tem profundo sentido simbólico e místico, embora os fatos narrados tenham realmente ocorrido no mundo físico; mas além da letra (que mata) temos que entender o Espírito (que vivifica).

Interpretemos, primeiro, o trecho de Lucas, subindo, em seguida, ao de Mateus.

LUCAS

Lucas apresenta-nos quatro bem-aventuranças e quatro condenações em paralelo, visando unicamente à personalidade humana em suas vidas sucessivas. Sabemos, com efeito, que, de modo geral, as encarnações oferecem alternância de situações: os ricos renascem pobres, e vice-versa (cfr. 1 Sam.2:7-8), os caluniados renascem louvados e vice-versa. Essa idéia foi bem apreendida por Lucas, quando transcreveu em seu Evangelho o Cântico de Maria (Lc. 1: 52-53).

Que não se referia a esta mesma vida de um só transcurso está claro, porque em uma mesma existência não se dão, absolutamente, tais transformações. E também não podia referir-se à vida "celestial" de um paraíso ou "céu" de espíritos, porque, uma vez lá, ninguém pensará em fartar-se de iguarias para vingar-se da fome que aqui passou; e mesmo que aqui se tenha fartado, não ligará a menor importância à falta de alimentos físicos, desnecessários ao espírito. Logo, a única conclusão lógica aceitável racionalmente é a recompensa ou castigo que nos virão NESTA MESMA TERRA, numa vida posterior, com um corpo novo. E o ambiente antioqueno, todo ele reencarnacionista, compreenderia bem essas realidades.

As quatro oposições são as seguintes:

- | | |
|---|--|
| 1) Felizes vós os mendigos, porque vosso é o reino de Deus. | Ai de vós os ricos, porque já fostes consolados. |
| 2) Felizes vós que tendes fome sereis fartos. | Ai de vós os fartos, porque tereis fome. |
| 3) Felizes vós que chorais, porque rireis . | Ai de vós que rides, porque chorareis . |
| 4) Felizes quando fordes perseguidos, porque assim fizeram aos profetas | Ai de vós quando vos louvarem porque assim fizeram aos falsos-profetas |

Se não entendêramos o sentido real da reencarnação, teríamos nesse resumo uma tirada demagógica, para conquistar simpatizantes e adeptos, pois são declarados felizes exatamente os da massa explorada e escravizada, enaltecendo-se como coisas ótimas a pobreza, a fome, a dor (doença) e a rejeição dos

homens. E as ameaças atingem precisamente os elementos exploradores e gozadores: os ricos, os de mesa farta, os alegres (sadios) e os famosos.

De qualquer maneira, é uma versão personalística expressa para aqueles que ainda se apegam a seu eu pequenino e passageiro, julgando-o seu Eu real. É uma consolação interesseira, para aqueles que ainda dão valor ao que é externo a si mesmos: o consolo dos outros, a posse dos bens materiais ou não, uma boa mesa, e os elogios dos homens.

Para Lucas, neste passo, Deus é a Lei Justiceira que premia e pune, que dá e tira, tal como O concebem as personalidades presas ao transitório irreal de um mundo passageiro, do qual eles se acreditam "partes integrantes". Personalidades que ainda não se libertaram do apego à Terra, às condições exteriores de bem-estar financeiro, físico, emocional ou de apoio das outras criaturas.

Acredite ou não na reencarnação, a massa humana se encontra nesse estágio e busca ansiosamente essas mesmas coisas, por todos os meios, materiais e espirituais. Nada interessa ao rebanho senão, em primeiro lugar a saúde, depois o dinheiro para viver, a seguir a tranquilidade emocional (amores) e enfim a "boa cotação" na opinião pública. Esses são os pedidos mais frequentes e angustiosos, feitos nas preces dos crentes de todas as religiões.

MATEUS

Muito diferentes as palavras de Mateus. Transcrevendo os ensinamentos profundos de Jesus, relativos à individualidade - que não dá a menor importância a coisa alguma que venha de fora, que seja externo, quem presta a mínima atenção ao que dizem "os outros".

Os exegetas e hermeneutas buscam o número 7 nas bem-aventuranças, não conseguindo reduzi-las a esse número, nem mesmo reunindo duas em uma. Mas, realmente, as bem-aventuranças são apenas 7, já que as duas últimas vezes em que aparece a palavra "bem-aventurados" (felizes), estão *fora da série*, tratam de coisas externas, que não dependem da evolução interna da criatura. As sete primeiras referem-se à evolução do homem, as duas últimas são acidentes que podem ocorrer e que também podem não ocorrer, o que nada tira nem acrescenta à evolução do indivíduo: representam elas provações exteriores, que experimentam e provam a legitimidade da evolução genuína.

PRIMEIRA - Uma variedade imensa de traduções tem sido dada às palavras de Mateus *ptôchoi tòi pnéumati*. Vamos analisá-las. O primeiro elemento, *ptôchos*, significa exatamente "aquele que caminha humilde a mendigar". Sua construção normal com acusativo de relação poderia significar o que costumam dar as traduções correntes: "mendigos (pobres, humildes) no (quanto ao) espírito".

Acontece, porém, que aí aparece construído com dativo, à semelhança de *tapeinous tòi pnéumati* (Salmo 34:18), "submissos ao Espírito"; ou *zêôn tòi pneúmati* (At. 18:25), "fervorosos para com Espírito"; ou *hagía kai tòi sômati kai tòi pnéumati* (1 Cor. 7:34), "santos tanto para o corpo, como para com o espírito".

Após havermos considerado numerosas traduções, aceitamos a que propôs José de Oiticica. MENDIGOS DE ESPÍRITO, por ser mais conforme ao original grego, e por ser a mais lógica e racional; pois realmente são felizes aqueles que mendigam o Espírito; aqueles que, algemados ainda no cárcere da carne, buscam espiritualizar-se por todos os meios ao seu alcance, pedem, imploram, mendigam esse Espírito que neles reside, mas que tão oculto se acha.

SEGUNDA - Felizes os que choram, ansiosos em obter esse Espírito, embora presos às sensações. E choram porque sentem a dificuldade de libertar-se das provações e tentações a que os sentidos os arrastam.

Não se trata de chorar por chorar, que isso de nada adiantaria à evolução. Fora assim, os que vivem a lamentar-se da vida seriam os mais perfeitos ... e aqueles que criam doenças e males imaginários, leva-

dos pela autocompaixão, para sobre si atraírem alheias atenções, palavras de conforto, estariam como elevados na linha evolutiva ... Nada disso: as lágrimas enchem os olhos e sobretudo o coração diante do próprio atraso, diante da verificação de quanto ainda somos involuídos. E isso trar-nos-á a consolação de ver-nos finalmente libertados.

Não podemos admitir más interpretações em textos de tão alta espiritualidade, que trazem incontestável clareza na exposição de seu pensamento.

TERCEIRA - Salienta-se, a seguir, a mansidão ou humildade. a paciência ou doçura (pralís); e aos que assim forem é prometida, como herança, a Terra.

Já dizia Davi (Salmo 37: 11) "os mansos herdarão a Terra e se deleitarão na abundância da paz". E mais tarde Isaías (65:9) "meus escolhidos herdarão a Terra e meus servos nela habitarão". Também nos Provérbios (2:21-22) se diz: "porque os homens retos habitarão a Terra e os íntegros nela permanecerão; mas os ímpios serão suprimidos da Terra e os pérfidos dela serão arrancados".

Há, pois, uma constante no pensamento do Antigo e do Novo Testamentos, nesse sentido: a Terra será o prêmio dos justos, que aí encontrarão a paz perfeita. Não se fala em herdar o "céu", no sentido moderno, mas A TERRA (*tên gên*), sem a menor possibilidade de interpretações malabaristas.

Que prêmio será esse? Será o apego à personalidade? ao corpo físico e às coisas físicas? Cremos que não.

Não é, evidentemente, nesta nossa vida atual, em pleno pólo negativo; mas num renascimento futuro ou, como disse Jesus textualmente, na reencarnação - *en tēi paliggenesía* -, quando o Filho do Homem se sentar em seu trono de glória (Mat. 19-28).

A Terra, este mesmo planeta, transformado em planeta de paz (depois que dele tiverem sido expulsos todos os que buscam e causam guerras), conservará como seus habitantes, na evolução, aqueles que, com ela, tiverem também evoluído por meio da mansidão, da paciência, da doçura e da humildade.

QUARTA - Nesta bem-aventurança fala-se dos famintos e sequiosos de perfeição. Geralmente *dikaiosúnē* é traduzido por "justiça". Essa palavra, entretanto, permite uma incompreensão que falsearia o sentido original: como podem ser louvados os que exigem justiça, se logo após são ditos felizes os misericordiosos? Uma coisa exclui a outra: ou justiça, ou misericórdia! Como teria podido Jesus contradizer-se a tão curto intervalo? Há de haver algum engano.

Ora, realmente o termo grego *dikaiosúnē* é derivado de *dikaïos*, que exprime precisamente "o observador da regra, o justo, o reto, o honesto, ou, numa expressão mais exata ainda "o que se adapta às regras e conveniências", pois o termo primitivo *dikē*, donde todos os outros derivaram, significa REGRA. Compreendemos, então, que o sentido (para coadunar-se com a bem-aventurança seguinte) só pode referir-se aos que aspiram ardente e sequiosamente à PERFEIÇÃO, ao AJUSTAMENTO de si mesmos às Leis divinas. Então é justiça no sentido de JUSTEZA (tal como o francês *justice*, no sentido de JUSTESSE).

Esses que são famintos desse ajustamento, hão de ser saciados em suas aspirações ardentes.

QUINTA - Nesta quinta, fala Jesus dos misericordiosos, daqueles que, segundo Paulo (Col- 3: 12) "se revestem das entranhas da misericórdia". É o oposto da "justiça". É o SERVIÇO no sentido mais amplo. O serviço de quem se compadece daquele que erra, porque nele não vê maldade: vê apenas ignorância e infantilidade.

Esses obterão misericórdia, porque sabem distribuir servindo sempre, sem jamais cogitar de merecimentos ou prêmios. É a misericórdia que tudo entrega à Vontade do Pai, e vai distribuindo bênção a mancheias sobre todos, indistintamente, incondicionalmente, ilimitadamente, amorosamente.

SEXTA - Fala-nos esta da limpeza do coração. Muitos interpretam-na como limpeza ou pureza no sentido de castidade, de não-contato sexual, atribuindo, a um acidente secundário, uma condição fundamental. Não é isso: é pureza e limpeza no sentido de renúncia, de ausência total de apego, de nudez, porque nada possuímos de nosso: tudo pertence ao Pai, e nos é concedido por empréstimo temporário ("nada trouxemos para este mundo, e nada poderemos dele levar", 1 Tim. 6:7); estamos limpos, estamos livres, estamos nus de posses, de apegos, e até mesmo de desejos, desligados inclusive de nossa própria personalidade.

A palavra *Katharós* tem um significado bem claro em grego: é tudo aquilo que é puro por não ter mistura, que é isento, desembaraçado, livre, limpo de qualquer agregação.

A expressão *Katharoi têi Kardíai* já aparece no Salmo 24:4 (que também traz o adjunto em dativo) e aí aparece no seguinte sentido: "quem subirá ao monte de YHVW e quem estará no santo lugar"? ou seja, "quem obterá a realização elevada do encontro com o Cristo"? e a resposta diz: "aquele que é inocente (sem culpa) nas mãos (nos atos) e LIMPO DE CORAÇÃO", isto é, que em seus atos (mãos) e pensamentos (coração) não tem apego nem culpa, que não trai o amor de Deus (individualidades), desviando-o para amar as personalidades externas, passageiras e enganosas.

Essa mesma expressão é usada por Platão, no diálogo Crátilo (405 b), de que traduziremos o texto: "a purgação e a limpeza, seja da medicina seja da mediunidade, as fumigações de enxofre, seja por drogas medicinais ou por mediunismo, e também os banhos desse tipo e as aspersões, tudo isso tem um só e único poder: tornar o homem limpo, quer seja do corpo, quer seja de alma (*Katharós katà sôma tò kai katà tèn psuchén*) ... Assim, esse espírito é o limpador, o lavador e libertador de semelhantes sujeiras (ou agregações que enfeiam)".

Nada se acena à castidade nem ao sexo, cuja união é uma ordem taxativa de Deus e da Natureza, sem o qual a obra divina não sobreviveria; logo é um ato SANTO e PURO.

Esses, que se libertaram até do eu pequenino, verão Deus (futuro de *horáô*), que é VER não só física, mas sobretudo espiritualmente: sentir, experimentar.

SÉTIMA - Ensina-nos a respeito dos pacificadores, ou, literalmente, dos "fazedores de paz", *eirênopoiós* (substantivo que é um *hapax* na Bíblia); trata-se daquele que não somente TEM a paz, como também a distribui com suas vibrações de amor.

Esses serão chamados, porque realmente o são, Filhos de Deus, desse "Deus de Paz" de que nos fala Paulo (2 Cor.13:11), isto é, atingiram não apenas o encontro com o Cristo, mas a unificação permanente com Deus.

Passemos, agora, ao comentário esotérico, onde procuraremos penetrar não apenas o sentido profundo das palavras de Jesus, como também meditar a respeito de algumas das correspondências das bem-aventuranças com outros ensinamentos do próprio Jesus e de outros conhecimentos da realidade da vida. Será um resumo de estudo comparativo, que poderá ser multiplicado pelos leitores em suas meditações a respeito.

Vamos verificar que as sete bem-aventuranças dão os sete passos essenciais da evolução íntima de todas as criaturas, para atingir aquilo que Paulo afirma que TODOS DEVERÃO alcançar "até que todos chegemos à unidade da convicção e do pleno conhecimento (pela vivência) do Filho de Deus, ao estado de Homem Perfeito, à medida da estatura da plenitude de Cristo (Ef. 4:13), ou seja, até que consigamos que o Cristo viva plenamente em nós, e nossa vida seja UNIFICADA à Dele .

1.º PASSO

Plano: *físico (mineral)*

Lei: *Amor (coesão-repulsão)* - Efeito: *Consciência única*.

Estado de consciência: *sono profundo*.

Expansão: *apenas vibração*.

Forças: *materiais*

Cor: *marron* - Efeito: *dinheiro, bens materiais, pompas*.

Bem-aventurança: *"Felizes os mendigos de espírito, porque deles é o reino do céu"*.

Cristo em relação ao plano: *"Eu sou o Pão vivo"* (João, 6:51)

Prece: *"Liberta-nos do mal"* (da matéria, que é o pólo negativo, o satanás, o adversário do Espírito).

Todos aqueles que, mesmo ainda presos à matéria, já atingiram um grau evolutivo que os faz compreender a necessidade de passar do negativo ao positivo, da matéria ao Espírito (5º plano), começam a aborrecer a materialidade, com todo o seu cortejo de bens materiais, sensações, emoções; e então, mendigam o Espírito ansiosa e insistentemente, sentindo que, para eles, o único Pão vivo que vem do céu é o Cristo Interno, o Deus que habita em nós.

Ainda estão sujeitos às forças materiais, mas pedem para delas ser libertados, pois constituem elas o "mal" para eles, o maior adversário (satanás ou diabo) do desenvolvimento interior espiritual.

Esses, não há dúvida, são os candidatos mais sérios ao "reino dos céus", que é justamente o "reino espiritual" acima do reino mineral, do reino vegetal, do reino animal, do reino hominal. E o reino espiritual ou celestial ou reino dos céus, quando atingido conscientemente, mesmo na permanência da criatura na matéria, traz a realização do objetivo máximo da evolução passar de um reino ao outro, desenvolvendo em si as forças superiores, pelo domínio das inferiores. Todo ensinamento de Jesus visou e visa a ensinar aos homens como abandonar o reino hominal para atingir o reino espiritual (ou dos céus ou de Deus): lição de como dar um passo a mais na estrada evolutiva, que Ele nos ensinou com palavras e sobretudo com Seu exemplo.

2.º PASSO

Plano: *etérico (vegetal)*

Lei: *Verdade* . - Efeito: *Existência única* .

Estado de consciência: *sono sem sonhos*.

Expansão: *sensibilidade, sensações* .

Forças: *etéricas*.

Cor: *vermelho*. - Efeito: *fascinação, propaganda-hipnotismo" elementais, obsessões*.

Bem-aventurança: *"Felizes os que choram, porque serão consolados"*.

Cristo no plano: *"Eu sou a Luz do mundo"* (João, 8: 12).

Prece: *"Não nos induzas às provações"*.

Além da prisão na matéria, o "espírito", que compreendeu sua necessidade imperiosa de evoluir, procura libertar-se, também, das sensações causadas por forças externas; e chora pelo fato de ver-se ainda prisioneiro dos cinco sentidos limitadores, cinco portas por onde entram as "tentações", as provações, os sofrimentos que ainda lhe ferem a sensibilidade.

Para todos, as tentações ou provações, as dores e sofrimentos "físicos", são causados pelas forças etéricas (no sistema nervoso). Ora, todo esse complexo de forças em choques violentos traz lágrimas

de angústia, na verificação da dificuldade (ou até, por vezes, da impossibilidade) de libertação imediata. Nesse plano etérico manifestam-se os elementais, as obsessões tenazes, os assédios do hipnotismo coletivo de forças que vivem a sugestionar a humanidade, quer pela propaganda, quer pelas idéias-matrizes que procuram amoldar a elas nosso intelecto, provenientes de elementos encarnados ou desencarnados. Toda a humanidade, atualmente, se acha hipnotizada ou pelo menos sugestionada pela leitura, pela audição (de rádios), pela visão de imagens nas TVs, que impõem idéias, produtos, "slogans", pontos de vista, buscando desviar a criatura (tentá-la) para fazê-la sair da estrada certa da interiorização que a levaria à felicidade do encontro com o Cristo Interno, ao mergulho na Consciência Cósmica. Sente-se o homem "em trevas", sem saber por onde fugir a esse impiedoso cerco de forças violentas. E para estes é que o Cristo se apresenta: "Eu sou a Luz do mundo", desse mundo conturbado. Então a prece que mais natural se expande de nosso coração, consiste nas palavras "Não nos induzas às provas", não nos leves, Pai a uma permanência demasiadamente longa nesse plano; e ao proferir essas palavras, as lágrimas saltam do coração para os olhos.

Mas ainda felizes os que choram essas lágrimas, porque ao menos compreenderam seu estado e, com essa compreensão, tem os meios de sair dele: esses, pois, serão consolados com a libertação dessas angústias torturantes mas, ao mesmo tempo, purificadoras.

3.º PASSO

Plano: *astral (animal)*

Lei :*Justiça - Efeito: Exação única*

Estado de consciência : *sono com sonhos.*

Expansão: *emoções.*

Forças: *animais.*

Cor: *amarelo - Efeito: concretização da Lei de Causa e Efeito (Carma) .*

Bem-aventurança: *"Felizes os mansos, porque herdarão a Terra".*

Cristo no plano: *"Eu sou a Porta das ovelhas" (João, 10:9) .*

Prece: *"desliga-nos de nossos débitos (cármicos), assim como desligamos aqueles que nos devem" .*

Além do corpo, além das sensações, o aspirante sente - à proporção que evolui - o atraso que lhe causam as emoções, manifestação puramente animal da alma. As emoções são movimentos anímicos entre os dois pólos extremos, o positivo (amor) e o negativo (ódio), com todos os matizes intermediários. O que mais prende o "espírito" ao ciclo reencarnatório é exatamente a faixa emocional, que os não-evoluídos confundem com evolução, quando a experimentam em relação ao pólo positivo.

Explicamo-nos. O devoto, que sente emoção e chora ao orar; aquele que se emociona ao ver a dor alheia, sentindo-a em si; o amoroso que vibra emocionalmente diante da pessoa ou das pessoas amadas; o orador que derrama lágrimas emotivas ao narrar os sofrimentos de Jesus, e que comove o auditório, arrastando-o à reforma mental; todos esses estão agindo no plano puramente animal, que é o das emoções. O amor, a caridade, a prece que Jesus ensinou não são manifestações emotivas: são espirituais, e só poderão ser puras, elevadas, divinas, quando nada mais tiverem de emotividade.

A libertação dessa emotividade, que tanto mal causa à humanidade, é obtida quando a criatura conquista a mansidão, a paciência, a resignação ativa, a conformação com tudo o que com ela ocorre.

Cristo, em relação a este plano, é a Porta das ovelhas, porque só através Dele podemos sair do plano animal (das ovelhas) e penetrar no reino hominal, subindo daí até o reino celestial ou divino.

A prece coincide perfeitamente: a lei do plano é a da Justiça, portanto Lei do Carma, de Causa e Efeito, que só age, (e só pode agir) no plano emocional. E por isso, a prece que Jesus ensinou é esta:

"desliga-nos de nossos débitos (cármicos), assim como nós desligamos os que nos devem". O termo grego exprime: "resgatar, soltar, desligar, libertar". Mas a condição de obtermos isso (crf. Mat. 6:15) é que de nossa parte também nos desliguemos dos outros. A tradução comum é "perdoar", que ainda supõe a emoção; o perdão dá a entender que a pessoa se sentiu "ofendida" e, depois, reagindo, vencendo-se a si mesma superiormente, concede com generosidade o perdão. Tudo no campo emotivo.

Nada disso ensinou Jesus. Mas era natural que a humanidade, que tantos séculos viveu e ainda vive às expensas das emoções, só pudesse entender nesse plano. Vendo melhor hoje, compreendemos que não é isso. Trata-se do desligamento, como tão bem exprime a palavra original grega. Nem a criatura se sente ofendida (porque nada atinge nosso Eu real), nem precisa perdoar, porque não se julga magoada: simplesmente SE DESLIGA, como se as ocorrências se tivessem passado com pessoas totalmente estranhas. O perdão ainda supõe, da parte de quem o dá, o sentimento emocional da vaidade. Ora, de fato, qualquer coisa que atinja nosso "eu" pequeno, só fere exatamente uma criatura "estranha", passageira e ilusória: porque se importar com isso o Eu Real inatingível? O que tem que fazer é DESLIGAR-SE totalmente, para subir de plano, e não ficar preso a emoções várias, que só trazem perturbação.

Aqueles que, vencidas as emoções (todas, boas e más), conseguirem a mansidão mais absoluta, a inalterabilidade, esses herdarão a Terra, após sua "reencarnação".

4.º PASSO

Plano: *intelectual (homem)*

Lei: *Liberdade*. - Efeito: *Poder de condicionamento*

Estado de consciência: *semi-vigília* .

Expansão: *oposição entre eu e "não-eu"*

Força: *humanas* .

Cor: *verde*. - Efeito: *ensino intelectual*.

Bem-aventurança: *"Felizes os famintos e sequiosos de perfeição, porque serão fartos"* .

Cristo no plano: *"Eu sou o Bom Pastor" (João, 10: 11)* .

Prece: *"dá-nos hoje nosso pão supersubstancial"* .

No plano intelectual já a criatura começa a ter capacidade de raciocínio, de discernimento, de escolha, de condicionamento da própria vida. Já opõe, pela divisão "satânica", o eu contra todo o resto do mundo, que é o não-eu. Entra no intelectualismo cerebral, querendo provas de tudo, indagando o porquê de tudo, e só aceitando o que o próprio cérebro tenha capacidade de compreender. Uma coisa evidente a um cérebro desenvolvido, pode constituir insondável mistério para outro que ainda se não desenvolveu. Uma integral luminosidade clara a um matemático, é um emaranhado de letras escuras para o cérebro virgem nesse ramo (e muita gente nem mesmo entende o que significa a palavra "integral" que escrevemos acima ...). Então, há infinidade de estágios também neste plano.

A bem-aventurança explica-se perfeitamente: "felizes os famintos e sequiosos de perfeição, porque serão saciados". No plano em que vige a lei da Liberdade, são felizes precisamente os que buscam a perfeição, do caminho, e não a tortuosidade dos enganos; os que se esforçam em conformar-se, em ajustar-se ao Espírito reto, e não à matéria sinuosa (observe-se que a natureza física tem horror à linha reta perfeita).

Cristo, nesse plano, diz: "Eu sou o Bom Pastor", aquele que pode guiar seu rebanho com segurança e amor.

A prece é a mais necessária: "dá-nos hoje nosso pão supersubstancial, ou seja, o alimento básico que está acima da substância, que está no Espírito: a iluminação do intelecto.

5.º PASSO

Plano: *"espírito" (super-homem)*

Lei: *Serviço - Efeito: Aperfeiçoamento contínuo.*

Estado de consciência: *vigília .*

Expansão: *compreensão do Eu real.*

Forças: *super-humanas .*

Cor: *azul. - Efeito: dedicação a Deus e às criaturas.*

Bem aventurança: *"Felizes os misericordiosos, porque obterão misericórdia" .*

Cristo no plano: *"Eu sou a ressurreição da vida" (João, 11:25) .*

Prece: *"seja feita a Tua vontade" .*

No quinto plano, a criatura já superou o intelecto, já ascendeu acima da personalidade dividida (egoísta), já compreendeu que seu Eu Real não é o quaternário inferior - pura manifestação temporária e ilusória de um Espírito eterno.

Logicamente, em vendo isso, percebe que só tem um caminho: o aperfeiçoamento contínuo, sem paradas, sem retrocessos.

Com essa percepção, dedica-se a Deus nas criaturas, e às criaturas de Deus, servindo-as com todas as suas forças.

Por isso a bem-aventurança diz: "felizes os misericordiosos, porque obterão misericórdia": quanto mais misericordioso na ajuda aos outros, mais as forças super-humanas o ajudarão.

A esse plano, Cristo revela-se: "Eu sou a ressurreição da vida". Por isso, os que estão nesse plano sabem que a vida não termina com o desfazimento da personalidade transitória; sabem que esta atual, sobre a Terra, não é vida, mas prisão, e que apenas estão manifestados temporariamente na matéria; sabem que no Cristo Interno eles têm o reerguimento da verdadeira vida, que temporariamente se encontra eclipsada pelo encarceramento no corpo denso. A vida real, que existe potencialmente em nós (embora abafada) se reerguerá porque o Cristo Interno, que somos Nós, é substancialmente o reerguimento, a ressurreição, o ressurgimento dessa vida.

A prece: "seja feita Tua vontade na Terra, tal como é feita nos céus" constitui uma aceitação plena e incondicional de nosso estágio terreno na cruz da carne. Pois a criatura já SABE qual seu Eu Real, e conhece a ilusão de seu eu terreno: pede, pois, que nesse eu terreno se realize em cheio, sem nenhuma limitação, tal como se realiza no plano espiritual (celeste).

6.º PASSO

Plano: *mental.*

Lei: *Perfeição. - Efeito: Harmonia integral.*

Estado de consciência: *visão direta .*

Expansão: *eu único em todos: fraternidade absoluta.*

Forças: *angélicas .*

Cor: *violeta. - Efeito: compreensão total, auto-sacrifício .*

Bem-aventurança: *"Felizes os limpos de coração, porque verão Deus"*.

Cristo no plano: *"Eu sou o caminho da Verdade e da Vida" (João, 14:6)*

Prece: *"Venha a nós T eu reino"* .

Neste sexto plano, o mental, a criatura já está iluminada (daí chamarem os hindus a este plano, "búdico"). O homem conquistou a perfeita paz interna, a harmonia integral no corpo e no espírito.

E compreendeu que seu Eu Real é único em todas as criaturas, pouco importando a manifestação externa e transitória que esse Eu Real assuma. As forças angélicas estão "a serviço" e com elas sintonizam aqueles que o atingiram: os místicos, de qualquer corrente, os verdadeiros vedantas. A cor violeta, representativa da mistura entre o rosa (devoção) e o azul claro (espiritualização), assinala a aura dessas criaturas que superaram a personalidade e vivem na individualidade.

Aí a compreensão da Vida é total. A verdade é sentida em toda a Sua amplitude. E o homem entrega-se ao sacrifício de si mesmo em benefício da coletividade, na maior das harmonias internas.

"Felizes os limpos de coração" corresponde exatamente a esse plano, já que a criatura que atingiu esse ponto está desapegada de tudo, tem o coração totalmente "limpo" e vazio, para nele abrigar apenas o Cristo Interno. Superou as emoções e ama sem mistura de emoção: ama integralmente, sem distinções, a todos e a tudo, pois sabe, por experiência pessoal, que o Eu é o mesmo em todos e em tudo, e portanto, todas as criaturas são um único Espírito (cfr. Ef.4:4):

Disse Cristo aos desse plano: Eu sou o caminho da Verdade e da Vida. Indicou-nos, com Seu exemplo, o caminho que todos temos que seguir para atingir a Vida e a Verdade, que Ele conhece porque já percorreu todos os estágios vitoriosamente. E só Ele, que sobrepujou todos os planos, pode trazer-nos essas elucidações com toda a segurança, não apenas com Suas palavras, como com Sua vivência perfeita, sublinhada pelo sacrifício total em benefício da humanidade.

Por isso pode bem dizer ser Ele, o Cristo Interno, manifestado em toda a Sua plenitude em Jesus, o Caminho da Verdade e da Vida.

A prece, "venha a nós Teu reino", expressa bem a ânsia que temos de penetrar nesse plano do reino espiritual, que é o reino do Pai, o reino divino.

7.º PASSO

Plano: *divino (átmico)*

Lei: *Beleza*. - Efeito: *Contemplação absoluta* .

Estado de consciência: *integração e unificação (transubstanciação)*.

Expansão: *fusão total em Deus e em Suas criaturas* .

Forças: *divinas*.

Cor: *dourada*. - Efeito: *Vida*.

Bem-aventurança: *"Felizes os pacificadores, porque serão Filhos de Deus"*.

Cristo no plano: *"Eu sou a Videira e vós os ramos" (João, 15: 1)* .

Prece: *"Santificado seja Teu Nome"*.

Neste sétimo plano, divino; a lei que vige é a beleza (daí tanto atrair a todos a Beleza, em qualquer de seus graus e planos).

Neste ponto, já a união não é mais intermitente, sendo superada mesmo a visão direta. Já existe a contemplação absoluta, constante, numa integração perfeita: é a unificação ("Eu e o Pai somos um", João,

10:30) e a criatura, através da vivência em Cristo, unifica-se e funde-se em todas as criaturas de qualquer plano.

A cor dourada exprime o resplendor da beleza, (daí exercer o ouro tanta atração em todos), onde agem forças divinas, que atuam e são atuadas pelos seres cristificados do sétimo plano. O efeito de tudo é a Vida em Deus, porque Deus passa a viver plenamente na criatura "nele habita toda a plenitude da Divindade" (Col. 2:9) e "já não sou mais eu que vivo: é Cristo que vive em mim" (Gál. 2:20).

A bem-aventurança enaltece esses, que são os pacificadores, os que com sua simples presença, com a ação benéfica de sua aura, irradiam a paz, pacificando corações e pessoas. Esses pacificadores serão os chamados Filhos de Deus, pois só os Filhos de Deus são capazes de pacificar realmente, não com a paz externa, mas com a paz de Cristo: "a minha paz vos deixo, a minha paz vos dou: não a dou como a dá o mundo. Não se perturbe vosso coração" (João, 14:27).

Diz-nos Cristo nesse plano: "Eu sou a Videira e vós os ramos". E afirma a seguir que só podem ter Vida os ramos, enquanto estiverem "unidos" à videira. O vinho exprime, no simbolismo esotérico, o Espírito. Cristo faz aqui a revelação total: que é a Videira, senão a reunião total do tronco e dos ramos? Cristo só estará integralizado quando a humanidade, de que Ele é a cabeça (Ef. 4:15) estiver toda unida a Ele, na unidade total e fundamental.

O nome é a representação externa da substância. Quando a humanidade, em todas as suas partes - que são a manifestação externa no Cristo Cósmico - estiver "santificada", então poderá o Cristo dizer realmente: "completei a obra que me confiaste para realizar" (João, 17:4), pois "não perdi nenhum dos que me deste" (João, 18:9). Esse é portanto o pedido da prece deste plano: que Teu nome, que Tuas manifestações, sejam santificadas.

* * *

Após a enumeração dos diversos passos no Caminho da Perfeição, o texto continua no mesmo tom. Nada exige, no entanto, que estas últimas bem-aventuranças tenham sido proferidas na mesma ocasião, e nessa ordem: podem ter sido ensinadas em outro momento e acrescentadas aqui pelo evangelista, para continuar a série. Mas também podem ter sido ditadas em seguida às outras, sem que isso influencie nos sete passos que atrás estudamos.

Firmemos, todavia, que as duas vezes seguintes, em que se repete a palavra "felizes", não fazem parte dos Sete Passos do Caminho da Perfeição: representam, porém, um corolário, um resultado fatal, inexorável, que advirá a todos os que seguirem por essa estrada.

Todos, sem exceção, todos os que perlustrarem, ainda que apenas os primeiros passos na senda, serão perseguidos por causa da retidão de vida que assumiram. Felizes, contudo, serão; pois embora perseguidos - e até mesmo porque perseguidos - mais depressa atingirão a meta. E também serão felizes os que forem injuriados, perseguidos e caluniados, já que isso ocorreu sistematicamente a todos os profetas (médiuns) que passaram pela Terra. Portanto, é normal que, no pólo negativo em que nos encontramos, recebamos malevolência em troca do bem que pretendamos distribuir.

Interessante observar que o termo grego traduzido por "injuriar" é *oneidísôsin*, formado de *ónos*, "burro" e de *eídos*, "figura", ou seja, "chamar de burro". Realmente na grafite encontrada no Monte Palatino (e hoje conservada no Museu Kirscher, em Roma), vemos pregada à cruz uma personagem com cabeça de burro ...

A interpretação profunda não difere muito da comum. Realmente, todos os que entram ou procuram entrar, pela estrada do aperfeiçoamento em busca do Cristo interior, encontram grandes dificuldades de todos os lados: da parte de outras criaturas (externas) e da parte de seus próprios veículos físicos inferiores. As dificuldades parecem, por vezes, insuperáveis. Daí ser chamada de "estrada estreita", porque realmente difícil: todos os atropelos investem contra aqueles que buscam destacar-se da craveira comum da humanidade, que forcejam por sair do pólo negativo, onde estamos presos há milênios.

O SAL DA TERRA

Mat. 5:13-16

Marc. 9:50

Luc. 14:34-35

43. Vós sois o sal da Terra. Se o sal se tiver tornado insípido, como se poderá restaurar-lhe o sabor? para nada mais presta, senão para ser jogado fora e pisado pelos homens.
50. O sal é bom, mas se o sal se tiver tornado insípido, com que haveis de restaurar-lhe o sabor? tende sal em vós mesmos, e estai em paz uns com os outros.
34. O sal é bom; mas se o sal se tiver tornado insípido, como se poderá restaurar-lhe o sabor?
35. Nem é útil para a terra nem para o estreme; é jogado fora. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

O sal (cloreto de sódio) possui a qualidade de, como agente catalítico, ativar o gosto dos alimentos, condimentando-os e tornando-os saborosos. Em si mesmo, não é aceitável, mas acrescentado na medida justa, produz o paladar agradável dos próprios alimentos a que é adicionado. Além disso, tem a propriedade de conservar os alimentos, evitando-lhes a deterioração. Duas qualidades preciosas.

No entanto, se o sal se torna insulso, perde ambas, e para nada mais serve.

Jesus compara seus discípulos todos, não apenas os apóstolos, pois se dirigia à multidão que O ouvia) ao sal: de per si nada valem, mas com sua presença dão sabor às realidades da vida e conservam os demais cristãos livres da corrupção. Mas, se perderem as qualidades catalisadoras, se tornarão inúteis.

O discípulo, que se une ao Cristo, influi com sua própria aura psíquica na elevação espiritual de toda a humanidade. Tal como ocorre com o sal nos alimentos, ativa-lhes o paladar, tornando-os mais saborosos, e conserva-os na via certa. Basta essa irradiação poderosa para transformar a humanidade, ajudando-a mais do que se lhe atendesse às necessidades materiais, físicas, emocionais ou intelectuais. Mais do que assistência social à saúde, à fome, ao vestido, carece a humanidade de paz interior, de tranquilização da aura. E isso é obtido por meio das radiações espirituais daquele que se tornou o verdadeiro sal da Terra, com sua unificação com o Cristo Interno.

A LUZ DO MUNDO

Mat. 5:14-16

Luc. 11:33-36

13. Vós sois a luz do mundo. Não se pode esconder uma cidade situada sobre um monte;
14. e ninguém acende uma vela e a coloca debaixo de um balde, mas no castiçal; e assim ilumina a todos os que estão na casa.
15. De tal modo brilhe vossa luz diante dos homens, que eles vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai que está nos céus.
33. Ninguém, depois de acender uma lâmpada a coloca num subterrâneo, nem debaixo de um balde, mas sobre o castiçal, a fim de que os que entram vejam a luz.
34. A lâmpada do corpo é o olho. Quando o olho é simples todo o teu corpo é luminoso; mas quando for doente, todo o teu corpo fica trevoso.
35. Vê, pois, se a luz que há em ti não sejam trevas.
36. Pois se todo o teu corpo for luminoso, sem ter parte alguma em trevas, será inteiramente luminoso, como quando uma lâmpada te iluminar com o seu fulgor.

A luz tem como finalidade, tanto quanto o sal, servir aos outros, e não a si mesma. Para que a luz produza seu efeito, é mister que esteja colocada no alto, e não escondida debaixo de um balde. Assim como não pode esconder-se uma cidade construída no cimo de um monte, assim a luz não pode deixar de ser vista: deve ser utilizada para iluminar. Sem pretensão, sem orgulho, mas também sem falsa humildade, deve iluminar *naturalmente*, por função própria.

E Jesus continua: assim brilhem vossas boas obras, de modo a serem vistas pelos homens - embora sem se fazer propaganda delas: recordemos que Jesus proibia que se falasse dele glorificando-o. O único a ser louvado é o Pai celestial.

Em Lucas há um adendo: a luz do corpo são os olhos. Se estes forem simples (no sentido de limpos, puros, tersos, ou seja, sem malícia) todo o corpo será luminoso. Se forem enfermos (maliciosos, maldosos) a criatura ficará em trevas. Quando, por exemplo, alguém vê duas criaturas amando-se e, com simplicidade, sem malícia, admira o amor, tudo permanece em luz; mas se, nesse amor, quem olha coloca malícia, o amor continuará a brilhar com pureza, mas a criatura que maldou será invadida pelas trevas da malícia que só existe nela mesma, e não no ato de amor, que é sempre puro e divino, pois sintoniza com Deus que é Amor.

O ensinamento profundo da Luz que somos, devendo com ela iluminar o mundo, alerta-nos quanto às obrigações de nosso Espírito (individualidade).

Não se pede que saibamos, nem que falemos apenas, nem que façamos, mas que SEJAMOS. O que importa é SER LUZ.

Para chegar a ser Luz, só há um meio: é mergulhar na Luz Cósmica do Cristo, que declarou categoricamente "Eu sou a Luz do Mundo" (João, 8:12). Mas aqui, também em tom solene, afirma: "vós sois a Luz do mundo". Donde verificamos, ainda uma vez, que Jesus não se apresenta como uma exceção da

humanidade, mas simplesmente como o modelo de todos nós. Desde que, como Ele, consigamos unificar-nos com o Cristo Cósmico, com o Divino Logos, também seremos a Luz do mundo.

Afora isso, enquanto confundidos com o corpo físico, crendo que a personalidade é o verdadeiro eu, só podemos ser trevas. Quando nos libertarmos dos entraves da personalidade, rejeitando-a, ficaremos iluminados, porque veremos a luz, mergulharemos na luz, nos tornaremos LUZ.

Essa luz interna expande-se em círculos concêntricos atingindo a todos; e mesmo sem que algo se diga, todos a percebem e a recebem. Os primeiros a usufruí-la, - "todos os da casa são iluminados" - são nossas células e nossos órgãos.

Pelos "olhos" é que a criatura se ilumina: comparação perfeita, já que os atingidos pela cegueira física permanecem nas trevas. Entretanto, há um matiz mais profundo: é pelos olhos intelectuais (e Jesus usa o singular: "pelo olho") que penetra na criatura a Luz da Mente que nos ilumina.

E aqui talvez se pudesse vislumbrar uma referência ao "olho de Siva", (glândulas pituitária e pineal), que constituem o olho que nos possibilita a visão espiritual.

A ignorância são as trevas que envolvem o "espírito" (personalidade) levando-o ao erro à maldade. Por isso, quando os "olhos" intelectuais são enfermos (ou fracos), todo o ser permanece em trevas. Mas quando os "olhos" intelectuais são simples (sem a malícia da vaidade que obumbra, do orgulho que incha, da dúvida que vacila) tudo é visto com clareza e precisão.

Cada criatura humana, portanto, que se unifica ao Cristo, é a LUZ DO MUNDO, que ilumina por si mesma, refletindo a Luz do Cristo Cósmico que nela habita, e que consegue expandir-se através do cristal purificado de uma personalidade que se anulou a si mesma, para que apenas o Cristo vivesse nela. Canais limpos de todo apego, espelhos tersos de qualquer jaça, tornar-nos-emos transparentes, e ninguém mais verá em nós a personalidade, mas encontrará o Cristo Eterno falando por nossa boca, agindo por nossas mãos, iluminando a todos com o nosso amor que é o amor Dele a expandir-se por nosso intermédio.

INTERPRETAÇÃO DA LEI

Mat. 5:17-20

17. Não penseis que vim revogar a Lei ou os profetas: não vim revogar, mas completar.
18. Pois em verdade vos digo: até que o céu e a Terra caduquem, de modo algum caducarão, nem um i, nem um til da Lei ,até que tudo evolua.
19. Aquele, pois, que solucionar um destes mínimos mandamentos e assim ensinar aos homens, será chamado mínimo no reino dos céus; mas aquele que praticar e ensinar esse será chamado grande no reino dos céus.
20. porque vos digo, que se vossa perfeição não exceder à dos escribas e fariseus, de modo algum entrareis no reino dos céus.

Ao iniciar as referências à lei mosaica e seus aperfeiçoamentos por Ele introduzidos, Jesus declara que não veio revogar, mas COMPLETAR a lei. As traduções vulgares trazem "cumprir", o que não seria nada de extraordinário, já que TODOS nós viemos também para cumprir a lei: seria uma afirmativa inane. Todavia o verbo *plêrsai* significa "completar" (*plêrós* quer dizer "cheio", "completo"). Sua missão, pois, é trazer complementos, acréscimos, para completar o que Moisés ensinou.

Depois explica que durante todo o ciclo de vida deste planeta, "até que o céu e a Terra caduquem", tudo terá que fatalmente evoluir. E durante todo esse período, nem uma vírgula da Lei caducará, nada se omitirá, sem que seja cumprido. O verbo *génetai* (*gígnomai*) exprime o tornar-se, o devenir, isto é, a evolução: toda a Lei se cumprirá, até que inexoravelmente tudo evolua.

A seguir vem um trecho que, nas traduções vulgares, apresenta um contra-senso incompreensível, um absurdo. Lemos: "quem VIOLAR um pequeno mandamento e assim ensinar, entrará no reino dos céus, embora seja chamado mínimo". Como poderá penetrar no "reino dos céus" aquele que violar um mandamento da Lei, ainda mais com a agravante de ensinar o erro aos outros? Será igualado com o prêmio ao que cumpre a Lei? Não é possível compreender esse disparate. Por exemplo: alguém viola um mandamento, mata outrem, e ensina os homens a matar, levando-os a fazerem o mesmo; terá ele o mesmo "reino dos céus" que aquele que jamais matou alguém? Sim, em ponto menor, mas basta isso para constituir um prêmio ... Não, não é possível. A tradução está mal feita.

Vamos ao original. O verbo usado é *luô*, na forma *lúsêi*. Tem o significado de soltar, solver, resolver, solucionar, aclarar, explicar. Secundariamente pode traduzir-se por "violar", também, mas o contexto não permite esse sentido.

O que compreendemos, pois, é que aquele que conseguir solucionar ou explicar um dos mandamentos, por mínimo que seja, e assim ensinar aos homens, será premiado com a entrada no "reino dos céus", embora obtenha um lugar pequenino. Mas aquele que solucionar, compreendendo-o e explicando-o, e assim ensinar aos homens, e além disso praticar e viver todo o conjunto dos mandamentos, esse obterá o ingresso no "reino dos céus", e será chamado grande. Como vemos o sentido fica lhano e fácil, tem lógica e sequência, desenvolvimento claro e ilação perfeita.

Realmente a lei é ensinada em palavras humanas, e estas jamais conseguirão traduzir os conceitos espirituais; o ensino é esotérico; e é indispensável que seja encontrada a solução do verdadeiro sentido profundo e oculto, para que se compreenda o alcance real ao ensinamento; sem o que, aparecerá somente a casca externa e seca de uma linguagem fria e material, que só serve para dirigir os atos exteriores do comportamento da personalidade.

Isso, entretanto, irá servindo para preparar as personalidades, fazendo-as amadurecer aos poucos, até atingirem o grau de capacidade indispensável à compreensão profunda.

Uma vez maduro, o "espírito" começará a compreender, através do véu da letra, o espírito verdadeiro que estava oculto. Paulo acena a isso (2 Cor.3:14-17): "Mas suas mentes foram endurecidas, pois até o dia de hoje, na leitura do Antigo Testamento, permanece o mesmo véu, não lhes sendo revelado que em Cristo é ele tirado. Contudo, até o dia de hoje, sempre que lêem Moisés, está colocado um véu sobre o coração (mente) deles. Todas as vezes, porém, que algum deles se converter (unir) ao Senhor, o véu lhe é tirado. Ora, o Senhor é o Espírito, e onde há o Espírito do Senhor, aí há liberdade".

Dá-nos este trecho, com absoluta clareza, sem ambages, o pensamento de Jesus em relação à leitura e interpretação dos preceitos da lei. De pouco adianta entendê-los à letra, admitir-lhes a eficiência, obedecer-lhes exterior e mecanicamente: é preciso solucionar os enigmas que se ocultam sob as palavras.

Quem conseguir fazê-lo, embora seja numa parte mínima, conseguirá uma aproximação do encontro, ainda que leve e passageiro, experimentando as delícias do reino espiritual ("dos céus") na paz interior. Verdade é que permanece apenas nos primeiros degraus da evolução espiritual. Mas, se tiver o merecimento de ensinar o pouco que compreendeu às outras criaturas, já se terá tornado um pequeno foco de luz para o mundo, e alcançará o reino. Sim, porque embora fraca, é sempre LUZ.

Já aqueles que tiverem atingido a solução para todos ou quase todos os ensinamentos; os que souberem interpretá-los à luz crística; os que penetrarem o sentido profundo; e, além de tudo isso, os que os VIVEREM, e ainda ensinarem aos homens quais os segredos das palavras do Livro sagrado, esses serão chamados grandes no reino espiritual: terão obtido a unificação com o Cristo, única chave para a legítima interpretação, e esparzirão Sua Luz, a todos iluminando, como tersos refletores do Logos Divino que em todos habita.

AS OFENSAS

Mt. 5: 20-26

Luc. 12: 54-59

21. Ouvistes o que foi dito aos antigos: "não matarás" e "quem matar, estará sujeito ao julgamento".
22. Mas eu vos digo que todo o que se magoa contra seu irmão, estará sujeito a julgamento; e quem chamar seu irmão "tolo", estará sujeito ao tribunal; e quem chamá-lo "louco", estará sujeito ao vale dos gemidos de fogo.
23. Se estiveres, pois, apresentando tua oferta no altar e aí te lembrars de que teu irmão tem alguma coisa contra ti,
24. deixa ali tua oferta diante do altar, vai primeiro reconciliar-te com teu irmão e depois vem apresentar tua oferta.
25. Sê benevolente depressa com teu adversário, enquanto estás no caminho com ele; para que não suceda que o adversário te entregue ao juiz, o juiz ao oficial de justiça, e sejas recolhido à prisão;
26. em verdade te digo, que não sairás dali até pagares o último centavo.
54. Disse também à multidão: quando vedes aparecer uma nuvem no poente, logo dizeis que vem chuva, e assim acontece;
55. e quando vedes soprar o vento sul, dizes que haverá calor, e assim ocorre.
56. Hipócritas, sabeis distinguir o aspecto da terra e do céu; como então não distinguis esta época?
57. Por que não discernis também por vós mesmos o que é justo?
58. Quando pois vais com teu adversário ao magistrado, fazei o possível para, no caminho, te livres dele; para que não suceda que ele te arraste ao juiz, e o juiz te entregue ao oficial, e o oficial te lançará na prisão.
59. Digo-te que não sairás dali até pagares o último centavo.

A partir deste ponto, encontramos a confirmação prática do sentido do versículo 17 deste capítulo, em que Jesus afirma "ter vindo para aperfeiçoar a lei". São cinco oposições entre as palavras da *Torah* e os ensinamentos mais elevados e rigorosos de Jesus.

Onde, por exemplo, a lei proíbe apenas "matar", supondo-se digno de castigo só a interrupção da vida física, Jesus esclarece que o homicídio moral é tão ou mais grave do que aquele, e portanto passível de resgate doloroso.

Para melhor esclarecimento do assunto, é feita uma divisão em três graus, caminhando-se do menor ao maior até o clímax, pois Jesus nem admite, sequer, a hipótese de homicídio físico.

1.º o desgosto ou mágoa, correspondente ao grego *horgizómenos*, que é simples movimento íntimo de ressentimento, sem repercussão nenhuma exterior;

2.º o aborrecimento que se exterioriza numa injúria, embora leve, chamando-se a criatura de "tola" (em hebraico *raca*), isto é *reiga*, ou *reigah*, que significa "cabeça ôca"), numa demonstração de desprezo;

3.º a zanga que se exterioriza com uma ofensa grave e caluniosa, em que se classifica a pessoa de "louca" (hebraico *moreh*, grego *mórós*), com isso causando prejuízos morais graves, pelo desprestígio de irresponsabilidade a ela atribuída sem base na verdade dos fatos.

A cada uma dessas gradações corresponde um tipo diferente de condenação:

- 1.º - sujeito a julgamento simples;
- 2.º - sujeito a julgamento do Sinédrio (da autoridade);
- 3.º - sujeito ao "vale dos gemidos", para ser purificado pelo fogo.

Quanto à palavra "geena", que traduzimos por "vale dos gemidos", nós a explicaremos no fim deste capítulo.

Compreendemos assim que:

- 1.º - quem se magoa, permanecendo ressentido sem perdoar (sem esquecer a ofensa), embora fique calado, perde a sintonia interna com Deus que é Amor; como, porém, o movimento é puramente íntimo, ele é culpado perante sua consciência apenas, estando sujeito ao resgate de um carma estritamente pessoal;
- 2.º - quem se ofende com algo e se destempera, dando ao adversário epítetos de desprezo (tolo, cabeça ôca), fica inculcado perante o tribunal da comunidade (sinédrio), porque adquiriu carma grupal, já que sua ação feriu outra pessoa;
- 3.º - quem se ofende e, exteriorizando sua ira, atribui ao adversário epítetos caluniosos (louco, maluco), se torna culpado perante o tribunal geral, porque a calúnia espalhada não mais pode ser desfeita, e o prejuízo causado não consegue ser remediado; foi, pois, adquirido carma *coletivo*, sendo ele o responsável pelo que disse, pelos prejuízos que causou, e por todos os julgamentos errôneos daqueles que o ouviram e nele acreditaram. Esse carma coletivo, para ser resgatado, tem que passar pelo fogo permanente das dores, que jamais se apaga no "vale dos gemidos" (o planeta Terra, também chamado "vale de lágrimas").

Os versículos seguintes contêm uma hipérbole para demonstrar a superioridade do amor. Figura Jesus estar já alguém no altar, a oferecer sua oblata, quando se recorda de que seu irmão tem uma queixa contra ele. Para salientar quanto o amor é superior aos sacrifícios (cfr. Os. 6: 6), diz Jesus que deixe ali sua oferta e vá primeiro reconciliar-se com seu irmão. Mostra-nos isso que a adoração e mesmo a oração não têm efeito, se não estamos vibrando na frequência do amor.

Por isso continua ensinando-nos que jamais devemos levar nossas questões diante dos tribunais, para reclamar nossos direitos ("onde começa o direito, acaba o amor", escreveu Pietro Ubaldi). Nem devemos permitir que alguém vá aos tribunais contra nós: reconciliemo-nos, ainda que perdendo aparentemente, pois o lucro espiritual será demais compensador. Se alguém tem queixa, vamos a ele e cedamos tudo, contanto que mantenhamos nossa paz na sintonia do amor.

Olhando sob o ponto de vista espiritual, é melhor reconciliar-nos "enquanto estamos no caminho com ele". A expressão "no caminho" exprime claramente o que hoje diríamos "enquanto estamos reencarnados com ele na Terra". Baste confrontar: "Sabemos que se a nossa casa terrestre desta tenda de viagem for desfeita temos de Deus um edifício, casa d'ão feita por mãos, eterna, nos céus" (2 Cor. 5:1); "Andai com sabedoria com os que estão de fora, remindo o tempo" (Col. 4:5); "exortai-vos uns aos outros todos os dias, durante o tempo que se chama hoje" (Heb. 3:13); "se invocais como Pai Aquele que, sem se deixar levar de respeitos humanos, julga segundo a obra de cada um, vivei sem temor durante o tempo de vossa peregrinação" (1 Pe. 1:17); "tenho por justo, enquanto estou nesta tenda de viagem, despertar-vos com recordações, sabendo que brevemente hei de deixar esta tenda de viagem" (2 Pe. 1:13-14); e ainda, embora mais veladamente 2 Cor. 3:12-18 e 6:1-3; Heb. 4:1-3; 8:7; 12:11-13; 1 Pe. 5:9. Além disso, a própria denominação da comunidade dos cristãos nos primeiros tempos (os mais legítimos porque mais próximos à fonte) confirma esta interpretação, pois eles se classificavam como "os do Caminho" (cfr. At. 9:2); só mais tarde, em Antióquia, passaram a ser conhecidos como "cristãos", isto é, seguidores de Cristo.

Tudo isso - vem a advertência muito séria e severa - para que não sejamos entregues ao juiz (nossa consciência liberta, nosso Eu profundo) que nos manterá "na prisão", ou seja, no corpo (nas sucessivas

encarnações), das quais não nos libertaremos enquanto não tivermos pago o último centavo. Enquanto não for resgatado todo o carma, não sairemos da roda das reencarnações, a que os hebreus chamava *gilgal* e os hindus *samsara*.

O texto de Lucas aparece em outro contexto, mas o ensinamento é o mesmo. O exemplo é tirado da facilidade que tem o povo de conhecer com antecedência o tempo que haverá. A nuvem no poente denota chuva e o vento do sul (realmente do sudoeste, o *siroco*, em grego *notos* traz o calor do norte africano. No entanto, não sabem conhecer a vida espiritual. Vem depois a mesma advertência que em Mateus, a respeito da reconciliação com os adversários, enquanto encarnados com eles. Sabemos que os adversários reencarnam, quase sempre, como parentes próximos, afim de que a reconciliação seja mais fácil pelas ligações sanguíneas. A aproximação dos adversários na reencarnação, como pais, filhos, irmãos é automática: o ódio une tanto quanto o amor, porque o pensamento de quem odeia, como o de quem ama, se fixa morbidamente nos seres amados ou odiados; e sabemos que o pensamento é força que une sintonicamente. Disso se prevalece a Lei para provocar as reconciliações, enquanto os seres estão com o véu do esquecimento a recobrir as causas desse ódio passado.

A individualidade esclarece bem as personalidades, de que o estado atual em que se encontram é um simples e ilusório percurso de viagem, e que não convém brigar durante esse caminho transitório. Muito ao contrário: deve ser aproveitada essa caminhada rápida para uma reconciliação plena com todos os adversários, enquanto o olvido das causas nos amortece a dor dos feitos.

Quem não souber valer-se desse ensejo e, ao revés, continuar a alimentar separações e contendas, aumentando os débitos, permanecerá na prisão até resgatar seu carma de modo integral.

Então, avisa a individualidade às criaturas: sejam inteligentes, espertas. Aprendam a conhecer o resultado das ações, assim como já perceberam a constância dos sinais que precedem as chuvas e o calor.

No trecho, aprendemos, outrossim, que o ciclo reencarnatório é, como dizia Platão, um "ciclo fatal" (kyklos ananke) que nos prende como em cadeias, até ser cobrado o último centavo. A Lei é inflexível e não há preces nem devoções que o diminuam. A "Misericórdia" manifesta-se de outro modo: é dando-nos oportunidades novas e repetidas, de realizarmos pagamentos, isto é, concedendo-nos novas encarnações (cfr. Pietro Ubaldi, "Queda e Salvação", pág. 61).

O único meio de resgatarmos mais depressa é dedicar-nos ao serviço, por amor ao próximo. Daí a pregação intensa que é feita do valor da "caridade" ("Fora da caridade não há salvação", escreveu A. Kardec).

GEENA

A palavra *geena* que aparece nas traduções vulgares do Evangelho, e que traduzimos por "vale dos gemidos", É, empregada sete (7) vezes em Mateus (5:22, 29, 30; 10:28: 18:9; 23:15, 33); três (3) vezes em Marcos (9:43,45,47); uma vez em Lucas (12:5) e uma vez em Tiago (3:6). Nunca a encontramos em João nem em Paulo.

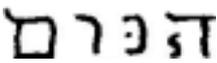
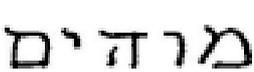
Nome antiquíssimo, já aparece no Velho Testamento desde Josué. São três as formas de empregá-lo:

- gê ben Hinnom (vale do filho de Hinnom) em Josué 15: 8a: 18. 16a: 2.º Crôn. 28:3; 33:6; Jer. 7:31, 32: 19:2, 6; e 32 :35.*
- gê benê Hinnom (vale dos filhas de Hinnom) em 2.º Sam. 23: 10.*
- gê Hinnom (vale de Hinnom) em Josué 15.8b; 18.16b e Neemias 11:30.*

Era tão conhecido, que Jeremias se limita, em 2:23, a chamá-lo "o vale" (*haggê*).

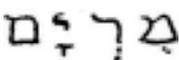
Quanto ao significado da palavra *Hinnom* há discussão. Afasta-se, de modo geral, a hipótese de um nome próprio, pois jamais se conheceu alguém com esse apelativo. O sentido mais aceito para esse

termo é o atribuído por Gesenius-Bull ("*Handwoerkerburh*") que a faz derivar da raiz árabe (1) (*hanna*), que significa "gemer"; Strack Billerbeck (Comentário do Novo Testamento segundo o Talmud e o Midrasch", tomo 4.º pág. 1030:1031) acata essa etimologia, embora classificando-a de "popular". Nesse caso (2) (*hinnom*) significa "gemidos, lamentações". E no Midrasch de Rabi Tanchuma (texto B, § 2.º, 8.º) lemos: "que significa Hinnom (3) ? que os padres idólatras diziam a Moloch, quando uma criança gemia (4): possa isso dar-te prazer, possa isso ser-te agradável".

(1) (2) (3) (4) 

Na tradução dos LXX encontramos as transcrições: φάραγγα'Ονάμ (Jos.15:8a); νάπης (Σ) ονναμ (Jos.18:16a), onde evidentemente o sigma entrou no lugar do espírito rude: e γαίεννα (γαί όννόμ , no códex A), em jos. 18:16b.

No aramaico dizia-se *gê Hinnam* (5), que passou para o grego γέεννα , com a queda do *m* final, como também ocorreu em Μαρία de (6) (Mireiam) .

(5) (6) 

Tratava-se de um vale verdejante e ameno, sempre verde mesmo quando em volta todas as árvores ressecavam pelo calor. Aí estava construído o "altar" de Moloch (ou Melek), onde eram queimadas vivas as crianças, para aplacar essa terrível "divindade" (espírito atrasado).

Os próprios reis hebreus Manassés e seu filho Acaz aí queimaram seus próprios filhos (2.º Sam. 21:6). Contra esse costume desumano, Jeremiais protesta revoltado. O rei Josias destruiu o local do culto, fazendo dele depósito de lixo de Jerusalém e monturo onde se lançavam os cadáveres de animais, sendo tudo queimado para não empestiar as redondezas. Mas logo após a morte de Josias, o culto foi restabelecido no mesmo vale (2.º Sam.23:29, 30, 32, 37 e Jer. 11:9, 10).

Também Ezequiel (20:30-31) ameaça os israelitas por essas crueldades inomináveis. Os apócrifos atribuem a esse vale o símbolo do castigo dos maus.

A idéia tomou corpo, passando o "vale dos gemidos" a simbolizar "o castigo que purifica os pecadores". E como tal, representava a terra, como se pode ver ainda hoje na antiquíssima prece "Salve Rainha", onde a Terra é chamada "vale de lágrimas".

A escola de Chammai admitia a "geena" como purificação através do fogo, donde saíam os espíritos para juntar-se aos justos, como lemos numa *baraítha* do Tratado *Rosch Haschana* (16b,34). Hillel tende mais para a misericórdia, pois na mesma *baraítha* se lê: "os discípulos de Hillel dizem que O que é grande em misericórdia inclina a balança para a misericórdia, isto é, introduz os medíocres na vida do mundo futuro" (ou seja, fá-los reencarnar).

Essa a tradição rabínica (e provavelmente popular) na época de Jesus, e daí tê-la o Mestre aproveitado para dar a seus discípulos a idéia da purificação dos erros cometidos através "do fogo do vale dos gemidos", no mesmo sentido: o "fogo" da lei que desgasta as impurezas nas dores porque a humanidade passa, enquanto "no caminho" através deste "vale dos gemidos".

O ADULTÉRIO

Mat. 5: 27-32

Luc. 16:18

- 27. Ouvistes o que foi dito: "não adulterarás"**
- 28. Eu porém vos digo, que todo o que olha uma mulher casada, cobiçando-a, já adulterou com ela em seu coração.**
- 29. Se pois teu olho direito te faz tropeçar, arranca-o e lança-o de ti; pois te convém mais que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado no vale dos gemidos.**
- 30. Se tua mão direita te faz tropeçar, corta-a e lança-a de ti; pois te convém mais que se perca um de teus membros, do que todo o teu corpo seja lançado no vale dos gemidos.**
- 31. Também foi dito: "quem repudiar sua mulher, dê-lhe carta de divórcio".**
- 32. Eu porém vos digo, que todo o que repudia sua mulher, a não ser por causa de infidelidade, a faz ser adúltera; e qualquer que se casar com a repudiada, comete adultério.**
- 18. Todo aquele que repudia sua mulher e casa com outra, comete adultério; e quem casa com a mulher repudiada pelo marido, comete adultério.**

Neste passo, Jesus esclarece as relações entre os dois sexos, tocando em dois pontos essenciais: o adultério e o divórcio.

Quanto ao primeiro, é ele tratado claramente no decálogo de Moisés (Êx. 20:14 e Deut. 5:18), constituindo o sétimo mandamento. Já a tradição rabínica ensinava que o simples olhar de desejo (o movimento do corpo de emoções) constituía de per si o adultério (cfr. Strack-Billerbeck, o. c. , página 299). Jesus confirma essa opinião, dando a entender que não é o contato dos corpos densos que provoca ligações cármicas entre duas pessoas (como ainda o julga a humanidade de hoje, convicta de que o "homem é o corpo físico"), Se assim fora, os homens que, em seu estado de solteiro, frequentam criaturas livres, por vezes com várias dezenas ou centenas de variações, arcariam com responsabilidades cármicas intermináveis com todas elas, o que não se dá. Com efeito, sendo o corpo denso uma "casca" externa, o veículo visível básico para movimentação na crosta terrestre, ou seja, o suporte pesado do "espírito", não são seus contatos físicos que ocasionam carmas. Só as ações espirituais, no domínio espiritual, é que provocam ligações reais, e por isso o pensamento é que realmente produz vibrações capazes de "marcar" o intelecto e o corpo emocional de tal forma, que só resgates futuros possam cancelar. Dai o aviso sério e oportuno do Mestre a seus discípulos e seguidores, com respeito ao pensamento. De fato, o ato material, de que só participam os veículos inferiores, sem coparticipação espiritual, só traria consequências cármicas se produzisse prejuízos de ordem material ou moral aos atores da peça. Não havendo prejuízo, nada acarretará de nocivo, pois não deixa marcas. O mesmo, todavia, não pode dizer-se do pensamento.

Todavia, *est modus in rebus*: não é qualquer pensamento que cria carma, como não é qualquer semente que cai ao solo que produz árvore. O simples olhar que admira a beleza, julgando-a uma criatura vistosa, bonita, etc., não criará carmas; o que causará vínculos fortes, e portanto carecentes de resgate, é o olhar insistente, que provoca movimentos internos emocionais intensos, chegando por vezes até às sensações, o que demonstra ter atingido a ligação fluídica entre os dois seres (mesmo que um deles o ignore, e por isso fique isento de culpa). Essa força mental em ação tem seu ponto de partida no Espírito, e por isso nele impregna suas consequências, que se imprimem para futuro cancelamento pelo resgate.

Analisemos, agora, o que se entendia por "adultério" na lei mosaica: era a infidelidade da esposa ou da noiva ao seu senhor.

Perante a lei, portanto, só a mulher casada e a noiva podiam cometer adultério. O homem tinha plena liberdade de ação: se tivesse relações sexuais com moças solteiras, nada de mal havia; no máximo, se fosse colhido em flagrante, pagava uma multa de 500 ciclos de prata ao pai da moça e a levava como uma esposa mais (Deut. 22:28-29), podendo assim ampliar à vontade o seu harém, desde que pudesse sustentá-las todas. Simplesmente, pois, "comprava mais uma propriedade, ao pai, antigo "dono" da donzela.

A mulher é que, se casada, não podia entregar-se a outro homem, pois esse fato constituía um roubo ao marido dela, já que ela era propriedade dele. Por isso o adultério era uma infidelidade ao seu senhor. A lei mosaica mandava que, se eles fossem surpreendidos em flagrante, fossem mortos a pedradas ambos caso a mulher tivesse marido ou noivo (Lev.20:10 e Deut.22:23); a ela, porque fora infiel a seu dono; a ele, porque lesara uma propriedade alheia.

Jesus não aprova essa barbaridade: prefere o perdão, como vemos em João,8:1-11.

A seguir vêm dois exemplos, em belas hipérboles literárias. A determinação de olho direito e mão direita é uma concessão à maioria da humanidade, constituída de destros e, além disso, uma minúcia que agrada ao povo.

Lógico que o ato de arrancar o olho e cortar a mão são atitudes morais, e não físicas. Quando comentarmos a segunda vez em que Mateus cita essas palavras do Mestre (18:8-9), reproduzindo-as com maior fidelidade, teremos ocasião de estabelecer o sentido preciso que por Ele foi atribuído a essas afirmativas: veremos que o sentido hiperbólico desce a uma realidade palpável e lógica.

Depois, ligado ainda a esse assunto, vem a questão do repúdio da esposa (jamais o inverso se podia dar!) permitido por lei (Deut. 24:1), mesmo que o motivo fosse unicamente "não achar graça em seus olhos ou encontrar nela alguma coisa que fosse feia" ...

Jesus continua a autorizar o repúdio da mulher (ou divórcio) e o repete em Mat. 19:9-10, mas restringe essa atitude ao único caso em que a esposa tenha tido relações sexuais com outro homem (infidelidade). Nesse caso, o libelo de repúdio a deixaria livre, podendo unir-se ao outro.

Entretanto, se o repúdio não *for* por causa de infidelidade da esposa, então o marido, pondo-a para fora de casa, a empurraria para o adultério; e quem a acolhesse também cometeria adultério porque, de fato, ela não estaria divorciada, isto é, os vínculos matrimoniais não estariam dissolvidos. Assim também o entende a igreja grega ortodoxa, que afirma: a infidelidade conjugal, por parte da esposa, dissolve os vínculos matrimoniais.

Lucas não cita a exceção: reproduz apenas a regra geral, que proíbe o repúdio.

Nada se fala, entretanto, do caso de uma separação espontânea e voluntária dos dois cônjuges, quando agissem de comum acordo. A prescrição é clara e taxativa: que o homem não cometa a injustiça de repudiar a esposa, depois que viveu com ela; dando quase a entender tratar-se do caso em que ela não quer, e ele a põe pela porta fora. A própria exceção apontada como lícita (quando ela mesma, a esposa, prefere sair de casa para unir-se a outro homem) parece confirmar que, quando o afastamento é voluntário de ambos os lados, nada existe que os impeça de reconquistar a liberdade.

Vamos entrar em considerações mais profundas, como sempre ocorre. No entanto, logo no pòrtico, queremos dar um aviso que nos parece de suma importância. Leiam com atenção.

Somos forçados a apresentar o que nos é ditado, mas CUIDADO: não nos responsabilizamos pelos erros de interpretação que cada um faça por sua conta, julgando estar movido pelo Espírito, quando na realidade são apenas as emoções que o movem. Pedimos encarecidamente muito cuidado e prudência, pois é facilímo o equívoco nestes casos, e não queremos que ninguém adquira carmas, pretendendo posteriormente desculpar-se com o que aqui tiver lido. Cuidado, pois, muito cuidado e nada de ilusões!

Subamos inicialmente a planos mais elevados: Paulo maiora canamus.

A individualidade (Jesus) avisa à nossa personalidade que não podemos tornar-nos adúlteros, isto é, infiéis ao nosso único dono e senhor, que é o Eu Profundo, o Cristo Interno, o Deus Abscònditus; não podemos abandonar a REALIDADE, para idolatrar as formas exteriores de nosso eu pequenino e vaidoso.

Com efeito, no Velho Testamento já YHWH (Jesus) dizia, por intermédio dos profetas (médiums) essas verdades e empregava o termo "adultério" no sentido preciso de abandonar o culto a YHWH para seguir outros espíritos. Pela boca de Jeremias (9:2) diz YHWH: "oxalá tivesse eu no deserto um albergue de viandantes, para poder deixar meu povo, e afastar-me deles, porque todos eles são adúlteros, uma assembléia de prevaricadores". Com o mesmo sentido vemos a palavra usada por Isaías (57:3-9) e por Ezequiel (16:3-5-38).

Aí se compreende a afirmativa de Jesus: "o que Deus uniu, (a individualidade à personalidade) o homem não separe" (Mat.19:6), para prender-se a outros amores, como o dinheiro, a fama, a glória, a política, o intelectualismo, etc. Una-se o homem ao Cristo Interno, que é o verdadeiro esposo da alma, que é UM conosco "formando um só espírito e uma só carne" (Mat.19:6). E termina essa lição com a frase enigmática: "e há outros que se fizeram eunucos por causa do reino dos céus: quem puder compreender, que compreenda" (Mat.19:12). E mais adiante: "todo o que deixar casas, irmãos, irmãs, pai, mãe e terras por causa do meu nome, receberá muitas vezes mais (?) e herdará a vida imanente (Mat. 19-29). Perguntamos: não fosse o sentido que atribuímos a essas palavras, que adiantaria abandonar tudo, para tornar a receber tudo de volta e multiplicado? Trata-se, evidentemente, de frases simbólicas, confirmadas pela outra frase: "procurai em primeiro lugar o reino de Deus e sua perfeição, e tudo o mais vos será acrescentado" (Mat.6:33).

* * *

No entanto, não é só nesse plano - mais real porque espiritual - que vige a lei do adultério. Também a infidelidade pode repercutir no plano da personalidade, pois através dela é que se manifesta a individualidade, isto é, o Espírito.

Precisamos, então, considerar, sob das uniões amorosas.

Logo de início assinalemos que a individualidade condena in totum os movimentos provenientes da pura concupiscência animal, motivada pela atração das formas físicas exteriores e expressa no texto evangélico como o desejo carnal. Para quem já vive na individualidade, no reino do Espírito, ou reino dos céus (e são pouquíssimos!), essa parte foi, de há muito, superada.

De modo geral a humanidade não sabe e não pode ainda fazê-lo: mas há que distinguir entre o Amor que nasce do Eu Profundo e o desejo emocional, que provém das sintomas animais do corpo astral. E a confusão é fácil, porque o Amor que vem do Eu Interno (geralmente com raízes milenares) também se manifesta através dos outros veículos, que lhe são a expressão única possível neste plano terráqueo. Mas o Amor do Espírito é sempre puro, induzindo à união dos Espíritos, independendo das emoções animalizadas.

Também neste plano se aplica o ensino de Jesus (Mat.19:6): "o que Deus uniu, o homem não separe". Com efeito, o Pai, que em cada um se manifesta na Centelha Divina, tende a unir-se pelo amor a todas as demais Centelhas Divinas ("que eles sejam aperfeiçoados na unificação", João, 17:23); mas, ao

encontrar sintonia vibratória mais harmônica com outra Centelha que vibra através de outra personalidade (mormente se já vêm as duas há séculos ou milênios numa só caminhada, acompanhando a evolução do Espírito), pode dar-se uma atração irresistível, uma nota uníssona que ressoa num só tom. Quando isto se dá, a unificação das duas Centelhas, mesmo através das personalidades e de seus veículos, é fatal, sobretudo se as vibrações se manifestam em pólos opostos (que se atraem).

Neste caso, embora raríssimo, todos os empecos humanos são superados, pois o homem, seja juiz ou sacerdote, não pode nem deve separar (com suas leis, seus contratos, suas convenções ou preconceitos) o que Deus uniu. A união divina é superior a todos e a tudo, nem está sujeita a quaisquer leis criadas pelos homens.

O grande perigo reside em não saber distinguir-se se o movimento provém do Eu Profundo ou se é ocasionado por uma atração do físico. E como a maioria da humanidade ainda vibra no plano emocional (animal) há necessidade de regras e freios que contenham os abusos.

Eis, pois, alguns sinais que, se existirem todos concomitantemente, podem fazer conhecer se, na realidade, o Amor é Espiritual, isto é, se nasce do Eu Profundo:

1.º - não requer retribuição de espécie alguma, continuando irresistível, firme e sólido mesmo se desprezado e ferido;

2.º - não alimenta qualquer paixão (não é "apaixonado") mas, ao contrário, é equilibrado, e não visa a ligações sexuais físicas, embora estas possam ocorrer como consequência desse amor, mas não como seu objetivo; qualquer fanatismo, porém, é anti-natural;

3.º - embora não seja o primeiro numa existência carnal (pois, de modo geral, o homem evoluído passa por três fases: o amor vital, o amor artístico e o amor místico; já nas mulheres é mais difícil encontrar essas variantes, pois cada uma pertence a um tipo definido: ou é vital, visando à procriação de filhos; ou é artístico, inspirando o homem; ou é místico, elevando-o a Deus, E nele permanece durante toda a existência terrena), é na realidade o único verdadeiro, que prescinde das formas físicas belas ou feias, da idade, da condição social, etc.;

4.º - mesmo que apareçam outras atrações físicas por outras criaturas encarnadas (em geral mais moças e mais belas), o amor Espiritual permanece com a mesma intensidade, vibrando no plano do espírito;

5.º - não há absolutamente nenhum movimento íntimo de ciúme pois se sabe que só o Espírito vale, nada valendo as formas físicas. E o Amor Espiritual quer a felicidade do ser amado, e não, egoisticamente, a própria felicidade;

6.º - O Amor Espiritual supera todos os defeitos (físicos e morais) do ser personalístico, não os levando jamais em consideração: é como se não existissem, pois ama-se o espírito, a individualidade, e a personalidade é apenas uma casca exterior que hoje existe e amanhã termina;

7.º - jamais se leva em conta qualquer sacrifício que seja necessário fazer para o benefício espiritual da criatura amada, não se aceitando qualquer retribuição, nem se magoando se não houver gratidão: a alegria da doação é pela doação em si, não pelo resultado que daí possa advir;

8.º - nenhum outro ser poderá ocupar, no Espírito que ama, o lugar do Espírito amado, embora a personalidade possa ligar-se, temporariamente, a outras personalidades. Mas o ser amado é insubstituível e indispensável à vida espiritual;

9.º - para a felicidade espiritual do ser amado, o Espírito que ama sabe usar, se necessário, de rigor, energia e até rudeza, a fim de corrigir-lhe os defeitos da personalidade que lhe prejudicam a evolução do Espírito;

10.º - a franqueza e lealdade entre os dois é absoluta e não há jamais segredos entre ambos, pois a vida de um é um livro aberto diante do outro, mesmo quando se trate dos movimentos mais íntimos e ocultos. Por isso, onde um procura ocultar do outro qualquer coisa que seja, o amor não é espiritual. Isso vale para o campo espiritual (experiências íntimas), para o intelectual (conhecimentos), para o emocional (amores), para o etérico (sensações) e para o físico: em nenhum plano há segredos e coisas

escondidas: tudo é encarado com a maior naturalidade, porque, na realidade, os dois constituem um só Espírito é um só corpo.

Numa palavra, em síntese: o Amor Espiritual é o que sempre dá e se doa, sem jamais pretender receber e sem magoar-se nem diminuir seu amor, se deixar de receber em qualquer campo.

* * *

Outro passo adiante devemos dar. Quando o amor é realmente do Espírito, proveniente das Centelhas Divinas, muito mais fácil se torna o Encontro Supremo na união das duas Centelhas, através dos veículos manifestantes. Esse é o verdadeiro e real Esponsalício Místico, e a união é realizada em prece, que circunda o Espírito de celestial aura, e durante a qual os corpos são esquecidos e quase não sentidos, percebendo-se apenas a fusão mística do eu pequeno com o Eu Profundo. A personalidade experimenta a sensação de haver mergulhado num vácuo de luz, produzindo-se um relâmpago que supera quaisquer emoções e sensações etéricas; o Espírito expande-se fora do tempo e do espaço, perdendo totalmente a noção da matéria, e entra em êxtase, consumido pelo Fogo do Amor Divino, como que perdido na vastidão do infinito.

Daí ter escrito Paul Brunton: "A união permanente com outrem só existe quando se descobriu o Eu Permanente" ("La Sagesse du Moi Supreme", página 143).

A fim de comprovar que essa teoria não é nossa, apresentamos uma transcrição, embora algo longa, do jesuíta Padre Pierre Teilhard de Chardin - O Padre Teilhard de Chardin, Jesuíta, foi um dos maiores cientistas de nosso século, no domínio da geologia e da antropologia, tendo descoberto o "homo pekinensis" em suas pesquisas. Portanto, profundo teólogo "doublé" de abalisado homem de ciência, justamente no ramo específico do estudo da evolução humana na terra - extraída de sua obra "L'énergie humaine". Vejamos suas palavras textuais:

"Que a sexualidade teve primeiramente a função dominante de assegurar a conservação da espécie, não há dúvida ... Mas desde o instante crítico da Hominização, outra função, mais essencial, foi atribuída ao amor - função de que apenas começamos a ver a importância: quero dizer a síntese necessária dos dois princípios masculino e feminino na edificação da personalidade (segundo nosso modo de classificação, deve ler-se: na edificação da INDIVIDUALIDADE) humana. Nenhum moralista nem psicólogo jamais duvidou que os dois encontrassem uma complementação mútua no jogo da função reprodutora. Mas esse término era considerado até agora como efeito secundário, acessoriamente ligado ao fenômeno principal da geração. Agora, se me não engano, a importância dos fatores, de acordo com as Leis do universo pessoal, tem que inverter-se: O homem e a mulher para o filho - ainda, e por muito tempo, enquanto a vida terrestre não tiver chegado à maturidade. Mas o homem e a mulher um para o outro, cada vez mais e para sempre ... Se o homem e a mulher existem são principalmente uma para o outro, então compreendemos que, quanto mais se humanizarem, tanto mais sentem, só por isso, uma necessidade major de aproximar-se ... No indivíduo humano a Evolução não se fecha: continua mais longe, para uma concentração mais perfeita, ligada à diferenciação ulterior, ela mesma conseguida pela união. Pois bem, diríamos, a mulher é, precisamente, para o homem, o termo susceptível de produzir esse movimento para o alto. Pela mulher, e só pela mulher, pode o homem escapar ao isolamento, em que sua perfeição arriscaria prendê-lo. Então é mais rigorosamente exato dizer que a malha do Universo é, para nossa experiência, a Mônada pensante. A molécula humana completa já é, agora, um elemento mais sintético, e portanto mais espiritualizado do que a pessoa-indivíduo - ela é uma dualidade, composta ao mesmo tempo do masculino e do feminino. E aqui aparece em sua amplitude, a função cósmica da sexualidade. Ao mesmo tempo vemos aqui as regras que nos guiarão na conquista dessa energia terrível em que passa, através, de nós, em linha direta, a potência que faz convergir sobre si mesmo o Universo. A primeira dessas regras é que o amor, conforme as leis gerais da união criadora, serve à diferenciação dos dois seres que ele aproxima. Portanto, nem um deve absorver o outro nem, menos ainda, perderem-se os dois nos gozos da posse corporal, que significaria queda no plural e volta ao nada. É a experiência corrente. Mas só se compreende bem isso nas perspectivas do Espírito-Matéria. O amor é uma conquista aventureira: só se mantém e desenvolve, como o próprio Universo, por uma perpétua descoberta. Então só se amam legitimamente aqueles cuja paixão os conduz, a ambos, e um através do outro, a uma posse maior de seu ser. Assim,

a gravidade das faltas contra o amor não é ofender não sei que pudor ou que virtude: mas desperdiçar, por negligência ou volúpia, as reserva da personalização do Universo. Esse desperdício é que explica as desordens da "impureza". E ele ainda, em grau mais elevado nos desenvolvimentos da união, conduz a uma alteração mais sutil do amor: quero dizer o "egoísmo a dois" ... Em virtude do mesmo princípio que obriga os elementos "simples" a completar-se no par, deve também o par continuar além de si os acréscimos que seu crescimento requer. E isto de duas maneiras: de um lado procurando, fora, outros grupamentos da mesma ordem aos quais associar-se; de outro lado, o CENTRO para os quais os dois amantes convergem, ao unir-se, deve manifestar sua personalidade no coração mesmo do círculo em que buscaria isolar-se sua união. Sem sair de si, o casal só acha seu equilíbrio num terceiro acima dele. Que nome daríamos a esse "intruso" misterioso? Enquanto os elementos sexuados do Mundo não haviam atingido o estado da personalidade, a progenitura podia representar a única realidade em que, de qualquer modo, se prolongavam os autores da geração. Mas logo que o amor começou a aparecer, não só entre os pais, mas entre duas pessoas, então teve que descobrir-se, mais ou menos confusamente, acima dos amantes, o TERMO final em que seriam, ao mesmo tempo salvas e consumidas, não só a raça como sua personalidade ... E então aparece como necessário à consolidação do amor, muito mais que o filho, o CENTRO TOTAL em si mesmo. O amor é uma função a três termos: o homem, a mulher e Deus. Toda sua perfeição e seu êxito estão ligados ao balanceamento harmonioso desses três elementos".

A citação está longa, mas explica bem nosso pensamento. Continuemos lendo Teilhard de Chardin:

"Manifesta-se aqui uma grande diferença entre os resultados aos quais leva nossa análise de um Universo pessoal, e as regras admitidas pelas antiga moral. Para esta, pureza era geralmente sinônimo de separação dos sexos. Para amar, era indispensável renunciar. Um termo expelia o outro. O "binômio" homem-mulher era substituído pelo binômio homem-Deus (ou mulher-Deus): essa era a lei da suprema virtude. Muito mais gera! e satisfatória parece-nos ser a fórmula que respeita a associação dos três termos em conjunto. A pureza, diremos nós, exprime simplesmente a maneira mais ou menos distinta em que se manifesta, acima dos seres que se amam, o Centro Último de sua coincidência. Não é mais questão de renunciar, mas apenas de unir-se a um maior do que si mesmo. O mundo não se diviniza por supressões, mas por sublimação. Sua santidade não é feita por eliminação mas por concentração das seivas da Terra. Assim se realiza, uma nova ascese - muito mais laboriosa, mas mais compreensível e operante que a antiga - a noção do Espírito-Matéria. Sublimação: então conservação; mas também, e mais ainda, transformação. Se é verdade que o homem e a mulher se unirão tanto mais a Deus, quanto mais se amarem um ao outro - não é menos certo que quanto mais se unirem a Deus, mais se verão conduzidos a amar-se de maneira mais sublime. Em que direção imaginaremos que se efetuará essa evolução ulterior do amor? Sem dúvida para uma diminuição gradual do que ainda representa (e necessariamente) o lado admirável, mas transitório, da reprodução. A Vida nós o admitimos, não se propaga apenas por propagar-se, mas para acumular elementos necessários à sua personalização. Então, quando se aproximar para a Terra a maturação de sua Personalidade, os Homens terão que reconhecer que para eles não haverá simplesmente a questão de controlar os nascimentos; mas que importa sobretudo dar plena expansão à quantidade de amor, liberto do dever da reprodução. Sob a pressão dessa nova necessidade, a função essencialmente personalizante do amor se desligará mais ou menos totalmente do que foi, em certo tempo, o órgão da propagação, a "carne". Sem cessar de ser físico, para ficar no físico, se fará mais espiritual. O sexo, para o homem, se expandirá no puro feminino. Não é este, na realidade, o sonho mesmo da castidade? Pelo amor do homem e da mulher, liga-se um fio que se prolonga diretamente ao coração do Mundo", (página 91 a 97): (todos os grifos são nossos).

Mas reproduzamos mais algumas linhas, da mesma obra: "O Amor é a mais universal, a mais formidável e a mais misteriosa das energias cósmicas" (pág. 40). E ainda: "É o universo que realmente caminha para o homem através da mulher: toda a questão (questão vital para a Terra ...) é que eles o saibam" (pág. 41). E mais: "Que o homem perceba a Realidade Universal que brilha espiritualmente através da carne, e descobrirá a razão do que, até então, o decepcionava e atrapalhava seu poder de amar. Diante dele está a mulher como a atração e o Símbolo do Mundo: ele só poderá abraçá-la, en-

grandecendo-se por sua vez até a medida do Mundo" (pág. 194). E: "a lei geral e suprema da moralidade é: limitar a força (o amor), eis o pecado" (pág. 134).

No momento supremo da união das Centelhas, há um átimo em que as criaturas se sentem "morrer", desaparecendo a consciência da personalidade; nesse átimo sublime o centro da existência se fixa no coração e "a personalidade se transforma em impersonalidade", sentindo, a seguir, a sensação de "haver nascido de novo". Estas últimas expressões aspeadas são de outro autor, Paul Brunton (em sua obra "À la Recherche du Soi Suprême"). Aí ainda lemos (pág. 239): "Se o Ser Supremo não fosse a mais alta forma de felicidade possível para o homem, este nada aproveitaria de seus prazeres; com efeito, no instante em que o prazer atinge o clímax, esse é o instante em que ele abandona, ao mesmo tempo, seu desejo que está satisfeito e o ego, que está na raiz do desejo: então, involuntariamente, no espaço de um relâmpago, ele faz a experiência da Supraconsciência. Nesse instante experimenta o mais alto grau de prazer que lhe possa dar a realização de um desejo particular". Mais adiante escreve esclarecendo sua idéia: "O ponto essencial a fixar, é que num relâmpago repentino de desaparecimento (depois que o prazer sensual ou o desejo está satisfeito), numa fração infinitesimal de segundo, surge docemente essa suprema felicidade que a alma do homem irradia. A sensação de desaparecimento do eu pessoal produz um estado extraordinário e único de libertação. No momento em que o desejo é satisfeito o eu se sente livre de um fardo e por certo tempo, o mental volta realmente à sua fonte secreta, e experimenta a felicidade da Supraconsciência" (pág. 240).

Ora, se isso ocorre com os homens comuns, sem que eles o saibam, que não ocorrerá com aqueles que já experimentaram o Encontro Sublime?

De tudo isso se conclui, finalmente, que Jesus sabia o que dizia, quando afirmou: "O que Deus uniu, o homem não separe".

OS JURAMENTOS

Mat. 5:33-37

- 33. Também ouvistes o que foi dito aos antigos: “não jurarás falso, mas cumprirás para com o Senhor todos os teus juramentos”.**
- 34. Eu porém vos digo que absolutamente não jureis, nem pelo céu porque é o trono de Deus,**
- 35. nem pela terra, porque é o escabelo de seus pés, nem por Jerusalém, porque é uma cidade do grande rei,**
- 36. nem jures pela tua cabeça, porque nem um só cabelo podes tornar branco ou preto.**
- 37. Mas seja vossa palavra: sim, sim: não, não. Pois tudo o passa disso, procede do mal.**

O texto reproduz o terceiro mandamento do decálogo (Êx. 20:7 e Deut. 5:11) e a ordem de cumprir os juramentos se deduz de Núm. 30:3.

Os israelitas tinham fórmulas estereotipadas de juramento que eram muito frequentes; juravam por Deus (*hâ-Elohim*), pelo céu (*hasshamâim*), pelo templo (*nêikelâ*), etc.

Jesus proíbe totalmente os juramentos, de qualquer forma, sob qualquer aspecto. O cristão está proibido de jurar, mesmo "seriamente", mesmo "judicialmente", etc., sob pena de desobedecer à ordem taxativa de Jesus.

Os cristãos reais vivem e agem com tanta lealdade que basta um "sim" ou um "não", para garantir a veracidade da palavra empenhada. E entre cristãos a franqueza e a verdade devem ser totais e absolutas.

Os juramentos comuns, entre os israelitas daquela época, são analisados pelo Mestre, e apresentadas as razões que O levaram a proibi-los: o céu, que é o "trono de Deus" - e essa frase provocou ou confirmou certas crenças antropomórficas a respeito da Divindade. No entanto, compreendamos o espírito da frase: estando Deus em toda parte, os "céus" são a atmosfera impregnada de fluido vital divino, e portanto um dos locais em que a Divindade se encontra "assentada"; e, dentro da mesma idéia, a terra "onde se apoia" a atmosfera, é imaginada como sendo "o escabelo de Seus pés"; assim a concentração fluídica na cidade de Jerusalém, que é citada como "uma das cidades (em grego sem artigo) do Grande Rei".

Depois Jesus desce aos exemplos do próprio homem, pois nem sequer é a criatura capaz de mudar a pigmentação de seus cabelos, o que prova que não é dono deles.

Quando afirma que nossa palavra deve ser simplesmente sim e não ensina que "tudo o que for além disso" provém do mal, isto é, do mergulho do "espírito" na matéria densa, no "emborcamento do Anti-Sistema" (Pietro Ubaldi) que inverte todas as positivities em negativismo.

A lição é preciosa para o Espírito, que deve sempre ser verdadeiro e jamais proferir uma mentira. Disse grande amiga nossa que "podemos por vezes não-dizer a verdade, calando-a, mas jamais devemos falar uma mentira".

O juramento foi criado pelo vício da personalidade, que quer sempre enganar com astúcias para tirar vantagens terrenas. Foram então inventadas fórmulas que pudessem "garantir" a lealdade das palavras. No entanto, até mesmo isso foi e é desvirtuado pela falsidade. Daí o aviso lógico e certo de Jesus: tudo o que não é lealdade e veracidade provém do mal, isto é, exatamente da matéria que prende o Espírito na personalidade transitória.

A NÃO-RESISTÊNCIA

Mat. 5:38-42

Luc. 6:29-30

38. Ouvistes o que foi dito: "olho por olho e dente por dente".
39. Eu porém vos digo: não resistais ao (homem) mau, mas a qualquer que te bate na face direita, volta-lhe também a outra;
40. ao que quer entrar em juízo contigo e tirar-te a túnica, dá-lhe também a capa;
41. e quem te obriga a andar mil passos, vai com ele dois mil.
42. Dá a quem te pede, e a quem te solicita empréstimos, não voltes as costas.
29. Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te tira a capa, não lhes negues a túnica.
30. Dá a todo o que te pede; e ao que tira o que é teu, não lho peças de volta.

Neste trecho, Jesus cita primeiro a "lei do talião" (Êx. 21:23-25; Lev.24:17 24 e Deut.19:21), abolindo-a completamente. Ordena a não-resistência diante dos homens perversos, preceito que Ele mesmo iria mais tarde ratificar com Seu exemplo, deixando-se prender e assassinar "como um cordeiro diante de quem o tosquia" (Is. 53:7 e At. 8:32) sem resistir nem às autoridades nem aos esbirros.

Vai muito além da "ahimsa" dos orientais. Mas os cristãos ainda não compreenderam toda a extensão desses ensinamentos de Jesus e não os põem em prática. Com efeito, nenhuma resistência deve ser oposta pelos discípulos de Jesus aos exploradores desonestos que abusam de nossa boa-fé. E, para confirmar o ensino, são citados vários Exemplos típicos e populares, de fácil compreensão, para que não pare qualquer dúvida a respeito do que preceituou.

O primeiro é o da "bofetada na face direita". Notam os comentadores que é citada a face direita porque o povo gosta dessas particularizações; pois, de modo geral, a primeira bofetada, aplicada com a mão direita, fere a face esquerda de quem lhe está à frente. Segundo Strack-Billerbeck (o.c., pág. 342), o rabino satisfazia a todas as exigências para esse cargo quando, "esbofeteado na face esquerda, apresentava ao ofensor a direita". A hipérbole exprime claramente o PERDÃO que não revida na mesma moeda, como exemplificou Jesus ao ser esbofeteado pelo oficial (João, 18: 22-23). Lucas cita o preceito sem dar o pormenor de face direita ou esquerda.

O segundo exemplo é o do processo judiciário diante de um tribunal, quando o contendor queira tirar-nos a túnica (*chitôn*, do hebraico *kuttonéth*, aramaico *kittuná*), que era a peça principal do vestuário dos israelitas. Diz Jesus que deve dar-se também o manto (*himátion*, hebraico *simlá*), que era a outra peça, menos importante, lançada sobre os ombros. Em Lucas agrada-nos mais à lógica a enumeração: se o contendor tirar o manto (o supérfluo), deve o coagido entregar também a túnica (até o essencial), contanto que não lute, a fim de não perder sua paz espiritual. É o PERDÃO-GENEROSO, em que se cede mais do que nos é exigido.

O terceiro exemplo refere-se aos pedidos, tão comuns entre amigos, de favores (que tantas vezes nos aborrecem!) e que nos custam, com frequência, sacrifícios pessoais que correspondem a caminhar uma *milha* (em latim *miliun*, que passou ao grego *milion* e valia cerca de um quilômetro e meio). Ensina

Jesus que devemos sempre atender de boa-vontade, fazendo sempre mais do que nos é pedido: é a GENEROSIDADE pura em seu mais belo aspecto, com DOAÇÃO DE SI MESMO até o sacrifício.

O quarto exemplo é o do DESAPEGO. Se alguém pede, deve dar-se, sem distinções; como conservou Lucas: "dá a quem te pede"; ou seja, jamais recusar qualquer pedido. Esclarece-se esse preceito com outras frases: "não virar as costas a quem solicita empréstimo (coisa nem sempre fácil por causa do apego que temos às "nossas coisas" ...). Lucas tem mais força ainda: "se alguém tirar o que é nosso, não devemos ir reclamá-lo de volta"; deixe-se ir tudo, contanto que o irmão esteja satisfeito, e nós permaneçamos na inalterável paz espiritual.

A lição de Jesus vai muito além do ahimsa (não-resistência) - já o dissemos - e é uma das mais preciosas para a individualidade. E é sobretudo para esta que vale.

Estando a personalidade mergulhada no pólo negativo ("anti-sistema") essa lei dificilmente poderá ser posta em prática de maneira total. Com efeito, ao seguir literalmente o preceito, a personalidade seria destruída pelo animalismo, com a perda de seu veículo físico, como ocorreu a Jesus. Daí escrever Lobsailg Rampa que "mesmo os grandes espíritos, na Terra sempre apresentam algum defeito, para poderem permanecer na crostra, entre os mortais imperfeitos" ("Usted y la Eternidad", pág.113).

Por mais adiantada ou evoluída que seja a individualidade, enquanto convive neste pólo negativo há que pensar de defender-se para sobreviver. Se puser em prática na matéria, sem distinções, esses preceitos, ver-se-á despojada de tudo, privados seus filhos do essencial, e isso sem vantagem para os aproveitadores, porque os não contentaria. Então, materialmente, no pólo negativo, a individualidade deve agir com "a simplicidade das pombas, mas com a prudência das serpentes" (Mat.10:16) para não prejudicar a própria evolução e a daqueles que querem apropriar-se de tudo.

Então, não é a matéria em si que interessa, mas o desprendimento das coisas e das pessoas.

Entendamos, todos, esses preceitos espiritualmente, no campo da individualidade: jamais revidar um mal com outro mal; ao contrário, quando se receber uma ofensa moral ou mesmo material, temos que retribuir com um benefício, nem que seja uma prece Em favor dos coitados ignorantes, que não sabem que "quem faz o mal a si mesmo o faz". Daí o simbolismo de "oferecer a outra face", isto é, de generosamente oferecer um favor a quem nos magoou, como um bem a fazer a quem nos causou um malefício.

Entretanto, não apenas as ofensas pessoais referidas neste exemplo, mas também quando o prejuízo é causado aos haveres, que foram emprestados à personalidade para sua viagem, durante a permanência no planeta. Por isso, melhor que aborrecer-se em contendas judiciárias, é ceder o que nos exigem e, se possível, alguma coisa mais, contanto que não criemos desarmonias e inimizades com as manifestações divinas que são as demais criaturas: "harmoniza-te depressa com o adversário, enquanto estás no caminho com ele (Mat. 5:25).

Assim também o exemplo de generosidade: jamais recusar a doação de si mesmo para atender às solicitações que de nós requerem sacrifícios pessoais. Nosso Eu Profundo deve dirigir nosso eu pequeno de forma a que este se sacrifique, caso necessário, para satisfazer às precisões dos companheiros de viagem, às suas exigências, a fim de cada vez mais ir preparando a harmonização e a união dos espíritos.

Finalmente, dar sempre e emprestar sempre a quem nos pede no campo espiritual. Porque, no domínio da matéria, não podemos dar uma arma a quem pretenda suicidar-se, nem fornecer dinheiro (talvez indispensável a nós) para que outrem o desperdice na mesa de jogo. Mas podemos dar sempre no mundo espiritual da individualidade, ajudar sempre, com palavras e ações, com a força do pensamento e da prece.

A frase que em Lucas vemos: "ao que tira o que é teu, não lho peças de volta", contém em si um dos maiores ensinamentos para o Espírito. Que temos nós na Terra que seja propriedade nossa, a não ser os dons espirituais (morais e intelectuais)? Todo o resto é tão ou mais transitório que nosso corpo

denso: é tudo empréstimos que nos facilitam a viagem pela crostra, mas aqui deixaremos, porque "nada para cá trouxemos, e daqui nada le'laremos" (I Tim. 6:7) . Comprendemos, pois, que não devemos aborrecer-nos nem entristecer-nos se alguém nos tira ou furta alguma coisa material: ocorreu, simplesmente, que o "empréstimo" mudou de mãos. E se algo nos foi subtraído, é porque alguém mais precisa ou mais merece do que nós. Elevemos um pensamento ao Pai, numa prece sincera, para que esse ou esses objetos sejam mais úteis a essa pessoa do que o foram enquanto estavam conosco . E a lição do desprendimento está aí tiXla contida. Não resistir a quem nos fere. Não contender em litígios judiciais, mas ceder: de qualquer forma, teremos um dia que deixar tudo, então desapeguemo-nos logo. Não recusar um sacrifício pessoal: todo o bem que fizermos a qualquer pessoa, é a nós mesmos, em primeiro lugar, que o fazemos: antes de atingir a criatura favorecida, atinge a nós mesmos, porque modifica nossa aura e a harmoniza; e, ao elevar nossas vibrações internas, faz-nos aproximar da sintonia do Pai que é Amor-Doação.

Lembremo-nos de que Deus se doa a todos, santos e criminosos, evoluídos e atrasados, fornecendo a todos a própria vida Sua divina, para que seja utilizada por todos livremente. O exemplo divino (como se verá adiante: "sede perfeitos como é perfeito vosso Pai celestial", Mat. 5:48) é a maior lição dada à nossa individualidade, e temos que seguir esse exemplo, se quisermos atingir o Pai que habita dentro de nós, unificando-nos a Ele.

Mais se avançará ainda, nesse mesmo teor, na lição que veremos a seguir.

AMOR AO PRÓXIMO

Mat.: 5:43-48

Luc. 6:27-28 e 32-36

43. Ouvistes o que foi dito: "amarás o teu próximo e aborrecerás o teu inimigo".
44. Eu porém vos digo: amai vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem,
45. para que vos torneis filhos de vosso Pai que está nos céus, porque ele faz levantar-se seu sol sobre maus e bons, e faz chover sobre justos e injustos.
46. Porque se amardes aos que vos amam, que recompensa tendes? os coletores fiscais também não fazem o mesmo?
47. E se saudardes somente a vossos irmãos, que fazeis de especial? não fazem os gentios também o mesmo?
48. Sede vós, portanto, perfeitos, assim como é perfeito vosso Pai celestial.
27. Digo porém a vós que me ouvis: amai os vossos inimigos, fazei bem aos que vos odeiam,
28. abençoai os que vos amaldiçoam, orai pelos que vos difamam.
32. Se amais aqueles que vos amam, que gratidão mereceis? pois também os "pecadores" amam aos que os amam.
33. Se fizerdes o bem aos que vos fazem o bem, que gratidão mereceis? até os "pecadores" fazem isso.
34. E se emprestardes àqueles de quem esperas receber, que gratidão mereceis? até os "pecadores" emprestam aos "pecadores" para receberem outro tanto.
35. Amai porém os vossos inimigos, fazei o bem, e emprestai, sem esperar ressarcimento; e será grande vossa recompensa, e sereis filhos do Altíssimo, porque ele é bom para com os ingratos e maus.
36. sede misericordiosos, assim como é misericordioso vosso Pai.

Vem agora o aperfeiçoamento da lei do amor, levada ao máximo. Moisés ordenara: "ama teu próximo como a ti mesmo" (Lev. 19:18) e "ama o estrangeiro e peregrino como a ti mesmo" (Lev. 19:34 e Deut. 10:19). No entanto, em diversos trechos dizia-se que deviam ser olhados como inimigos os amonitas e moabitas (Deut. 23:6), os amalecitas (Êx. 17:14 e Deut. 25:19), o que fazia supor que esses povos deviam ser aborrecidos. Embora em Provérbios (26:21-22) já estivesse escrito: "Se teu inimigo tiver fome, dá-lhe de comer e se tiver sede, dá-lhe de beber, porque lhe amontoarás brasas vivas sobre a cabeça e YHWH te recompensará", não era esse o hábito entre os israelitas. (Cfr. ainda Prov. 20:22, onde se reprime a vingança. Também em Deut o 32:35, YHWH reserva para si a vingança e a recompensa, declarando explicitamente a lei do carma e o choque de retorno).

Jesus chega ao clímax de Suas instruções, ordenando que os inimigos devem ser amados, e não apenas perdoados; que se deve fazer bem a quem nos faça o mal (Luc.); que se deve abençoar os que nos amaldiçoam (Luc.) e orar pelos que nos difamam (Luc.) ou perseguem (Mat.), e isto, para seguir o exemplo do Pai, que é PAI DE TODOS e sobre bons e maus faz surgir o sol e vir o benefício das chuvas.

Com esse comportamento, tornar-nos-emos "filhos de Deus", ou seja, DIVINOS, no sentido dado a essa expressão (cfr. vol . I. pág . XIII, desta obra) entre os escritores judeus da época.

Com efeito, aí reside a sabedoria o Figurando o mal pelo negativo (-1) e o bem pelo positivo (+1), e o perdão pelo 0 (zero), temos as seguintes equações:

(-1)	+	(-1)	=	-2	- mal feito mais mal retribuído = mal duplo
(-1)	+	0	=	-1	- mal feito mais perdão = 1 mal
(-1)	+	(+1)	=	0	- mal feito mais benefício prestado = mal anulado.

Então, matematicamente se prova que só o bem praticado em favor de quem nos faça o mal é que consegue extirpar a dor e o sofrimento da face da Terra.

Depois vem a comparação com o modo de agir dos indivíduos que, perante os israelitas, eram desclassificados de todo: os publicanos (coletores de impostos, cfr. pág. 88-89) e os "pecadores" (cfr. acima pág. 92). Todas essas classes, assim como os "pagãos" (isto é, os não-judeus) tem uma atuação humana normal: amam a seus amigos, saúdam seus irmãos, prestam benefícios aos que os ajudam, emprestam quando tem certeza de que receberão ressarcimento ... Ser igual a eles, não é vantagem. O cristão tem que ser-lhes superior, mais perfeito, com bondade e misericórdia suprema.

Então vem o fecho de Lucas: "sede misericordiosos como o Pai celestial", e o outro, ainda mais rigoroso, de Mateus: "sede PERFEITOS, como perfeito é o Pai celestial".

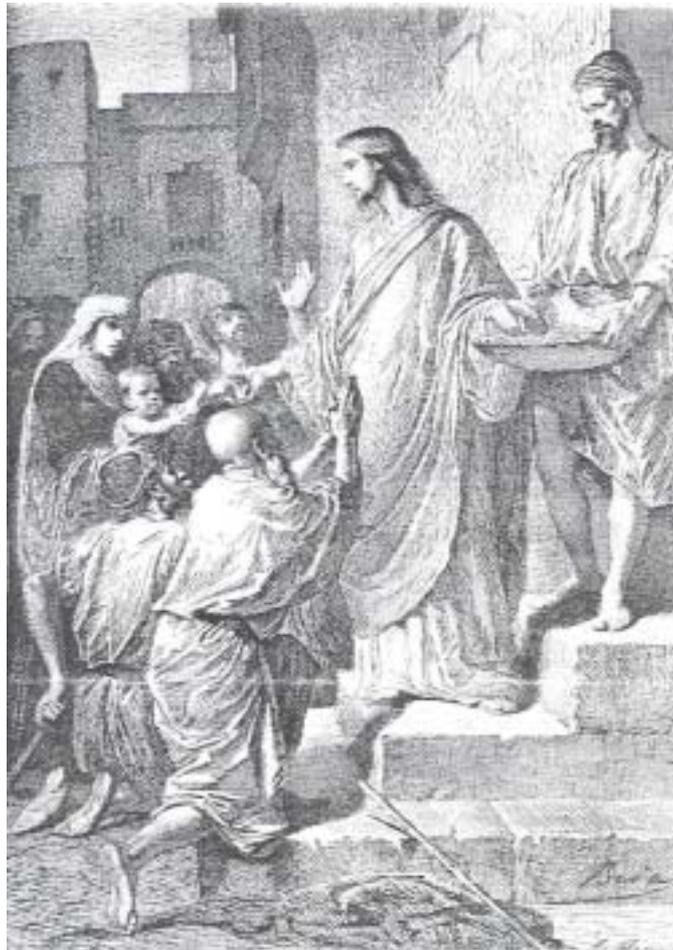


FIGURA “A ESMOLA” - Desenho de Bida, gravura de L. Flameng

Aqui o ensinamento de Jesus atinge o ápice da perfeição, superando tudo o que os antigos tinham podido ensinar. A lição prossegue no mesmo tom da anterior, mas as verdades são mais explicitamente ensinadas. Trata-se mesmo de amar os inimigos, que são, na realidade, nossos maiores benfeitores,

pois nos ajudam a evoluir mais rápida e seguramente, limando nossas arestas, quebrando nossos espinhos, limpando-nos de nossos defeitos.

Está claramente dito que, para ser cristão não basta "fazer como os outros", retribuindo com bondade e gratidão aos benefícios recebidos com alegria para nós; mas retribuindo com a mesma bondade e gratidão aos "benefícios" que recebemos com lágrimas, porque nos fazem sofrer. Indispensável atingir a perfeição absoluta. E ninguém fica isento de aperfeiçoar-se: a exigência abarca todos os cristãos.

Neste trecho, um dos mais sublimes dos Evangelhos, Jesus ensina-nos a superar a perfeição humana, e dá-nos como modelo a imitar a perfeição divina.

O Pai celestial constitui a vida de todas as criaturas, boas e más, justas e injustas, santas e criminosas, sábias e ignorantes; e a todos, igualmente, sem distinções, dá o sol e a chuva, o ar para respirar e a Terra para habitar, deixando plena liberdade a todos para que escolham seu próprio caminho. Se a estrada escolhida é errada, não há intervenção divina, nem castigo: o próprio espírito encontrará pela frente a parede da Lei, onde baterá a cabeça e sofrerá a dor, até que aprenda a descobrir onde está a porta que lhe permitirá sair do embaraço.

Nesta Lei do Amor Total sem restrições, baseia-se a evolução, que visa à sintonia perfeita com o Amor-Integral, em atos, palavras e pensamentos. E só a atingiremos, quando tivermos superado todas as emoções, de tal forma que, se ofendidos, não sintamos nenhum movimento de mágoa. Certa que, quanto mais evoluído o ser, mais sentimento possui. Mas não se confunda sentimento com emoção: o primeiro é do Espírito (individualidade) e jamais se ofende nem magoa, porque é inatingível; o segundo é do "espírito", do corpo astral (animal) e vibra na personalidade. Então, todas as desculpas de "brio", de "amor-próprio", de "honra" ou "honorabilidade", de títulos e posições hierárquicas e nobiliárquicas, são ilusões que precisamos abolir totalmente, superar integralmente, e nem sequer senti-las. Enquanto experimentarmos qualquer movimento íntimo nesse sentido, é porque não saímos da personalidade, não estamos "no ponto": lutemos para conseguir dominar essas emoções, que são sempre inferiores.

Traçado está, pois, o caminho que leva à perfeição: amar os inimigos, mas amá-los realmente, e não apenas de boca; fazer bem aos que nos odeiam, mas beneficiá-los de fato, com preces sinceras; abençoar os que nos amaldiçoam, mas abençoar do fundo do coração, reconhecendo o bem que nos fazem, quando nos causam sofrimento e, portanto, quando nos ajudam a queimar e resgatar nossos carmas; orar pelos que nos difamam, pedindo ao Pai que lhes proporcione paz e felicidade, em quantidade e intensidade maiores que a que nos forem doadas pessoalmente a nós mesmos. E assim, com ilimitada generosidade, emprestar, se o pudermos, embora sabendo que não receberemos ressarcimento; saudando a todos cortesmente, ainda que não recebamos resposta, ou mesmo ouçamos desaforos, mas continuar delicadamente saudando a todos com respeito e humildade.

Só assim, diz Lucas, seremos "filhos do Altíssimo", isto é, nos assemelharemos ao Pai, pela bondade e pela misericórdia.

A conclusão "sede misericordiosos como o Pai" explica o "sede perfeitos como o Pai"; de fato, a perfeição do Pai, que podemos imitar, reside apenas em suas qualidades que estão ao nosso alcance: O AMOR-MISERICÓRDIA e também a HUMILDADE. Essas, podemos vivê-las com perfeição, quando soubermos renunciar à nossa personalidade, negar nosso eu pequeno, e viver de modo absoluto na individualidade, no Espírito, unificados com a Centelha Divina, que é nosso EU real e profundo.

A MODÉSTIA

Mat. 6:1-4

- 1. Prestai atenção: não façais vossas boas obras diante dos homens, para serdes vistos por eles; senão não tereis recompensa junto de vosso Pai que está nos céus.**
- 2. Quando, pois, deres esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, COMO fazem os hipócritas nas sinagogas e nas ruas, para serem honrados pelos homens; em verdade vos digo: já receberam sua recompensa.**
- 3. Tu, porém, quando deres esmola, não saiba tua mão esquerda o que faz tua direita,**
- 4. para que tua esmola fique no secreto, e teu Pai, que vê no secreto, te retribuirá.**

Vem a seguir a orientação a respeito da modéstia, da humildade, instruindo-nos o Mestre a agir sem propaganda, sem alarde de nossos atos, mas antes, a manter ocultas as boas obras, de tal maneira que nem os mais íntimos delas tomem conhecimento: "não saiba a mão esquerda o que faz a direita" - lindíssima imagem literária, totalmente original.

Receber a recompensa é, segundo o verbo empregado (*apéchousin tòn misthon autôn*), ter em mãos o "recibo".

Parece haver certa discordância entre este ensinamento e o dado acima (Mat. 5:16): "brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras e glorifiquem vosso Pai celestial". Mas é bem fácil compreender-se: façam-se as boas obras sem cogitar de propaganda; por si mesmas elas brilharão. Não é possível esconder uma luz. Silenciosamente levanta-se o sol todos os dias, sem que precise fazer autopropaganda todos os vêm. Assim devem agir os cristãos: não mostrar-se nem propalar o que fazem; mas FAZER, porque assim a luz brilhará por si mesma.

A esmola, que exprime a compaixão, deve ser sigilosamente manifestada, conhecida apenas do Pai que habita em nosso íntimo mais secreto, no coração do homem. A esmola é escolhida como exemplo típico, porque publicar um benefício prestado a alguém que esteja necessitado, é envergonhá-lo; e não temos o direito de diminuir moralmente nosso irmão.

Mais profunda é a lição para a individualidade. Tudo o que fizermos, deve ser realizado internamente, e não na personalidade, para que outras personalidades tomem conhecimento e elogiem.

De fato, o eu pequeno, vaidoso e egoísta, está sempre suspirando por aplausos e louvores, o que lhe alimenta o convencimento e o incha de vento, embora, na costumeira falsa modéstia, se recusem e neguem os elogios "com a boca"; mas o corpo emocional (animal) vibra de felicidade.

Quem vive no Espírito não busca esses aplausos que nada valem; e os elogios procurados pelo eu pequeno e vaidoso já lhe constitui a recompensa: tanto a ação, quanto seu resultado, morrem no âmbito da personalidade, não alcançando a profundidade do Espírito, e portanto não constituindo degraus para a subida.

Não resta dúvida de que, na Terra, a individualidade só pode agir através da personalidade. Mas tudo é feito com simplicidade, de modo natural e espontâneo. Nada com movimentos estudados nem calculados, para que tenham testemunhas. E o que se faz aqui, não se conta mais além numa propaganda sub-reptícia, com a costumeira introdução: "não é para se gabar, mas ...".

Todavia, não se trata apenas da parte externa. Também intimamente o ser evoluído SABE que a personalidade de per si NADA PODE, e tudo o que realiza provém do Cristo Interno, que o vivifica e sustenta, e que é a fonte inesgotável de todo o bem.

Então, tudo é feito com REAL e não com aparente modéstia.

Na última frase está a chave que explica tudo isso: que nossas ações fiquem "no SECRETO", isto é, no coração, no Espírito, na Individualidade. Depois é citada a razão, o motivo, a explicação que confirma todas as nossas afirmativas até aqui apresentadas desde o início de nossos comentários evangélicos: "o Pai que vê no secreto", fórmula que mais tarde (Mat. 6:6 e 18) é dita mais explicitamente: "o Pai que ESTÁ no secreto".

Ora, é exatamente isto que vimos dizendo desde o início: o Pai reside no secreto de nossos corações, está DENTRO DE NÓS, dentro de todos, dentro de tudo, como muito bem o compreendeu Paulo (cfr. Ef. 4:6 e I cor. 15:28). A Centelha divina, o Cristo interno, o Pai (Verbo), que se tornou Filho, tem Sua partícula dentro de nós, e é a Fonte Inesgotável da Vida, da Harmonia, da Beleza e do Amor: o PAI ESTÁ NO SECRETO, e por isso vê tudo e sabe de tudo, "sabe o de que necessitamos antes de Lho pedirmos", e por isso, quando oramos, devemos "entrar em nosso quarto", isto é, em nosso secreto, em nosso coração, onde está o Pai, e aí conversar com Ele.

A humanidade até hoje, ainda não encontrou o caminho para Deus, porque o busca fora de si, num céu geográfico distante, ao invés de seguir o rumo certo, procurando-O dentro de si, "no secreto", onde Ele realmente se encontra em Sua totalidade metafísica, como o ensinou o próprio Jesus com uma clareza irretorquível.

Devemos, então, orar "ao Pai que ESTÁ no secreto"; não "no céu", mas NOS CÉUS, isto é, em nosso âmago. A oração não deve ser proferida com os olhos levantados para o alto, mas ao contrário, recolhidos e baixados para o coração, donde nos provém a Vida, que é Deus.

Quando compreendemos esse segredo, revelado há mais de dois mil anos por Jesus - a criatura que revelou em Si mesma, mais amplamente a Divindade - chegaremos à Paz Espiritual completa. Porque TODOS temos em nós o CRISTO, na mesma proporção em que O tinha Jesus. Reside a diferença em que nós, ao redor da Centelha Crítica, temos uma carapaça de barro, de lama endurecida, que no-Lo não deixa sentir; ao passo que Jesus, tendo aniquilado totalmente pela humildade a Sua personalidade, adelgaçou o barro e o queimou, transformando-o em cristal puríssimo, através de cuja transparência a humanidade VIU Deus Nele.

Realmente Jesus manifesta Deus em Si plenamente, e por isso com razão é confundido com o próprio Deus. Mas também nós podemos chegar ao mesmo grau e, mais ainda, DEVEMOS CHEGAR TODOS à evolução de Jesus, conforme escreveu Paulo (Ef. 4:32): "Até que TODOS à chegemos ao estado de Homem Perfeito (individualidade), à medida da estatura (da evolução) de Cristo".

A ORAÇÃO

Mat. 6:5-15

Marc. 11 :25-26

Lc. 11:1-4

5. Quando orardes, não sejais como os hipócritas, que gostam de orar de pé nas sinagogas e nas esquinas das praças, para serem vistos pelos homens; em verdade vos digo, já receberam sua recompensa.
6. Tu, porém, quando orares, entra em teu quarto e, fechada a porta, ora a teu Pai que está no secreto; e teu Pai que vê no secreto te retribuirá (na luz plena).
7. Quando orais, não useis de repetições inúteis como os gentios, pensam que pelas muitas palavras serão ouvidos.
8. Não sejais como eles, porque vosso Pai sabe o que vos é necessário antes que lho peça.
9. Portanto, orai vós deste modo: "Nosso Pai, que estás nos céus; santificado seja teu Nome;
10. venha o teu reino; seja feita tua vontade, como no céu, assim na terra;
11. o pão nosso sobressubstancial dá-nos hoje;
12. e perdoa-nos nossas dívidas assim como nós já perdoamos aos nossos devedores;
13. e não nos induzas em tentação, mas liberta-nos do mal".
14. Porque se perdoardes aos homens as suas ofensas, também vosso Pai celestial vos perdoará;
15. Mas se não perdoardes aos homens as suas ofensas, tampouco vosso Pai celestial perdoará vossas ofensas.
26. Quando estiverdes de pé, orando, se tendes alguma coisa contra alguém, perdoai-lha; para que também vosso Pai que está nos céus. vos perdoe vossas ofensas.
27. Mas se não perdoardes, também vosso Pai que está nos céus não vos perdoará vossas ofensas.
1. E aconteceu que estava (Jesus) orando em certo lugar e, quando acabou, um de seus discípulos disse-lhe: "Senhor, ensina-nos a orar como João ensinou a seus discípulos".
2. Ele lhes respondeu: quando orardes, dizei: Pai, santificado seja teu Nome; venha teu reino;
3. o pão nosso sobressubstancial dá-nos diariamente;
4. e perdoa-nos nossos erros, porque também perdoamos a todo aquele que nos deve; e não nos entregues à tentação".

São as mais perfeitas instruções que, neste trecho, recebemos a respeito da prece, seguindo-se-lhes o modelo ditado por Jesus.

Antes dele, todavia, são dadas as atitudes a assumir. No contato com o Pai, deve evitar-se qualquer intromissão de outras criaturas: nada de assumir posições especiais, nem de fazê-la em público para ser admirado e louvado pelos homens.

Assim, é condenada a posição ostensiva, de ficar de pé (*hestâtes*) nas sinagogas (isto é, nos locais de oração) e nas praças públicas (referência ao hábito de orar em horas prefixadas, onde quer que se esteja, e que era prescrito aos israelitas, como ainda hoje aos muçulmanos).

A essa publicidade, Jesus opõe o segredo de entrar no quarto (*eis tò tameiõn*, que era o "quarto de guardados", jamais frequentado por pessoas estranhas); e além disso trancar a porta, para que ninguém presencie o contato íntimo com o Pai. Exemplo frequente disso deu-nos o Mestre, relatado pelos evangelistas: "retirou-se sozinho ao monte para orar". Lucas aproveita uma dessas situações, dizendo que, após ter Jesus orado "em certo lugar", os discípulos Dele se aproximaram pedindo-Lhe lhes ensinasse a orar, como João o fizera. Essa solicitação esclarece que Jesus orava sempre retirado e só, tanto que os discípulos não sabiam como fazer suas preces.

Outros ensinamentos ainda são trazidos: não repetir muitas palavras, falando muito "como os gentios, que pensam que, pela muita repetição é que são ouvidos". Portanto, condenação absoluta de repetir 10, 50 ou 150 vezes as mesmas fórmulas, o que acaba provocando a mecanização de sons, sem que haja interferência do sentimento quanto ao sentido das palavras.

Diz-nos mais, que não adianta PEDIR coisas ao Pai, pois Ele sabe mais e melhor que nós o de que necessitamos: habitando DENTRO DE NÓS, em nosso coração, Ele vê e sabe de tudo; inútil, além de ridículo se torna" querer ensinar a Deus aquilo que deve Ele dar-nos ...

Vem, então, a fórmula perfeita, que passamos a analisar.

ANÁLISE DO "PAI NOSSO"

Nessa prece Jesus criou admirável síntese das fórmulas empregadas nas preces judaicas, escoimando-as apenas do exagerado nacionalismo e materialismo, dando-lhes sentidos espirituais profundos, que veremos adiante. Mas as expressões ensinadas são lididamente judaicas, pois Jesus nascera e se filiara à religião mosaica, nela vivendo e morrendo, sem jamais ter tido a menor idéia de fundar nova religião. Portanto, o "Pai nosso" é uma prece totalmente israelita, repetindo fielmente a piedade judaica.

Provemos nossas assertivas, que poderão ser verificadas com facilidade (cfr. Strack e Billeberck, o.c., pág. 410 a 422).

- 1) A primeira invocação pertence à oração, dos rabinos: "Nosso Pai, que estás nos céus, que teu nome seja louvado por rodas as eternidades"; e "Nosso Pai, que estás nos céus, fazei-nos misericórdia pelo amor de teu grande nome, que é invocado por nós".
- 2) a segunda frase é encontrada no *Qaddich*, oração diária dos judeus: "seja exaltado e santificado teu grande nome".
- 3) "Venha a nós teu reino" é frase frequente nas jaculatórias dos rabinos: "que o reino de Deus se manifeste ou apareça (*Targum de Miquéias*, 4:8) e "reina sobre nós Tu só" (*Chêmonê-esré*, 11).
- 4) Rabbi Eliézer dizia: "Fazei tua vontade no céu, no alto, e dá tranquila coragem aos que te temem na Terra, e fazem o teus olhos".
- 5) "Não me dê pobreza nem riqueza: dá-me o pão necessário", lemos em Provérbios, 30:8; e o *Targum* parafraseia: "dá-me o pão que me baste".
- 6) "Perdoa-nos, nosso Pai, porque pecamos contra ti", está na sexta bênção do *Chêmonê-esré* e também em *Abina Malkênu*, de que Rabbi Aqiba diz o início: "nosso Pai, nosso Rei, perdoa e resgata todas as nossas faltas.

- 7) "Perdoa ao próximo sua injustiça, e então, se orares, teus erros serão perdoados", lemos em Eclesiástico, 28:2.
- 8) Na oração da noite há: "não nos conduzas ao poder do erro, nem ao poder da tentação, nem ao poder da traição".
- 9) E nos *Berakkot* se encontra: seja feita tua vontade, YHWH, nosso Deus e nosso Pai, salva-nos (...) do homem mau, do mau encontro, da força má, do mau companheiro, do mau vizinho, do adversário corruptor, do julgamento rigoroso, dos maus adversários no tribunal".

DIVISÃO DO "PAI NOSSO"

O "Pai nosso" consta de uma invocação, seguida de três pedidos espirituais e de quatro solicitações a respeito das necessidades do homem na matéria.

INVOCÇÃO - Jesus não manda dirigir-nos a Deus como Criador, nem como Rei, nem como Deus, mas como PAI; e mesmo assim, Pai de todas as criaturas. Pai é a mais carinhosa atribuição divina, já usada diariamente na época de Jesus pelos israelitas, como vemos várias vezes repetida na oração *Chêmonê-esrê* ou *Tephillah*, sobretudo nas bênçãos. E de tal forma Pai, que Jesus adverte: "a ninguém chameis de pai, na Terra, a não ser vosso Pai que está nos céus" (Mat. 23:9).

Logicamente, quando uma pessoa orar sozinha, dirá "meu Pai", e não "nosso", fórmula reservada às preces em grupo.

A expressão "que estás nos céus" (*beshamaim*) era também usual como sequência da invocação. Recordemos que *shamaim* em hebraico e "ouranós" em grego expressam a atmosfera que envolve a Terra, e não, jamais, um lugar geográfico específico. Para dar idéia precisa dessas palavras (já que "céus" foi semanticamente alterado em seu sentido etimológico), deveríamos dizer: "nosso Pai que estás no ar que nos circunda, impregna e vivifica pela respiração" (cfr. "visto ele mesmo dar a todos vida respiração e todas as coisas", At. 17:25).

1.^a PETIÇÃO - Seja santificado Teu nome". O "nome" é usado como expressão da essência, como a manifestação *externa* da substância última. Refere-se, pois, o pedido ao mundo, e mais particularmente às criaturas que, sendo a manifestação divina, em nosso globo, expressam Seu nome. A petição, portanto, revela o voto de que todas as criaturas se santifiquem (se tornem sadias moral e fisicamente), para que o nome de nosso Pai seja santificado em nós: assim como um filho diria a seu pai: "que possa eu honrar, com meu comportamento, o teu nome usado por mim". Com efeito, sendo nós filhos de Deus, trazemos em nós Seu nome e, santificando-nos o santificamos. Diziam Gregório de Nissa que, com as boas obras, levamos os homens a glorificar a Deus (*Patrol. Graeca*, 44. 1153).

2.^a PETIÇÃO - "Venha o Teu reino". Exprime o desejo ardente de que o mundo se coloque sob o reinado do Pai - Espírito - e não de satanás, a matéria. Que as criaturas se submetam ao Pai, que sabe governar Sua casa com justiça, misericórdia e amor. Alguns Pais da igreja atribuíam a esse pedido o carácter escatológico, como Tertuliano (*Patrol. Lat.* 1, 1158-1159), Cipriano (*Patrol. Lat.* 4,527 ss) e Agostinho (*Patrol. Lat.* 47, 1118).

3.^a PETIÇÃO - "Seja feita Tua vontade na Terra, como é ela feita nos céus". Esta petição falta em Lucas. Manifesta a aspiração firme de que saibamos conformar-nos à vontade do Pai, obedecendo-lhe às ordens (que são as circunstâncias que surgem sem nossa interferência na vida) com amor, ao invés de pretender fazer prevalecer nossa vontade pequena, caprichosa e, sobretudo, ignorante de nossa verdadeira vantagem no que nos concerne.

4.^a PETIÇÃO - "Dá-nos hoje o pão sobressubstancial". Esse vocábulo, hápax absoluto do "Pai nosso" (*epiôusion*) foi traduzido pela Vulgata como "cotidiano" ou "de cada dia" (*epi tèn ousan hêméran*), seguindo a opinião de João Crisóstomo (*Patrol. Graeca*, 67, 280). Na interpretação de Orígenes significava o "pão para a subsistência" (*epi ousia*, *Patrol. Graeca*, 11, 475). Jerônimo (*Patrol. Lat.* 26,43) fala: "dá-nos hoje o pão de amanhã"; mas essa interpretação seria contrária ao ensino de Jesus: "não vos preocupeis com o amanhã" (Mat. 6:34). No entanto, nesse mesmo local citado, Jerônimo interpreta

o pedido como "o pão espiritual", de acordo também com Orígenes (*ibidem*), Cipriano (*Patrol. Lat.* 4, 531-533) e Agostinho (*Patrol. Lat.* 38, 381 e 289-390).

5.^a *PETIÇÃO* - "Perdoa nossas dívidas, assim como já perdoamos aos nossos devedores", é a condição *sine qua*, salientada expressamente por Jesus, depois de ensinar a orar (versículo 14-15). Se não soubermos perdoar, não poderemos jamais ser perdoados. Nossa tradução, "como JÁ perdoamos" foi feita para corresponder mais exatamente ao original *aphékamen* (segunda forma de aoristo 2.º *apheíme*) cujo tempo supõe a ação já realizada. Esse mesmo ensino voltará exemplificado na parábola do servo sem compaixão (Mat.18:23-35).

Após a prece, Jesus volta a insistir no sexto pedido, referente às emoções, salientando a importância do perdão. Essa repetição explicativa na sublime lição da prece vem esclarecer que a condição do perdão é INDISPENSÁVEL à libertação do Espírito. As frases são repetidas em Mateus e Lucas; e Marcos, de toda a lição, fixou apenas esse ensinamento, como resumo básico para nosso aprendizado. Assim como se quisesse dizer que, se soubermos perdoar realmente, nada mais é preciso fazer; pois fazendo as pazes com os outros, podemos conseguir a paz de Deus.

6.^a *PETIÇÃO* - "Não nos induzas em tentação". O conjuntivo aoristo segundo, *eisenégkêis* (de *eisphérô*) tem o sentido de "conduzir para dentro" ou "induzir; e *peirasmós* é a prova, o exame, a experimentação. Pedido de socorro que fazemos, para que não sejamos colocados em situações perigosas que nos experimentem as forças, pois tememos sucumbir, já que conhecemos nossas fraquezas. Suplicamos, então, à misericórdia do Pai, que nos poupe as experimentações, que talvez nos levem à derrota. Tentação, pois, não é o "pecado", mas a prova (cfr. Luc. 22:28). Segundo Tiago (1:2) as provações "são úteis" à evolução. Essa opinião é de que Deus não nos leva ao mal, embora nos submeta à prova (cfr. Tiago 1:13; Agostinho, *Patrol. Lat.* 38, 390-391 e Hilário, *Patrol. Lat.* 9, 510).

7.^a *PETIÇÃO* - "Mas livra-nos do mal". O genitivo grego *ponerouí* tanto pode ser masculino (do mau), quanto do neutro (do mal). Da interpretação dependerá exclusivamente a escolha de um ou de outro. Como sequência do versículo anterior que fala em "provações", e como consequência do ensino "não resistais ao homem mau" (Mat. 5: 39), pode compreender-se "do MAU". Com efeito, desde que não podemos nem defender-nos, quando um mau nos ataca, ainda que nos mate (tal como o fez Jesus, que não levantou um dedo em defesa própria quando foi assassinado, dando o exemplo vivo do que ensinou); e como sabemos que não temos ainda capacidade de agir assim, então pedimos que nos salve o Pai desses encontros com homens maus.

SENTIDO DO "PAI NOSSO"

Ensina-nos a individualidade que a prece deve ser sempre uma aproximação máxima possível entre nós e nossa origem; e por isso recorda-nos que Deus é O PAI, já que "somos gerados por Deus" (At. 17:28), somos partículas do Grande Foco de Luz Incrriada. Nessas condições, quando nos dirigimos a esse Pai, "que reside no secreto" de nós mesmos, devemos voltar-nos e mergulhar nesse secreto (entrar em nosso quarto) e além disso "trancar as portas" de nossos sentidos, isolando-nos de tudo quanto é externo e material. Isolar-nos inclusive e sobretudo de nosso próprio eu pequeno, de nossa personalidade, para que o contato seja o mais lídimo possível.

Nossas primeiras palavras devem constituir um apelo que nos recorde nossa filiação divina, confessando-nos FILHOS no real sentido, mais real ainda do que a simples e transitória filiação humana do corpo físico. Adverte-nos então que a filiação terrena não é propriamente uma filiação (cfr. Mat. 23:9). De Deus é a verdadeira paternidade, porque Ele é a origem de nosso Espírito de nosso verdadeiro EU profundo, a Centelha divina e eterna. Só a Ele devemos dirigir nossas preces: Jesus jamais ensina que nos dirijamos a intermediários, mas sim diretamente ao Pai que habita DENTRO DE NÓS, no secreto de nossos corações.

Isso mesmo exprime a cláusula apositiva "que estás nos céus". Os céus que exprimem o "reino que está dentro de nós" (cfr. Luc. 17:21) levam nosso pensamento ao coração; o Pai, que está nos céus, está então no reino dos céus, que está dentro de nós. A consequência é lógica e irrefutável: nosso Pai

que estás em nosso coração, nesse reino dos céus que ansiosamente buscamos, como mendigos do Espírito.

E continuamos, fazendo três petições referentes à individualidade:

1 - "Seja santificado Teu nome". Sendo nós a manifestação externa de nossa essência profunda, constituída pela Centelha divina pedimos que seja santificada nossa personalidade, exteriorização de Deus. Que nossa parte transitória - que no planeta manifesta Deus, se torne "sadia e sábia". E, por isso, que nem nos atos, nem nas palavras, nem mesmo nos pensamentos, deixemos jamais de ver em todos, em tudo e em toda parte, a manifestação do Nome de Deus. Pois todos e tudo exprimem esse Nome santo, embora exteriorizado com defeitos, por deficiência dos canais que O manifestam. Que tudo se harmonize síticamente com a Santidade divina, que todos, inclusive nós e nossos veículos, se santifiquem ao contato com a Centelha Divina. Tudo o que conhecemos, que vemos, e que existe é constituído pela mesma e única essência profunda íntima de Deus, que sustenta tudo com Seu ser.

2 - A segunda petição para a individualidade ou Espírito é "venha o Teu reino". Trata-se da expressão mais ardente do contato íntimo com a Centelha divina, com Deus através de nosso Cristo Interno, a fim de que mergulhemos na Consciência Cósmica, tornando-nos UM com O TODO, UM com o PAI. "O reino de Deus (ou dos céus) está dentro de vós": "que Teu reino venha", que nós o encontramos o mais depressa possível, que nos unifiquemos ao Pai no prazo mais curto e da maneira mais íntima, numa unificação total e definitiva.

3 - A última das petições referentes à individualidade refere-se ao desejo real de que o Espírito siga a Vontade do Cristo Interno, e não a vontade da personalidade. De fato, o Espírito se encontra entre dois pólos opostos, antagônicos: o pólo superior influi o Espírito para sua evolução, induzindo-nos às ações superiores de fidelidade e gratidão, de bondade e amor; o pólo inferior puxa-o para o materialismo do "anti-sistema" (Ubaldi), impelindo-o à infidelidade, à ingratidão, aos prazeres e gozos egoístas. Nessa situação contraditória, o Espírito é batido de um lado e de outro, internamente tendendo ao bem, e externamente tentado pelo mal; pelo Cristo Interno convidado a subir, por satanás arrastado ao abismo: perene luta entre Sistema e Anti-sistema, entre espírito e matéria, entre positivo e negativo, entre bem e mal, entre sabedoria e ignorância, entre egoísmo e amor.

Todos somos testemunhas e atores nessas lutas titânicas que nos envolvem a todos. E muitos se esforçam e sofrem nesse árduo combate, procurando fazer a vontade divina com sacrifícios inauditos. Ora, o pedido salienta a necessidade de o Espírito fazer espontânea e naturalmente a vontade do Pai, que se manifesta através de Sua Partícula em nós, o Cristo Interno, que constitui nosso EU Profundo, e que sempre nos chega ao eu pequeno através da voz silenciosa de nossa consciência. Isso, exatamente, está expresso com clareza na fórmula: "seja feita Tua vontade na Terra (na personalidade) assim como nos céus (na individualidade)". O que mais uma vez comprova que o "estás nos céus" significa, "que estás em nosso íntimo, dentro de nós, em nosso coração", isto é, na individualidade.

São, portanto, três pedidos referentes à individualidade (ou triângulo superior): o primeiro relativo à Centelha Divina, logo após a invocação: "Seja santificado o Teu nome"; o segundo relativo à mente chamada "abstrata", que deseja a união integral: "venha o Teu reino"; o terceiro dizendo respeito ao Espírito, que engloba as três manifestações: "seja feita Tua vontade".

São-nos apresentados a seguir quatro pedidos que se referem à personalidade, (ou quaternário inferior) isto é ao "espírito" encarnado provisoriamente.

1 - O primeiro, "dá-nos hoje o pão supersubstancial", refere-se ao intelecto, e solicita o pão, isto é, o alimento do "espírito", que é o conhecimento da Espiritualidade, a Sabedoria, Salienta bem Jesus que se trata do pão "supersubstancial" ou "sobresubstancial", ou seja, em nossa interpretação, o alimento do contato com o Eu Superior. Nenhum maior nem melhor alimento para nós, do que mergulhar na Consciência Cósmica, onde encontramos todo o conhecimento, por meio de visões intuitivas, que nos esclarecem totalmente sobre a Verdade, que é Deus. Não se trata de um conhecimento livresco e externo de um aprendizado racional e discursivo; mas de conquistas instantâneas, que chegam de dentro de nós mesmos, como respostas seguras a todas as dúvidas, como lições maravilhosas que obtemos, por contato com o Infinito, fora do espaço, e com a Eternidade, fora do tempo. Só pelo Esponsalício

Místico da Unificação conseguiremos crescer, infinitizando-nos e mudar de dimensão, saindo da limitação do finito das formas para o ilimitado do infinito; das trevas para a luz, do frio congelado para o Foco Incrariado, da divisão para a união, do anti-sistema para o Sistema, do egoísmo para o amor total.

2 - A segunda solicitação para a personalidade é a que cuida do corpo de emoções (astral ou animal), dizendo: "perdoa nossas dívidas (cármicas) assim como já perdoamos aos nossos devedores".

O corpo emocional é o responsável pelo carma, já que ele vibra no terceiro plano, o que está sujeito à Lei da Justiça. Portanto, é em referência ao corpo emocional que pedimos o perdão, o resgate dos débitos contraídos por nossas emoções descontroladas em todos os campos, pelos desejos que nos causam as dores. Mas a condição indispensável para nossa libertação é não termos outros devedores presos a nós pela nossa exigência de pagamento. Quando tivermos perdoado (libertado) todos aqueles que nos devem, por qualquer motivo, então poderemos pedir que o Pai também nos liberte de nossos próprios erros do passado.

3 - Lembramo-nos, depois, do duplo etérico, das sensações, no terceiro pedido, solicitando que o Pai, que está dentro de nós, "não nos induza às provações". Isto porque, dado o olvido total que ocorre na reencarnação, perdemos o contato com o passado e as provações nos aparecem como novidades que nos apavoram, pois podemos fracassar por ignorância. Não estando em contato com o Mundo Espiritual, donde proviemos, surgem-nos as experimentações a que estamos sujeitos neste pólo negativo em que nos achamos, com o emborcamento da realidade, Então, a transitoriedade da riqueza nós a vemos como garantia de segurança; a ilusão da posse é considerada qual valor de realidade; a mentira do prazer engana-nos com alegrias que amanhã se transformarão em sofrimentos; mas nada disso percebemos. Por isso as provações ou tentações de riqueza, de posse, de prazer são, em vista de nossa opacidade visual, inversões da realidade da Vida. Pedimos, pois, ao Pai não nos induza a essas provações, colocando-nos em posição de poder cair por causa de nossa cegueira temporária. Melhor a pobreza, o trabalho e a dificuldade, que são os maiores incentivos ao progresso do "espírito".

4 - O quarto e último pedido "liberta-nos do mal" refere-se ao corpo denso, isto é, à matéria. Aqui interpretamos MAL (e não mau), por causa da simbologia que, entre os hebreus, denominava a matéria de "satanás" ou "diabo", isto é, o opositor, o adversário do espírito. Para esta interpretação mais profunda, o sentido preferível é este: liberta-nos da matéria, isto é, do ciclo reencarnatório que nos obriga a voltar periodicamente ao planeta, prendendo-nos já há tantos milênios ao cadáver de carne que nos cerceia os vãos do Espírito, a este escafandro que nos mantém colados ao chão da Terra sob o oceano atmosférico.

Apelo dramático que nós, os encarnados, gritamos aflitos ao Pai que está dentro de nós: "liberta-nos da matéria, do mal aonde mergulhamos por nosso egoísmo divisionista, do abismo em que caímos por nossa rebeldia orgulhosa".

Eis, então, reduzida a seus termos reais e belíssimos, a prece mais concisa e perfeita, que deve ser proferida com o coração, meditando em cada um dos pedidos, sem que haja mister repeti-la mais de uma vez em cada caso.

Não nos esqueçamos das palavras taxativas de Jesus: assim deveis orar.

Mais que um ensino, é uma ordem. Aprendamos a obedecer a Quem sabe mais do que nós, conquistando a felicidade, afastando-nos da materialidade deprimente e alçando-nos às altitudes do Espírito que se unifica ao Pai.

O JEJUM

Mat. 6.16-18

- 16. Quando jejuardes não tomeis um ar triste como os hipócritas; porque eles desfiguram os rostos, para mostrar aos homens que estão jejuando; em verdade vos digo, que já receberam sua recompensa.**
- 17. Tu, porém, quando jejuas, unge a cabeça e lava o rosto**
- 18. para não mostrar aos homens que jejuas, mas somente a teu Pai que está na secreto; e teu Pai que vê no secreto, te retribuirá.**

Os ensinamentos continuam no mesmo tom sintético de oposição entre o que costumava praticar-se naquela época pelos supostos "modelos" de virtude, e o que Jesus pregava a seus discípulos.

Os jejuns eram frequentes entre os israelitas, quer quando prescritos pela lei mosaica, quer por devoção. Em qualquer deles, fazia-se questão de mostrar a todos que se jejuava, apresentando um rosto sujo, com expressão de sofrimento; o cabelo e a barba embaraçados, sem pentear; o ar sombrio (*skuthrôpoi*, isto é, "de olhos tristes"). Realmente, o jejum judaico incluía a penitência, tanto que se denominava *sôm e ta'anith*, ou seja, "aflição". Mas se tornava mais uma exibição que realmente uma penitência.

A esse estado de coisas, Jesus opõe o disfarce: esconder a todos que se faz penitência: que lavassem o rosto, se penteassem e perfumassem os cabelos (Luc.7:44-46), para que ninguém soubesse que seus discípulos jejuavam, mas a penitência só fosse conhecida do "Pai que está no secreto".

Entretanto, Jesus não aconselhou a seus discípulos que jejuassem, e até foi acusado por isso (cfr. Mat. 9:14).

Para a individualidade valem muito esses conselhos: não tanto pelo jejum como abstenção de alimentos, mas para todo e qualquer sofrimento.

Bem sabemos que não é o fato de abster-se deste ou daquele alimento, que nos trará evolução espiritual. Mas há jejuns que todos somos levados a realizar por necessidades passageiras. Quantas vezes a individualidade vê que sua personalidade é obrigada a abster-se, quer de alimentos, quer de vestuário adequado, quer de distrações, quer de quaisquer outros dos chamados "prazeres", mesmo legítimos. Em quaisquer dessas hipóteses, nada deve transparecer na fisionomia que denote nosso sofrimento íntimo. Se algo nos falta, saibamos disfarçar e suportar essa carência como se tudo estivesse normal: ninguém tem nada que ver com a nossa vida.

Mesmo não havendo necessidade de cortar nada que agrada para "mortificar-se", depois que conseguimos "ter conosco o Esposo" divino pelo Encontro Místico - pois o Esponsalício Espiritual deve dar-nos a alegria permanente - é por vezes imprescindível privar-nos, por causa das circunstâncias, de coisas agradáveis.

E há outras coisas que amamos e que com frequência nos vêm a faltar; ainda assim, nenhuma manifestação externa de dor deve ser permitida à personalidade, como por exemplo, a exibição, ainda hoje comum, de vestir de preto ("pôr luto"), quando uma pessoa querida passa a uma vida melhor. Que tem os outros que ver com a nossa dor? Só o Pai, que habita no secreto, deve ser testemunha muda de nossos sentimentos .

OS TESOUROS

Mat. 6: 19-24

Luc. 12:32-34

- 19. Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem os consomem e onde os ladrões penetram e roubam,**
- 20. mas ajuntai para vós tesouros no céu onde nem a traça nem a ferrugem os consomem, e onde os ladrões não penetram nem roubam,**
- 21. porque onde está o teu tesouro, aí estará também o teu coração.**
- 22. A lâmpada do corpo são os olhos; se pois estes forem sãos, todo o teu corpo será luminoso,**
- 23. mas se teus olhos forem doentes, todo o teu corpo será tenebroso. Se, pois, a luz que há em ti são trevas, quão grandes são essas trevas!**
- 24. Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou há de aborrecer a um e amar o outro, ou há de unir-se a um e desprezar o outro: não podeis servir a Deus e às riquezas.**
- 31. Não temas pequeno rebanho, porque é do agrado de vosso Pai dar-vos o reino.**
- 32. Vendei o que possuis, e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não envelheçam, um tesouro inexaurível nos céus, onde o ladrão não chega e a traça não rói,**
- 33. porque onde está vosso tesouro, também estará vosso coração.**

Neste trecho, recomenda-nos Jesus o desprendimento ou desapego das riquezas. Que valem elas aqui, no planeta, onde podem ser perdidas por ação das traças, da ferrugem ou dos ladrões? Aconselha-nos antes a ajuntar tesouros espirituais de conhecimento e obras meritórias, que jamais se perdem. Tapetes no chão ou nas paredes roupas caras nos armários, jarros de louça e aparelhos de cristal, quadros célebres, adegas de vinho e despensas com largas provisões, dinheiro nos bancos e jóias nas caixas-fortes, tudo isso, além de perecível, deve ser aqui deixado quando abandonarmos o corpo físico. Mas o que, é conquista do Espírito, isso acompanha-nos para além do mundo da matéria, e jamais o perdemos.

A fórmula axiomática "onde está teu tesouro, aí estará teu coração" esclarece a razão de todo o ensinamento. O essencial não é NÃO TER, e sim NÃO APEGAR-SE, não prender o pensamento (cuja sede reside no coração) a essas coisas externas e transitórias.

Depois aparece um ensinamento em forma de comparação. Na realidade, só conseguimos ter luz se os olhos forem sadios. Então parece, e nos vemos, todos luminosos, pois distinguimos os objetos, suas formas e cores. Mas se os olhos adoecerem, isto é, cegarem, todo o corpo parece nadar em densas trevas, que custamos a romper, Tateando com as mãos à frente. E termina com um enigma: "se a luz que há em ti são trevas, quão grandes são essas trevas" . Como pode a luz ser trevas?

As frases referem-se ao ensinamento anterior e o comentam, deixando-se ao leitor a tarefa de compreendê-las. Realmente, o coração (o pensamento) pode apegar-se a riquezas materiais ou aos bens espirituais, tal como ocorre com os olhos, cujo primordial papel é servir de lâmpada para o corpo. Se os

olhos forem sadios (*haplōus*), isto é, sem defeito, simples, sem crostras e "sem apegos" nem cobiças, então sua tarefa de iluminar desenvolve-se perfeitamente. Mas se esses olhos, que "são a luz do corpo" começam a criar agregações externas (quase películas de catarata), pela ambição e cobiça, eles começam a ficar velados e, portanto, doentes ou maus (*ponêros*) e então enxergam tudo torto, as perspectivas ficam distorcidas e falsas. Daí compreender-se que o olho "mau" ou doente prejudica todo o ser.

Essa interpretação leva-nos um passo adiante: é pelos olhos que nasce, geralmente, o sentimento baixo e indigno da inveja, que lança raios mortíferos sobre as coisas e sobre as criaturas que as possuem. Essa má qualidade envenena o espírito de quem a sente, e sobretudo de quem a alimenta; e os fluídos lançados pelos olhos ("mau olhado") fazem definhir tudo o que foi atingido; mas, em primeiro lugar, faz definhir a própria criatura que os lançou, porque, antes de atingir a aura dos outros os fluídos atingem a própria aura da pessoa que os lança.

E Jesus termina declarando peremptoriamente que "ninguém pode servir a dois senhores": a Deus, dedicando-se ao espiritualismo, e às riquezas.

A palavra usada, e bastante conhecida, *mamon* (grego *mamōnas*, proveniente do aramaico *mamônâ*) pertence ao hebraico mais recente do Eclesiástico (31:8) e do Talmud. Deriva do verbo *âman*, que significa "confiar" ou "depositar" (cfr. Dalman, Gramática, pág. 170, na nota).

Realmente, o espiritualismo olha as posses como ilusões transitórias, ao passo que o materialismo as considera como as únicas realidades objetivas e palpáveis. Então, não há conciliação possível entre os dois: ou a criatura se apega a um, ou ao outro, pois os dois pólos se repelem mutuamente. O que não impede que o espiritualista conserve seus bens materiais e os administre, desde que os considere como são de fato: empréstimos temporários que lhe foram confiados para gerir, mas sem que seu coração se lhes apegue.

Em Lucas aparecem dois conceitos novos: um, assegurando ao "pequeno rebanho" - frase de grande poesia e de profundo carinho - que o Pai tem prazer, e até quer de boa-vontade (*eudókêsen*, de eu, "bem" e *déchomai*, "querer") dar-lhes o "reino dos céus", ou seja, o Encontro Consigo.

Temos, então, o conselho de vender o que possuímos (*tà hupárchonta*, de *hupárchô*, "existir", "sou") e dar esmolas, ou fazer misericórdia, no sentido de ter tal desapego, que nos não incomodemos em desfazer-nos do que é nosso, caso outros necessitem; é a generosidade e a liberalidade com tudo o que temos, inclusive com os nossos veículos inferiores, com sacrifício de nossa personalidade.

Esses conceitos de Lucas serão repisados em outros passos, fixando e determinando a doutrina de Jesus quanto ao desprendimento.

Para o Espírito, esta é uma lição preciosa. Nada de apegos ao que a personalidade transitória conquistou no planeta, depois que aqui chegou, pois tudo lhe será tirado inexoravelmente. Ou se gasta com o tempo, ou se consome pela velhice, ou nos é roubado pela "morte". Para que, então, lixar o coração em coisas que teremos que abandonar forçados, queiramos ou não? Muito melhor mantermos desde cedo desapegados, para poder ter o vôo livre para as regiões etéreas. Nada pertence a ninguém: tudo nos é emprestado por tempo determinado.

Ouvimos pequena história que esclarece bem o tema. Certo grande fazendeiro norte-americano, após ouvir um bispo falar sobre o desapego e afirmar "nada é de ninguém", convidou-o a almoçar em sua fazenda. Antes do repasto levou-o a visitar as imensas propriedades cultivadas. Ao regressar na hora do aperitivo, indagou do bispo:

- *Agora diga-me, senhor bispo, tudo isso não é meu? Foi tudo comprado, pago e construído por mim ... Não é MEU?*

O bispo calmamente bebeu mais um trago do aperitivo e disse:

- *Faça-me esta pergunta daqui a cem anos! ...*

Vemos ainda uma vez, neste trecho comentado, a sabedoria profunda dos ensinamentos de Jesus, que nos trazem a REALIDADE, afastando-nos da ilusão da posse. Tudo o que é de personalidade - inclusive a própria personalidade de que tanto nos envaidecemos - é passageiro, é tudo ilusão (mayá), é tudo perecível.

Cabe então ao Espírito desprender-se de tudo. Precisa viver no mundo REAL, embora entre riquezas terrenas, mas como se as não possuísse, como se DE FATO fossem um empréstimo que ele tivesse por obrigação gerir cuidadosamente.

Além disso, muito cuidado com o coração: jamais coloquemos nossa felicidade em qualquer objeto (ou em qualquer pessoa!) fora de nosso EU verdadeiro, porque se assim não agirmos, seremos infelizes. Tudo o que é externo traz dor e sofrimento. Só o Verdadeiro Esposo, o Cristo, pode constituir nossa felicidade plena e permanente.

Então, os olhos, por onde o Espírito vê, enquanto permanece no corpo físico na Terra, devem estar sempre sadios, sempre SIMPLES, sem apego a coisa alguma no mundo material transitório, a fim de que não invertamos os valores - coisa tão fácil de ocorrer e tão comum no pólo negativo em que se encontram mergulhadas nossas personalidades. Uma vez que penetra pelos olhos a imagem, surge o desejo no coração, e este pode apegar-se e cobiçar o que vê, se for doentio, participando dos vícios da personalidade insaciável. Mas, se for simples e desapegado, continuará a brilhar a luz límpida do desprendimento de tudo.

Daí a conclusão: ou a personalidade se apega aos bens terrenos, prendendo a individualidade, de forma que esta não pode expandir-se; ou a individualidade penetra o Eu Crístico, não dando a menor importância às posses materiais. Por isso, na história, encontramos com frequência muita falta de equilíbrio, daqueles que só conseguiam desapegar-se espiritualmente, quando abandonavam de todo as riquezas. Maior evolução lhes faria compreender que não é disso que se trata: não é desfazer-se fisicamente, mas antes desapegar-se espiritualmente.

Então a lição é preciosa: ou servimos à individualidade (ao Deus Interno) atendendo equilibradamente às necessidades da personalidade; ou servimos à personalidade (às riquezas) com prejuízo da individualidade. Concomitantemente não podemos servir às duas. Quando nos prendemos à personalidade, nós a amamos e aborrecemos o Espírito (Deus em nós), e quando, ao contrário, nos voltamos para a individualidade (Deus) e a Ele nos unimos pelo Contato Místico, então desprezamos a personalidade (no sentido etimológico: isto é, não lhe damos "preço" ou valor).

AS PREOCUPAÇÕES

Mat. 6.24-34

Luc. 12:22-31

24. Ninguém pode servir a dois senhores, pois ou há de aborrecer a um e amar o outro, ou há de unir-se a um e desprezar o outro: não podeis servir a Deus e às riquezas.
25. Por isso vos digo: não vos preocupeis com vossa vida, pelo que haveis de comer ou beber, nem com vosso corpo, pelo que haveis de vestir: não é a vida mais que o alimento e o corpo mais que a roupa?
26. Olhai as aves do céu, que não semeiam nem ceifam nem ajuntam em celeiros, e vosso Pai celestial as alimenta; não valeis vós muito mais que elas?
27. E qual de vós, por mais preocupado que esteja, pode acrescentar um cúbito à sua estatura?
28. E porque vos preocupais pelo que haveis de vestir? Considerai como crescem os lírios do campo: eles não trabalham nem fiam.
29. contudo vos digo que nem Salomão em todo o seu esplendor se vestiu como um deles.
30. Se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada ao forno, quanto mais a vós, homens de pequena fé?
31. Assim, não vos preocupeis dizendo: que comeremos? ou: que beberemos? ou: com que nos vestiremos?
32. (pois os gentios é que procuram todas essas coisas); pois vosso Pai celestial sabe que precisais de todas elas.
33. Mas buscai primeiro o reino de Deus e a perfeição dele, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.
34. Não vos preocupeis pelo dia de amanhã, porque o amanhã trará o seu próprio cuidado; ao dia, basta o seu trabalho.
22. E disse a seus discípulos: portanto vos digo, não andeis preocupados com a vida pelo que haveis de comer, nem com o corpo pelo que haveis de vestir.
23. Pois a vida é mais que o alimento e o corpo mais que a roupa.
24. Observai os corvos, que não semeiam nem ceifam, não têm despensa, nem celeiro, e no entanto Deus os alimenta; quanto mais valeis vós do que as aves!
25. Qual de vós, por mais preocupado que esteja, pode acrescentar um cúbito à sua estatura?
26. Se pois, não podeis fazer nem as coisas mínimas, porque vos preocupais pela outras?
27. Considerais os lírios como crescem, e não trabalham nem fiam, todavia vos digo que nem Salomão em todo o seu esplendor se vestiu como um deles.
28. Pois se Deus assim veste a erva do campo que hoje existe e amanhã é lançado no forno, quanto mais a vos, homens de pequena fé!
29. Não procureis, pois, o que comereis ou bebereis, nem vos preocupeis,
30. porque os homens do mundo é que procuram todas essas coisas; mas vosso Pai sabe que precisas delas.
31. Buscai antes o reino de Deus, e todas essas coisas vos serão acrescentadas.

Depois de tratar do desprendimento dos bens terrestres, Jesus passa a maior aprimoramento dessa teoria, ensinando-nos que nem devemos preocupar-nos com o que a humanidade geralmente considera essencial. E o raciocínio apresentado é de irretorquível lógica: quem dá o mais, dá o menos: quem alimenta as aves, a *fortiori* alimentará os homens; e quem veste as flores silvestres, tem meios de sobra para vestir as criaturas; porque o cuidado que o Autor da Vida dispensa às coisas mínimas, demonstra a dedicação alerta do Pai carinhoso, atento a todos os pormenores dos mais pequeninos seres.

Todo este trecho é de suma graça poética, em que revemos o sublime Nazareno, sentado sob as árvores, a contemplar ao longe o lago muito azul, cercado de margens floridas, com o céu turquesa cortado pelo vôo dos pequenos pássaros coloridos: a doçura da natureza plasmando idílico ambiente de paz e plenitude espirituais.

Aí aparece a afirmativa: "não vos preocupeis com o que haveis de comer e vestir", e depois a comparação: "a vida vale mais que o alimento e o corpo mais que a roupa"; e logicamente quem dá o mais (a vida e o corpo dará certamente o menos (o alimento e a roupa). Depois, longo e terno olhar para as avezinhas: "olhai as aves do céu, que não semeiam, nem ceifam, nem ajuntam em celeiros (*apothêkas*) e o Pai Celestial as alimenta ... e vos valeis muito mais que elas". (Neste passo, Lucas restringe a idéia, citando o exemplo do corvo). Outro silêncio calmo, cheio de reflexões de gratidão, e uma pergunta: "que adianta preocupar-se? quem é capaz de, com sua preocupação, acrescentar um cúbito à sua estatura"?

A palavra "preocupação" traduz *merimnôn* (reflexões); o termo *hêlixia* exprime "estatura" e também "vida"; donde alguns comentaristas traduzirem: "quem será capaz de acrescentar um cúbito (cerca de meio metro) à própria vida". Lucas emprega o mesmo termo. A alegação desses comentadores, é que a vida era, com frequência, comparada a uma medida de comprimento: "nossa vida tem o comprimento de um palmo; quatro dedos apenas" (Salmo 39:6).

Jesus passa então a contemplar as flores de cores brilhantes, e chega à segunda comparação: os lírios do campo, flores agrestes que nascem e crescem sem cultivo, todas apresentam uma riqueza de vestuário que nem o mais rico rei (Salomão) conseguirá igualar. Então, por que duvidar, homens de "pequena fé" (*oligópistoi*)?

Vem a seguir a conclusão: "não vos preocupeis", o que significa que devemos trabalhar por conseguirlas, mas sem *preocupação*, mantendo íntima certeza de que nada nos faltará, do que for essencial à vida.

Chega, então, a ordem: buscar antes de tudo e acima de tudo o "reino de Deus", isto é, o Encontro com Deus no imo de nossos corações, e "sua perfeição" (ou sua "justiça" no sentido de "justeza", isto é, de ajustamento perfeito ao nosso EU profundo). Conseguido isso, tudo o mais nos será dado por acréscimo.

E continua Jesus, recomendando que não devemos preocupar-nos com o amanhã, pois a cada dia basta o seu trabalho.

Esse abandono à Providência é plenamente correspondido depois do Encontro; mas, enquanto presos à personalidade, quase não será possível. Isso porque a personalidade tem sempre mais confiança em si do que em Deus.

O teor do trecho de Lucas é quase idêntico. Apenas onde Mateus fala em pássaros, Lucas particulariza os corvos, e ainda a ordem que difere um pouco.

Realmente, a confiança na Providência Divina deve ser total por parte da individualidade, do Espírito que já esteja unido à Centelha Divina. Todo o trecho está imbuído desse espírito de renúncia e desprendimento das coisas materiais e de fixação na realidade do que é espiritual.

Quando o Espírito compreende a realidade de Deus Imanente em todos e em tudo; quando verifica que o Pai habita dentro das plantas e à as flores, dando-lhes vestimentas de delicadeza e beleza inatingíveis pelo homem, qualquer que seja sua riqueza; quando se convence de que Deus está dentro dos

pássaros, deles cuidando ternamente, na roupagem multicolor das penas, garantindo-lhes ainda o sustento, dia a dia; então sua confiança na Providência cresce ao ponto de saber que também não poderá haver abandono por parte do Pai a qualquer criatura humana, cuja evolução a torna muito mais importante do que qualquer flor ou pássaro.

Os preceitos dados referem-se exclusivamente à individualidade.

Lógico que a personalidade, enquanto encarnada na Terra, tem imensa dificuldade em seguir literalmente esses preceitos - tanto que os comentaristas dizem tratar-se apenas de "conselhos" - mas a individualidade pode vivê-los perfeitamente à vontade, aprendendo então a conduzir a personalidade com desapego por entre os bens perecíveis da matéria.

A vida é mais que o alimento, porque nossa vida é a participação da Vida Divina, que jamais termina. Por isso, não há morte para nosso Eu. O corpo se perde e desmancha, mas o Espírito vive da vida de Deus, que constitui seu Eu, isto é, sua substância última, sua essência profunda.

Comparativamente estão na mesma relação que existe entre corpo e roupa: o corpo permanece, enquanto a roupa é mudada com frequência e, quando estragada, é jogada ao lixo. Essa mesma relação, guardadas as proporções, vigora entre Espírito e corpo: quando o corpo se torna imprestável, é abandonado e "jogado fora" pelo Espírito, que depois vai formar-se outro corpo novo.

Jesus cita as aves e as flores; não poderia ainda, pela ignorância dos ouvintes; mas bastaria que citasse a beleza e perfeição complexa do próprio corpo humano, que recebemos plasmado sem que nem sequer o conheçamos a fundo. Não podemos aumentá-lo com o nosso pensamento: então, por que preocupar-nos com outras coisas de menor importância, se o Pai já provou seu amor por nós, provendo-nos do corpo e da vida?

O ponto básico é o ensino da NÃO-PREOCUPAÇÃO.

Realmente, não é a ocupação que cansa, mas a preocupação. E os cristãos tampouco aprenderam a lição Daquele que dizem ser seu Mestre, e seu Deus, e vivem hoje a tomar remédios e a fazer higiene mental, para combater os males psíquicos provocados pela excessiva preocupação de todos por tudo. As criaturas todas se deixam envolver pelas preocupações ansiosas que causam angústia e descontrolam o sistema nervoso; e isto porque não aprenderam a lição que já nos foi ensinada há dois mil anos! ... Verdadeiras "cabeças duras", na teimosia do erro que não quer ver a verdade.

Lição sublime, se for seguida literalmente, pois os resultados são realmente fabulosos. Só quem o experimentou pode confirmá-lo: não falha jamais a Providência divina!

Aqui Jesus repete o ensinamento dado versículos antes (Mat. 6:8): "o Pai SABE o de que necessitamos, antes de Lho pedirmos". Para quem imagina Deus como alguém que está muito longe, sentado em trono colocado a milhares de quilômetros, essa assertiva de que Ele vê e sabe de tudo é difícil de aceitar. Mas para aqueles que concebem Deus como na realidade é: a Força, a Inteligência e o Amor que constituem a Vida e a Alma dos Universos Infinitos, a Essência última de todas as criaturas animadas e inanimadas, estando integralmente imanente em cada décimo milionésimo de milímetro cúbico de tudo, a idéia é facilmente compreensível.

Se Deus, na Sua totalidade integral, está dentro de tudo (embora seja também transcendente a tudo por Sua infinita eternidade), Ele SABE realmente TUDO o que se passa, em cada mínimo pormenor de cada criatura. Numa comparação fraca - omnis comparatio cláudicat - podemos dizer: assim como o espírito do homem está integralmente em cada célula do corpo, embora seja transcendente ao próprio corpo total; e assim como o espírito do homem SABE (embora com muita deficiência, por causa de seu atraso e de sua ignorância) tudo o que se passa em cada célula, tomando conhecimento de cada espetadela que se dê em qualquer parte do corpo; assim Deus, infinitamente superior, sendo o Espírito dos Universos, SABE o que se passa em cada partícula, por mínima que seja: moléculas, células, bactérias, vírus, átomos, núcleos, etc.

Então, o Pai SABE REALMENTE o de que cada criatura, cada semente, cada ovo, cada vírus necessitam, a cada momento do dia ou da noite muito mais profundamente que a própria criatura. A dife-

rença substancial entre a criatura e Deus, é que aquela está finita e limitada no tempo e no espaço, ao passo que a Inteligência Divina vibra em outra dimensão: o Infinito e a Eternidade.

Por vibrar no Infinito e na Eternidade, que não tem antes nem depois, Deus CONHECE o todo no seu instante único do HOJE ETERNO; enquanto nós, limitados, dividimos o "agora" em ontem e amanhã. Ora, nessa deficiência da capacidade cognoscitiva, aconselha Jesus que nos não preocupemos com o amanhã, porque Deus se ocupará, cabendo a nós viver o momento do agora, o "hoje".

Então a ordem taxativa para a individualidade passa a resumir-se na procura do reino de Deus, e isso, na máxima perfeição possível. Ora, estando o reino de Deus DENTRO DE NÓS (Luc. 17:21), é só DENTRO DE NÓS, pelo mergulho (batismo) na Consciência Cósmica (o batismo do fogo e do Espírito) que podemos encontrá-lo e unificar-nos a ele. Quando tivermos conseguido mergulhar no fogo do Amor e no Espírito Divino (calor de ternura e luz de sabedoria) teremos alcançado o objetivo único de nossas encarnações: porque a única meta da reencarnação é proporcionar-nos os meios de realizar essa unificação, que só é conseguida enquanto habitamos o "tabernáculo de carne", que nos facilita os meios de alcançá-lo. Não fora assim, e não haveria necessidade de mergulhar na carne: "Se a semente não cai na terra e não morre, não pode frutificar" (João, 12:24).

Portanto, quando salientamos a cada passo o Encontro Profundo, estamos simplesmente tecendo comentários aos ensinamentos de Jesus, e absolutamente nada dizemos de invenção nossa.

Quando tivermos atingido esse ápice de nossas vidas, de nada mais nos preocuparemos, pois Deus em nós dar-nos-á tudo o de que necessitamos para nossa evolução espiritual cada vez maior. Que essa é a meta, Jesus o declara em Lucas: "o Pai QUER dar-vos o reino", ou seja, o Pai QUER essa unificação com sua criatura, absorvendo-a na unificação, em Seu fogo de amor e na luz de Sua Sabedoria infinitos.

Daí a consequência de não se dar importância aos bens transitórios e perecíveis: distribuam-se pelos necessitados, vendam-se, troquem-se por boas obras, que essas ficarão guardadas em "bolsas que não envelhecem", constituindo um "tesouro que não se acabará" jamais, pois ficará agregado à própria substância de nosso Eu. Se nosso tesouro está no Espírito eterno, aí estará também nosso coração, eternamente feliz e bem-aventurado. Mas se tivermos a infeliz ignorância de apegar-nos a qualquer coisa que esteja fora de nós, que seja externo (mesmo se se trata de religiões e devoções místicas), estaremos caminhando na direção oposta de Deus, que está em nosso interior mais íntimo.

Coloquemos nosso coração no Pai, unifiquemo-nos a Ele, e aprendamos a olhar tudo o que é externo como agregações temporárias que nos servem de muletas durante a caminhada terrena, mas que jamais serão essenciais a nosso Eu, embora ajudem nossa evolução durante curto período de tempo.

OS JULGAMENTOS

Mat. 7:1-5

1. Não julgueis para que não sejais julgados,
2. porque com o juízo com que julgais, sereis julgados, e com a medida que usais, com essa vos medirão.
3. Por que vês o cisco no olho de teu irmão, mas não percebes a viga que tens no teu?
5. Hipócrita, tira primeiro a viga de teu olho e então enxergarás bem para tirar o cisco do olho de teu irmão .

Luc. 5:37-38 e 41-42

37. Não julgueis e não sereis julgados; não condeneis e não sereis condenados; perdoai e sereis perdoados.
38. Dai e vos será dado; boa medida, recalcada, sacudida, transbordando vos porão no regaço; porque a medida com que medis, com essa medirão para vós.
41. Por que vês o cisco no olho de teu irmão, mas não percebes a viga que está no teu?
42. Como poderás dizer a teu irmão: "deixa-me tirar, irmão, o cisco de teu olho", se não vês a viga que está no teu? Hipócrita, tira primeiro a viga de teu olho e então enxergarás bem para tirar o cisco que está no olho de teu irmão.

É comum na humanidade o julgamento de nosso" companheiros de viagem. Habitual que tudo o que não está de perfeito acordo com nosso modo de entender as coisas seja, imediatamente, submetido a um tribunal sem apelação, passado em julgado e geralmente condenado. Embora aceitemos como natural o amor que sentimos por alguém, julgamos mal quando vemos qualquer companheiro amando outra criatura. Apesar de sentir-nos isentos da obrigação de ajudar alguém, logo julgamos e condenamos ao ver que outrem, nas mesmas circunstâncias, não dá ajuda. Achamos que é "abuso" quando alguém nos solicita certos favores, que pouco antes não hesitamos em fazer a outra pessoa. E assim por diante. São julgamentos precipitados, que olham apenas certas circunstâncias externas; são julgamentos maliciosos, por vezes temerários, emitidos sem conhecimento de causa; e são julgamentos inapeláveis, que não admitem contestação, e geralmente definitivos, dificilmente admitindo nós a possibilidade de voltar atrás.

Na frase de Jesus encontramos uma repetição das fórmulas talmúdicas, que diziam respeito à lei de "causa e efeito". Na *Sota* 1, 7 lemos: "a medida com que alguém mede, serve para que ele seja medido com ela". E são dados exemplos: Sansão pecara com os olhos, por isso os filisteus os furaram"; e ainda: " Absalão orgulhava-se de sua cabeleira, por isso ficou suspenso pelos cabelos" (*Sota*, 1, 8). Vários outros exemplos são dado: em Strack-Billerbeck, o.c., pág. 444 e 445.

Para esclarecer bem seu pensamento, Jesus traz o exemplo do cisco no olho, comparando-o com uma viga (hipérbole arrojada), que o julgador tenha no próprio olho. Como poderá alguém, que tenha um defeito maior, julgar e querer corrigir um defeito menor em seu irmão? Mas é o que frequentemente sucede. Não duvidamos em julgar, sem olhar para nós em primeiro lugar.

E o preceito vem a seguir: corrige-te antes, para depois julgares e corrigires os outros.

Lucas acrescenta mais um tópico; depois de assinalar que não devemos julgar, aduz: "não condeneis, para não serdes condenados". Com efeito, nestes casos o julgamento supõe a condenação, e é isso que deve ser evitado, pois se trata de um produto de nossa vaidade natural, que nos faz sempre julgar me-

lhores e superiores, mais virtuosos e menos defeituosos. Toda essa maneira de agir traz consequências desastrosas pelo carma que adquirimos.

O ensinamento visa muito à individualidade, que é avisada de não julgar as personalidade alheias. Jamais podemos saber as causas longínquas e ocultas que levam certas personalidades a ter determinado comportamento. Há casos complicadíssimos, que não podem ser compreendidos por quem está fora do problema, não lhe conhecendo os antecedentes. Casos de amor que condenamos, e que, por vezes, são resgates cármicos. Casos de desvios "assustadores" na moralidade, que constituem experiências indispensáveis à evolução do "espírito". Caso, de homicídio que podem representar libertações definitivas à e mentalizações insistentes de vidas pretéritas. Tudo isso, ao lado de outros casos idênticos NA APARÊNCIA, e que realmente constituem quedas fragorosas e involuções morais e espirituais, a criar dolorosos resgates. Como podemos julgar, se não temos em mãos os dados para armar a equação desses caso que temos sob os olhos?

Qualquer julgamento é perigoso e temerário, arriscando-nos a ser injustos e a acarretar contra nós pesados débitos, não apenas pela divulgação do que imaginarmos, como sobretudo pela criação de formas mentais que coagirão aqueles sobre os quais lançamos nosso julgamento.

A obrigação, portanto; de nossa individualidade é primeiramente colocar a própria personalidade na linha certa, a fim de poder progredir em paz. Nada temos que ver com os outros, a não ser amá-los e a eles servir, sem levar em conta, jamais, qualquer ato ou palavra por eles realizado ou emitida.

Eduquemos de tal forma nosso pequeno eu, que o habituemos a desculpar sempre, embora as aparências estejam todas contra o infrator; acostumemo-nos a perguntar-nos: "neste caso, como teria agido eu"? E depois coloquemo-nos em nossa posição de observadores e tornemos a indagar: "e neste caso em que me acho, como agiria Jesus"?

Veremos que, com esse modo de agir, sustaremos qualquer veleidade de julgamento. Essa foi a ordem taxativa de Jesus, que continua sendo nosso Mestre Inefável e Sábio.

A DISCRICÃO

Mat. 7:6

6. Não deis o que é santo aos cães, nem lanceis vossas pérolas diante dos porcos, para que não suceda que as pisem aos pés e, voltando-se, vos mordam

Um versículo apenas, com singelo aviso de prudência em nossas atitudes em relação às demais criaturas. A frase, em forma de provérbio, tem o andamento próprio das frases sentenciosas (*máchál*) dos livros de sabedoria, com o ritmo binário: isto é, repete-se o mesmo pensamento duas vezes, em conceitos sinônimos.

No hebraico aparece, outra assonância entre as duas sentenças, o que nos oferece a razão da escolha de "pérolas" para opor a "coisas santas". Com efeito, em hebraico, "santo" é *qodesh*, e "pérola" é *qedasha*.

Os comentadores, desde o início buscaram alegorias para os cães e os porcos, dizendo tratar-se dos pagãos, os infiéis, os apóstatas, os ímpios, os debochados, etc. Mais equilibrados, os primeiros cristãos (*Didáché*, 9: 5) atribuem à idéia de não ensinar o encontro místico da Ação de Graças (Eucaristia) a não ser aos que tivessem conseguido o "mergulho" (batismo), quando então se começava a disciplina dos arcanos e a iniciação gradual dos catecúmenos.

Realmente parece claro que Jesus não distinguiu povos nem raças, mas simplesmente estágios evolutivos em qualquer raça ou povo. Não é o local do nascimento nem o tipo de sangue, nem qualquer outra característica da formação do corpo material que poderá decidir a respeito do estágio evolutivo das criaturas. Mede-se a evolução pelo "espírito", não pela matéria. A comprovação evidente aparece num exemplo típico do próprio Evangelho, quando Jesus diz (Mat. 8:10 e Luc. 7:9) que "nem entre os judeus encontrou tão grande fé, quanto no centurião", pagão adorador de Júpiter. Doutra feita, para exemplificar o amor, opõe o apóstata samaritano ao "justo" levita e ao sacerdote israelita (Luc. 10:33), deixando-os em posição de inferioridade evolutiva, como carentes de amor.

O ensinamento, portanto, resulta bastante claro: antes de revelar-se a verdade a respeito da doutrina, verifique-se o grau de adiantamento de quem vai recebê-lo, pois poderá suceder que ainda sejamos perseguidos e mortos pelos que não estão em grau de entender o ensino. E isso de fato ocorreu a milhares de criaturas que pretenderam divulgar fatos e conhecimentos, para os quais a humanidade - mesmo representada pela nata de seus dirigentes espirituais - ainda não estava preparada. Recordemo-nos dos "mártires" dos primeiros séculos entre os pagãos; dos arianos assassinados pelos cristãos romanos no século 4.º dos numerosos profetas (médiuns) que surgiram através dos séculos em toda a idade média, e que foram sacrificados nas fogueiras pelos próprios cristãos; e mais de Galileu, de Savonarola, de Giordano Bruno, de João Huss, de Joana d'Arc, e de tantos milhares que nem podemos enumerar.

Daí a necessidade de prudência na divulgação das realidades espirituais, que só devem ser reveladas aos que estão aptos a compreendê-las e, assimilando-as, vivê-las.

A admoestação taxativa vem esclarecer-nos, como de outras feitas ainda veremos, a razão que levou Jesus (a individualidade) a falar e a agir sempre por metáforas, por exemplos vivos que são verdadeiros símbolos, utilizando-se de alegorias, de parábolas, de comparações, sem jamais dizer claramente qual o segredo de seu ensinamento.

Daí constituírem os Evangelhos uma obra realmente iniciática, revelando sabedoria profunda, jamais podendo dizer-se que se trata de trabalho escrito por homens comuns. São, de fato, uma revelação do mais alto teor, inspirados intuitivamente, através dos aparelhos mediúnicos altamente sensíveis que

foram os evangelistas, cada um captando a mesma inspiração de acordo com o seu próprio grau de evolução espiritual. Essa a razão de ser João - o místico - o de mais altos e largos vôos, e também a causa de que muitos outros "médiuns", nessa ocasião, tenham captado a mesma inspiração, mas, por serem pouco evoluídos, tenham escrito textos fracos, hoje catalogados como " apócrifos". Só mesmo os quatro de maior sensibilidade psíquica conseguiram atingir a noúre mais elevada, que naquela época constituía a noosfera do planeta, em virtude da aproximação psíquica de Jesus.

Dessa forma, os Evangelhos podem ser compreendidos e interpretados em vários planos: 1.º o literal, como o lê a maioria da massa humana que dura há séculos, grandemente aproveitando as palavras sábias e os exemplos maravilhosos; 2.º o moral, que se eleva um pouco mais, verificando as consequências reais que ali aparecem em todas as frases, belas e cheias de sabedoria; 3.º o alegórico, que já entrevê ensinamentos mais profundos, lidos nas entrelinhas, quando se percebe que as palavras são representações de outros planos mais altos, exprimindo coisas diferentes do que exprimem textualmente as palavras; 4.º o metafórico, que dá um passo mais adiante, e que já muitos comentadores perceberam plenamente, divulgando seus conhecimentos.

Essas quatro interpretações referem-se todas à personalidade, em seus quatro planos.

Mas outras três existem, compreendidos pela individualidade; o 5.º, ou simbólico, que se vem manifestando aos poucos, de acordo com a evolução da humanidade que caminha sempre mais à frente; o 6.º, ou místico, que estamos tentando penetrar, apesar de nosso atraso, mas grandemente ajudados pelas Forças do Alto; e o 7.º o espiritual ou divino, que ainda não atingimos, em virtude de nossa deficiência evolutiva.

Na época atual, onde numerosos já são os elementos capazes de perceber esse aprofundamento, tornou-se possível penetrar e até mesmo divulgar, como estamos fazendo, essas interpretações, sem que nos arrisquemos a ser perseguidos e assassinados, como no passado. Mas, não obstante, grande número de irmãos de ideal ainda não consegue aceitar o que dizemos e, por isso, recebemos a perseguição moral de diversos tipos de acusação; estas nos alegram, pois sabemos - disse-o Jesus - que seus discípulos seriam conhecidos pelas perseguições e acusações que sofressem, já que o discípulo não é mais que o mestre, nem o servo mais que seu senhor; e se o Senhor e Mestre foi acusado de "endemoninhado, seus discípulos também o seriam" (Mat. 10:24-25). Daí o medo que sentiríamos, se fôssemos elogiados: não estaríamos mais figurando entre os discípulos de Jesus.

Voltando ao texto, encontramos a sabedoria do ensino: nem a todos os que revelam desejo de saber, pode dizer-se a realidade total; nem tudo o que se percebe pode revelar-se, senão a alguns. Quando escrevemos, porém, sabemos que os que não podem compreender totalmente, não o compreendem mesmo, por mais claro que tenha sido explicado. Por isso não hesitamos em publicar as idéias que nos são trazidas, a respeito de aspectos menos divulgados do Evangelho, porque tudo o que dizemos já foi sabido e vivido por milhares de criaturas, no oriente e no ocidente.

Nada de novo trazemos: apenas nova maneira de apresentar a Verdade Eterna, que jaz silenciosa há séculos, oculta nas letras materiais das Escrituras, reveladas pelo Cristo Cósmico ao coração da humanidade, através dos grandes Avatares, dos Manifestantes divinos, que vieram à Terra para ajudarnos a evoluir.

LEI DE CAUSA E EFEITO

Mat. 7:7-12

7. Pedi e vos será dado procurai e achareis; batei e vos será aberto;
8. pois todo o que pede, recebe; o que procura, encontra; e a quem bate, lhe será aberto
9. Ou qual de vós homens que, se um filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra?
10. e se pedir peixe lhe dará uma cobra?
11. Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto vosso Pai que nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?
12. Portanto, tudo o que quiserdes que os homens vos façam, fazei-o assim também vós a eles; porque esta é a lei e os profetas

Luc. 11:5-13

5. Disse-lhes ainda: Se um de vós tiver um amigo e for procurá-lo à meia-noite e lhe disser: "Amigo, empresta-me três pães,
6. porque um amigo meu acaba de chegar a minha casa de uma viagem, e nada tenho que lhe oferecer"
7. E se do interior o outro lhe responder: "não me incomodes; a porta já está fechada, meus filhos estão deitados na cama comigo, não posso levantar-me para dar-tos".
8. Digo-vos: embora não se levante para dar-lhos por ser seu amigo, ao menos por causa de sua importunação se levantará e lhe dará quantos pães precisar.
9. E eu vos digo: pedi e vos será dado; procurai e achareis; batei e vos será aberto,
10. pois todo o que pede, recebe; todo o que procura, encontra; e ao que bate, lhe será aberto.
11. Qual de vós é o pai que, se o filho lhe pedir pão, lhe dará uma pedra, ou se pedir peixe, lhe dará, em vez de peixe, uma cobra?
12. ou se pedir um ovo, lhe dará um escorpião?
13. Ora, se vós, sendo maus, sabeis dar boas dádivas vossos filhos, quanto mais vosso Pai, o do céu, dará um espírito bom aos que lho pedirem!

Luc. 6:31

31. Assim como quereis que vos façam os homens, assim fazei vos também a eles.

Os comentadores atribuem, de modo geral, a este trecho, um sentido de "regras para a oração". Realmente, o sentido mais evidente é esse: quem se volta para Deus, pedindo algo, obtém. São uma espécie de apoftegmas que apresentam ligeiras gradações: o pedido simplesmente verbal; a procura, que supõe esforço pessoal; e o bater que exprime insistência maior. Lucas coloca essas expressões após a parábola do "amigo importuno", para confirmar qual deve ser nosso modo de proceder, quando desejamos alguma coisa. Não basta pedir ligeiramente e esquecer o pedido: é indispensável MENTALIZAR com

insistência, batendo na mesma tecla com pertinaz constância, concentrando-nos no que desejamos, sem duvidar, sem hesitações, sem variações. Existem muitas obras a respeito da mentalização, revelando-nos os segredos a utilizar para obter o de que necessitamos. São de domínio público, e constituem uma realidade, no domínio do intelecto.

A parábola, em Lucas, é elucidativa. O amigo procurado não pode atender ao que pede: perturbaria o sossego da família e muito se incomodaria. Mas o solicitante insiste de tal forma, que acaba obtendo. Diz Agostinho que devemos insistir no pedido, porque "Deus tem mais desejo de dar-nos, do que nós de receber" (*plus vult dare, quam nos recipere*); mas, por vezes, adia a doação, para que não se apequene pelo recebimento imediato (*quod dare vult, differt, ut amplius desideres dilatatum, ne vilescat cito datum*. Patrol. Lat 38. 619).

Não vemos muita ligação deste trecho com a prece, pois Jesus ensina que não é pelas repetições inúteis" (Mat. 6:7) que recebemos. Haveria nisto até uma contradição. Por isso compreendemos que o trecho se refere, realmente, ao ensino da mentalização.

Vem depois alguns exemplos, que nos esclarecem que jamais receberemos coisas ruins, se mentalizarmos coisas boas. Ninguém receberá pedra, se pedir pão, nem cobra se pedir peixe, nem escorpião, se pedir ovo. Ou seja, os males que nos chegam são devidos a mentalizações errôneas de nossa parte. Se mentalizarmos certo, recebemos do Pai que habita nos céus (em nosso interior, em nosso coração), somente coisas boas. Se os homens, maus por sua ignorância e incapacidade, não cometem essas maldades com seus filhos, como o faria o Pai, que é o Bom e o Amor absolutos e Infinitos?

Lição preciosa para nós, que vivemos a queixar-nos da vida, das doenças, das dificuldades e - apesar dessas mentalizações negativas - pretendemos que tudo nos corra com facilidades. Somos responsáveis únicos de nossos erros, e colhemos o que plantamos, pois somos exatamente o que pensamos. Somos hoje a obra de nossa mentalização de ontem, e colhemos hoje o que ontem plantamos com a nossa mente deficiente e ignorante.

A individualidade colhe outras lições ainda dessas palavras cheias de sabedoria: é a revelação da técnica da lei de causa e efeito.

De fato, essa Lei é baseada na mentalização. Julgam muitos que a Lei de causa e efeito é provocada pelos atos e pelas palavras de alguém. Entretanto, o que mais provoca a reação da Lei é o pensamento, muito mais forte que qualquer palavra ou gesto ou ato. Matéria produz matéria, espírito produz espírito: "o que nasce da carne é carne, o que nasce do espírito é espírito" (João, 3:6). Então, o carma provocado por palavras e atos é físico, mas o carma criado pelo pensamento é espiritual, inerente ao "espírito".

Sabemos, pois, que o que fazemos traz consequências agradáveis ou desagradáveis, dependendo de nossa força de pensamento na ocasião, e de sua persistência e intensidade.

Se a parábola de Lucas pode evidentemente referir-se à prece - ou melhor, aos "pedidos", porque "prece" não é apenas pedir - as frase, sentenciosas que vêm a seguir têm outros sentidos, também. Quem pede, recebe o que pede, bem ou mal. Quem procura, encontra o que busca, bem ou mal. E a quem bate, será aberta a porta que leva à alegria ou à dor, dependendo da direção de nossas batidas.

Portanto, aí se encontra a essência última da Lei de Causa e Efeito: o efeito corresponderá à causa que tivermos colocado livremente; mas o efeito não poderá ser modificado por nenhuma ação ou situação externa: colocada a causa, com livre arbítrio, virá o efeito inevitável e exatamente correspondente.

Lição oportuníssima para a individualidade, responsável pelos pensamentos: tudo o que esta inculcar à personalidade, voltará como sofrimentos para o "espírito", na mesma existência ou em vidas posteriores. A personalidade talvez não colha os resultados, pois em vida posterior já não mais existe; mas o "espírito" é sempre o mesmo, e portanto o sofrimento o colherá em cheio, não podendo escapar do que haja plantado - a não ser que suba de plano. pela evolução.

DIFICULDADE NA EVOLUÇÃO

Mat. 7:13-14

Luc. 13:23-30

13. Entrai pela porta estreita: porque larga é a porta e espaçosa a estrada que conduz à perdição, e são muitos os que por ela entram,
14. mas estreita é a porta e apertada a estrada que conduz à vida, e poucos são os que a encontram
23. Alguém perguntou-lhe: "Senhor, são poucos os que se salvam"? Respondeu-lhes;
24. Forcejai por entrar pela porta estreita, porque vos digo que muitos procurarão entrar e não serão capazes
25. Quando o dono da casa se tiver levantado e houver fechado a porta, e vós, do lado de fora, começardes a bater, dizendo: "Senhor, abre-nos" e ele vos responder: "Não sei donde sois",
26. então começareis a dizer; "nós comemos e bebemos em tua presença e tu ensinaste em nossas praças.
27. E ele vos dirá: "não sei donde sois; retirai-vos de mim todos vós que praticais a iniquidade".
28. Ali haverá choro e ranger de dentes, quando virdes no reino de Deus Abraão, Isaac e vós excluídos dele.
29. Muitos virão do oriente e do ocidente, do norte e do sul, e hão de reclinar-se à mesa do reino de Deus.
30. E então há últimos que serão primeiros e primeiros que serão últimos.

O texto é de suma clareza: o caminho do aperfeiçoamento é difícil e é mister esforçar-se, "forcejar" (*agônizesthe*) para passar pela porta estreita. Já a permanência no mesmo nível evolutivo, ou o retrocesso, são fáceis: tal como subir ou descer árdua montanha.

Em Lucas, Jesus não responde à pergunta a respeito do número dos que "se salvam"; apenas adverte que não adiantam a fé e a devoção: indispensável o esforço "com luta pessoal. Também de nada vale a procedência (a raça), nem tampouco o rótulo doutrinário e religioso. Os "salvos" chegarão de todas as partes e raças. E muitos dos que "parecem" últimos, são os primeiros, e vice-versa. Falando aos sacerdotes e doutores, disse Jesus: "em verdade vos digo que os pecadores e as meretrizes entrarão primeiro que vós no reino dos céus" (Mat. 21:31).

A elucidação das dificuldades, que o "espírito" encontra na subida evolutiva, corresponde a uma realidade palpável, que todos experimentamos. De fato, poucos são os que se esforçam por subir. A grande massa da humanidade ainda vive no comodismo da matéria, nos interesses imediatos, na "estrada

da perdição", não no sentido de "inferno" nem de perdição "eterna", mas no de desvio do caminho certo: estão "perdidos" no matagal das ilusões, nas florestas dos enganos.

Já os que acertam com a porta (e poucos são os que acertam, pois alguns pensam que se trata de devoção piedosa, outros de estudos cerebrais de vocábulos, outros de ações taumatúrgicas e milagreiras, outros de puro mediunismo mecânico, outros de conversas com desencarnados, e tantas outras ilusões posições de corpo, exercícios de yoga, etc. etc.), esses que acertam com a porta da evolução real, sabem que o caminho é "para dentro".

Então, Jesus não responde à idéia errada, de haver, no final, um grupo de salvos e outro de perdidos eternamente. A idéia é falsa, não merece resposta: mas esclarecimento, sim. Isso faz o Mestre, advertindo que não bastam os atos externos, sejam de religião e devoção, sejam de convivência com Ele ("comemos e bebemos contigo"), nem o acolhimento que Dele tenham feito ("falaste em nossas praças"). Há uma só coisa essencial: EVOLUIR, e fazê-lo de dentro para fora.

E não julguemos pelas aparências (já o vimos ao fala, do julgamento"), pois muitos que parecem pecadores, são mais santos, do que aqueles que se apresentam como virtuosos.

Não percamos de vista, outrossim, que muitos que procuram entrar no "reino" (ter o Encontro Sublime), não no conseguem: falta de evolução. Não se trata de falta de merecimento, já que não é este que determina a possibilidade do Encontro e do Mergulho, e sim o grau evolutivo de cada um: não é o fato de o cálice ser de ouro, que o fará ter maior capacidade de conteúdo do que uma jarra de barro ordinário.

FRUTOS DO ESPÍRITO

Mat. 7:15-20

Luc. 6:43-45

15. Guardai-vos dos falsos profetas, que vêm a vós com vestes de ovelhas, mas intimamente são lobos vorazes.
16. Por seus frutos os conhecereis. Colhem-se, acaso, uvas de espinheiros ou figos de abrolhos?
17. Assim toda árvore boa dá bons frutos, porém a árvore má dá maus frutos
18. Uma árvore boa não pode dar maus frutos, "em uma árvore má dar bons frutos.
19. Toda árvore que não dá bom fruto é cortada e lançada ao fogo
20. Logo, por seus frutos os conhecereis.
43. Não há árvore boa que dê mau fruto; nem tampouco árvore má que dê bom fruto
44. Pois cada árvore se conhece por seu fruto; porque os homens não colhem figos dos espinheiros, nem dos abrolhos vindimam uvas.
45. O homem bom, do bom tesouro de seu coração tira o bem, e o homem mau, do mau tesouro tira o mal; porque a boca fala o de que está cheio o coração.

Em Mateus o texto é precedido de uma advertência, ressaltando o exame cuidadoso que devemos fazer de tudo o que nos dizem os "profetas" (médiuns e pregadores, e escritores, etc.), que podem trazer-nos noções falsas. Ainda que vestidos com roupas exóticas, com vestes tradicionais, com mantos dourados; embora falando com unção, movendo os olhos com beatitude, gesticulando com modéstia estudada; se bem que tenham, numa palavra, atitudes de cordeiros mansos, seu interior (grego *ésóthen*, que corresponderia a "seu coração") apresenta enganos e falsidades. Talvez eles mesmos nem o percebam, por incapacidade ou ignorância, sendo os primeiros enganados, Mas, cuidado com eles diz Jesus. Examine-se tudo, fazendo passar pelo crivo da razão. Mas como concluir com segurança?

"Por seus frutos os conhecereis". Com perspicácia, Jesus não diz "por suas obras", fáceis de enganar, mas "por seus frutos". O fruto é o produto da árvore, que lhe resume e sintetiza a essência, para produzir amanhã nova árvore. Então, o fruto do homem é sua essência, que se percebe mesmo através das exterioridades. Quem busca bens terrenos como retribuição de bens espirituais que pretende estar distribuindo; quem exige confortos e comodidades, atenções e consideração dos outros; quem se confessa superior e melhor que os outros, todos esses estão no caminho errado.

Interessante a repetição, no vers. 19, do versículo citado em Mat. 3:10 e nesse passo proferido pelo Batista. E também as mesmas palavras repetidas nos versículos 16 e 20, como para fixar bem na memória dos ouvintes.

Em Lucas há um complemento: do coração tira o homem o que é bom e o que é mau; e suas palavras provêm do coração, que é a sede do pensamento e do sentimento.

A individualidade não tem dificuldade em perceber a falsidade das palavras das personalidades, mesmo que hipocritamente digam o que não sentem. A percepção do Espírito é mais profunda que a do "espírito", que facilmente se deixa ludibriar pelas aparências. Examinem-se os frutos, ou seja, a sintetização da essência, e logo veremos se há veracidade.

Os frutos principais são o AMOR e a HUMILDADE, que têm como consequência fatal o SERVIÇO. Mas pode haver muito serviço sem fundamento no amor e na humildade. Como o veremos? Se houver desamor (críticas) ou orgulho (vaidades feridas), isso mostra que os frutos ainda estão verdes.

E esses frutos provêm da individualidade, do coração que está unido ao Cristo Interno, vivendo conscientemente na Consciência Cósmica, e apenas "sobrevivendo" na matéria. Todas as nossas palavras são constituídas pelo que há de mais abundante em nosso coração: se aí residirem o Amor e a Humildade, nossas palavras naturalmente o revelarão, sem qualquer esforço de nossa parte. E também o mal daí provém: "Não é o que entra pela boca, mas o que sai que pode sujar-nos, porque provém do coração" (Cfr. Mat. 15:18).

O coração unido a seu Eu profundo só produz frutos bons. O que está unido às riquezas e cobiças terrenas, às coisas ou às pessoas, só produz espinheiros e cardos para o amanhã.

Cuidado, então, com quem fala e ensina sem VIVER os ensinamentos! Continuaremos a vê-lo no próximo tópico.

VIVER OS ENSINAMENTOS

Mat. 7.21-27

Luc. 6:46-49

21. **Nem todo o que me diz: "Senhor, Senhor", entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus.**
22. **Naquele dia muitos hão de dizer-me: "Senhor, Senhor, não profetizamos em teu nome e em teu nome não fizemos muitas coisas notáveis"?**
23. **Então lhes declararei: "nunca vos conheci: apartai-vos de mim os que praticais a ilegalidade".**
24. **Todo aquele, pois, que ouve estas Palavras, eu o comparo a um homem prudente, que edificou sua casa sobre a pedra;**
25. **e caiu a chuva, vieram os torrentes, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela não caiu, pois estava edificada sobre a pedra.**
26. **Mas todo aquele que ouve estas minhas Palavras e não as pratica, será comparado a um homem tolo, que edificou sua casa sobre a areia;**
27. **e caiu a chuva, vieram as torrentes, sopraram os ventos e bateram com força contra aquela casa, e ela caiu; e foi grande sua ruína.**
46. **Por que me chamais "Senhor, Senhor", e não fazeis o que vos mando?**
47. **Todo o que vem a mim e ouve minhas Palavras e os pratica, eu vos mostrarei a que é semelhante.**
48. **É semelhante a um homem que, edificando sua casa, cavou abriu profunda vala e pôs os alicerces sobre a pedra; e vindo a enchente, a torrente bateu com força naquela casa e não na pode abalar, porque tinha sido construída sobre a pedra.**
49. **Mas o que os ouve e não as pratica, é semelhante a um homem que edificou sua casa sobre a terra, sem alicerces; a torrente bateu com força sobre ela, e logo caiu, e foi grande a ruína daquela casa**

Jesus insiste no tema anterior. demonstrando agora com exemplos mais vivos, que não é a religião seguida que salva ninguém, nem mesmo a devoção, nem a oração, nem o mediunismo, nem qualquer coisa externa; mas apenas a vivência interior. Enquanto não vivermos integral e intimamente os preceitos, as obras exteriores serão pura casca, puro verniz que de nada servirão.

Assim a casa solidamente construída, com alicerces profundos, resiste às intempéries; ao passo que as devoções e obras fundamentadas na vaidade e na esperança de "troca" (do trabalho pelo reino dos céus), ruirão ao menor sopro da adversidade. A fé, baseada nos homens, esboroa-se quando esses homens cometem um deslize; mas se alicerçada em Cristo, podem todos os homens falar, que Cristo permanece inabalável fundamento do bem por toda a eternidade.

A individualidade, o Espírito, sabe que nada valem as preces, as devoções, as ações taumatúrgicas, o mediunismo curador ou qualquer outro, se não forem baseadas no cumprimento integral da Vontade

do Pai, na obediência espontânea e alegre, natural e Jubilosa a todos os ensinamentos e preceitos, se não forem fundamentados no Amor e na Humildade.

Quem assim não vive, constrói sua evolução sobre a areia, isto é, sobre os átomos da matéria transitória, sobre a personalidade passageira, e, em sobrevivendo a "morte", tudo está perdido, porque fica na matéria.

Mas a construção é perene, se for alicerçada na Rocha do coração unido ao Cristo Interno que em nós habita, que é nosso Eu real.

Só a construção fundamentada no Cristo Interno será sólida e eterna.

Nada a abalará.

Com efeito, tudo o que possa ocorrer-nos de fora, só atinge nossa personalidade, quer no intelecto, quer nas emoções, quer nas sensações, quer na matéria. Mas o Eu profundo é INATINGÍVEL. Nada de fora o atinge, nem fere, nem magoa, nem diminui.

Daí a impassibilidade exterior de todos os que conseguiram o Encontro Permanente e Divino: casa construída sobre a Rocha, que é o Cristo.

Todas as vezes que sofremos quando algo acontece, com isso demonstramos que ainda vivemos na personalidade. Se alguém nos bate, fere ou mata, é apenas atingido um veículo que nos foi temporariamente emprestado: nosso EU jamais é alcançado; quando nos magoam, ofendem ou caluniam, é apenas alcançado um veículo que nos foi temporariamente emprestado: nosso EU jamais é atingido. O verdadeiro EU é inatingível por qualquer ação externa, mesmo que a ação provenha de nossa própria personalidade. Por isso, o Homem que consegue a União é IMPASSÍVEL.

JESUS DESCE DO MONTE

Mat. 7:28-29 e 8:1

Luc 7:1

- 28. E aconteceu que, tendo Jesus terminado essas Palavras, a multidão estava admirada do ensino dele,**
- 29. porque ele as ensinava como quem tinha autoridade, e não como quem tinha autoridade, e não como os escribas.**
- 1. Quando Jesus desceu do monte, acompanhavam-no grandes multidões.**
- 1. Tendo Jesus concluído todos os seus discursos dirigidos ao povo, entrou em Cafarnaum**

A admiração do povo provinha da autoridade pessoal com que Jesus ensinava. Os rabinos repetiam Moisés, mas Jesus modificava os preceitos básicos. Embora muitas das expressões usadas fossem correntes à Sua época, todavia, muita coisa nova aparece no chamado "Sermão do Monte". São flores e frutos maravilhosos, que resumem tudo o que deve praticar o Homem que realmente queira evoluir.

Terminado o ensino da Palavra (Logos), Jesus reentra em Cafarnaum, a fim de prosseguir no ministério do serviço e no magistério da palavra e ao exemplo.

A distinção assinalada por Mateus é exatamente a diferença existente entre o ensino dado pela personalidade transitória (repetição do que os mestres ensinaram) e o ensino ministrado pela individualidade, que é feito com a autoridade de quem bebe diretamente da Fonte Divina, no Encontro Místico, as Palavras que profere, sublinhando-as com seu exemplo vivo e com sua vida perfeita de amor e de humildade.

ÍNDICE REMISSIVO

- 1.^a Interpretação: *LITERAL*, 3
2.^a Interpretação
ALEGÓRICA, 4
3.^a Interpretação
FISIO-REALISTA, 4
4.^a Interpretação
SIMBÓLICA, 5
5.^a Interpretação
MÍSTICA, 6
ADULTÉRIO, 106
AMOR AO PRÓXIMO, 117
ANDRÉ, 81
BANQUETE DE LEVI, 65
BARCO DE PEDRO, 49
BARTOLOMEU, 81
CAUSA E EFEITO, LEI DE, 140
COMENTÁRIO DO EVANGELISTA, 7
CONVERSA COM NICODEMOS, 2
CONVOCAÇÃO DOS DISCÍPULOS, 40
CURA DA MÃO A TROFIADA, 74
CURA DA SOGRA DE PEDRO, 44
CURA DE UM OBSIDIADO, 42
CURA DO FILHO DO OFICIAL DE HERODES, 36
CURA DO LEPROSO, 54
CURA DO PARALÍTICO, 58
DESCIDA DO MONTE, 84
DIFICULDADE NA EVOLUÇÃO, 142
DISCRIÇÃO, 138
ESCOLHA DOS DOZE, 79
ESPANTO DOS DISCÍPULOS, 28
exegetas, 87
FILIPE, 81
FRUTOS DO ESPÍRITO, 144
hermeneutas, 87
INTERPRETAÇÃO DA LEI, 100
JEJUM, 128
JESUS COM OS SAMARITANOS, 32
JESUS DESCE DO MONTE, 148
JESUS MERGULHA, 14
JESUS PERCORRE A GALILÉIA, 52
JESUS RETIRA-SE, 77
JESUS SE FIXA EM CAFARNAUM, 39
JOÃO, 81
JUDAS, 82
JUDAS ISCARIOTES, 82
Julgamento, 103
JULGAMENTOS, 136
JURAMENTOS, 113
LUCAS, 86
LUZ DO MUNDO, 98
MATEUS, 81, 87
MATEUS É CHAMADO, 63
MODÉSTIA, 120
NÃO-RESISTÊNCIA, 114
NICODEMOS, 5
OFENSAS, 102
ORAÇÃO, 47, 122
OUTRAS CURAS, 45
PAI NOSSO, 124
PAI NOSSO, ANÁLISE DO, 123
PESCARIA INESPERADA, 50
PREOCUPAÇÕES, 132
PRISÃO DE JOÃO, 18
QUESTÃO DO JEJUM, 67
QUESTÃO DO SÁBADO, 70
SAÍDA JUDÉIA, 21
SAL DA TERRA, 97
SAMARITANA, 22
SERMÃO DO MONTE, 85
SIMÃO, 81, 82
TADEU, 82
Teresa de Avila, 27
TESOUROS, 129
TIAGO (JACÓ), 81
TOMÉ, 81
ÚLTIMO TESTEMUNHO DE JOÃO, 15
VIDA IMANENTE, 7
VISITA A NAZARÉ, 33
VIVER OS ENSINAMENTOS, 146
YHWH, 27, 30, 34, 68, 72, 108, 117, 124